

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

Maria Auxiliadora da Fonseca Leal

A variação do complemento [de+infinitivo]~[ø+infinitivo]
na história do português

Belo Horizonte

2005

Maria Auxiliadora da Fonseca Leal

A Variação do complemento [de+infinitivo]~[ø+infinitivo]
na história do português

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos
Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de
Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de
Doutor em Linguística.

Área de Concentração: Linha B – Linguística

Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística

Orientadora: Profa. Dra. Maria Antonieta A. de Mendonça Cohen

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG

2005

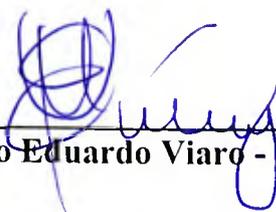
Tese defendida por Maria Auxiliadora da Fonseca Leal em 30/09/2005 e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos Profs. Drs. relacionados a seguir:



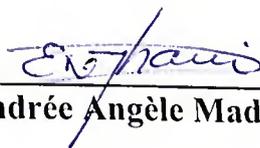
Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen - UFMG
Orientadora



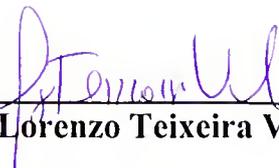
Mônica Guiciro Ramalho de Alkmim - UFOP



Mário Eduardo Viaro - USP



Evelyne Jeanne Andrée Angèle Madeleine Dogliani - UFMG



Lorenzo Teixeira Vitral - UFMG

Para as minhas filhas

Aline e Karlla.

Ao Pedro Cruz,
pelo incentivo em todos os momentos.

Para meu pai, José Fonseca Leal,
representante daqueles que são
“os nervos da terra”

Homenagem Especial

À memória de Maria Luzia Alves Santos

Que viveu como uma rosa...

O espaço de uma manhã...

AGRADECIMENTOS

À professora Dra. Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen, por todas as contribuições apresentadas como orientadora deste trabalho. Pela leitura atenta e construtiva em todas as etapas realizadas, bem como pela sincera amizade e apoio constante à formação de recursos humanos nesta Universidade.

À profa. Dra. Evelyne Dogliani, pela amizade, pela leitura criteriosa e pelas valiosas sugestões propostas no exame de qualificação.

Ao prof. Dr. Lorenzo Vitral, por todas as contribuições apresentadas durante o exame de qualificação.

À diretora da Faculdade de Letras da UFMG, Dra. Eliana Amarante de Mendonça Mendes, pelo apoio incondicional prestado aos docentes desta Unidade. Pelo incentivo e pela disponibilidade de fornecer programas de subsídios à pesquisa, fundamental para o bom andamento deste trabalho.

À Renata e à Soélis, amigas e colaboradoras que estiveram presentes em vários momentos desta pesquisa.

Às colegas Janice Helena Marinho e Regina Peret Dell' Isola, por permitirem-me compatibilizar os meus encargos didáticos às minhas atividades discentes, durante a fase de aquisição de créditos das disciplinas do Curso de Pós-Graduação.

Ao professor Marcus Vinícius pelas preciosas referências bibliográficas de autores lusitanos do português moderno contemporâneo.

Às bibliotecárias e a todos os funcionários das Bibliotecas da FALE/UFMG e CEDOC/FAE, pela simpatia e delicadeza a mim concedidas e por terem me permitido acesso às obras raras destas Bibliotecas.

À COPEVE, por ter me cedido redações dos vestibulares de 2001, 2002 e 2003 para análise.

À Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, pela liberação dos meus encargos docentes durante dois anos para que pudesse me dedicar à realização desta pesquisa.

À Roberta Rego e à Camila Braga, por terem gentilmente disponibilizado as obras digitalizadas: *A hora da Estrela* de Clarice Lispector e *Primeiras Estórias* de Guimarães Rosa, para composição dos corpora do português moderno contemporâneo.

Aos funcionários da Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos, especialmente Anabel, Geralda, Cida e Aline.

Enfim, a todos os meus familiares e a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram, ainda que em silêncio, para a realização deste trabalho.

“Todos os fenômenos lingüísticos têm a sua razão de ser, e não se trata nem de louvar nem de censurar fatos, mas de determinar as condições em que se produziram e de analisar as causas das chamadas locuções viciosas.

É isso que faz o homem de ciência”

(BARRETO, 1914, p. 215).

RESUMO

Trabalho de natureza sincrônica e diacrônica que tem por objetivo descrever e caracterizar a variação do complemento [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] em cinco períodos da língua portuguesa, a saber, português arcaico, português clássico, português setecentista, português oitocentista e português moderno contemporâneo. Através da análise dos dados coletados desses cinco períodos foi possível identificar os fatores internos da **adjacência/não-adjacência**, **classe de verbos**, **tempo verbal**, **modo verbal** e **pessoa gramatical** que estão imbricados na relação da complementação infinitiva em português. Para realizar tal tarefa partiu-se do presente para o passado, retornando depois ao presente à maneira de Labov (1972c) e utilizando para análise quantitativa dos dados o Programa “WordSmith Tools”.

Descreveu-se o comportamento infinitivo variável e seus fatores condicionantes em cada uma das sincronias analisadas. Verificou-se que o fenômeno ocorre em todas as fases da língua portuguesa, sendo mais recorrente na fase arcaica. Uma das razões aventadas para essa alta ocorrência é o elevado índice de elementos *ruptores* que aí se apresentam.

Diacronicamente verificou-se que [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] é estável, e ao longo da história do português está condicionado por um contexto estrutural específico, **adjacência/não-adjacência**, bem como por uma determinada classe de verbos, aqui rotulados de verbos **transitivos-modais**. Observou-se, também, que o número de verbos regentes, assim como as estruturas infinitivas preposicionadas decrescem com o passar do tempo, mas não desaparecem.

Palavras-chave: [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo], diacronia, variação, fatores internos, verbos transitivos-modais.

ABSTRACT

This dissertation has a synchronic/diachronic nature and aims at describing and characterising variation of the complement [de+infinitive]~[Ø+infinitive] in five periods of Portuguese language, i.e., archaic Portuguese, classical Portuguese, 17th century Portuguese, 18th century Portuguese and modern contemporary Portuguese. By means of data analysis from these five periods, it was possible to identify internal factors of the **adjacency/non-adjacency**, **class of verbs**, **verbal tense**, **verbal mode** and **grammatical person** that bear the relationship of infinitive complementation in Portuguese. To accomplish the task, first we started investigating from the present period to the past period, returning afterwards to the present period like Labov (1972c) and making use of the software *WordSmith Tools* to analyse the data quantitatively.

The description of the variable infinitive behaviour and their conditioning factors in each of the analysed synchrony was made. We verified that the phenomenon occurs in all phases of Portuguese language. This phenomenon is more recurrent in archaic phase, which is justified by the high rate of *rupturing* elements that are presented there.

Diachronically we verified that [de+infinitive]~[Ø+infinitive] is stable, and throughout Portuguese history it is conditioned by a specific structural context, **adjacency/non-adjacency**, as well as by a certain class of verbs, here labelled as **modal transitive** verbs. We also observed that the number of regent verbs as well as prepositional infinitive structures decrease throughout time, but they do not disappear.

Key Words: [de+infinitive]~[Ø+infinitive], diachrony, variation, internal factors, modal transitive verbs.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	Verbos que admitem como complemento [de+infinitivo] e [∅+infinitivo] De acordo com as gramáticas de cunho histórico, <i>pré</i> e <i>pós</i> – NGB95	97
QUADRO 2	Verbos cujos complementos [de+infinitivo] e [∅+infinitivo] estão em variação no português moderno contemporâneo	158
QUADRO 3	Total de estruturas [de+infinitivo] e [∅+infinitivo] dos verbos em Variação no PMC com apenas uma entrada para cada variante do verbo <i>dever</i>	159
QUADRO 4	Verbos que admitem como complemento ou [de+infinitivo] ou [∅+infinitivo] no PMC	159
QUADRO 5	Verbos que exibem os complementos [de+infinitivo],[∅+infinitivo] e infinitivo precedido de outras preposições no PMC	161
QUADRO 6	Verbos de complemento infinitivo variável no português oitocentista	166
QUADRO 7	Total de estruturas [de+infinitivo] e [∅+infinitivo] dos verbos em variação no PO com apenas uma entrada para cada variante do verbo <i>dever</i>	167
QUADRO 8	Verbos que admitem como complemento ou [de+infinitivo] ou [∅+infinitivo] no PO	168
QUADRO 9	Verbos que exibem os complementos [de+infinitivo],[∅+infinitivo] e infinitivo precedido de outras preposições no PO	170
QUADRO 10	Verbos cujos complementos admitem ou a variação da preposição antes do infinitivo, ou a variação preposição+infinitivo e [∅+infinitivo], mas não mudam sentido, no PO	171
QUADRO 11	Verbos que exibem a variação [de+infinitivo]~[∅+infinitivo] no português setecentista	175
QUADRO 12	Total de estruturas [de+infinitivo] e [∅+infinitivo] dos verbos em variação no português setecentista, levando-se em conta uma entrada para cada variante do verbo <i>dever</i>	176
QUADRO 13	Verbos que exibem complemento ou [de+infinitivo] ou [∅+infinitivo] no PSE	176
QUADRO 14	Verbos que admitem os complementos [∅+infinitivo] e infinitivo precedido das preposições <i>a</i> , <i>com</i> , <i>em</i> e <i>para</i> no PSE	178
QUADRO 15	Verbos que admitem o complemento infinitivo variável no português clássico	183

QUADRO 16	Total de estruturas [de+infinitivo] e [∅+infinitivo] dos verbos em variação no português clássico com uma entrada para cada variante do verbo <i>dever</i>	184
QUADRO 17	Verbos que admitem como complemento ou [de+infinitivo] ou [∅+infinitivo] no PCL	184
QUADRO 18	Verbos que admitem os complementos [∅+infinitivo] e infinitivo precedido de outras preposições que não apenas o <i>de</i> no PCL	186
QUADRO 19	Verbos cujos complementos admitem ou a variação da preposição antes do infinitivo ou a variação preposição+infinitivo e ∅+infinitivo, mas não mudam o sentido no PCL	187
QUADRO 20	Verbos que exibiram a variação [de+infinitivo]~[∅+infinitivo] no português arcaico	197
QUADRO 21	Total de estruturas [de+infinitivo] e [∅+infinitivo] dos verbos em variação no português arcaico com uma entrada para cada variante do verbo <i>dever</i>	198
QUADRO 22	Verbos que admitem como complemento ou [de+infinitivo] ou [∅+infinitivo] no PA	199
QUADRO 23	Verbos que se ligam diretamente ao infinitivo e à preposição <i>a</i> , ou ao infinitivo através de outras preposições que não apenas o <i>de</i> na fase arcaica	200
QUADRO 24	Verbos que exibiram a variação [de infinitivo]~[∅ infinitivo] em pelo menos um dos cinco períodos analisados	207
QUADRO 25	Todas as regências infinitivas dos verbos que apresentaram variação em pelo menos um dos períodos estudados	318
QUADRO 26	Tempo verbal, modo verbal e pessoa gramatical dos verbos do português moderno contemporâneo	284
QUADRO 27	Tempo verbal, modo verbal e pessoa gramatical dos verbos do português oitocentista	285
QUADRO 28	Tempo verbal, modo verbal e pessoa gramatical dos verbos do português setecentista	285
QUADRO 29	Tempo verbal, modo verbal e pessoa gramatical dos verbos do português clássico	286
QUADRO 30	Tempo verbal, modo verbal e pessoa gramatical dos verbos do português arcaico	287

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1	Identificação da variação do complemento infinitivo nos cinco períodos examinados	203
GRÁFICO 2	Identificação da variação do complemento infinitivo (1 entrada para <i>dever</i>)	204
GRÁFICO 3	Percentual dos verbos em variação nos 5 períodos analisados	205
GRÁFICO 4	As estruturas [de+inf.] e [Ø+inf.] na história do português	206

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	Percentual total de ocorrências das estruturas [de+infinitivo] e [∅+infinitivo] nos cinco períodos analisados	201
TABELA 2	Total de ocorrências da variação [de+infinitivo] ~[∅+infinitivo] nas cinco fases da língua	202
TABELA 3	Variação do complemento [de+infinitivo]~[∅+infinitivo] nos quatro períodos pesquisados com uma entrada para cada variante do verbo <i>dever</i>	203
TABELA 4	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>acostumar</i> no PMC	215
TABELA 5	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>agüentar</i> no PMC	216
TABELA 6	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>ameaçar</i> no PMC	216
TABELA 7	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>decidir</i> no PMC	217
TABELA 8	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>dever</i> no PMC	218
TABELA 9	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>evitar</i> no PMC	219
TABELA 10	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>importar</i> no PMC	219
TABELA 11	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>necessitar</i> no PMC	220
TABELA 12	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>precisar</i> no PMC	221
TABELA 13	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>pretender</i> no PMC	222
TABELA 14	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>propor</i> no PMC	222
TABELA 15	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>acertar</i> no PO	224
TABELA 16	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>carecer</i> no PO	225
TABELA 17	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>começar</i> no PO	225
TABELA 18	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>cuidar</i> no PO	226
TABELA 19	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>dever</i> no PO	227

TABELA 20	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>impedir</i> no PO	227
TABELA 21	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>jurar</i> no PO	228
TABELA 22	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>prazer</i> no PO	229
TABELA 23	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>precisar</i> no PO	230
TABELA 24	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>recear</i> no PO	231
TABELA 25	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>temer</i> no PO	231
TABELA 26	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>cuidar</i> no PSE	233
TABELA 27	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>dever</i> no PSE	234
TABELA 28	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>esperar</i> no PSE	234
TABELA 29	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>jurar</i> no PSE	235
TABELA 30	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>mostrar</i> no PSE	236
TABELA 31	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>necessitar</i> no PSE	237
TABELA 32	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>procurar</i> no PSE	237
TABELA 33	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>prometer</i> no PSE	238
TABELA 34	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>restar</i> no PSE	239
TABELA 35	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>servir</i> no PSE	240
TABELA 36	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>temer</i> no PSE	240
TABELA 37	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>cuidar</i> no PCL	242
TABELA 38	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>cumprir</i> no PCL	242
TABELA 39	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>desejar</i> no PCL	243
TABELA 40	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>determinar</i> no PCL	244
TABELA 41	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>dever</i> no PCL	244
TABELA 42	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>esperar</i> no PCL	245
TABELA 43	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>folgar</i> no PCL	246
TABELA 44	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>merecer</i> no PCL	247

TABELA 45	Percentual da adjacência/ não-adjacência do verbo <i>ordenar</i> no PCL	248
TABELA 46	Percentual da adjacência/ não-adjacência do verbo <i>ousar</i> no PCL	248
TABELA 47	Percentual da adjacência/ não-adjacência do verbo <i>pretender</i> no PCL	249
TABELA 48	Percentual da adjacência/ não-adjacência do verbo <i>prometer</i> no PCL	250
TABELA 49	Percentual da adjacência/ não-adjacência do verbo <i>recear</i> no PCL	251
TABELA 50	Percentual da adjacência/ não-adjacência do verbo <i>temer</i> no PCL	251
TABELA 51	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>acontecer</i> no PA	253
TABELA 52	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>acostumar</i> no PA	253
TABELA 53	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>cessar</i> no PA	255
TABELA 54	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>cobiçar</i> no PA	255
TABELA 55	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>começar</i> no PA	256
TABELA 56	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>consentir</i> no PA	256
TABELA 57	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>convir</i> no PA	257
TABELA 58	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>costumar</i> no PA	258
TABELA 59	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>cuidar</i> no PA	258
TABELA 60	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>cumprir</i> no PA	259
TABELA 61	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>curar</i> no PA	260
TABELA 62	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>desejar</i> no PA	260
TABELA 63	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>determinar</i> no PA	261
TABELA 64	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>dever</i> no PA	262
TABELA 65	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>encaminhar</i> no PA	263
TABELA 66	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>entender</i> no PA	264
TABELA 67	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>esperar</i> no PA	265
TABELA 68	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>folgar</i> no PA	265
TABELA 69	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>merecer</i> no PA	266

TABELA 70	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>mostrar</i> no PA	267
TABELA 71	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>ordenar</i> no PA	267
TABELA 72	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>ousar</i> no PA	268
TABELA 73	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>outorgar</i> no PA	269
TABELA 74	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>pensar</i> no PA	270
TABELA 75	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>pertencer</i> no PA	271
TABELA 76	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>prazer</i> no PA	271
TABELA 77	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>prometer</i> no PA	272
TABELA 78	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>recear</i> no PA	273
TABELA 79	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>tardar</i> no PA	273
TABELA 80	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>temer-se</i> no PA	274
TABELA 81	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>temer</i> no PA	275
TABELA 82	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>trabalhar-se</i> no PA	275
TABELA 83	Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>trabalhar</i> no PA	276
TABELA 84	Classes semânticas dos verbos em variação nas cinco fases estudadas	281

LISTA DE ABREVIATURAS

- ADALM Auto da Alma - Gil Vicente
- ADBINF Auto da Barca do Inferno - Gil Vicente
- ADINDI Auto da Índia - Gil Vicente
- ADIPER A farsa do auto de Inês Pereira - Gil Vicente
- ADMOF Auto de Mofina Mendes - Gil Vicente
- ADFEIR Auto da Feira - Gil Vicente
- ADSCC Amor de Salvação - Camilo Castelo Branco
- ARCOS O Arco de Santana - Almeida Garrett
- ASGAM Guerra do Alecrim e da Manjerona - Antônio José da Silva.
- ASLRB A situação Liberal - Rui Barbosa
- BAGUR Uruguai – Basílio da Gama
- BD Boosco Deleitoso - Augusto Magne
- CPAEQ O Crime do Padre Amaro - Eça de Queiroz
- CA Crestomatia Arcaica
- CALB Clara dos Anjos - Lima Barreto
- CDDIN Crônica de D. Dinis - Ruy de Pina
- CDF Crônica de D. Fernando - Fernão Lopes
- CDDU Crônica de d'el rei D. Duarte - Ruy de Pina
- CDJI-I Crônica de D. João I Volume I - Fernão Lopes
- CDJI-II Crônica de D. João I Volume II - Fernão Lopes
- CDPE Crônica de D. Pedro I - Fernão Lopes
- CDPVC Carta de D. Pedro V aos seus contemporâneos (BTLH)
- CE Coleta Espontânea
- CMCPO Poemas - Cláudio Manoel da Costa

CPJBLV Cartas dos Primeiros Jesuítas no Brasil I - Serafim S. Leite (BTLH)

CPVC A Carta de Pero Vaz de Caminha - Heitor Megale *et al*

DSG-I A Demanda do Santo Graal Volume I - Augusto Magne

DSG-II A Demanda do Santo Graal Volume II - Augusto Magne

HECL Hora da Estrela - Clarice Lispector

HT História Troyana (BTLH)

IGMA Iaiá Garcia - Machado de Assis

LC Lingüística de Corpus

LCDDU Livro dos Conselhos - el – rei D. Duarte Fernão Lopes

LEC Língua Escrita Contemporânea

LEV/VE Língua escrita - vestibular

LECON Leal Conselheiro - Fernão Lopes

LECSE Livro da Ensinança de Bem Cavalgar toda Sela - D. Duarte

LOC Língua Oral Contemporânea

LOC/CE Língua Oral contemporânea/coleta espontânea

LOC/Nurc Língua Oral Contemporânea - Projeto Nurc

LOC/SE Língua Oral Contemporânea - Serro

LOC/SU Língua Oral Contemporânea - Sumidouro

LUSIAD Os Lusíadas - Camões

MAJL A Margem - José León Machado

MDCH Monge de Cister - Alexandre Herculano

NGB Nomenclatura Gramatical Brasileira

NCPBE Novelistas e Contistas Portugueses - Manuel Bernardes

NCPCA Novelistas e Contistas Portugueses - Santa Catarina

NCPCE Novelistas e Contistas Portugueses - Maria do Céu

NCPITF	Novelistas e Contistas Portugueses "Dos infortúnios trágicos da constante Florinda" - Pires Rabelo
NCPCS	Novelistas e Contistas Portugueses - Setúbal
NCPGL	Novelistas e Contistas Portugueses - Manuel Guilherme
NCPM	Novelistas e Contistas Portugueses - Manuel Consciência
NCPMF	Novelistas e Contistas Portugueses - Mão furada
NCPJC	Novelistas e Contistas Portugueses - João Batista de Castro
NPPPE	Novelistas e Contistas Portugueses - Nuno Marques Pereira
NCPTE	Novelistas e Contistas Portugueses -Teodoro de Almeida
NCPMR	Novelistas e Contistas Portugueses - Pedro Morais
NCPSO	Novelistas e Contistas Portugueses - Teresa Silva e Orta
NLL	Narrativas dos Livros de Linhagens - José Mattoso
NR	Não registrado
ORDES	Orto do Esposo - Bertil Maler
PA	Português Arcaico
PCL	Português Clássico
PEGR	Primeiras Estórias - Guimarães Rosa
PEREFP	Peregrinação - Fernão Mendes Pinto
PMC	Português Moderno Contemporâneo
PO	Português Oitocentista
PQLB	Triste Fim de Policarpo Quaresma - Lima Barreto
PORB	Os Pobres - Raul Brandão
PSE	Português Setecentista
RFVHO	Reflexões sobre a Vaidade dos Homens - Matias Aires Ramos da Silva
SADV1	Sermão da Primeira Dominga do Advento - Vieira

SADV2 Sermão da Primeira Domingo do Advento -Vieira

SEANT Sermão de Santo Antônio - Vieira

SEBAN Sermão dos Bons Anos - Vieira

SEPED Sermão de São Pedro - Vieira

SERMA Sermão do Mandato - Vieira

SESEX Sermão da Sexagésima - Vieira

SMARIA Sermão I Maria Rosa Mística - Vieira

SSCVM Sermão de Santa Catarina Virgem e Mártir - Vieira

SQDQU Sermão da Quinta Domingo da Quaresma - Vieira

SRDCA O Caramuru de Santa Rita Durão

SHPAR Sermão Histórico e Panegírico nos Anos da Rainha D. Ma. Francisca Sabóia
Vieira

SSEGM Sermão Segundo do Mandato - Vieira

TAGMD Marília de Dirceu

TD Transitivo Direto

VEDHOR O Velho da Horta - Gil Vicente

VEMES Verdadeiro Método de Estudar - Verney

VE-01 Redações Vestibular 2001

VE-02 Redações Vestibular 2002

VE-03 Redações Vestibular 2003

SUMÁRIO

Introdução	25
Capítulo 1 - O Objeto de estudo	33
Introdução	33
1.1 A variação da complementação [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] no português	33
1.2 As construções [de+infinitivo] e [Ø+infinitivo]	35
2. O <i>corpus</i> da pesquisa: metodologia de coleta	43
2.1 O português moderno contemporâneo	44
2.1.1 O <i>corpus</i> do português moderno contemporâneo	45
2.1.2 O <i>corpus</i> do português moderno contemporâneo - língua escrita	46
2.2 O português oitocentista	47
2.2.1 O <i>corpus</i> do português oitocentista	48
2.3 O português setecentista	48
2.3.1 O <i>corpus</i> do português setecentista	53
2.4 O português clássico	54
2.4.1 O <i>corpus</i> do português clássico	55
2.5 O português arcaico	56
2.5.1 Outras considerações sobre o <i>corpus</i> do português arcaico	61
2.5.1.1 O <i>corpus</i> do português arcaico	64
2.5.1.2 Critérios adotados na coleta dos dados do português arcaico	66
Capítulo 2 - Resenha bibliográfica	69
2.1 Autores anteriores à NGB	69
2.1.1 Sobre o infinitivo	70
2.1.2 Sobre a regência	82
2.1.3 Sobre a preposição <i>de</i>	84
2.2 Gramáticas pós – NGB	90
2.2.1 Sobre o infinitivo	90

2.2.2 Sobre a regência	95
2.2.3 Sobre a preposição <i>de</i>	98
2.3 Estudos mais recentes	103
2.3.1 Sobre o infinitivo	103
2.3.2 Sobre a regência	104
2.3.3 Sobre a preposição <i>de</i>	107
 Capítulo 3 - Referencial Teórico-Methodológico	 122
3.1 Pressupostos da Sociolinguística	122
3.2 Sobre os Fatores Internos	129
3.3 A Linguística de <i>Corpus</i>	134
3.3.1 A Linguística de <i>Corpus</i> : aspectos relevantes	136
3.3.2 O status da LC	136
3.3.3 A Linguística de <i>Corpus</i> : um breve histórico	138
3.4 Sobre o “ <i>WordSmith Tools</i> ”	140
3.5 Sobre a manipulação do Programa <i>WordSmith</i>	143
 Capítulo 4 - Apresentação e análise dos dados	 147
4.1 Análise dos dados do português moderno contemporâneo	148
4.1.1 Dados do português moderno contemporâneo/LOC	148
4.1.2 Dados do português moderno contemporâneo/LEC	154
4.2 Análise dos dados do português oitocentista	163
4.3 Análise dos dados do português setecentista	172
4.4 Análise dos dados do português clássico	179
4.5 Análise dos dados do português arcaico	188
 Capítulo 5 - Análise dos verbos em variação nas cinco fases da língua	 214
5.1 Sobre a adjacência	214
5.1.1 O português moderno contemporâneo - (PMC)	215

5.1.2 O português oitocentista - (PO)	224
5.1.3 O português setecentista - (PSE)	232
5.1.4 O português clássico - (PCL)	241
5.1.5 O português arcaico - (PA)	252
5.2 Sobre as classes semânticas dos verbos inventariados nos corpora pesquisados	278
5.2.1 Verbos inventariados no <i>corpus</i> do português moderno contemporâneo	279
5.2.2 Verbos registrados no <i>corpus</i> do português oitocentista	280
5.2.3 Verbos arrolados no <i>corpus</i> do português setecentista	280
5.2.4 Verbos listados no <i>corpus</i> do português clássico	280
5.2.5 Verbos coligidos no <i>corpus</i> do português arcaico	281
5.3 Sobre o tempo verbal, modo verbal e pessoa gramatical	283
5.3.1 O tempo, o modo e a pessoa gramatical dos verbos do português moderno contemporâneo	283
5.3.2 O tempo, o modo e a pessoa gramatical dos verbos do português oitocentista	284
5.3.3 O tempo, o modo e a pessoa gramatical dos verbos do português setecentista	285
5.3.4 O tempo, o modo e a pessoa gramatical dos verbos do português clássico	286
5.3.5 O tempo, o modo e a pessoa gramatical dos verbos do português arcaico	287
5.4 Particularidades sobre o complemento infinitivo - verbos “unipessoais”	289
Capítulo 6 - conclusão	292
Referências	298
Anexo I	317

Conteúdo do CD-ROM anexo:

Português arcaico

Português clássico

Português setecentista

Português oitocentista

Português moderno contemporâneo

INTRODUÇÃO

A análise dos verbos que se pretende realizar na presente pesquisa tem por base *corpora* de períodos distintos da língua portuguesa. O objeto de análise proposto são as construções [de+infinitivo] e [Ø+infinitivo] como complemento de sintagmas verbais ilustrados em:

(1a) “Ela evita de comer doce”;

(1b) “Nós evitamos falar sobre o assunto”

As estruturas destacadas ilustram um fenômeno de variação no português hodierno. O termo *variação*, segundo TARALLO (1986, p.8), remete à “teoria da variação que assume a heterogeneidade e o ‘caos’ lingüístico como objeto de estudo, também denominada sociolingüística quantitativa ou dinâmica”; já *variantes* são “conjunto de formas lingüísticas que compõem uma variável; podem ser *padrão, não-padrão, conservadora, inovadora, estigmatizada* e de *prestígio*”. Em outras palavras, as várias maneiras de dizer a mesma coisa, em um mesmo contexto, com o mesmo valor de verdade. A *variável*, por sua vez, é o conjunto de variantes.

As estruturas listadas em (1a) e (1b) ocorrem em todas as fases da língua portuguesa, com maior ou menor freqüência conforme o período observado. Trata-se, portanto, de variáveis que podem evidenciar ou um fenômeno de mudança lingüística ou um fenômeno de retenção. Observar-se-ão os fatores que condicionam essa variação, a fim de comprovar ou não o status dela na língua, inclusive pelo fato de algumas variáveis representarem estágios no movimento de um estado lingüístico para outro. É o que admitem WLH (1968:188), em seu terceiro postulado para a teoria da mudança lingüística, quando afirmam: “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura da língua envolve mudança, mas toda mudança envolve variabilidade e heterogeneidade”.

É sabido que desde o século XIX, os estudos lingüísticos tradicionais partem do tempo passado para o tempo presente, seguindo a linha natural do tempo. Entretanto, com os estudos desenvolvidos pela teoria da variação e mudança, o “princípio uniformitário” adotado por Labov (1995) ainda mantido no variacionismo, segundo o qual “as forças que atuaram para produzir o

documento antigo são as mesmas que atuam na língua atual”, permite assim o movimento presente - passado.

O “princípio uniformitário”, de uso nas ciências geológicas, criado por Sir Charles Lyell (1830), foi proposto por Osthoff & Brugmann no manifesto neogramático de 1878, como uma reação às idéias acerca da evolução das línguas presentes, conforme o pensamento de Schleicher, de que as línguas eram concebidas como passando por uma fase de crescimento e por uma fase de decadência. Esse princípio exerce uma função importante na compreensão do passado e na interpretação da heterogeneidade da língua portuguesa hodierna numa visão sócio-histórica. Em síntese, trata-se de um postulado criado dentro da geologia, proposto pelos neogramáticos, adotado pelos sociolingüistas.

Assim sendo, iniciaremos nossa análise partindo de fatos/dados do presente para entrever o passado e interpretando dados históricos do passado para entender/interpretar o presente, conforme o “princípio uniformitário” acima descrito. Este princípio vale frisar, permite a comparação entre presente e passado, através do pressuposto de que a ‘natureza’ das línguas não mudam com o passar do tempo, seguindo inclusive, a perspectiva neogramática, de que todos os tipos de mudança lingüística existiriam e ocorreriam em todas as fases da história das línguas.

Os períodos da língua a serem examinados são: o português moderno contemporâneo (PMC) subdividido em língua oral contemporânea (LOC) e língua escrita contemporânea (LEC); o português oitocentista (PO); o português setecentista (PSE); o português clássico (PCL) da segunda metade do século XVI e século XVII, e por fim, o português arcaico (PA) qual seja, os textos escritos em português, até a primeira metade do século XVI.

As hipóteses que orientam esta pesquisa situam-na no centro das discussões relacionadas ao caráter científico das investigações sobre a modalidade falada como fonte de pesquisa. Focalizar-se-ão os fenômenos variáveis buscando demonstrar que as mudanças lingüísticas acontecem por exigência da própria língua. Os fatores condicionadores, isto é, o conjunto total de possíveis fenômenos que determinam a ocorrência de variantes na sistematização ou não da mudança

variam e mudam constantemente. De acordo com Milroy (1992, p.123), “os dados/informações de variabilidade são construídos a partir do princípio de que a língua é variável todo o tempo”.

O tipo de análise que pretendemos desenvolver envolve parte da língua em uso, especialmente o universo de variação na fala, considerando-se, principalmente, que a língua falada é heterogênea e variável, mas essa variabilidade é passível de sistematização, melhor dizendo, trata-se de um sistema variável de regras. Os enunciados orais são mais notadamente sujeitos à diversidade. Esse pressuposto permite-nos dialogar através de modalidades distintas dentro do sistema, na tentativa de elucidar fenômenos lingüísticos da língua hodierna.

Deve-se deixar claro que o interesse principal do trabalho é a investigação dos empregos alternativos do complemento infinitivo relacionados ao nexos preposicional nas relações de complementação verbal, em especial, no nível lexical. O fenômeno da regência, a variação no uso das preposições, particularmente a preposição *de*, e a caracterização do infinitivo, em português, como possíveis fatores que permitam a explicitação da variação do complemento infinitivo deverão ser observados.

Como suporte para argumentação, iniciaremos a discussão a partir da análise da complementação nominal, em variação, no português contemporâneo como as que aparecem na estrutura:

(2a) “Foi **bonito de ver** como as pessoas aderiram a essa proposta”;

(2b) “Foi **bom ver** o entusiasmo do público diante da defesa”.

A variação de complementação nominal [de+infinitivo] e [∅+ infinitivo] ocorre também na língua em sincronias pretéritas. No entanto, deve-se esclarecer que esse tipo de complementação será utilizado apenas para justificar a ocorrência dessa variação, nas gramáticas normativas do português, pelo fato de ser aí vastamente listada, principalmente na seção que tenta justificar o uso do infinitivo não-flexionado em português. O mesmo, no entanto, não acontece em relação à complementação verbal, no que se refere às gramáticas normativas, sobretudo aquelas elaboradas

após a vigência da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB)¹, exceto raríssimas exceções, como se verá no capítulo 3 da resenha bibliográfica. Em face disso, a complementação nominal será apresentada como um primeiro indício de justificativa para explicar a complementação verbal.

Em um segundo momento, relacionaremos os fenômenos na tentativa de identificar a atuação de fatores condicionantes comuns, uma vez que, como já foi dito, a literatura contemporânea trata mais acentuadamente da complementação nominal. Além disso, do ponto de vista diacrônico observar-se-ão sincronias pretéritas para buscar evidências que possam identificar fenômenos estruturais envolvidos no objeto a ser analisado, pois é sabido que o modelo sociolingüístico, tal como proposto por Labov, pode ser aplicado ao mesmo tempo em análises sincrônicas e diacrônicas. Do ponto de vista sincrônico, será analisada a variação de fenômenos lingüísticos presentes em um determinado momento, bem como a mudança de fenômenos lingüísticos presentes em vários momentos sincrônicos. Os quais podem ser avaliados longitudinalmente (diacrônico), no intuito de buscar estudar tanto variação, quanto mudança lingüística.

A possibilidade de análise da mudança de estruturas lingüísticas em vários momentos sincrônicos, como elaborado acima também está de acordo com a concepção de “Lingüística Histórica” proposta por Bynon (1977, p.1-2) que assegura:

A Lingüística Histórica procura investigar e descrever a maneira pela qual as línguas mudam ou conservam suas estruturas através do tempo (...). Isto significa que é possível abstrair dos documentos a estrutura gramatical da língua de cada período e, desta forma, uma série de gramáticas sincrônicas podem ser postuladas e comparadas (...)².

Sincronicamente, procuramos analisar os complementos infinitivos ligados aos verbos ocorridos nos *corpora* sob investigação, objetivando caracterizá-los ou não como complemento objetivo infinitivo preposicionado, segundo os fatores que condicionam sua ocorrência.

¹ Nomenclatura Gramatical Brasileira, conforme Portaria No. 36, de 28 de janeiro de 1959.

Art. 2º. Aconselha que entre em vigor:

- a) para o ensino programático e atividades dele decorrentes, a partir do início do primeiro período do ano letivo de 1959;
- b) para os exames de admissão, habilitação, seleção e do art. 91, a partir dos que se realizarem em primeira época para o período letivo de 1960.

² “Historical linguistics seeks to investigate and describe the way in which languages change or maintain their structure during the course of time(...) This means it is possible abstract the grammatical structure of the language of each period from documents and this way a series of synchronic grammars may be set up and compared (...)”.

Diacronicamente pretende-se comparar a variação da complementação e os tipos de verbos presentes nos vários períodos sondados como possíveis indicadores de processos de mudança, variação estável ou fenômeno de manutenção.

Deve-se estudar, ainda, o comportamento da preposição *de* nos contextos infinitivos, bem como dos itens lexicais que estão presentes no fenômeno, com o objetivo de estabelecer os princípios que regulam a presença/ausência do item preposicional diante de formas infinitivas.

A originalidade deste trabalho está em que não se tem conhecimento de semelhante análise lingüística da variação de complementação infinitiva em períodos distintos da língua portuguesa, bem como a caracterização de fatores que determinem essa variação que pode ser uma “variável estável/manutenção lingüística”, uma mudança já efetivada em alguns tipos de verbos como **começar** e **trabalhar**, tendo em vista o fato de a variação [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] estar presente em todas as sincronias da língua portuguesa. Essa variação pode ter sido influenciada pelos clássicos, através da extensão analógica da complementação nominal, pois o infinitivo é uma forma nominal abstrata e generalizada, a ponto de equivaler-se de fato a um nome.

Observe-se o que nos dizem Said Ali (1964, p. 339) e Dias (1970, p.217-218).

Está ainda à espera de esclarecimento satisfatório o curioso fato, comum a outros idiomas modernos de antepor preposição a infinitivos dependentes de certos verbos, sendo, entretanto tal o sentido destes termos regentes que parece dispensável a partícula.

Também Dias assegura: “um dos fatos mais notáveis relativos à sintaxe do infinitivo, nas línguas românicas, é a construção de preposições com infinitivo”. Como se viu, os Autores reconhecem que o fenômeno ainda não foi devidamente explicado.

O suporte teórico segue o modelo da Teoria da Variação, de base tipicamente laboviana, que prevê a correlação de variáveis a fenômenos de variação lingüística, no que diz respeito: 1) ao “encaixamento”, isto é, como uma determinada mudança se encaixa no nível estrutural e social; 2) à “transição” que permite identificar as fases intermediárias em que as variantes coexistem e concorrem, diminuindo gradualmente a ocorrência de uma e aumentando a ocorrência de outra.

Em outros termos, a “transição permite-nos observar os passos da mudança numa estrutura A para uma estrutura B, e por fim; 3) à “implementação”, qual seja, investigar a motivação da mudança, o modo como ela é iniciada ou implementada numa época sob determinadas condições. Sabemos que não é fácil apresentar generalizações que confirmem a “implementação”, pelo fato de esta envolver um grande número de fatores condicionantes, tanto internos, quanto externos.

Como apoio metodológico, para a análise quantitativa dos dados tanto sincrônicos contemporâneos, quanto históricos, adotaremos o software “WordSmith Tools”. Este software é um dos primeiros a aproveitar os recursos do ambiente “windows”, para análises de *corpora*. Além disso, é utilizado para divulgar a Lingüística de *Corpus* entre os usuários de microcomputadores. Para Sardinha (2000), ainda hoje, após várias versões é o mais completo e versátil conjunto de ferramentas para a Lingüística de *Corpus*. A base metodológica para a análise quantitativa dos dados segue, em geral, as pesquisas propostas por vários estudiosos de fenômenos lingüísticos do inglês que adotam a lingüística computacional como ferramenta de trabalho, dentre eles Sinclair (1991), (1995), Biber *et al* (1998), (1993), Atkins, S., *et al* (1992), Stubbs (1996), Kennedy (1998), Filmore (1992), Leech (1997) e Sardinha (2000). A descrição do modelo teórico-metodológico será explicitada no capítulo 3.

O texto será estruturado de acordo com o esquema a seguir. No primeiro capítulo, intitulado **O Objeto de Estudo**, descreveremos o objeto sob investigação, desenvolveremos algumas questões básicas relacionadas ao tema e apresentaremos o *corpus* da pesquisa. Discutem-se, também, questões sobre a periodização do português, levando-se em conta as várias propostas apresentadas por estudiosos que se dedicaram ao assunto, bem como a velha questão da representatividade dos dados de língua escrita de sincronias passadas.

No capítulo dois, denominado **Resenha Bibliográfica**, sintetizaremos as idéias, as hipóteses e os resultados encontrados na literatura acerca do fenômeno, bem como descreveremos questões relacionadas ao infinitivo, à complementação verbal/regência verbal e à preposição *de*. O capítulo foi subdividido em três seções sob três orientações, para esboçar, de forma mais clara, os estudos existentes a respeito do complemento [de+infinitivo] e [∅+infinitivo] na literatura lingüística.

O capítulo 3 será reservado ao **Referencial Teórico-Metodológico**, nele explicitaremos o suporte teórico-metodológico adotado, na presente pesquisa. Descrever-se-á também o *software* “WordSmith Tools”, programa utilizado para a análise quantitativa dos dados nos cinco períodos examinados.

No capítulo quatro: **Apresentação e análise dos dados**, procederemos à análise de todos os dados selecionados, no *corpus* pesquisado, para identificar os fatores imbricados na relação da complementação de cada uma das variantes, nos períodos de língua sob análise.

No capítulo cinco intitulado: **Análise dos verbos em variação nas cinco fases da língua** apresentar-se-á a interferência da **adjacência/não-adjacência** junto ao complemento infinitivo variável no português. Nele esboçaremos, também, a **classe de verbos** que favorece a variação do complemento [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo], bem como o **tempo verbal, modo verbal e pessoa gramatical** que confere a rigidez das variantes [de+infinitivo]/[Ø+infinitivo], evidenciando uma permanência desse tipo de estrutura na língua. A classe de verbos que permite a variável em foco são os verbos que exprimem “sentimentos ou manifestações de sentimentos”.

No capítulo seis: **Conclusão**, apresentamos os resultados a que chegamos com esta investigação. E por fim, as **Referências**.

Não há nenhum *corpus* que contenha toda a informação que precisamos explorar, mas mesmo assim todo *corpus* nos ensina coisas sobre a linguagem que não poderíamos descobrir de nenhuma outra forma (Adaptado de Filmore, 1992).

Capítulo 1 - O Objeto de Estudo

Introdução

Este capítulo pretende descrever a variação da complementação infinitiva em português na tentativa de elucidar este fenômeno que surgiu a partir da elaboração da minha dissertação de mestrado intitulada: **Complementos Preposicionados no Sintagma Verbal do Português: uma abordagem sincrônica e diacrônica**. Naquela época (1992) identificamos quatro tipos sintáticos como complementos verbais, no português moderno e no português arcaico. Dentre eles figurava o complemento [de+infinitivo]. Chamou-nos atenção a frequência de ocorrência dessa estrutura nas duas fases de língua estudadas. No entanto, o enfoque era outro e o tema não foi desenvolvido. Com o passar do tempo, continuamos a observar o uso cada vez mais evidente do complemento [de+infinitivo], em especial, no português falado contemporaneamente, ao lado de sua variante [Ø+infinitivo]. Daí nosso interesse em retomá-lo no trabalho que ora se desenvolve.

1.1 A variação da complementação [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] no português

A variação da complementação infinitiva com e sem preposição como em:

- (i) “Ela **evita de comer** doce”;
- (ii) “Nós **evitamos falar** sobre o assunto”

ocorre com frequência, na língua oral contemporânea. Nota-se que tais fenômenos, nessa modalidade, são mais sujeitos à diversidade. Como se sabe, as pesquisas variacionistas clássicas têm privilegiado os estudos fonético-fonológicos, no entanto, verifica-se variação sistemática na complementação precedida de formas infinitivas no português oral contemporâneo e também de outras épocas. Daí nosso interesse em conhecer os empregos alternativos referentes a essa complementação verbal ligada especificamente à preposição *de*.

Na literatura atual, salvo raras exceções, a variação no uso da preposição *de* diante de formas infinitivas, em português, tem sido pouco percebida e/ou explorada por estudiosos contemporâneos em relação a outros fenômenos lingüísticos variáveis na fala. Tais estudos priorizam os aspectos fonológicos, o que pode ser deduzido através do grande número de estudos realizados no âmbito da fonologia e do reduzido número, no âmbito do léxico/sintaxe. Como se verá, há uma considerável oscilação no emprego ou não da preposição *de* antes do infinitivo em vários períodos da língua portuguesa.

Um fato, porém, é indiscutível: a variação da complementação infinitiva é corrente na fala das pessoas de diversas faixas etárias e níveis sociais, tanto em situações de comunicação mais formais como apresentação de trabalhos acadêmicos, quanto em situações informais de fala espontânea. A partir dessa observação, optou-se por iniciar a pesquisa tendo como parâmetro dados orais do presente, pois se partíssemos da análise de dados escritos presentes não seria possível demonstrar a evidência do fenômeno na língua portuguesa, por ser a modalidade escrita altamente determinada pela prescrição.

Deve ficar claro, desde já, que o tempo “presente” de que se partiu a análise é o presente oral contemporâneo, por ser o fenômeno aí mais facilmente observado. Dados de língua escrita serão também analisados no português hodierno e em sincronias passadas. Mais ainda: a descrição vai partir da análise de dados reais para compararmos o fenômeno nas várias sincronias propostas. Acrescente-se que a utilização de dados de língua escrita pretérita decorre de uma limitação do próprio objeto de estudo, pois não há como se ter acesso a dados de sincronias passadas a não ser através de fontes escritas.

Os gramáticos, sobretudo depois da NGB, dedicam pouca atenção ao fenômeno. Normalmente, nas gramáticas prescritivas há sempre um capítulo dedicado ao infinitivo, principalmente ao uso da forma flexionada e não-flexionada, informando que o uso do infinitivo flexionado é um fenômeno peculiar ao português; há outro capítulo referente às preposições e um capítulo que aponta a regência verbal e nominal, por sinal sempre com os mesmos verbos e os mesmos nomes. Quanto ao emprego das preposições, a maioria dos gramáticos se dedica à classificação das mesmas, ou seja, preposições “essenciais/ acidentais”; ao conceito, isto é, “elementos de ligação”

e por fim, ao uso das diversas preposições. Alguns abordam os referidos tópicos mais exaustivamente, outros simplesmente repetem assertivas anteriores, tendo como principal precursor Said Ali.

Os trabalhos mais recentes que tratam de fenômenos imbricados no tema da complementação [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] com relação à preposição *de* dizem respeito mais especificamente ao uso da preposição em português como os de Ladeira (1977), que analisa as principais questões relacionadas aos termos regidos pelo *de*; Mollica (1986b), que descreve do ponto de vista sociolingüístico as alternativas de regência para o verbo de movimento, especificamente o verbo *ir* bem como sua tese de doutorado (1989) que trata dentre outros, da relevância da preposição *de* em construções “queístas/dequeístas”; Berg (1996), que aborda a natureza categorial das preposições, admitindo-as como categorias funcionais; Gomes (1996), demonstrando que a diferença na retenção de clíticos está relacionada ao tipo de ocorrência de sintagmas preposicionados e por fim Neves (2000), que em sua *Gramática de Usos do Português* descreve detalhadamente a ocorrência da preposição *de*, em dados escritos do português contemporâneo.

1.2 As construções [de+infinitivo] e [Ø+infinitivo]

As estruturas [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] em português refletem a variação/flutuação por que passa um sistema da língua, embora estejam também relacionadas a outras questões lingüísticas. Trata-se, na verdade, da possibilidade do emprego ou não da preposição *de* depois de um verbo de características transitivas. Dito em outros termos, verbos que estão em uso transitivo, antes de uma forma infinitiva, podendo a referida variação ocorrer ainda depois de um nome ou adjetivo. O fenômeno configura-se, dentre outros, como um “problema de regência verbal” em português. A propósito, segundo Nascentes (1968, p. 18-21):

A regência **como tudo na língua** não é imutável. Cada época tem sua regência, de acordo com o sentimento do povo, o qual varia conforme as condições novas de vida.(...). A época atual sente a vida de modo diferente da do tempo de Camões, de Frei Luís de Sousa, de Vieira. Como é que a regência há de ser forçosamente a mesma? Devemos auscultar a língua viva, espontânea, natural e não procurar o que é passado. A regência tem **um que de individual** (grifos nossos). Cada pessoa, na hora de escrever, escolhe, segundo o seu sentimento, a preposição que lhe parece conveniente(...). E assim, a língua, em vez de imobilizar-se, irá evoluindo no sentido de melhor transmitir o pensamento de quem a usa.

Nos vários períodos do português em que ocorre variação [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] a variante de “prestígio”, em geral, é sempre aquela que ocorre sem a preposição. Por ser esta a forma prescrita pela tradição gramatical. Já a variante [de+infinitivo] por não ser recomendada por gramáticos normativistas³ configura-se como a forma “estigmatizada. No entanto, no português falado contemporâneo, como já foi dito, é corrente o uso da variante [de+infinitivo] como complemento de alguns verbos.

A nossa hipótese é a de que o complemento [Ø+infinitivo] substituiu o complemento [de+infinitivo] ao longo da história do português, para algumas classes de verbos. Como se verá, em termos estruturais, o fenômeno em pauta existe em todos os períodos da língua, mas esta estrutura não ocorre com todos os verbos. A variação depende da classe verbal. Assim sendo, para registrar a existência da variação acima descrita, bem como sua relação com determinados verbos, faremos um estudo seriado do português.

Apresentar-se-ão a seguir, algumas estruturas que elucidam a variação [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] corrente nos vários períodos de língua a serem examinados. Os dados serão apresentados na ordem cronológica que se segue: português moderno contemporâneo: língua oral contemporânea e língua escrita contemporânea, português oitocentista, português setecentista, português clássico e português arcaico.

Veremos primeiramente os dados da LOC/CE:

- (1a) “Ele **recusou de assinar** o acerto”
- (1b) “Nós **recusamos falar** sobre o assunto”
- (2a) “Não **imaginei de fazer** o curso para trabalhar”
- (2b) “Nunca **imaginei receber** uma resposta estúpida como essa”
- (3a) “Ela prometeu **de trazer** os trabalhos todos corrigidos”
- (3b) “Eu **prometo entregar** o trabalho hoje sem falta”

³ Na verdade, as gramáticas normativas não mencionam a variação [de+infinitivo] como uma forma estigmatizada, o fenômeno é aí ignorado.

- (4a) “Eles devem **de ajudar** os desabrigados das enchentes”⁴
(4b) “**Devemos contribuir** com a campanha criança esperança”
(5a) “Alguns amigos **ameaçaram de escrever** a minha biografia”
(5b) “A mulher **ameaçou pular** do quarto andar”
(6a) “Por ali você **evita de subir** escada”
(6b) “Nós sempre **evitamos tomar** refrigerante durante as refeições”

Em (1-a) registrou-se o verbo **recusar** seguido do complemento [de+infinitivo]. Conforme o dicionário eletrônico Houaiss (2001),⁵ dentre outras classificações, o verbo **recusar** pode ser transitivo direto (TD) com a acepção de ‘não aceitar, repelir’. Pelo que se pôde perceber, na estrutura acima, embora haja a presença da preposição *de* antes de uma forma infinitiva, o verbo não mudou seu sentido, nem tampouco sua classificação, do ponto de vista formal, isto é, TD. Em (1b), observa-se, também, o mesmo sentido e a mesma classificação de (1a), embora a preposição esteja ausente. Nota-se que em ambas as estruturas, tanto no que tange à classificação, quanto no que se refere à acepção, conserva-se o mesmo sentido. Trata-se, portanto, de um caso de variação.

Na estrutura (2a) assinalou-se o verbo **imaginar** seguido da complementação [de+infinitivo]. Este verbo é registrado por Houaiss como transitivo direto com várias acepções, dentre elas, ‘idear, pensar insistentemente, presumir’, etc. Em (2b) o referido verbo parece apresentar os mesmos significados de (2a). Pelo visto, a presença/ausência da preposição *de* nestas construções não altera o sentido das mesmas.

Em (3a) o verbo **prometer** ocorre ligado ao seu complemento através da preposição *de*. Segundo o dicionário por nós utilizado, dentre outras classificações, o verbo **prometer** pode ser TD significando ‘comprometer-se, fazer promessa de dar, afirmar, prenunciar’, etc. Não obstante, o verbo sob exame em uso transitivo direto aparece seguido de preposição, sem que esta lhe altere o sentido. Já em (3b), embora a preposição esteja ausente, o significado e a classificação do verbo permanecem os mesmos. Esse fato indica também um caso de variação em português.

⁴ MONTEIRO (1959, p.56) registra: “Em latim vulgar *deviam de ser* frequentes as construções irregulares...”. (grifo nosso).

⁵ HOUAISS - Dicionário eletrônico da Língua Portuguesa Versão 1.0, 2001.

Na estrutura (4a) registrou-se o verbo **dever** ligado ao complemento [de+infinitivo]. Complemento este corrente no português contemporâneo. Segundo o dicionário sob consulta o verbo **dever** apresenta múltiplas acepções e classificações. Dentre as acepções elencadas destacam-se ‘uma obrigação à qual o sujeito está submisso, uma intenção do sujeito, estar obrigado a’, etc. Na construção em exame observa-se que o verbo expressa ‘uma obrigação’, a mesma acepção aparece na estrutura (4b), ou seja, um compromisso ao qual o sujeito está subserviente. Nas referidas construções, tanto em (a) quanto em (b), a presença/ausência da preposição parece não interferir no significado do verbo.

Em (5a), apontou-se o uso do verbo **ameaçar** tendo por complemento [de+infinitivo], o qual expressa ‘fazer ameaças, meter medo a, anunciar’. De acordo com Houaiss, dentre outras classificações, pode ser também TD. A construção (5b) apresenta o verbo ligado ao complemento infinitivo sem o auxílio da preposição. No entanto, o sentido permanece o mesmo de (5a). Postula-se, assim, variação de complementação infinitiva ligada ao verbo **ameaçar** no português contemporâneo.

A construção (6a) registra o verbo **evitar** que tem como complemento [de+infinitivo]. Diferentemente da estrutura (6b) que assinala o verbo ligado ao complemento através de [Ø+infinitivo]. Conforme Houaiss, **evitar** pode ser TD e bitransitivo, apresentando as acepções ‘escapar-se de, esquivar-se de, não permitir, poupar’, etc. Este verbo também apresenta variação do complemento infinitivo, com e sem a preposição *de*, sem que essa presença/ ausência do item preposicional interfira no seu significado.

Buscou-se apresentar a variação da complementação [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] ligada a verbos classificados como transitivos diretos no português moderno contemporâneo. Essas observações sustentam a hipótese de que a presença da preposição *de* diante do infinitivo não altera o sentido do verbo, vindo a constituir-se um caso de variação, no âmbito da sintaxe do português.

É interessante observar que no momento da enunciação, dentre todas as alternativas possíveis, o falante opta por aquela precedida pela preposição *de*. A nosso ver, esta é uma preposição ‘coringa’ em português. Tendência que parece ser generalizada na língua.

Detectou-se também a variação da complementação, sob análise, em dados escritos da língua contemporânea como as que se seguem:

(7a) “Dever-se-á **evitar de** levar comidas e/ou bebidas para as salas de correção”⁶

(7b) “O povo **evita escolher** candidatos sem formação como governantes” (LEC/VE)

(8a) “...a comunicação **necessita de ser** rápida” (LEC/VE)

(8b) “...portanto, **necessitamos resgatar** o verdadeiro objetivo da televisão que é sociocultural...” (LEC/VE)

Como se viu, os verbos **evitar** e **necessitar** apresentam variação do complemento infinitivo na modalidade escrita atual. Estes verbos são tradicionalmente rotulados como transitivos e podem ocorrer preposicionados ou não, sem nenhuma alteração semântica.

Vejam-se, a seguir, alguns dados ilustrativos do português oitocentista:

(9a) “... a soberba cavaleira, de uma formosura invejável na Circássia, **devia de ser** a esposa raptada de algum grão-vizir; pessoas...” (ADSCC, p. 20).

(9b) “...e demonstre que o romance filosófico **deve ser** assim alinhavado a exemplo de ...” (ADSCC, p. 24)

(10a) “...A nomenclatura da arma **precisa de ser ampliada** pelo mesmo motivo...” (CDPVC, p. 125).

(10b) “...e, conseguintemente **precisa ser ampliado** com a instrução...” (CDPVC, p. 125).

⁶ Dado extraído das normas gerais para Correção das Provas da 2ª. Etapa. (Conforme documento da Comissão Permanente do Vestibular 2002).

Também no *corpus* do português oitocentista ocorre a variação do complemento [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo]. Observe-se que nas obras dos escritores desse período é corrente a referida variação com verbos como **dever** e **precisar**, sem que a presença/ausência da preposição, nestes contextos, modifique o significado destes verbos.

Vejam-se, agora, alguns dados ilustrativos do português setecentista:

(11a) “..., e que sentem; a diferença **deve de estar** no modo de amar, e de sentir. As criaturas são mais perfeitas,...” (RFVHO, p. 120)

(11b) “... e com respeito; a tristeza, que **devia resultar** da fealdade, (sic) confunde-se, perde-se, e se muda em alegria por meio das aclamações do aplauso;...” (RFVHO, p. 110).

(12a) “...Adriano pondo os debilitados e chorosos olhos em Natália e depois levantando-os ao Céu, **prometeu de propor** estes desejos pios no acatamento do Rei da Glória...” (NCPBE, p. 270)

(12b) “... do seu erro ou zeloso de dar satisfação à parte ofendida e alívio à sua consciência gravada, **prometeu pagar** o que se lhe demandava. O raro amor...” (NCPBE, p. 274).

Apresentamos abaixo as ocorrências [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] representativas do português clássico:

(13a) “...afeiçoada ao gesto belo e tenro, **deseja de comprar-vos** para genro” (LUSIAD, I- 16)

(13b) “E mais lhe diz também que **ver deseja**” (LUSIAD, I-63)

(14a) “... ele tinha acreditado nisto, e por isso tinha **determinado de me dar** a morte, quis-lha eu dar primeiro a ele,...” (PEREFP, p. 58)

(14b) “... donde concluiu o bata que o inimigo ia muito desfeito e por isso **determinou seguir** a vitória. E despedindo logo...” (PEREFP, p. 48).

Como vimos, complementos preposicionados [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] ocorrem com frequência nos dados do PCL. A estrutura (13) comprova que desde a época de Camões o verbo **desejar** apresenta variação de complemento. Ora estruturas com certos tipos de verbos se ligam ao infinitivo com a preposição *de* presente, ora são utilizadas com o nexos ausente. Tanto Camões, quanto Fernão Mendes Pinto utilizaram amplamente essa liberdade de emprego da complementação infinitiva com e sem preposição.

A variação em foco também se registra no português arcaico. Confirmam-se os dados desse período da língua nas obras *Antologia Arcaica* (AA) de Bueno; *Narrativas dos Livros de Linhagens* (NLL) de José Mattoso e *Crestomatia Arcaica* (CA) de J.J. Nunes:

(15a) “...suptamente **começaron de ouvir** trovões...” (NLL, p. 80)

(15b) “...E começou rei Ramiro entom seu corno tanger, e **começou chamar** sua gente pelo corno que lhe acorressem,...” (NLL, p.58).

(16a) “... nós nom **deuemos d’ajudar** os maaos homes...” (CA, p. 74.

(16b) “...nós nom **deuemos ajudar** os maaos homes...(CA, p. 74)

Também no espanhol medieval ocorre a variação da complementação infinitiva ligada a alguns verbos como no texto *História Troyana* (HT) em Pidal⁷ :

(17a) “...que yo cuydo, que el menor dellos **deue de acabar** este pleito por que somos aqui todos ayuntados a tomar muy grand vengança de la desonha que nos fizo Priamo...” (HT, p. 223)

⁷ Todos os dados do espanhol medieval foram coletados do BTLH – Banco de Textos para Pesquisa em Lingüística Histórica. COHEN, M. A *et alli* (1999).

(17b) “...; e nos otrosy **deuemos guardar** muy bien que lo non abaxemos, por tal que los nuestros que ...(HT, p. 223).

(18a) “...segund ellos cuydan, non **osaremos de** aqui adelante **mouer** contra ellos; e pues? Commo cuydades vos pasar a ellos...” (HT, p. 229)

(18b) “..., tanto era la gente grande, que bien cuydaron que non los **ousarian cometer** los griegos tan solamente....” (HT, p. 228-229).

Como se viu, os fenômenos lingüísticos variáveis sob análise são registrados em vários períodos da língua portuguesa. Deve-se dar destaque ao fato, já comprovado, de que a língua é variável em todos os seus períodos. Pretende-se confirmar ou não essa variabilidade e identificar os fatores internos ou contextos lexicais que condicionam essa variação ou que evidenciem uma mudança lingüística ou manutenção. Em síntese, pretende-se verificar a existência ou não de “variação estável”, “mudança em progresso” ou em extinção. Nesse último caso, cabe determinar se há retenção.

Milroy (1992, p. 23) afirma que “os estados anteriores da língua foram estados variáveis, apesar de a tendência dominante focalizar estados uniformes”. Um aprofundamento no tempo poderá evidenciar com mais clareza a possibilidade de uma mudança lingüística. Acreditamos que quanto maior for esse aprofundamento no tempo, melhor poder-se-á identificar/determinar o fenômeno lingüístico.

Comparando-se as estruturas acima, nos períodos mencionados, percebe-se que, em princípio, a variação consiste na presença da preposição nas estruturas do item -a- e ausência, nas estruturas do item -b- como elemento que precede ou não o complemento infinitivo. Sabemos que, no português contemporâneo, a maioria dos gramáticos recomenda preferencialmente o emprego da estrutura [Ø+infinitivo]. O mesmo não pode ser comprovado com relação ao português arcaico e ao português clássico.

Como já colocado anteriormente, o fenômeno aqui exposto não foi até agora adequadamente examinado na literatura, nem em gramáticas normativas, nem tampouco em estudos mais

recentes que trataram de questões relacionadas ao tema. Os registros mais elucidativos da referida construção encontram-se em gramáticas com rótulos de “históricas” e gramáticas, a nosso ver, “descritivas” que precederam à Nomenclatura Gramatical Brasileira.

O fenômeno em pauta pode ser tomado como um único processo variável, se o considerarmos como uma alternância da língua caracterizada pelo binômio presença/ausência da preposição *de* antes de formas infinitivas nas relações de complementação. Nesse sentido, dever-se-á privilegiar a busca de fatores comuns para explicar a presença/ausência da preposição nesses contextos.

A explicação mais freqüente para a complementação [de+infinitivo] ligada a determinados adjetivos de sentido “limitativo” e “passivo” é aventada como casos de ocorrência do infinitivo não-flexionado.

Abordaremos efetivamente a variação da complementação infinitiva ligada a verbos. Esse é o nosso foco de interesse nos cinco períodos da língua portuguesa pesquisados.

2. O *corpus* da pesquisa: metodologia de coleta

O *corpus* da presente pesquisa engloba cinco grandes períodos da língua portuguesa: (1) o português moderno contemporâneo que por sua vez reúne dados da língua oral contemporânea/coleta espontânea (LOC/CE), língua oral contemporânea/Projeto NURC (LOC/NURC), língua oral contemporânea/transcrições da região do Serro – MG (LOC/SE), língua oral contemporânea/transcrições da região de Sumidouro – MG (LOC/SU), língua escrita contemporânea - redações do vestibular UFMG (LEC/VE) e escritores do português moderno contemporâneo (PMC); (2) o português oitocentista (PO); (3) o português setecentista (PSE); (4) o português clássico (PCL) da segunda metade do século XVI e século XVII, e por fim, (5) o português antigo (PA)⁸ qual seja, os textos escritos em português, até a primeira metade do século XVI. Essa divisão remete a várias outras propostas tradicionais de periodização para o português, já apresentadas por filólogos e gramáticos com algumas adaptações. O *corpus* do presente

⁸ Utilizamos os termos “arcaico” e “antigo” como sinônimos.

trabalho foi formado a partir de textos em prosa e em verso devido às limitações inerentes às pesquisas que lidam com vários estágios pretéritos da língua. Sabemos que, para algumas sincronias, predominam os textos poéticos, como, por exemplo, o século XVIII. Sendo assim, não teve como não recorrer a esses textos para compor os *corpora*. Apresentar-se-ão a seguir, algumas ponderações sobre a periodização do português, bem como a configuração do *corpus* de cada sincronia.

2.1 O português moderno contemporâneo

O *corpus* do português moderno contemporâneo foi constituído de dados da língua falada e da língua escrita dos séculos XX e XXI.

Os estudos lingüísticos no século XX e XXI, no âmbito da literatura, têm sido guiados pelo binômio língua/sociedade. Esse período inicia-se nas últimas décadas do século XIX sob influência e contribuição das ciências sociais, em especial, a sociologia, a psicologia e a antropologia.

Esse enfoque língua/sociedade amplia-se, destacando-se a influência de autores como Jakobson, especialmente no que se refere à reformulação do esquema das funções da linguagem de Bühler. Nessa mesma época surge a Sociolingüística, cuja preocupação com o ato concreto da fala repercute não só no ensino, mas também na concepção de língua literária.

Os estudos lingüísticos, em cada momento histórico, com suas várias imbricações têm decisiva influência sobre os diversos aspectos da língua literária da época. Assim sendo, a busca de definição da língua literária brasileira, desde o Romantismo, buscou romper com a tradição literária portuguesa que não tinha mais respaldo entre os escritores brasileiros. Vários escritores empenharam-se, cada qual a seu modo, conforme o período, em esboçar uma linguagem própria, apoiada na cultura brasileira⁹. Dentre eles destacam-se Mário de Andrade e Guimarães Rosa. Aquele procurou detectar as “tendências” do uso nacional da língua portuguesa a fim de

⁹ Embora a língua literária não seja nosso foco de análise aqui, as explicações acima servem para contextualizar o ambiente literário e cultural a que os textos que compõem os *corpora* se referem.

caracterizar a expressão literária brasileira. Este afirma: “(...) o material lingüístico existente basta ainda para prospectos de publicidade e declarações políticas, mas não basta para a poesia, não basta para pronunciar verdades humanas”.¹⁰

Segundo Pinto (1988, p.14-15) “a língua literária no Brasil, do século XX, não só caracteriza uma ruptura, em relação à tradição literária luso-brasileira, mas também apresenta uma retomada de posição relativamente aos valores do século”.

2.1.1 O *corpus* do português moderno contemporâneo

O *corpus* do português moderno contemporâneo (PMC) organizado a partir das seguintes fontes básicas: dados de coleta espontânea; dados do Projeto NURC – SP (NURC); dados do Projeto Pelas Trilhas de Minas (transcrições das regiões do Serro e Sumidouro – MG) e 30% das redações dos vestibulares da UFMG dos anos de 2001 (VE01), 2002 (VE02), 2003 (VE03) para os cursos de Letras, Odontologia e Engenharia Elétrica e, por fim, obras de escritores modernos.

Dos dois Projetos citados, apenas o Projeto NURC é caracterizado como um *corpus* de língua falada culta, conforme se pode observar nos objetivos do próprio Projeto. O segundo Projeto é constituído de entrevistas realizadas pelos seus membros em diferentes localidades mineiras, na tentativa de identificar a língua portuguesa contemporânea corrente nessas regiões, no interstício de 2003 e 2004. Além do material lingüístico dos referidos projetos, coletamos dados de redações de vestibulares de três anos consecutivos: 2001, 2002 e 2003. Essa última coleta foi realizada por amostragem devido ao grande número de textos existentes. Selecionamos 30% das redações dos cursos de Odontologia, Letras e Engenharia Elétrica. Procurou-se fazer um estudo longitudinal de uma questão de língua portuguesa, com aproximadamente 10 linhas, num total de 900 textos dos referidos cursos de graduação.

Além das amostras já mencionadas, foram usadas como fonte complementar para a modalidade oral contemporânea anotações realizadas no momento da enunciação por parte de falantes dessa

¹⁰ “Literatura deve ser vida” _ Um diálogo de Günter Lorenz com João Guimarães Rosa. Gênova, jan. 1965. In: *Exposição do livro alemão* (catálogo). Porto Alegre, 1971, p. 299.

modalidade como professores, alunos do Curso de graduação em Letras da UFMG, entrevistas, dentre outros. A inclusão desses dados nos *corpora* dos Projetos Pelas Trilhas, NURC e Redações de vestibular não foi aleatória. Ela se justifica pela necessidade de apreensão de um maior número de formas reais dessa modalidade que, como se sabe, na área da sintaxe são extremamente difíceis de coletar. São necessárias, às vezes, horas e horas de gravação e um pouco de sorte, para se conseguir algumas dezenas de formas almejadas para a análise.

A opção de uso de fontes pluridimensionais possibilita que o pesquisador contorne, na medida do possível, deficiências comuns às amostras. (Cf. MOLLICA e RONCARATI, 1991). Esse tipo de material, designado como coleta espontânea (CE) ¹¹, engloba diálogos de novelas, entrevistas realizadas na televisão, conversas entre professores, alunos de graduação, reuniões departamentais, etc.

O aspecto positivo desse tipo de dado é a realização de uma coleta que reflete a língua real utilizada por falantes nativos, sem nenhum tipo de pressão (interna ou externa) por parte do pesquisador, uma vez que a forma é pronunciada naturalmente, sem perguntas e diálogos coercitivos. Além disso, em algumas situações, submeteu-se o informante ao exame de sua fala. Em alguns casos o mesmo manifestava surpresa frente ao enunciado proferido. Fato que revela o alto grau de espontaneidade no momento da enunciação.

A coleta espontânea constituir-se-á, portanto, basicamente de dados orais, visto a pouca ocorrência do fenômeno em textos escritos. Como já pudemos comprovar numa abordagem preliminar, a frequência de ocorrência das estruturas [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] na modalidade oral é muito mais recorrente que na língua escrita. Deve-se frisar que a pesquisa se iniciará com os dados do PMC, à maneira laboviana, partindo do “presente para explicar o passado” e voltando ao presente no movimento de vai-e-vem típico dos estudos diacrônicos: presente > passado > presente.

2.1.2 O *corpus* do português moderno contemporâneo - língua escrita

Os textos que se seguem compõem o *corpus* do PMC. São eles:

¹¹ Também Bittencourt (1995) utilizou esse tipo de coleta em sua tese de doutorado.

- (1) *A Hora da Estrela* de Clarice Lispector - (HECL)
- (2) *Primeiras Estórias* de Guimarães Rosa - (PEGR)
- (3) *A Margem* de José León Machado - (MAJL)
- (4) *Triste Fim de Policarpo Quaresma* de Lima Barreto - (PQLB)
- (5) *Clara dos Anjos* de Lima Barreto - (CALB)
- (6) *Os Pobres* de Raul Brandão - (PORB)

2.2 O português oitocentista

O século XIX quer no Brasil, quer em Portugal apresenta uma literatura bastante rica no que se refere aos “gêneros literários”. Esse enriquecimento da literatura, sobretudo a prosa de ficção, está relacionado a todo um complexo movimento histórico-cultural da época. Dentre os escritores de língua portuguesa destacam-se Garrett, Camilo Castelo Branco, Eça de Queiroz, em Portugal; José de Alencar, Machado de Assis e Euclides da Cunha, no Brasil.

De acordo com MARTINS (1988, p. 9) “na segunda metade do século XIX aumenta consideravelmente o número de gramáticas da língua portuguesa empenhadas em manter a tradição clássica lusitana”. Observa-se nesse período, uma excessiva preocupação com o “uso correto da língua”. As gramáticas elaboradas no século XIX e início do século XX não refletem a língua falada e escrita na época, mas a língua que tinha como base o modelo clássico. Um fato que corrobora essa assertiva é a histórica polêmica entre Rui Barbosa defensor da ‘vernaculidade’ e seu professor de gramática Ernesto Carneiro Ribeiro, a respeito da redação do Código Civil da República. Rui Barbosa chega a denunciar a influência nefasta da gramática como ensinada nas escolas.

É sabido, ainda, que a literatura produzida no século XIX se expande em múltiplos gêneros, possibilitando uma considerável diversidade de estilos e o aproveitamento das diferentes regiões e camadas sociais. Observa-se ainda a partir do Romantismo uma influência no léxico de “latinismos”, “arcaísmos”, “expressões populares”, “regionalismos”, “indianismos”, “africanismos”, “estrangeirismos”, “neologismos”, etc.

Alguns estudiosos do século XX, ao caracterizarem a linguagem literária do século XIX, asseguram que a tentativa de aproximação do texto literário dos diferentes registros de fala constitui uma das características mais marcantes da língua oitocentista. Em consequência disso, ocorre o desprestígio da função poética da linguagem em favor da função referencial.

2.2.1 O *corpus* do português oitocentista

Os textos que compõem este *corpus* foram extraídos das seguintes obras:

- (1) *O Arco de Santana* de Almeida Garrett - (ARCOS)
- (2) *Iaiá Garcia* de Machado de Assis - (IGMA)
- (3) *A Situação Liberal* de Rui Barbosa - (ASLRB)
- (4) *Monge de Cister* de Alexandre Herculano - (MDCH)
- (5) *Amor de Salvação* de Camilo Castelo Branco - (ADSCC)
- (6) *O Crime do Padre Amaro* de Eça de Queiroz - (CPAEQ)
- (7) *Cartas de D. Pedro V aos seus contemporâneos* - (CDPVC).

2.3 O português setecentista

Iniciamos essa reflexão sobre algumas das principais características do século XVIII, segundo autores que se dedicaram à historiografia do português.

Na perspectiva de Bastos (1999) privilegiaram-se, no século XVIII, os estudos gramaticais relacionados à ortografia que herdaram as contradições ortográficas dos séculos anteriores devido a vários motivos, dentre eles: *a indecisão do ortografista*, dividido entre *a tradição* ou o *costume* ortográfico; a etimologia revalorizada pelo culto das letras e tradições clássicas; as *realidades fonéticas* da língua.

No referido século conservaram-se as variações de ordem fonética, e, principalmente, ortográfica, presentes nos séculos anteriores. Como se vê, não é fácil delimitar a periodização em termos

lingüísticos porque muitos fenômenos presentes em um determinado século são preservados nos séculos subsequentes.

Surgem, neste período, várias obras importantes como a de Francisco José Freire, Cândido Lusitano, que trazem à tona, além das questões ortográficas, valiosos subsídios para o conhecimento do léxico vivo. Fato esse motivado pela inserção e inscrição do autor, em estratégias de interlocução, num contexto histórico-social.

No que concerne ao desenvolvimento do ensino, pode-se dizer com segurança que o século XVIII foi o século “mais iluminado” porque os reis dessa época eram muito preocupados com a educação dos portugueses.

Deve-se destacar, em decorrência disso, as reformas pombalinas de instrução pública. Sabe-se que Sebastião José de Carvalho e Melo, o marquês de Pombal, apesar de sua índole tirana, tentou substituir os tradicionais métodos pedagógicos por métodos inovadores de ensino, valorizou os professores encarregados de ensinar não só as línguas clássicas, mas também a língua materna e democratizou a sociedade, inaugurando um dos períodos mais férteis, para a educação em Portugal. A nosso ver, a interferência de Pombal na fixação de um padrão do português, e por consequência de uma língua brasileira, foi fundamental, pois é sabido que a educação é sempre um ato político. Assim, ao desvincular a religião da educação numa perspectiva racional, científica e orientada para valores sociais, civis e crítica em relação às tradições, vislumbram-se novos sistemas educativos teoricamente mais livres, autônomos, mais articulados e até certo ponto construídos segundo novos ideais.

No contexto histórico iluminista, as críticas relacionadas ao ensino administrado pelos jesuítas eram tantas que não havia mais sentido ligar educação e religião, como faziam as escolas confessionais, nem tampouco relacionar essa educação aos interesses de uma determinada classe, como pleiteava a aristocracia. A escola deveria ser livre e independente tanto com relação à religião, quanto com relação aos privilégios de classe.

Todos os aspectos educacionais como também humanísticos estão relacionados às manifestações de ordem social e ideológica. Pois foi neste século que houve, de certa forma, a quebra da circularidade do ensino até então sob domínio dos jesuítas que ensinavam aos futuros professores

e estes, por formação, educavam segundo os parâmetros jesuítas. Em consequência dessa ruptura, novas propostas pedagógicas são instituídas, aceitas e levadas adiante.

Deve-se destacar também a importância de Luiz Antônio Verney como principal crítico dos métodos jesuítas, e, em seu lugar, propôs métodos inovadores e novas metodologias de ensino do português através do *Verdadeiro Método de Estudar*. Nessa obra considerada pedagógica, Verney elabora cartas dedicadas ao ensino da língua e da literatura. O autor em foco propõe uma reforma dos métodos pedagógicos, dos programas, dos compêndios, da preparação dos mestres, para otimizar qualquer projeto de melhoria educacional em Portugal. Além disso, propôs instrução elementar a todas as classes sociais, pelo menos na área urbana. Assim assevera Verney: “em cada rua grande, ou ao menos Bairro”, deve haver uma escola “do Público”, com o intuito de que todos os filhos dos pobres tenham acesso à educação.

Uma característica relevante dos autores brasileiros, no século XVIII, é o esforço mútuo para considerar a atividade literária como parte de uma tentativa para construção de um país livre, em cumprimento a um programa pré-estabelecido, que visava à diferenciação e particularização dos temas e modos de exprimi-los. Segundo Cândido (1971), “tomada de consciência” dos autores quanto ao seu papel, com a intenção de escrever para a sua terra, mesmo quando não faziam.

Deve-se destacar, também, o conjunto das tendências ideológicas próprias do século XVIII tais quais exaltação da natureza, divulgação apaixonada do saber, crença na melhoria da sociedade por intermédio do conhecimento, confiança na ação do governo para promover a civilização e bem-estar coletivo. Do ponto de vista filosófico, fundem-se “racionalismo” e “empirismo”; nas letras, pendor didático e ético, visando empenhá-las na propagação das Luzes.

Para Cândido (1971), no século XVIII, o herói literário por excelência é o *homem natural*, que aparece de vários modos e em várias circunstâncias, mas sempre dotado de algumas das características do seu padrão ideal. Objetivava-se que o homem natural fosse “simultaneamente espontâneo e polido, simples e requintado, rústico e erudito, razoável e sentimental. A literatura se desenvolve, em parte, como trabalho de construção deste ideal, em que se sublimam as aspirações e a própria realidade existencial do século”. Cf. CÂNDIDO, (1971, p. 61).

Do ponto de vista político e social, o pensamento no século XVIII é considerado uma espécie de *mimesis*, buscando sob a multiplicidade do real as formas ideais de convivência para apresentá-las como alvo de conduta. Segundo Cândido, *op. cit.*, a vida social obedece a leis objetivamente determináveis, é possível modificar-se através de um conhecimento adequado das mesmas, podendo o homem melhorar progressivamente. Um traço fundamental do século é a idéia de progresso, desenvolvimento histórico constituído de etapas decorrentes umas das outras, refundindo-se, em conseqüência, o conceito de homem estático.

É importante, contudo, assinalar que o ambiente para a produção literária nos meados do século XVIII era, no Brasil, o mais pobre e menos estimulante que se pode imaginar, permanecendo a literatura, em conseqüência, um subproduto da vida religiosa e da sociabilidade das classes dirigentes. Neste sentido, as Academias foram a expressão por excelência do meio e dos letrados, sendo uma espécie de coletividade ao mesmo tempo autora e receptora da sublitteratura reinante, pois tratava-se de sublitteratura não apenas pela qualidade estética inferior dos espíritos nela envolvidos, mas, ainda, pela deturpação da beleza e da coerência que foi o Cultismo português na sua fase final. A literatura foi, no século XVIII, bastante associativa, tanto na fase final do Cultismo, quanto na fase da reação arcádica. Os letrados tendiam a reunir-se em agrupamentos duradouros ou provisórios. A associação literária criava uma atmosfera que estimulava a vida intelectual, favorecendo o desenvolvimento de uma consciência de grupo entre os homens cultos, levando-os a produzirem de uma forma efetiva e eficiente. De acordo com Cândido, não se podia falar, no século XVIII, tanto no Brasil, quanto em Portugal, em um grupo socialmente diferenciado de escritores, dissolvidos como estavam nos agrupamentos dirigentes, administrativos e profissionais.

Um outro traço a destacar é o fato de que, levados por preocupações eruditas e pelo desejo de difundir o saber, os grêmios permanentes consagraram atenção marcada às coisas do Brasil, reforçando o nativismo e contribuindo para despertar o sentimento nacional. Nesse sentido, as associações fundadas no Brasil depois da Reforma Pombalina não apenas se aplicaram como método aos estudos científicos, como chegaram a superar o conformismo a favor da liberdade de pensamento.

As únicas bibliotecas antes de 1808 pertenciam aos conventos, que tornaram-se mais liberais, na sua franquia a partir desta data. Em 1811, fundou-se uma biblioteca pública, por iniciativa de Pedro Gomes Ferrão Castelbranco, com acervo constituído por doações dele e de outros intelectuais da época. Destaca-se a função das associações político-culturais, onde se divulgaram e debateram informações e idéias aspiradas nos poucos livros de interesse real para o tempo.

A importância do agrupamento intelectual no Brasil e o longo caminho percorrido a partir da Academia dos Renascidos marcam passagem da gratuidade à participação na vida social e da subordinação clerical ao pensamento livre, dentre outros. Nesse momento marcadamente decisivo, configurou-se no Brasil uma “vida intelectual” própria, representada em todos os escritores desde essa época até nossos dias.

A raridade e a dificuldade de instrução, a escassez de livros, o destaque dado bruscamente aos intelectuais deram-lhes um relevo inesperado. Daí a tendência, em todo o século XVIII, de se continuar ligado às funções de caráter público, tanto como forma de remuneração, como critério de prestígio. Conforme afirma Cândido (1971), a atitude *brasileira* e pragmática desses intelectuais, se nutriu do idealismo humanitário dos filósofos e de um acentuado utilitarismo, haurido no estudo ou na admiração das ciências.

Configuram a *literatura pública* do tempo: ânsia de instrução, crença na educação, amor da liberdade política e intelectual, desejo de reformas políticas, patriotismo, confiança na razão para impor as normas do progresso. Ilustram todos esses fatos, os chamados “gêneros” literários do século XVIII, com todos os escritores que os representam.

O século XVIII tem como seu traço marcante a fundação de várias academias literárias, como a *Academia Brasileira dos Esquecidos*, fundada na Bahia em 1724¹² pelo conde de Sabugosa; a *Academia Brasileira dos Renascidos*, também fundada na Bahia, em 1758; a *Academia dos Felizes* e a *Academia dos Seletos*, fundada no Rio de Janeiro, respectivamente em 1736 e 1752. Essas academias tiveram duração efêmera, desaparecendo algumas delas pouco tempo depois da sua fundação. Uma Arcádia, no entanto, teve papel fundamental entre as sociedades literárias da época: a *Arcádia Ultramarina*, em que aparecem nomes ilustres, como Alvarenga Peixoto,

¹² Cf. SILVA NETO, Serafim. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 3ª. edição. Rio de Janeiro: INL/MEC, Presença, 1976.

Basílio da Gama, Tomás Antônio Gonzaga, Santa Rita Durão, Silva Alvarenga e Cláudio Manuel da Costa, a maioria deles fazendo de Vila Rica o quartel da revolução em prol de nossa emancipação política. Formam eles o grupo que recebeu o nome de *Escola Mineira*.

Como assinalamos, o século XVIII foi, de fato, decisivo para a formação literária brasileira, e, conseqüentemente, para a formação de uma cultura brasileira propriamente dita. A inserção de novas metodologias de ensino da língua materna, a criação de novas bibliotecas, bem como a valorização dos intelectuais através de várias associações, tudo isso contribuiu para um novo panorama político, social e cultural da nação brasileira. Essas inovações permitiram importantes questionamentos de uma ideologia reinante e dominante, nos séculos anteriores, possibilitando uma reflexão mais aprofundada acerca dos temas notadamente brasileiros. Daí o surgimento de um ambiente propício a reconfigurações sociais, políticas e lingüísticas que se operam no Brasil de oitocentos em relação aos períodos anteriores, emergem como ícone da historiografia do português, obras de diversos autores brasileiros que caracterizam uma literatura própria nacional e “independente” de Portugal. Todos esses traços fazem com que, a partir do referido século, haja uma nova perspectiva com relação às pesquisas científicas e, por que não dizer, lingüísticas, sobretudo, no Brasil, que marcam um novo rumo para a língua portuguesa, quiçá para o início de uma nova proposta de periodização já constatada por Cohen (1986/1989) ao tratar da mudança “Prep+quem” e o relativo “Que”, e Bechara (1986) ao rever “as fases históricas da língua portuguesa”.

2.3.1 O *corpus* do português setecentista

O *corpus* do português setecentista foi extraído das seguintes fontes:

- (1) *Guerra do Alecrim e da Manjerona* de Antônio José da Silva (ASGAM)
- (2) *O Caramuru* de Santa Rita Durão (SRDCA)
- (3) *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens* de Matias Aires (REFVHO)
- (4) *Novelistas e Contistas Portugueses* - Manuel Bernardes (NCPBE)
- (5) *Novelistas e Contistas Portugueses* - Maria do Céu (NCPCE)

- (6) *Novelistas e Contistas Portugueses* - Setúbal (NCPCS)
- (7) *Novelistas e Contistas Portugueses* - Manuel Guilherme (NCPGL)
- (8) *Novelistas e Contistas Portugueses* - Manuel Consciência (NCPM)
- (9) *Novelistas e Contistas Portugueses* - Pedro Morais (NCPMR)
- (10) *Novelistas e Contistas Portugueses* - Teresa Silva e Orta (NCPSO)
- (11) *Novelistas e Contistas Portugueses* - Santa Catarina (NCPCA)
- (12) *Novelistas e Contistas Portugueses* - João Batista de Castro (NCPJC)
- (13) *Novelistas e Contistas Portugueses* - Mão furada (NCPMF)
- (14) *Novelistas e Contistas Portugueses* - Nuno Marques Pereira (NCPPE)
- (15) *Novelistas e Contistas Portugueses* - Teodoro de Almeida (NCPTE)
- (16) *Novelistas e Contistas Portugueses* - Santa Catarina (NCPCA)
- (17) *Uraguai* de Basílio da Gama (BAGUR)
- (18) *Marília de Dirceu* de Tomás Antônio Gonzaga (TAGMD)
- (19) *Sonetos* de Cláudio Manoel da Costa (CMCPO)
- (20) *Verdadeiro Método de Estudar* de Luís Antônio Verney (VEMES)

2.4 O português clássico

Segundo Castro (1996, p. 137)¹³, apud Mattos e Silva (2002, p. 30) o português clássico se localiza nos séculos XVI e XVII que, para ele, são de importância idêntica e interrelacionadas, sem hierarquização, os fatos lingüísticos e socioculturais que se seguem:

“a entrada do português na Galáxia de Gutemberg; o desenvolvimento da língua literária; o português como (meta)linguagem sobre si mesmo e o transbordamento da língua portuguesa dos limites da comunidade em que inicialmente era usada”. Mattos e Silva centrando sua discussão no século XVI apresenta os seguintes aspectos: 1) produção do texto do período arcaico para os

¹³ CASTRO, Ivo. Para uma história do português clássico. In: *Actas do Congresso Internacional sobre o português*. V. II, Lisboa: Colibri, p. 135-150, 1996.

anos quinhentos; 2) a recepção do texto escrito no período arcaico e sua ampliação, a partir do século XVI; 3) os novos mecanismos de controle do uso lingüístico no Portugal quinhentista em relação aos séculos anteriores; o alargamento do campo literário e a figura do autor nos tempos modernos¹⁴ que se iniciam.

Além disso, alguns gramáticos anteriores à NGB se referem a essa época como o período clássico da língua. Vejam o que nos diz Barreto (1914, p. 195), sobre a preposição *DE*, antes dos infinitivos em acusativo: “É comuníssima em nossos clássicos (grifo nosso) a construção em que aparecem os infinitivos precedidos da preposição DE depois de certos verbos transitivos, que, em geral, a dispensam hoje...”. Mais à frente reafirma:

Os escritores antigos punham em acusativo os nomes dos objectos de tais verbos; mas quando ocorria um infinito, dava-se a anomalia e inconseqüência de fazerem-no preceder da partícula De; e esta “inconseqüente anomalia” não desapareceu com os escritores do século décimo-sexto e sétimo; apesar da evolução da língua portuguesa. (Cf. BARRETO, 1914, p. 195-196).

2.4.1 O corpus do português clássico

Compõem os *corpora* do português clássico os seguintes textos:

- (1) *Os Lusíadas* de Camões (LUSIAD)
- (2) *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto (PEREFP)¹⁵
- (3) "Dos infortúnios trágicos da constante Florinda" e "Das novelas exemplares" (NCPITF)

¹⁴ Mattos prefere o rótulo “moderno” a “clássico”, porque, segundo ela, “clássico” implica sempre uma concepção relacionada à documentação literária e, para os estudos lingüísticos, a produção não-literária tem status similar como fonte de pesquisa para épocas pretéritas da língua portuguesa.

¹⁵ Essa obra de Pinto foi publicada postumamente em 1614, escrita provavelmente na primeira metade do século XVI, como atesta o próprio autor às páginas 101, 241 e 416.

Segundo Maria Alberta Menéres, que fez a versão portuguesa, nela foi mantida “o mais que possível a construção verbal empregada por Fernão Mendes Pinto, assim como as posições relativas (de marcado sabor) que no seu discurso ocupam os pronomes e formas verbais que lhes dizem respeito”.

- (4) Auto da Barca do Inferno de Gil Vicente (ADBINF)
- (5) Auto da Índia de Gil Vicente (ADINDI)
- (6) Auto de Mofina Mendes de Gil Vicente (ADMOF)
- (7) Auto da Alma de Gil Vicente (ADALM)
- (8) Auto da Feira de Gil Vicente (ADFEIR)
- (9) O Velho da Horta de Gil Vicente (VEDHOR)
- (10) A farsa do auto de Inês Pereira de Gil Vicente (ADIPER)
- (11) Sermão da Primeira Dominga do Advento – 1650 do Padre Antônio Vieira (SADV1)
- (12) Sermão da Primeira Dominga do Advento – 1655 do Padre Antônio Vieira (SADV2)
- (13) Sermão da Quinta Dominga da Quaresma do Padre Antônio Vieira (SQDQU)
- (14) Sermão da Sexagésima do Padre Antônio Vieira (SESEX)
- (15) Sermão de Santa Catarina Virgem e Mártir do Padre Antônio Vieira (SSCVM)
- (16) Sermão de Santo Antônio do Padre Antônio Vieira (SEANT)
- (17) Sermão de São Pedro do Padre Antônio Vieira (SEPED)
- (18) Sermão do Mandato do Padre Antônio Vieira (SERMA)
- (19) Sermão dos Bons Anos do Padre Antônio Vieira (SEBAN)
- (20) Sermão Histórico e Panegírico nos Anos da Rainha D. Maria Francisca de Sabóia do Padre Antônio Vieira (SHPAR)
- (21) Sermão Segundo do Mandato do Padre Antônio Vieira (SSEGM)
- (22) Sermão I Maria Rosa Mística do Padre Antônio Vieira (SMARIA)
- (23) *Cartas dos Primeiros Jesuítas no Brasil* de Serafim S. Leite (CPJBLV)

2.5 O português arcaico

Antes da caracterização do período arcaico consideramos importante observar alguns pontos presentes na subdivisão desse período, pois não há um consenso entre os estudiosos quanto ao início e ao término de uma e de outra fase.

A periodização tem sido foco de discussão de vários autores portugueses e brasileiros, dentre eles, Mattos e Silva (1996), Castro (1988), Said Ali (1964), Leite Vasconcellos¹⁶ (1959), Michaëlis (1912), Coutinho (1976), Haüy (1989), Bechara (1985) dentre outros. Para estudar e entender a evolução da língua portuguesa, costumam-se dividir sua história em fases ou períodos, utilizando critérios que variam de acordo com os pontos de referência, dentro da “periodologia”: aspectos lingüísticos ou extralingüísticos. De um modo geral, essas classificações são apenas didáticas devido à complexidade existente entre os limites dos diversos períodos da língua, quais sejam, características similares entre um período e outro, imprecisão cronológica e escassez da documentação existente. Ora se privilegia o aspecto temporal/espacial, ora os aspectos lingüísticos e, não raro, as duas perspectivas: temporal/espacial e lingüística. Ademais, a documentação fragmentada, principalmente aquela que se refere aos primeiros textos escritos em português, também é um fator que dificulta a determinação de limites mais precisos da periodização. Portanto, uma classificação rigorosa não pode ser traçada sem se fazer uma abstração lingüístico-temporal das várias fases evolutivas da língua portuguesa, tendo em vista, principalmente, uma perspectiva pedagógica. Apresentaremos a seguir, um resumo de diferentes propostas de periodização do português, com base em Castro (1988):

Vasconcellos e Silva Neto denominam período **pré-histórico** a época que vai até o século IX (882). Cuesta e Cintra chamam de **pré-literário** o período que corresponde ao período de 1200 (1214-1216). Já Vasconcelos e Silva Neto substituem o rótulo **pré-literário** por **proto-histórico**, para se referirem ao mesmo período. À época até 1385/1420, Vasconcelos rotula **português arcaico**, já Silva Neto a denomina **período trovadoresco**, Cuesta de **galego-português** e Cintra a rotula de **português antigo**. O período que vai até 1536 até 1550 é reconhecido por Vasconcelos como **português arcaico**, segundo Silva Neto, trata-se do **português comum**, para Cuesta **português pré-clássico**, e, segundo Cintra, trata-se do **português médio**. O período até o século XVIII, Vasconcelos e Silva Neto rotulam de português moderno, Cuesta e Cintra denominam

¹⁶ O rótulo “português arcaico” é uma denominação proposta por Leite de Vasconcelos.

português clássico. Por fim, a fase que corresponde aos séculos XIX/XX é chamada de **português moderno** por todos os quatro autores consultados.

Como vimos, não há consenso entre os filólogos quanto à periodização da língua portuguesa. No entanto, há uma concordância no que se refere às duas grandes fases da língua: **português antigo** e **português moderno**. A propósito, Said Ali, no *prólogo da Lexeologia do Português Histórico* (Cf. SAID ALI, 1964, p.8) diz com bastante clareza:

Distingo no português histórico dous períodos principais: o português antigo, que se escreveu até os primeiros anos de século XVI, e o português moderno. A esta segunda fase pertencem já a Crônica de Clarimundo (1520), de João de Barros, as obras de Sá de Miranda, escritas entre 1526 e 1558, as de Antônio Ferreira, a crônica de Palmeirim de Inglaterra e outros trabalhos literários produzidos por meados do século. Robustecida e enriquecida de expressões novas a linguagem usada nas crônicas desta época, que relatam os descobrimentos em África e Ásia e os feitos das armas lusitanas no Oriente, culmina o apuro e gosto do português moderno nos *Lusíadas* (1572). É o século da Renascença literária, e tudo quanto ao depois se escreve é a continuação da linguagem desse período.

No parágrafo seguinte, Said Ali deixa implícita uma proposta de periodização asseverando que “não ficou, nem podia ficar, estacionário o português moderno; e assim temos de designar pelos qualificativos **quinhentista**, **seiscentista**, **setecentista** (grifo nosso) a linguagem própria das respectivas eras”. O autor reserva a denominação de “*português hodierno*” para as mudanças criadas ou fixadas recentemente, ou recebidas do século XIX, ou que remontam ao século XVIII.

Percebe-se, aqui, uma proposta de periodização que engloba dois grandes períodos da língua portuguesa: **português antigo**: primeiros textos escritos até os primeiros anos do século XVI e **português moderno**, subdividido em um período correspondente ao português *quinhentista*, *seiscentista* e *setecentista*. Segundo Said Ali, uma época com características próprias e, portanto, diferente da fase moderna. Já a denominação “português moderno” se reserva, na perspectiva deste autor, exclusivamente ao período que vai do século XIX ou que remonta ao século XVIII ao século XX. Após apresentar essa proposta, afirma Said Ali que “limites entre os diversos períodos não podem ser traçados com rigor. Alterações lingüísticas não dependem de calendário, nem do ano em que o século acaba ou começa”. Ademais, “a linguagem quinzentista,

seiscentista, etc., é a maneira de falar dominante em grande parte da respectiva era, ou nela principalmente”.(Cf. SAID ALI, *op. cit.*, p 8).

É importante ressaltar, no entanto, que os falares característicos de qualquer das épocas continuam muitas vezes a serem usados por alguns dos escritores do período seguinte. Fato que dificulta o estabelecimento preciso do momento de qualquer alteração lingüística. Além disso, a língua escrita tende a ser mais conservadora que a língua oral, dificultando ainda mais um limite preciso para caracterização da periodização.

A nosso ver, não se deve separar a periodização temporal da realidade lingüística. A época “pré-histórica” é o período de evolução do latim falado na região da Galízia e na região da Lusitânia. Período este resultante da conquista da Península Ibérica até o período de formação dos romances, no século V, culminando com a denominação do romance galaico-português como língua falada às margens do Rio Minho. O período proto-histórico tem como limite o século IX e o século XII. O século IX engloba a definição do romance galaico-português como língua corrente iniciada na região noroeste da Península Ibérica e levada para o sul com o movimento da Reconquista, culminando com a independência de Portugal. A expressão oral e escrita do romance, nos séculos XIII e XIV, denominou-se “galego-português”. Foi essa também a língua exclusiva da poesia lírica em toda a Península Ibérica. Entretanto, a partir do século XIV, devido a fatores históricos e sociais, a unidade lingüística galego-portuguesa começa a se desconfigurar encerrando seu ciclo no século XVI, com o surgimento das idéias renascentistas e os primeiros trabalhos gramaticais e teóricos acerca da língua, marcando a fixação do português padrão. Segundo Michaelis, pode-se dizer que o português moderno começa no tempo do Renascimento, depois de alguns humanistas, guiando-se pelos gramáticos latinos. Certamente todas estas idéias se relativizam quando adotamos o rótulo “português moderno”.

Falta-nos, ainda, um maior número de pesquisas que investiguem e sistematizem a documentação escrita existente em português nos primeiros séculos, principalmente entre os séculos XII e XVI. Essa dificuldade de sistematização/limitação faz surgir uma profusão de terminologias referentes às subdivisões do período arcaico: *pré-histórico*, *proto-histórico* e *pré-literário*. Para

Vasconcellos, *op. cit.*, o português arcaico vai do primeiro documento escrito: *O testamento de Afonso II* até os anos de 1536-1540, datas do surgimento das primeiras propostas de sistematização da língua portuguesa: a *Gramática da Linguagem Portuguesa* de Fernão de Oliveira e a *Gramática da língua portuguesa* de João de Barros. A primeira de cunho mais descritivo, já a segunda com intenções prescritivistas.

Bechara, em seu trabalho intitulado: *As fases Históricas da Língua Portuguesa* (1985), após examinar um grande número de “fatos lingüísticos” do português, apresenta a seguinte proposta de periodização das fases históricas da língua: “português arcaico (do séc. XIII ao XIV); português arcaico médio (de séc. XV à 1ª. metade do XVI); português moderno (da 2ª. metade do séc. XVI à 2ª. metade do séc. XVII) ; português contemporâneo (do séc. XVIII aos nossos dias)”. (*Ibidem*, p. 49).

No presente trabalho denomina-se “período arcaico” a fase que se inicia a partir dos primeiros textos escritos em português até meados do século XVI, seguindo Vasconcellos e Said Ali. Consideramos esses limites do português arcaico em relação ao período moderno importantes pelo fato de, nessa época, ou seja, a partir do século XVI, já haver uma tendência à sistematização da língua com base nas primeiras gramáticas portuguesas, atingindo-se o auge com a obra de Camões. A propósito, Said Ali, (1931, I, 4) assegura:

Camões não foi propriamente o criador do português moderno porque essa nova linguagem escrita já vinha empregada por outros escritores. Libertou-a, sim, de alguns arcaísmos e foi um artista consumado e sem rival em burilar a frase portuguesa, descobrindo e aproveitando todos os recursos de que dispunha o idioma para representar as idéias de modo elegante, energético e expressivo. Reconhecida a superioridade da linguagem camoniana, a sua influência fez-se sentir na literatura de então em diante até nossos dias.

Como se vê, Said Ali, embora reconheça a importância e a supremacia da obra de Camões, não lhe atribui o rótulo de inventor do português moderno, como muitos. No entanto, reconhece a sua influência na literatura da sua época até nossos dias.

Um exame preliminar sobre a periodologia possibilitou-nos observar que, do ponto de vista lingüístico, não é fácil, como já foi aludido, estabelecer limites precisos entre um período e outro porque alguns fenômenos lingüísticos considerados como característicos de uma época ocorrem

também em outras fases da língua, às vezes com menor frequência, mas sem desaparecer de todo. Portanto, essa delimitação é didática. Segundo CASTRO, (1991, p. 243), uma data simbólica para delimitar o término do período arcaico seria 1536, porque, nessa época foi representado o último auto de Gil Vicente, qual seja *Floresta de enganos*; faleceu Garcia de Rezende e se publicou o primeiro estudo “metalingüístico” sobre o português, a *Gramática da linguagem portuguesa* de Fernão de Oliveira. Desse modo, fica estabelecido a primeira metade do século XVI como data limite para fim do período arcaico e início do chamado período clássico.

O fenômeno por nós pesquisado, isto é, a variação do complemento [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] está presente em vários estágios da língua. O complemento [de+infinitivo], segundo os dados, é mais frequente em relação ao, [Ø+infinitivo], até a primeira metade do século XVI. Daí também a nossa opção, por adotar a classificação de Leite de Vasconcellos e Said Ali para nos referirmos ao período arcaico do português.

2.5.1 Outras considerações sobre o *corpus* do português arcaico

Devido à complexidade das discussões relacionadas ao período arcaico, como suporte empírico, para composição de dados nas análises lingüísticas, teceremos aqui mais algumas considerações sobre esse período da língua. Considerações estas renunciadas por vários pesquisadores que utilizam textos pretéritos para análises lingüísticas, dentre eles, Cohen (1999), (1994), Milroy (1992), Mattos e Silva (1989), Bynon (1977).

Sabemos que a não preocupação com a normatização gramatical e ortográfica da língua portuguesa, no período arcaico, permite que variações da modalidade oral se manifestem muito mais facilmente no texto escrito desse período.

De acordo com Milroy (1992, p. 132):

o fato de as línguas de períodos anteriores serem tão variáveis deveria, em princípio, permitir para esses períodos o mesmo tipo de análise que utilizamos na dialetologia atual. Assim, ao utilizarmos métodos variacionistas, seríamos capazes de explorar pelo menos alguns limites na variação que pode ter existido na língua medieval.

Segundo ele, em uma comunidade atual estes limites podem ser observados na língua falada. Devemos localizar estes limites, na língua medieval, inicialmente, através da escrita. A variedade

da língua escrita de sincronias passadas deveria, então, servir de fonte, em vez de obstáculo para as análises lingüísticas contemporâneas. Também Cohen (1994, p. 2) argumenta:

Ao trabalhar com textos escritos de épocas pretéritas o lingüista não disporá da possibilidade de testar suas hipóteses com falantes/ouvintes da época em que foi escrito: fará uma descrição sincrônica necessária - e relativamente uniformizada. A variação lingüística será, portanto, reduzida em sua análise, e obscurecido, conseqüentemente o "locus" onde detectar mudanças. O estudo das mudanças se efetivará, no âmbito leitor/escritor e não no âmbito falante/ouvinte.

O pesquisador que lida com análise de períodos passados da língua não tem como fugir a esse paradoxo, que pode ser minimizado à medida que o lingüista garante uma descrição/análise a mais isenta possível de sua intuição de falante/leitor de língua moderna contemporânea para os textos antigos.

Segundo Cohen, *op. cit.*, p. 3, o lingüista histórico, "à maneira do arqueólogo terá de proceder a um trabalho de reconstituição de dados, a partir de textos muitas vezes fragmentados". O conhecimento da língua contemporânea servirá de referência para contrapor a projeção da nossa leitura de textos antigos.

Ademais, deve-se levar em conta que não é possível acesso a documentos gravados do período arcaico da língua. Portanto, devido a essa limitação inerente às pesquisas diacrônicas, procurou-se minimizar essa velha questão metodológica da escassez/fragmentação e legitimidade de textos pretéritos que registram a língua real no seu contínuo processo de transformação, optando-se por uma coleta mais diversificada, abrangendo gêneros e estilos diversos em períodos seriados da língua.

Ainda segundo Cohen (1999), o grau de idealização para se alcançar uma descrição sincrônica uniforme é menor quando se trata de textos antigos, pois, segundo ela, embora haja um intervalo mais profundo de tempo entre a produção desses textos e a nossa análise, a regularidade já foi amplamente imposta devido às características do estilo escrito. Provavelmente algumas variações presentes nas elocuições reais foram niveladas ao serem transplantadas para a escrita. Nesse período a escrita era tipicamente fonética. Sendo assim, os traços da modalidade oral presentes em textos antigos podem ser perfeitamente comparados ao português oral contemporâneo.

Para sintetizar essa questão relacionada à composição dos *corpora* a serem utilizados aqui, pode-se asseverar que, em todo o período arcaico, os portugueses que dominavam as letras e escreviam em português o faziam pautados na oralidade. Isso pode ser comprovado através da alta incidência da “parataxe”, excessivo uso de elementos de ligação, bem como de itens lexicais explicativos e “dêiticos”, como conjunções, pronomes, advérbios, dentre outros, que são considerados fenômenos típicos da oralidade.

Um outro ponto a esclarecer é o fato de utilizar-se de dados da língua falada do português brasileiro moderno contemporâneo e dados escritos do português arcaico, específico ao português europeu, para composição do *corpus*, o que, em princípio, poderia causar viés ao conjunto dos dados sob exame. A esse respeito consideramos pertinente acrescentar aqui o ponto de vista de Bynon (1977, p.2)

uma vez que se façam as concessões necessárias para as convenções ortográficas e estilísticas que são características das línguas em sua forma escrita, pode-se admitir que os textos escritos são amostras representativas da língua falada como ela era, quando foi escrita.

No nosso entender, a utilização de textos escritos pretéritos do português europeu para a composição do *corpus* não afeta a análise por termos procurado abarcar de uma forma homogênea o maior número possível de documentos do PA. Ademais, o fenômeno aqui pesquisado, em princípio, diz respeito à sintaxe, que permite uma generalização mais imparcial, visto não estar relacionada diretamente a características fonético-fonológicas.

Sobre essa questão do português europeu assim prenuncia Cohen (1999, p.7):

Dada à complexidade da problemática da transmissão dos textos da época arcaica, desde sua primeira redação conhecida até sua edição; dada a existência de muitas edições não-fidedgnas, nas quais a interferência dos editores é patente, não se pode confiar 100% na representatividade que o texto tenha a) da língua portuguesa do século (...) em geral, b) da língua portuguesa falada desse século. O uso da “boa edição” minimizará os anacronismos, mas não os excluirá totalmente.

Feitas todas estas ponderações, dentro dos limites naturais da pesquisa diacrônica a nós impostos, procederemos à análise da complementação [de+infinitivo] e [∅+infinitivo], tentando fazer o melhor uso possível dos dados, segundo o *corpus* examinado, nos cinco períodos da língua, conforme mencionado na seção que trata da metodologia de coleta dos dados.

Os dados de épocas pretéritas, vale frisar, foram coletados de documentos escritos, em prosa e em verso, por limitação inerente ao objeto de estudo, ou seja, pela óbvia razão de ser essa a única maneira de se ter acesso à língua de períodos pretéritos.

Atentaremos para o fato já observado, por alguns pesquisadores, de que, a falta de normatização gramatical e ortográfica da língua portuguesa arcaica permite que variações da modalidade oral se manifestem muito mais facilmente nos textos escritos desses períodos.

2.5.1.1 O *corpus* do português arcaico

Os dados do PA que formam o *corpus* correspondem ao período arcaico da língua, isto é, do século XII até meados do século XVI. Os dados foram obtidos através da leitura atenta e criteriosa, das seguintes obras:

(1) MEGALE, Heitor *et alii*. *A Carta de Pero Vaz de Caminha*¹⁷. Reprodução fac-similada com leitura justalinear. São Paulo: Humanitas, 1999. (CPVC).

(2) MAGNE, Augusto. *A Demanda do Santo Graal*. Vol. I. Rio de Janeiro: INL - Imprensa Nacional, 1944. (DSG-I).

(3) MAGNE, Augusto. *A Demanda do Santo Graal*. Vol. II. Rio de Janeiro: INL - Imprensa Nacional, 1944. (DSG-II).

(4) MAGNE, A. *Boosco Deleitoso*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1950, Vol. I. (BD).

¹⁷ Os textos foram listados de acordo com a ordem alfabética dos títulos das obras.

Edição do texto de 1515, com introdução, anotações e glossário. A introdução apresentada por Augusto Magne consta de preciosas informações acerca deste texto.

(5) PINA, Ruy. *Crônica de D. Dinis*. Porto: Livraria Civilização – Editora, 1945. (CDDIN).

Edição Ferreiriana de 1726, publicada sob a direção do Visconde de Lagoa da Academia Portuguesa da História.

(6) _____. *Crônica d'el rei D. Duarte*. Lisboa: ESCRITORIO, 1901. (CDDU).

(7) LOPES, Fernão. *Crônica de D. Fernando*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1975. (CDF).

Edição crítica elaborada por Giuliano Macchi. Segundo ele, os códices até hoje conhecidos que constituem a tradição manuscrita da Crônica de D. Fernando são 39. Os mais antigos remontam aos primeiros anos do século XVI ou, quando muito, aos últimos anos do século XV. De acordo com Macchi, 23 foram copiados no decorrer do século XVI e os restantes no século XVII.

(8) _____. *Crônica de D. João I*. Vol. I. Porto: Livraria Civilização, 1945. (CDJI-I).

Edição prefaciada por António Sérgio.

(9) _____. *Crônica de D. João I*. Vol. II. Porto: Livraria Civilização, 1949. (CDJI-II).

Edição preparada por M. Lopes de Almeida e A. de Magalhães Basto, segundo o códice inédito CIII da Biblioteca Pública de Évora confrontado com o texto impresso em 1644 e versões quinhentistas da mesma crônica existente nas Bibliotecas da Universidade de Coimbra e Municipal do Porto.

(10) _____. *Crônica de D. Pedro I*. Porto: Livraria Civilização – Editora, 1965. (CDPE).

Edição com introdução do professor Damião Peres.

(11) _____. *Leal conselheiro*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1942. Edição crítica e anotada, organizada por Joseph M. Piel. É uma obra de 1435, corresponde, portanto, à primeira metade do século XV. (LECON).

(12) _____. *Livro dos Conselhos de el-rei D. Duarte (Livro da Cartuxa)*. Lisboa: Editorial Estampa, LTDA, 1982. (LCDDU).

Edição diplomática com introdução de MARQUES, A. H. de Oliveira.

(13) D. DUARTE. *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar toda Sela*. Edição crítica, acompanhada de notas e dum glossário por PIEL, Joseph M. Lisboa: Livraria Bertrand, 1944. Século XV. (LECSE).

(14) MATTOSO, José. *Narrativas dos livros de linhagens*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983. (NLL).

Essa obra é um livro de linhagens do conde D. Pedro que foi escrita no século XIV.

(15) MALER, Bertil. *Orto do Esposo*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura-Instituto Nacional do Livro, 1956, Vol. I. (ORDES).

Texto inédito do fim do século XIV ou começo do século XV. Edição crítica com introdução, anotações e glossário. A introdução da presente edição foi elaborada por Augusto Magne, seguida do prefácio de Bertil Maler.

2.5.1. 2 Critérios adotados na coleta dos dados do português arcaico

- 1) Procurou-se, na medida do possível, compilar a estrutura completa, ou seja, aquela frase que, a nosso ver, poderia constituir um enunciado compreensível, do ponto de vista estrutural. Tanto é que a maioria das frases compiladas aparece entre vírgulas, ponto final, ponto e vírgula, dois pontos, etc. Apesar de, como sabemos, ser difícil estabelecer os limites da frase nesse período da língua.
- 2) Os quatro pontinhos seguidos foram usados para marcar uma seqüência após um ponto final, tanto no início, quanto no final da estrutura.

- 3) As estruturas com letras maiúsculas são títulos de capítulos.
- 4) Antes dos dados coligidos em cada obra, quando foi possível, apresentou-se um excerto acerca da obra compilada ou acerca da biografia do autor. Apesar de não ser esse o nosso foco principal, consideramos relevante fornecer ao leitor algumas informações a respeito dessas coletâneas tão preciosas e tão ricas de detalhes tanto lingüísticos, quanto históricos do período arcaico.

É procedente, porém, observar que, qualquer amostragem de língua, seja ela escrita ou falada, por mais completa que seja a listagem efetuada, pode-se negligenciar algum dado importante para a pesquisa, pois é uma amostragem, e, devido à magnitude do potencial de uma língua, não pode ser reduzida a limites precisos. Uma amostragem não é a língua na sua totalidade pelo fato de esta não ser possível de ser abarcada. Assim sendo, há sempre um grau de abstração em torno do fenômeno analisado, como efetivamente concretizado na língua. Trabalha-se, portanto, com um grau de idealização para que se possa chegar a uma análise coerente e uniforme do fenômeno observado. Faz-se necessário frisar que a consciência dessas limitações impõe-nos um recorte para que a análise seja possível.

No próximo capítulo apresenta-se a resenha bibliográfica do presente trabalho.

“Esta arte de grammatica não é divindade mandada do
ceo que nos possa de novo ensinar o que já temos e é
nosso, não embargando que é mais devino quem melhor
entende. E assi é verdade que a arte nos pode ensinar
a falar melhor, ainda que não de novo: ensina aos
que não sabiam e aos que sabiam ajuda”.

(Fernão de Oliveira, capitulo XLI)

Capítulo 2 - Resenha Bibliográfica

Dando prosseguimento ao tema proposto resenham-se, neste capítulo, os fenômenos imbricados na relação da variação do complemento [de+infinitivo] e [Ø+infinitivo] no português: o infinitivo, a regência/complementação verbal e a preposição *de*. Tal resenha servirá de base para buscar explicitar ou explicar o encaixamento da variação [de+infinitivo] e [Ø+infinitivo] no interior das estruturas e a provável disseminação dessas variantes no ambiente lingüístico, onde estas ocorrem.

A resenha será elaborada segundo a posição dos autores que se dedicaram 1) ao estudo do infinitivo/variação [de+infinitivo] e [Ø+infinitivo]; 2) à regência/complementação verbal; 3) à preposição *de*. Iniciaremos a discussão a partir dos trabalhos elaborados antes da instituição da NGB, dos trabalhos de cunho histórico como os de Said Ali e Epiphânio Dias que, embora escritos logo depois da elaboração da NGB, preservam em suas análises posturas descritivistas. Na seção 2.2, apresentaremos as análises presentes em autores pós - NGB e por fim, na seção 2.3, destacaremos os estudos mais recentes acerca do tema. A resenha será, então, organizada de acordo com os três tópicos acima elencados, segundo três orientações: a) gramáticas anteriores à NGB e gramáticas históricas, b) gramáticas normativas e c) estudos mais recentes.

2.1 Autores anteriores à NGB

As gramáticas anteriores à instituição da Nomenclatura Gramatical Brasileira são, no nosso entender, mais “descritivas” que as gramáticas elaboradas seguindo os pressupostos dessa nomenclatura. Aquelas abordam muitos fenômenos que não são sequer reconhecidos pelas gramáticas tradicionais atuais. Dessa forma, para o pesquisador atento, é extremamente importante uma consulta a estes compêndios mais antigos, principalmente aos que abarcam os anos de 1901 a 1960, tanto os de cunho mais “descritivo”, quanto de cunho “histórico”. A título de ilustração, quanto ao caráter descritivo e quanto à lucidez dos conceitos gramaticais, gostaríamos de registrar aqui um fato curioso compilado de Cândido Figueiredo (1904, p. 65): “(...) Sabêr *grammática* não é sabêr *português*. Basta a ponderação de que há escritôres distintíssimos, que não conhecem uma definição *grammatical*, como há doutos *grammáticos*, que são detestáveis escritôres”.

No entanto, alguns lingüistas contemporâneos têm utilizado proposições do tipo de “saber gramática não é saber português” como se fossem descobertas recentes. O que não é verdade, considerando-se o fato de que essas constatações já foram feitas há muito tempo. Portanto vale frisar que, desde 1904, tal distinção já era observada.

No que se refere às gramáticas denominadas históricas, ao que parece, recebiam esse rótulo (um tanto simplista) por força da tradição editorial, contrariando o verdadeiro sentido original dos estudos diacrônicos. A esse respeito confirmam-se os prólogos das edições da obra de Said Ali, elaborados por ele mesmo, às páginas 7-11, da *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Veja-se a *Lexeologia* (1921) e a *Formação de palavras e sintaxe do português Histórica* (1923) que integram originalmente a *Gramática do português histórico* e que por fim, segundo exigências provavelmente editoriais, passou a ser denominada *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Não são necessariamente “históricas”, no sentido restrito do termo, sobretudo as gramáticas de autoria de Said Ali e Eduardo Pereira.

As características descritivas dessas gramáticas podem ser confirmadas pelos títulos: *Sintaxe Clássica Portuguesa* (Brandão, 1963)¹; *Lições Práticas da Língua Portuguesa* (Cândido Figueiredo, 1904); *Novíssimos Estudos da Língua Portuguesa* (Bareto, 1914); *De Gramática e de Linguagem* (Barreto, 1955); *Dificuldades da Língua Portuguesa* (Said Ali, 1966); *Compêndio de Língua Portuguesa. Antologia* (Torres, 1943), dentre outros. Os autores não fazem menção aos termos “gramática” e “normativa”.

Vejamos o que registram estes primeiros “gramáticos lingüistas” sobre o fenômeno que nos interessa: as construções infinitivas em português.

2.1.1 Sobre o infinitivo

O infinitivo regido de preposição, tão comum em português, é regência estranha ao latim clássico (cogitar de resistir = cogitare resistere):

esta sintaxe neolatina nasceu do cruzamento de dois tipos latinos. O gerúndio latino podia ser regido de preposição: *Syriam ad diripiendum tradidisses* (CIC). Entre *aggredior dicere* e *aggredior ad dicendum*, dar-se-ia um cruzamento sintático, cujo producto seria um terceiro tipo de phrase – *aggredior ad dicere*. Assim entre

¹ As obras de Brandão (1963) e Said Ali (1966), embora sejam pós - NGB, não se pautam exclusivamente nela.

cogitabat resistere e de resistendo cogitabat (Caes. B.B.2.34), a fusão podia, em princípio, operar-se e dar em resultado – *cogitabat de resistere*. Tais *typos syntácticos*, apesar de raros, aparecem no latim da decadência: *carnem dare ad manducare* (J.C. 52. Itala). (BOURCIEZ² *apud* PEREIRA, 1923 p. 319).

De acordo com esse Autor desenvolveu-se exuberantemente no português arcaico e até entre os clássicos quinhentistas e seiscentistas o infinitivo preposicional, e só modernamente, apesar de Castilho, Garrett e Filinto, vai a língua reagindo contra a regência da preposição após certos verbos transitivos, como *desejar, prometer, determinar, esperar, ordenar, caber, jurar, ousar*, etc.

Pereira reconhece a variação [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] e aponta para a tendência de regência sem preposição. Daí ele admitir a existência da “dupla regência” de vários verbos seguidos de complemento infinitivo. De fato, quando Pereira (1923), Said Ali (1964), Nascentes (1967), Góis (1969), Dias (1970)³, dentre outros, admitem essa “dupla sintaxe”, parecem estar falando de variação, embora este último termo não tenha sido utilizado por eles.

Convém destacar nesses mestres a clareza que tinham com relação às descrições lingüísticas presentes em seus trabalhos, embora nem sempre sejam lembrados e citados pelos que os sucederam. Deve-se ressaltar que todos, sem exceção, reconheciam o fenômeno da “variação” em português. O fato de não terem utilizado tal rótulo não invalida as suas análises. Eles o nomeiam diferentemente, utilizando-se de outra terminologia como: “dupla sintaxe”, “dupla regência”, “alternância”, “variada linguagem” estes dois últimos usados por Said Ali (1964, p. 175-339). Acresce este Autor: “a ocorrência da preposição *de* anteposta ao infinitivo-objeto, permite alternância com a da eliminação da partícula sem prejuízo de sentido”. Do exposto, não há dúvida de que existe um consenso entre os vários estudiosos mais antigos do português, tanto com relação a vários aspectos da sintaxe portuguesa, quanto ao fenômeno da variação tão estudado pela sociolingüística contemporânea.

Pereira (1923, p. 320) aponta: “vestígios deste largo uso da preposição *de* temo-los na dupla regência de muitos verbos seguidos de infinitivo”: *dever sahir e de sahir, precisar fazer ou de fazer, folgar ver ou de ver, carecer ir ou de ir, escusar fingir ou de fingir*. No entanto, pondera ele, se seguirmos a autoridade de Castilho, Felinto Elyσιο, Garrett e outros escritores modernos, que neste aspecto se atêm ao uso clássico, a lista de verbos que pode reger

² BOURCIEZ E. *Eléments de Linguistique Romane*. 2ª. ed. Paris: C. Klincksieck, 1923.

³ Os quatro últimos autores a serem citados.

facultativamente o infinitivo com ou sem preposição em **relação objetiva**, (grifo nosso) alarga-se indefinidamente. O Autor em pauta ilustra a ocorrência de construções com [de+infinitivo] ligadas a outros verbos além dos já mencionados. São eles: *merecer, usar, determinar, continuar, escusar, jurar, desejar, recear, prometer, propor, principiar, suceder*.

Carneiro (1957) cita os antigos escritores que empregam comumente os infinitivos precedidos da preposição *de*, quando este infinitivo se prende a um verbo de “predicação incompleta”: *começou de fazer, determinaram de esperar, desejam de comprar, jurou de vingar-se, receia de dar, ordenara de partir logo*. Ilustra algumas ocorrências da preposição *de* regendo infinitivo e acresce que: “tal regência está hoje arcaizada e diz-se: *começou a fazer – determinaram esperar – desejam comprar*”.

Para Dias (1970) o infinitivo pode significar a ação de modo inteiramente genérica, sem referência a nenhum sujeito determinado, contudo pode referir-se a uma pessoa ou coisa expressamente indicada. De acordo com esse Autor, um dos fatos mais notáveis relativos à sintaxe do infinitivo nas línguas românicas é a construção do infinitivo com preposições. Essa construção é tão familiar que, em português, bem com em outras línguas românicas, o infinitivo pode vir anteposto de preposições exercendo função de sujeito, fato que, segundo ele, não foi ainda satisfatoriamente explicado.

Também Said Ali (1964, p. 339) diz:

está ainda à espera de esclarecimento satisfatório o curioso fato, comum a outros idiomas modernos (ainda que em casos diversos do português), de antepor preposição a infinitivos dependentes de **certos verbos** (grifo nosso), sendo, entretanto, tal o sentido destes termos regentes que parece dispensável a partícula.

Para ele, o uso de *a-de* antes de infinitivo em diferentes épocas, complica ainda mais a análise.

Ao discutir o complemento de verbos intransitivos, Said Ali diz que não se deve ter por seguro o critério da ausência ou presença da preposição para decidir se o infinitivo funciona, ou não, como objeto direto. O complemento de tais verbos deve ser um infinitivo preposicionado que faz as vezes de um nome igualmente preposicionado, como “desiste de combater e desiste do combate”. Tratando-se, porém de verbo transitivo, dever-se-ia esperar que as estruturas fossem construídas sempre paralelamente a uma forma infinitiva,

substituindo um nome ou pronome *o*, sem partícula. No entanto, este princípio apresenta restrições. Veja-se o que ele afirma:

Assim é que, sendo regente um dos verbos **desejar, prometer, propor, jurar, determinar, esperar, procurar, pretender, merecer, resolver**, vemos como fato não raro, mais usual, em português antigo e quinhentista e, até seiscientista, a preposição **de** anteposta ao infinitivo-objeto, podendo esta linguagem alternar com a da eliminação da partícula **sem prejuízo de sentido** (grifo nosso). SAID ALI, *op. cit.*, p. 175.

Em seguida, o Autor apresenta um exemplário de estruturas contendo estas regências em períodos pretéritos da língua portuguesa, para comprovar de fato a existência do fenômeno em obras literárias.

Vale ressaltar que, de fato, parece tratar-se de um caso de variação. Tanto é que Said Ali reconhece a existência dessa alternância sem que a mesma traga algum tipo de prejuízo de significado. Mais à frente, à página 176, expressa:

reconhecendo-se a inutilidade da partícula nesse contexto, ela foi aos poucos desaparecendo, em alguns casos mais cedo, em outros mais tarde, até se fixar no português moderno apenas a forma infinitiva, sem o nexos preposicional.

Leal (1992) observou que com alguns verbos o complemento [de+infinitivo] ainda é freqüente no português moderno contemporâneo, cf.: **evitar de, pensar de, cismar de, dever de, inventar de, prometer de, proibir de**, dentre outros. Além disso, dentre os verbos listados por Said Ali, o verbo **prometer**, por exemplo, ocorre freqüentemente ligado ao complemento [de+infinitivo] na modalidade oral contemporânea: “Eu **prometi de trazer** as fotos hoje” .

Quanto aos verbos que se combinam com infinitivo, assegura Said Ali (1964, p. 339): “hodiernamente se deve dizer sem preposição *ousar fazer*”. Em português antigo e também quinhentista não eram nada claras as idéias sobre a regência desse e de outros verbos. Em construções como “obrigar a fazer” podia empregar tanto *de* como *a* antes do infinitivo. Segundo ele, não havia a mínima diferença de sentido, e era “perfeitamente lícito fazer uso de qualquer das formas segundo o capricho e o sabor do momento”⁴.

Ainda com relação ao infinitivo, o Autor observa:

⁴ *Ibidem*, p. 339

Quando se exprime por meio de um infinitivo regido da preposição *de* a causa determinante de um sentimento e se quer mostrar que a pessoa a quem este verbo se refere é ou deve ser vivamente afetada pelo sentimento, dá-se ao infinitivo a forma pessoal. O termo de que depende o infinitivo preposicionado pode ser verbo, adjetivo ou substantivo. *Ibidem*, p. 346.

Sobre o infinitivo preposicionado, assim se expressa Dias (1970, p. 226-229):

Emprega-se o infinitivo precedido da preposição *de* com os verbos *prezar-se*, *gabar-se*, e sinônimos; (...); Emprega-se qualitativamente o infinitivo precedido da preposição *de*: 1) servindo de exprimir, ligado a substantivos, a destinação: *casa de jantar*, *criado de servir*; 2) em sentido consecutivo, para exprimir o efeito que a natureza de uma pessoa ou coisa é capaz de produzir; 3) equivalendo a um adjetivo em -vel, como atributo: *ser menos de temer*. Aos adjetivos *fácil*, *difícil*, *bem*, *mau*, *duro*, *áspero*, *raro*, e outros de significação semelhante, e a *longo*, *gostoso*, liga-se o simples infinitivo precedido da preposição *de* em sentido limitativo e, aparentemente passivo.

No que tange à anteposição da preposição *de* ao infinitivo, Sousa da Silveira (1951, p. 77-78) pondera: “regia frequentemente na língua antiga o infinitivo sujeito ou objeto direto de certos verbos. **Entre o povo suponho que ainda se vislumbram vestígios desta sintaxe, e há escritores modernos que usam dela**”. (Grifos nossos). Acresce dentre outros os seguintes exemplos: “**Determina de dar a doce vida...**” (CAMÕES⁵, *apud* SOUSA DA SILVEIRA, 1951); “...mas todavia não tanto fora dela que deixasse de **jurar....de o matar** às punhaladas” (PINTO⁶ *apud* SOUSA DA SILVEIRA, 1951).

Góis (1959, p. 34-35) admite que, no português arcaico, em construções com o verbo *ser* era corrente vir o sujeito infinitivo preposicionado. No entanto, ao explicar o clássico exemplo de Garrett “desaire real seria de a deixar sem prêmio”, para ilustrar a ocorrência do sujeito infinitivo precedido de preposição como mencionado nas gramáticas, assegura ser este um caso de “extensão analógica da regência preposicional” do objeto direto infinitivo que era corrente, nessa fase da língua: “desejava e desejo de alcançar benefício”. Observa que o infinitivo sujeito constituído com o verbo *ser* costuma quase sempre pospor-se ao verbo, assumindo assim, antes o aspecto de complemento (predicativo) que o de sujeito. Góis assim analisa o exemplo de Garrett: “Deixá-la sem prêmio (sujeito), seria (verbo) desaire real (predicativo)”.

⁵ CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas, canto III*, 1982, p. 202.

⁶ PINTO, Fernão Mendes. *Peregrinação*, II, 1971, p. 23.

Argumenta Góis que igual aposição preposicional ocorre já não com o verbo de significação abstrata *ser* - mas com os verbos “unipessoais” seguidos de sujeito no infinito: “Hoje são nossos amigos, amanhã lhes pesa de o serem, e, outro dia lhes pesa de lhes ter pesado” – Heitor Pinto⁷ *apud* Góis, 1959. A estreita similitude dos verbos “unipessoais” aos “impessoais” induz aqueles serem confundidos com estes. Segundo ele, lamentável confusão em que poucas gramáticas têm incorrido. *Ibidem*, p. 36.

Góis, *op. cit.*, critica, ainda, a posição de Epiphânio Dias e João Ribeiro afirmando que esses autores, embora sejam renomados, parece admitirem como pessoa gramatical o “pronome” e o “substantivo”, esquecendo-se de que o infinito, assevera Góis, “é um substantivo verbal, e de que orações substantivadas há equivalentes do substantivo, e de que o pronome, quando indefinito, (sic) é ainda, mais *vago* e *impreciso* em sua enunciação pessoal que o infinito e a oração”. Góis, *ibidem*, p. 31.

À página 69, assegura que nos “velhos autores e (em alguns do século passado) os predicados compostos formados de verbos regidos dos finitos *ordenar, determinar, desejar, procurar, prometer, esperar, jurar, costumar, começar, resolver, continuar*, etc. – interpunham ao infinito a preposição *de*”. Em seguida, apresenta várias estruturas, nas quais ocorrem a regência [de+infinitivo] com os verbos acima expostos, extraídos de autores como Castanheda, Vieira, Garrett, Castilho, dentre outros. Pondera também acerca da regência [Ø+infinitivo] denominada por ele “dupla regência (ou dupla sintaxe)”, devido à elipse da preposição: *ordenar fazer, determinar mandar*, etc. Góis admite, no entanto, que a antiga sintaxe, ou seja, a regência [de infinitivo] subsiste ainda com os verbos *começar* e *continuar*. Como outros autores consultados, diz que o verbo *começar*, no português arcaico, admitia, além das duas regências mencionadas, a regência *começar+infinitivo*, hoje inteiramente proscrita, na opinião do gramático. Ressalta que a forma/variante *começar de + infinitivo* era a mais usada na idade média. A forma *começar a* foi introduzida no século XVI e é a “variante”⁸ vigente (na data de sua obra).

Vasconcellos (1959) classifica a forma “a ssaber” da construção “convém a ssaber” como sujeito infinitivo regido de preposição. Este mesmo Autor, mais adiante à pág. 145, classifica “de tomar” na construção: “...e contou-lhes como havia em coração de tomar Santarém...”

⁷ PINTO, Heitor. *Vida Cristã*, II, III, 13.

⁸ O autor não usa o rótulo “variante”. Este foi utilizado por nós, conforme orientação variacionista.

como infinitivo regido pela preposição *de* como complemento direto. Observa-se que o infinitivo regido de preposição, segundo Vasconcellos, pode exercer as funções tanto de sujeito, quanto de objeto direto. No primeiro caso, o sujeito aparece precedido de *a*. Já no segundo, o objeto direto é precedido do *de*.

No tocante ao emprego do infinitivo ligado a alguns verbos, Dias (1970) apresenta uma série de usos, que pode ser entendida como uma explicação semântica. Para maior clareza da análise a que se vai proceder, vale a pena reproduzir, aqui, na íntegra, as reflexões do Autor, ainda que extensas, sobre o objeto de estudo em pauta, pelo caráter extremamente importante que expressa:

Constroem-se com infinitivo: 1) sem preposição: *parecer, poder, querer, costumar, soer, saber, ousar, ser ousado, tencionar, propor-se, ser servido, servir-se, punhar*. 2) sem preposição ou com *de*: *dever, dignar-se, desejar*; 3) com *de*: *acertar, acabar, cessar*, e sinônimos: *deixar, deixar-se, lembrar-se esquecer-se*, e sinônimos; (...). No português arcaico médio dizia-se também: 1) sem preposição: *começar, atrever-se* (também, mas raras vezes, no português moderno); 2) com *de*: *entrar, começar* (ambos estes também no português moderno); *ousar, punhar, atrever-se* (*ibidem*, p. 218-221).

Ainda com relação ao tema, nas considerações de Dias, em português, tem-se o seguinte:

Na qualidade de complemento direto, liga-se o infinitivo: 1) em geral, aos verbos sensitivos e declarativos; 2) aos verbos que exprimem sentimentos e manifestações de sentimentos (grifos nossos), aprovação e desaprovação: *admirar*, (...) *teme-ser, recear-se*, etc.; 3) aos verbos de obter; *evitar, determinar* (...); 4) aos verbos *desejar, merecer*, referindo-se as duas ações do mesmo sujeito; 5) aos verbos *conceder, consentir, tolerar, proibir*, e sinônimos; 6) ao verbo *aconselhar*, e aos de significação semelhante; (...) ;9) aos verbos *agradecer, perdoar*; 10) a *ajuntar* e sinônimos. (*Ibidem*, p. 222-224).

Do exposto, pode-se perceber que Dias, além de registrar o emprego do infinitivo como sujeito, identifica também os verbos a que o infinitivo se liga “na qualidade de complemento direto” como “sensitivos e declarativos”. São eles: *declarar, julgar, prometer, jurar, admirar, estranhar, sentir, lastimar, levar a mal, temer, recear*, etc.; *evitar, determinar, preferir, desejar, aborrecer, merecer*, etc.

Interessante observar que, após esta lista de verbos que ocorrem junto ao infinitivo, Dias coloca uma observação dizendo: “depois da maior parte destes verbos, pode antepor-se ao infinitivo a preposição *de*, mas tal prática é pouco usual no português moderno”. Vemos aqui

que o Autor reconhece/admite a variação ausência/presença da preposição *de* antes do infinitivo com grande parte dos verbos por ele abordados.

Como se viu, tanto Góis (1959) quanto Dias (1970), apresentam o sujeito infinitivo aposto da preposição *de*, nas orações constituídas com o verbo *ser*. Para o primeiro, é uma “extensão analógica da regência preposicional do objeto direto infinitivo”. Para o segundo, constitui um sujeito preposicionado.

Nascentes (1967, p. 13) se ocupa, embora, segundo ele, ligeiramente, com a regência arcaica e com a regência clássica, apesar de ficarem ambas fora do quadro da “regência viva”. Para ilustrar, fornece-nos os seguintes casos: *acertar de; atrever-se de; começar de; crer; cuidar a; desejar a; desejar de; determinar de; dever a; haver; incorrer; jogar; jurar de; louvar de; ousar a; ousar de; soer a e vestir em*.

De todos os autores anteriores à NGB, Barreto (1914) é o que melhor descreve a ocorrência do complemento [de+infinitivo] e [∅+infinitivo] junto a determinados verbos. O Autor dedica dois capítulos ao estudo do infinitivo precedido de preposição em português. São eles: ***De, antes dos infinitivos em acusativo*** (capítulo XVI), ***Infinitivo regido de preposição a servir de sujeito – A expressão clássica acabar com alguém alguma coisa***. (capítulo XVII). A seguir, dedica-se à explicação do infinitivo precedido de preposição. Vamos explorar mais profundamente as suas proposições, nas próximas seções.

Barreto (1914, p. 195) diz o seguinte:

É comuníssima em nossos clássicos a construção em que aparecem os infinitivos precedidos da preposição DE depois de **certos verbos transitivos** (grifo nosso), que, em geral a dispensam hoje (*resolver, determinar, procurar, prometer, jurar, concertar*, etc.): prometi de lá ir visitá-las; os curiosos desejarão de saber; jurou de vingar a morte de seu sobrinho; determinaram de esperar; receavam de partir; esperavam de fazer, etc.

De acordo com o referido Autor, “estes infinitivos fazem de evidentes acusativos”, por isso, empregamos atualmente as formas: “desejava vê-lo; determinou vingar-se; juraste proteger-nos” e assim por diante. A interpretação como acusativo faz desaparecer a preposição.

Para descrever a ocorrência desse fenômeno, Barreto (*ibidem*, p. 195) recorre a vários escritores antigos afirmando que “os escritores antigos punham em acusativo os nomes dos objetos de tais verbos; mas quando ocorria um infinito, dava-se a **anomalia e inconstância** (grifos nossos) de fazerem-no preceder da partícula DE” e esta inconstante anomalia, pondera ele, “não desapareceu com os escritores do século XVI e XVII”; mesmo com a evolução da língua portuguesa. Acresce que esse incessante movimento evolutivo não escapa à sintaxe; observa-se, ainda, “nos melhores autores modernos⁹ esta superevidência de quinhentismo e seiscentismo”.

Nota-se que o Autor, ao tratar dos “escritores antigos”, considera, de fato, os autores clássicos, tanto é que ele inicia a discussão dizendo: “é comuníssima em nossos clássicos...”. No entanto, deve-se atentar para o fato de que as estruturas utilizadas pelo Autor para ilustrar o fenômeno da preposição *de* antes de uma forma infinitiva em seu trabalho remete-se a várias sincronias do português, não se tratando, portanto, de um uso específico dos clássicos.

No parágrafo seguinte, o Autor faz uma severa crítica ao professor de gramática Cândido Lago que, ao responder **O que é correto** nas colunas do periódico fluminense *Correio da Manhã*, diz em resposta a um de seus consultantes que o correto seria dizer: “ ele **prometia dar-me; ainda ousas falar**, (grifos nossos) ele ordenou-lhe que edificasse um mosteiro”. Já as frases **prometeu de me dar; ousas de falar**, (grifos nossos) etc. seriam incorretas”. (*Correio da Manhã, apud BARRETO, 1914, p. 196*)¹⁰.

Segundo Barreto, o professor de gramática (é claro que aqui ele está se referindo ao professor Cândido Lago) precisa “refrescar a memória de desbotadas leituras clássicas”, pois “as frases taxadas de incorretas são de largo uso nos autores dos séculos XVI e XVII e encontram-se ainda, em escritores modernos”. Acresce: “o Dr. Lago, como não soube explicar a irregularidade, preferiu a cansada de rastrear-lhe a causa chamar-lhe comodamente erro”.

Para Barreto, a ocorrência da variação em pauta origina-se das seguintes construções:

Determinou de escutar a música, jurou de cumprir, ordenou de vender, prometeram-lhe de nunca o desamparar são expressões equivalentes a tomou determinação de..., fez juramento de..., deu ordem de..., fizeram promessa de..., isto é, a ação dos verbos pode expressar-se por um substantivo de sua raiz precedido dos

⁹Para Barreto, a ocorrência do fenômeno nas obras de autores modernos é uma imitação dos clássicos.

¹⁰ *Correio da Manhã*, n. 27, maio de 1912.

verbos *fazer, ter, tomar* e outros, e como esta maneira de dizer demanda naturalmente por complemento uma forma infinitiva com *de*, a **Analogia** motivou o emprego do mesmo complemento” com os verbos determinar, jurar, prometer, ordenar, etc. (BARRETO, 1914 p. 196-197)

O que se observa nesta citação é a extensão, de acordo com o Autor, do uso preposicionado dos substantivos para os verbos. Esta é a razão que determinou na perspectiva de Barreto, o “emprego dos *des* supérfluos” presentes em obras de vários autores clássicos e contemporâneos. São apresentadas várias ocorrências das referidas construções em Camões, Fernão Mendes, Fr. Heitor Pinto, Fr. Luis de Sousa, Almeida Garrett, Castilho, dentre outros.

Ainda segundo Barreto, o emprego da preposição *de* antes de infinitivo como complemento direto subsiste em francês:

recomandez à vos enfants de fuir le vice, d'aimer la vertu (recomendei a vossos filhos¹¹ fugir do vício, amar a virtude); craignez-vous de marcher? (receias caminhar?); j'évite d'être long et je deviens obscur (evito ser prolixo e faço-me obscuro); si ses infirmités lui eussent permis de venir,...(se as suas enfermidades lhe tivessem permitido vir); il désire de connaître ses parents (deseja conhecer seus pais); il espère de pouvoir réussir (espera poder consegui-lo); je promets de t'écrire (prometo escrever-te) (BARRETO, 1914, p. 199-200).

A maior parte destes verbos se traduz em português, conforme Barreto, sem preposição alguma, como foi apresentado aqui.

Em francês, o fenômeno ainda ocorre ligado a vários verbos. Certamente, devido a isso, alguns estudiosos afirmem tratar-se de um “galicismo”, isto é, imitação da sintaxe francesa. A propósito, Costa (1928, p. 259) afirma não ser considerado “galicismo antepôr a preposição -de- ao infinito de qualquer verbo”. Mais a frente, p. 260, reforça sua posição dizendo:

Não é também galicismo o emprego da preposição -de- depois de *ordenar, pedir, rogar, entrar, dever, jurar, folgar, costumar, desejar, prometer, pretender* e outros, como *comprazer-se, tentar, recusar-se, esperar, merecer, punir*”, etc., quando ligado a estes verbos em vários tempos e modos aparece um complemento infinitivo: *ordenou de virem, entrou de chorar, desejou de embarcar, devia de sair, recusou-se de caminhar*. (Costa, 1928, p. 260).

Seguindo nessa mesma perspectiva de argumentação, assevera: “Esta syntaxe era de uso clássico e, embora **hoje não seja muito de emprego freqüente, nem por isso deixa de ser**

¹¹ Na tradução, omitiu-se a preposição *de* antes do infinitivo.

vernácula e autorizada, (grifos nossos) mesmo porque prosadores modernos de bom quilate não a desautorizam”. (*Ibidem*, p. 261)

Costa, *op. cit.*, assegura que os complementos diretos que figuram em estruturas que apresentam o [de+infinitivo] após verbos transitivos podem ser caracterizados como “complementos diretos e/ou objetos diretos infinitivos”. Deve-se destacar que o Autor defende o mesmo ponto de vista de Barreto quanto à origem do infinitivo preposicionado em português, qual seja, via analogia com os nomes.

A propósito, retornamos a Barreto para demonstrar que ele admite a preposição *de* regendo o sujeito, quando construções formadas com o verbo *ser* tem como sujeito um verbo no infinitivo. Veja-se o seguinte exemplo: “que já desaire real seria *de* a deixar sem prêmio”¹² (Camões, *apud* Barreto, *ibidem*, p. 203). Também em Alexandre Herculano e outros clássicos ocorre a referida construção: “Sabes tu, Gonçalo Nunes, que o dever de um alcaide é *de* nunca entregar, por nenhum caso, o seu castelo a inimigos,...”¹³ (Alexandre Herculano, *apud* Barreto, *ibidem*, p. 203-204).

O que ocasionou na linguagem dos clássicos semelhante uso da partícula *de*, na visão de Barreto, vale frisar, foi a **analogia** com construções normais e mais numerosas¹⁴ em que o infinitivo precedido da preposição *de* é o complemento de um nome (complemento atributivo): *o desejo de vencer, a arte de escrever, o gosto de ensinar, a esperança de voltar*, etc.

Barreto ilustra, também, em nota de pé de página o emprego do infinitivo sem preposição, para dizer que nestes casos o infinitivo é sujeito. Acresce que:

sendo o infinitivo a forma substantiva do verbo, desempenha os mesmos ofícios que o substantivo, como *sujeito*, ou *complemento*, ou como *predicativo*: é vergonhoso *mentir* (sujeito). Deseja *estudar* (complemento direto). Viver é *sofrer* (predicativo)”. O infinitivo é o substantivo verbal. (*ibidem*, p. 204-205).

Percebe-se que Barreto (1914), Góis (1959), Dias (1970) reconhecem a existência do sujeito *de infinitivo* precedido do verbo *ser* na literatura. Entretanto, Barreto e Góis não o admitem

¹² CAMÕES, Luís. *Os Lusíadas*, canto sexto, Porto: ed. de Lisboa, 1858, p. 122.

¹³ HERCULANO, Alexandre. *Lendas e Narrativas*, tom. I, p. 210.

¹⁴ Embora não esteja explícita a noção de frequência de ocorrência do item, o autor reconhece que as construções mais numerosas atuam nas análises lingüísticas.

como tal, analisando-o através de um processo analógico. Já Dias parece concordar com essa abordagem de análise, pois não a discute, nem tampouco apresenta outra proposta.

Para reforçar a idéia da ‘analogia’, Barreto, *op. cit.*, p. 220 recorre ao processo da “contaminação sintática” com o objetivo de explicar o infinitivo precedido da preposição *de*. Essa “contaminação sintática que constitui um dos aspectos da analogia é o bastante, segundo o Autor, para explicar todas as evoluções”. Como foi demonstrado, em frases como “prometeu de voltar hoje, determinou de seguir”, a preposição *de* se inseriu entre os infinitivos e os verbos regentes por influência das locuções vizinhas “fez promessa de voltar, fez determinação de seguir”. Veja-se como o fenômeno é explicado por ele: “Duas construções equivalentes se nos apresentam ao espírito; em vez de elegermos uma delas, empregamos uma expressão que as resume e as confunde”¹⁵. Denomina-se “contaminação ou cruzamento sintático” a fusão ou síntese de diferentes construções. Em seguida, o Autor apresenta vários casos de contaminações sintáticas correntes no português. O excerto que se segue parece explicitar melhor o tema. Veja-se:

Os escritores (...) uniram o infinitivo-regime por meio de *de* ao verbo de que ele depende, em vez de empregarem o infinitivo-regime puro, (...) obedeceram a uma analogia claríssima que muda *desejei ir, prometeu vir, determinou ir servi-los, jurou entrar no convento*, em *desejei de ir, prometeu de vir, determinou de ir servi-los, jurou de entrar*, sob a influência evidente das formas de expressão *tive o desejo de...fez a promessa de...tomou determinaçãode...fez juramento de...*, nas quais construções há um complemento terminativo formado por *de* e um infinito. A causa do fenômeno é simples. *Propor é ter propósito*, e como essa maneira de dizer leva *de (ter propósito de)*, também o leva a outra: *proponho de nunca mais pecar, propôs de buscá-lo*. Assim como: *Fez-lhe promessa de volver em breve* corresponde a *prometeu-lhe de volver em breve*, etc. (BARRETO, *ibidem* p. 218).

Diante desse elenco de registros da variação do complemento [de+infinitivo] e [Ø+infinitivo], pode-se depreender que essa variação foi reconhecida por muitos estudiosos da língua portuguesa que se curvaram diante do seu uso em textos escritos pelos “bons autores”, sobretudo os clássicos. Confrontem-se principalmente as posições de Barreto (1914); Pereira, (1923); Góis, (1959); Said Ali, (1964); Dias, (1970).

Em síntese, dentre os registros levantados na resenha acima, que atestam o uso do infinitivo precedido de preposição em português, pode-se citar inicialmente:

¹⁵ *Ibidem*, p.220.

1) O infinitivo pode exercer a função de sujeito (este precedido do verbo **ser**), 2) pode ser um complemento objetivo preposicionado, 3) pode vir ligado a adjetivos com valor “limitativo” e/ou substantivo e adjetivo com valor passivo.

Para explicar o fenômeno, a hipótese mais recorrente é a do “cruzamento sintático”. Admitem o infinitivo preposicionado como uma extensão analógica da complementação nominal os seguintes estudiosos: Barreto (1914), Costa (1928), Góis (1959). Argumentam estes autores que o fenômeno em português deve ser explicado através da analogia. Assim afirma Barreto, *op. cit.*, p. 204: “a analogia das construções normais e mais numerosas em que o infinitivo precedido da preposição *de* é o complemento de um nome” como *desejo de vencer, a arte de escrever*, proporcionou o uso da partícula *de* antes do sujeito infinitivo, com o verbo **ser**.

Em português, os infinitos ativos costumam ser usados com significação passiva, conforme em: “Essas provas são difíceis **de corrigir**” = (serem corrigidas). Nesse sentido, não há dúvidas de que há um consenso entre os estudiosos com relação a esse tipo de ocorrência do fenômeno, em todos os períodos da língua. Dito em outros termos, a maioria dos autores consultados reconhece a variante [de+infinitivo] ligada a adjetivos precedidos do verbo **ser**. Assim sendo, a estrutura em exame compõe-se da forma “**de corrigir**” (infinito ativo) ligada ao adjetivo “difíceis” que, por sua vez, aparece precedido da forma verbal “são”. Logo, a construção “essas provas são difíceis de corrigir”, equivaleria a: “essas provas são difíceis de serem corrigidas”.

2.1.2 Sobre a regência

A regência e a complementação verbais são temas da sintaxe portuguesa que têm sido objeto de investigação por parte de gramáticos de orientação sincrônica e diacrônica. Entretanto, tais estudos, salvo raras exceções, carecem tanto de descrições adequadas da ocorrência desses fenômenos na modalidade oral contemporânea, como de análises detalhadas dos processos evolutivos que evidenciem melhor os mecanismos gramaticais que englobam os mesmos. A preocupação principal de alguns desses estudos tem sido simplesmente taxionômica, tomando como parâmetro apenas os estudos clássicos, sem considerar a variabilidade dos complementos com determinadas classes verbais no português atual. Esse é um aspecto gramatical que merece ser sistematizado e pesquisado. Vamos resenhar a seguir alguns casos específicos de regência relacionados à variação [de+infinitivo] e [∅+infinitivo] no português.

Segundo Said Ali (1964) com o verbo *começar* usado como transitivo, prevaleceu a prática das construções *começo o trabalho e começo a (ou de) trabalhar*, **sem haver alteração semântica no verbo comum às duas frases** (grifo nosso). Said Ali reconhece a regência “*começar a e começar de + infinitivo*”, no português arcaico como forma corrente, e acrescenta-se, um caso de variação. Esse fato comprova, mais uma vez, que vários filólogos, tanto autores de gramáticas históricas quanto de gramáticas tradicionais, especialmente aquelas que precederam a NGB, reconheciam o fenômeno da variação de que nos ocupamos neste trabalho.

Torres (1954, p. 118) classifica o verbo **começar** como transitivo indireto. Afirma: “Há verbos transitivos indiretos, cujo complemento se deixa reger, indiferentemente, por duas ou mais preposições: *começou fazer* ou *começou de fazer*”. Observa-se aqui única e exclusivamente o critério da presença da preposição para admitir a regência transitiva indireta.

Também Costa (1928, p. 257-262) na seção intitulada “gallicismos syntaticos”, assim se refere ao verbo **começar**: “Em bom português dizemos: *começar por*, *começar de* e *começar a*. As três construções são corretas e podem ser empregadas depois do verbo *começar*”. À página 258 registra várias ocorrências do referido verbo regido do complemento de + infinitivo.

Cândido Figueiredo (1944, p.7) faz referência à dificuldade de se distinguir os complementos que são pedidos por certos verbos. Quanto a **começar**, assegura: “*começar de correr* ou *começar a correr*?”. Segundo ele, as duas formas são lícitas e ambas têm sido usadas, embora a segunda seja hoje¹⁶ a mais corrente, antes, parece que era a primeira.

Também Sringari (1936) aceita a dupla regência para o verbo **começar** antes de infinitivo, qual seja **começar a** e **começar de**.

Como demonstrado, todos os autores supracitados admitem a variação de complementação infinitiva para o verbo **começar**. Este verbo apresentava três regências antes de formas infinitivas: *começar a*, *começar por* e *começar de*.

¹⁶ “Hoje”, na data da obra.

No que se refere ao verbo **dever**, Said Ali, *op. cit.*, afirma que a este verbo se juntava infinitivo, ou diretamente ou por intermédio de preposição, que podia ser *de* ou *a*. A terceira maneira de dizer: “dever a + infinitivo” caiu em completo desuso, porém a hesitação entre *deve ser* e *deve de ser*, segundo ele, perdura até a “época presente” (à época de Said Ali, década de 60).

Barreto (1955) ilustra ainda o uso do verbo **acertar** seguido do complemento **de + infinitivo**: “E viam os que de noite *acertavam de passar* por perto do sítio, tôda aquela mata estrelada e resplandecida por dentro com umas luzes, que espantando os olhos os consolavam.” (Castilho *apud* BARRETO, *ibidem*, p. 23)¹⁷. Barreto apresenta um farto exemplário de construções com o verbo *acertar* seguido de [**de + infinitivo**] existente em vários autores clássicos. Para o verbo **ordenar**, assevera: “puristas exagerados tacham de galicismo a construção **deste verbo** (grifo nosso) com a preposição *de*”.(Cf. BARRETO, *ibidem*, p. 23)

A respeito de outros verbos como o verbo **proibir**, Torres, *op. cit.*, afirma que tal verbo ocorre com objeto direto e a preposição *de*: “o avô proibiu-a de aceitar as arrecadas” (Camilo, *apud* Torres, *ibidem*, p. 231)¹⁸. O verbo **proibir** possui outras regências, no entanto, elencamos apenas a regência **de + infinitivo**, por ser esse um dos regimes de nosso interesse.

Carneiro Ribeiro (1950) apresenta a regência de alguns verbos seguidos de complementos [**de+infinitivo**], dentre eles, *acertar*, *entrar*, *começar*, *atrever-se*, *gabar-se*, *ousar*, segundo ele, raro no português moderno. Como outros estudiosos, Carneiro Ribeiro aceita o fato de alguns verbos permitirem mais de uma regência sem alteração sensível do sentido.

2.1.3 Sobre a preposição *de*

A presença/ausência da preposição *de* é um dos fatores que atuam na análise da variação do complemento [**de+infinitivo**] e [\emptyset +infinitivo]. Esse nexos preposicional tem gerado discussões acirradas entre gramáticos, lingüistas e filólogos quanto ao seu aspecto semântico. Cumpre observar, no entanto, que há pontos consensuais entre eles no que diz respeito ao seu conceito: “elemento relacional” e à sua classificação: “essencial”, bem como com relação à abundância

¹⁷ CASTILHO, A. F. *Quadros Históricos de Portugal*, vol. II.

¹⁸ CAMILO, *A Filha do Regicida*, p. 231.

de relações por ela expressas, favorecendo a polissemia, especialmente com as preposições mais freqüentes, como é o caso também da preposição *a*. Vejamos o que nos dizem alguns dos autores consultados.

Monteiro (1959, p. 57) ao falar sobre os casos em latim e em português, afirma que “no latim vulgar **deviam de ser** (grifo nosso) freqüentes as construções irregulares, que costumam originar-se da fusão de construções regulares: os casos de *cruzamento sintático*, de que há farta cópia nas línguas modernas”. Observem-se:

E convém o exemplo, em que a preposição se acha unida ao infinitivo, para mostrar como as preposições, alargando a pouco e pouco a sua esfera no plano da sintaxe, acabaram por ser requeridas até onde mais lhes era vedado aparecer no latim clássico. Em português e noutras línguas românicas chegaram ao ponto de antepor-se ao infinitivo na função de sujeito. (Monteiro, 1959:57).

Observe-se que Monteiro usa a construção [*dever de+infinitivo*] na redação do próprio texto. Como a primeira edição de seu livro é de 1931, a segunda e a terceira, de 1943 e 1952, respectivamente, e foram elaboradas sem alteração, provavelmente o texto tenha sido redigido na década de 30. Presume-se que, nesse período, era usual o emprego do referido regime na língua escrita.

Também Dias (1970, p. 218) faz alusão à possibilidade de inserção da preposição antes de formas infinitivas: em português as preposições constroem-se não só com o simples infinitivo, senão até com orações infinitivas. “O uso de preposições com o infinitivo tornou-se tão familiar, que, em português, e em outras línguas românicas, as preposições chegam a antepor-se a infinitivos que exercitam as funções de sujeito”. (*Ibidem*, p.217-218).

Carneiro (1957), como grande parte dos autores examinados, trata da preposição na seção da regência verbal. Admite a Autora ser a regência muito variável e o uso das preposições, segundo ela, constitui uma dificuldade da língua portuguesa. Posição semelhante tem Sousa da Silveira, que também considera a regência preposicional uma das principais dificuldades de domínio do idioma português.

Segundo Carneiro, *op. cit.*, a preposição *de* pode exprimir uma relação qualquer, dando-se o caso de vir oculto o primeiro termo dessa relação e permitindo-se a formação de expressões

elípticas: “fugi de medo” = “fugi por causa do medo”. Rege, por excelência, o complemento terminativo: gostar de alguém, de alguma coisa, etc. Afirma que a preposição *de* ocorre junto ao objeto acidentalmente preposicionado em construções do tipo: “puxar da espada, tomar da pena”, etc.

De acordo com Carreiro (1918), *preposição* é uma palavra invariável que liga duas outras, estabelecendo relação de dependência da segunda para a primeira. A preposição pode ligar substantivo e substantivo; adjetivo e substantivo; verbo e substantivo. O Autor denomina **preposições genuínas** as preposições que não são tomadas a outras categorias gramaticais. São elas: *a, ante, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre*. Admite o Autor que a preposição *de* tem, às vezes, um sentido *partitivo* e “o verbo no infinitivo, quando auxiliado por outro verbo ou deste dependente, pode vir ligado pela simples *justaposição* ou por *preposição*” (*ibidem*. p. 278)

No capítulo referente à regência, Pereira (1923, p. 315) discorre a respeito da inserção da preposição *de* na substituição do genitivo. Segundo ele, uma das alterações mais curiosas no processo regencial latino é o emprego da preposição *de* para substituir o genitivo. Essa idéia expressa através da preposição *de*, a qual, segundo o Autor, “era estranho em seu uso clássico”, desenvolveu-se no latim medieval. O movimento psicológico auxiliou a evolução da frase. Uma das idéias canônicas do *de* era procedência, origem, relacionada à idéia de posse, uma vez que a coisa possuída se prende ao possuidor como a sua origem ou procedência.

A preposição *de* procedente do latim *de* substitui em português dois casos latinos – o genitivo, e, freqüentemente, o ablativo, tendo adquirido, segundo Pereira, “novas e variadíssimas relações”. Nesse sentido, nota-se que, desde a sua formação, o *de* é uma preposição polissêmica.

Também Carneiro Ribeiro (1950, p. 673) faz a seguinte assertiva sobre o uso da preposição *de* antes do infinitivo:

Os nossos clássicos, sem necessidade gramatical ou lógica, nem exigência da harmonia do discurso, faziam mui freqüentemente uso da preposição *de* depois de **certos verbos** (grifo nosso) ou locuções verbais, seguidas de infinitivo, em casos em que essa é hoje de ordinário supressa ou substituída pela preposição *a*; outras vezes empregavam esta última preposição em casos em que geralmente a suprime o uso atual, ou a eliminavam, quando este a exprime.

Para ilustrar sua afirmação, o Autor apresenta uma série de exemplos colhidos de escritores antigos e de alguns escritores modernos que, segundo ele, imitaram a sintaxe. Dentre os verbos citados estão: **determinar, ousar, ordenar, desejar, tentar, prometer, esperar, costumar, começar, resolver, temer, jurar, decretar, usar, merecer, continuar, trabalhar, ameaçar, principiar, suceder, pegar**, todos já relacionados por nós.

Barreto (1914, p. 213), ao considerar os vários casos da forma infinitiva ligada à preposição *de*, assegura: “Nos séculos XVI e XVII tão amiúde se usava essa partícula, que podemos quase que tomá-la como mero **sinal do infinitivo** (grifo nosso), à semelhança da preposição inglesa *to*”.

Sobre o *de*, Góis (1940, p. 51-53) faz as seguintes ponderações: constitui transplantação exótica da língua francesa, não conforme o gênio do português, o emprego do *De*: a) em lugar de **com** ou **em**: falar de um tom ameaçador (Cf. *Parler d’un ton ménaçant*); b) entre os verbos *pedir, rogar, ordenar* e o “infinitivo objetivo direto” subsequente: *pediu-me de sair* (por *pediu-me que saísse*), *roguei-lhe de emprestar-me*, (em vez de *roguei-lhe me emprestasse*), *ordenou-me de retirar-me* (por *ordenou-me me retirasse*).

Segundo Góis, autores como Roquette, S. Túlio e outros consideram “galicismo” intolerável o emprego da preposição *de* antes dos infinitivos – quando o verbo, nome ou adjetivo que governa o infinitivo não pede este regime. No entanto, assevera Góis:

é certo que no antigo português (séculos 16 e 17) e nos maiores autores, se registam sem conta os casos do *objeto direto infinitivo preposicional*, isto é, junto a verbos, que não pedem aquele regime: *desejava e desejo de alcançar* (grifos nossos) o benefício – F. M. de Mello (*Panorama*, pág. 294, 1840), no pecado da gula não *deveis de ser* (grifos nossos) culpada – G. de Rezende, *Excertos*. (GÓIS, *ibidem*, p.52)

Góis menciona outras estruturas com infinitivo preposicional ligadas pelos verbos *desejar, propor, determinar*. Para ele, o complemento preposicionado selecionado por estes verbos pode ser denominado “objeto direto infinitivo preposicional”.

Costa (1928) afirma que pelo fato de a preposição *de* indicar variadas relações entre nomes, adjetivos e verbos, e como isto também ocorre em francês, não raro se nos afigura

“galicismo”, o que, de fato, não o é. Este Autor não aceita o uso da preposição sob análise precedendo infinitivo como galicismo.

Fonseca (1959, p. 79), na seção intitulada *Preposições* apresenta divergências entre a língua antiga e a atual no emprego que faz de certas preposições junto a determinados verbos. Dentre os casos por ele ilustrados destacamos: “empregava-se com *de* ou sem preposição o verbo *começar*”. Também outros verbos que hoje vêm acompanhados de infinitivos sem preposição, como *ousar*, *outorgar*, podiam, na língua antiga, constituir-se com ela. À página 81, acresce: “Quando sujeito lógico de uma oração ou complemento de um verbo, o infinitivo, como em francês, é geralmente precedido da preposição *de*; ex.: “houvérom por grão maravilha *de* lhe tanto *durar* a força; meu dano *seria de viver* mais um dia; etc”.

Como se verá a seguir, uma das questões aventadas por parte dos autores que se dedicaram ao estudo das preposições relaciona-se à sua origem e à sua significação. Segundo a origem, as preposições portuguesas não são vazias de sentido. Veja-se o que nos diz Brandão (1963) sobre esse aspecto, numa perspectiva histórica das línguas românicas.

O Autor informa-nos que os itens preposicionais portugueses se originam do latim, de partículas adverbiais como adjetivos e participios adverbializados. Elas denotavam, com maior precisão, algumas circunstâncias e matizes do enunciado verbal. Com o passar do tempo, tais partículas tenderam a “agrupar-se com um verbo, ou com nome-complemento, em alguns casos, tornando-se inseparáveis deles”. Inicialmente, possuíam uma colocação livre, fixaram-se antes do verbo e antes do complemento, constituindo assim “os prévêrbios”. No segundo caso, “transformaram-se em preposições propriamente ditas”, as quais enfraqueceram o valor adverbial de origem, vindo a adquirir função meramente conectiva, passando aos chamados “conectivos intervocabulares”. (Cf. BRANDÃO, 1963, p. 540-541).

Para Brandão, *op. cit.*, o uso cada vez mais amplo das preposições acarretou a crescente desorganização do sistema indo-europeu de modo que, nas línguas românicas, elas suplantaram as flexões casuais, figurando em quase todos os complementos. Para o Autor, tanto no português, quanto no espanhol, esse fenômeno chegou a um tal extremo que até o objeto direto pode vir preposicionado, em determinados casos. Esses fatos históricos, segundo ele, são importantes porque:

Isso mostra que útil instrumento de linguagem se tornou ela, apta para exprimir numerosas e delicadas, cambiantes de pensamento, com maior amplitude e exatidão que as flexões casuais das línguas sintéticas. A facilidade com que se vincula ela a outros termos e a derivação transmutativa, que opera a passagem de uma categoria gramatical para outra, permitiram a passagem de profusos conectivos intervocabulares. (*ibidem*, p. 541-542).

Brandão destaca, também, a função importante que as preposições desempenham no discurso, fato que justifica um estudo “acurado” sobre este item.

Posição semelhante e com o mesmo tipo de abordagem é apresentada por Monteiro (1959) ao destacar o valor semântico das preposições, através da relação destes significados com o surgimento do sistema preposicional no idioma. Segundo sua análise, a preposição era prefixa e consistia em modificar o verbo. Acrescenta, ainda, o excessivo uso preposicional surgido nas línguas neolatinas, como já ilustramos nas seções anteriores.

Dias (1970, p.123-142) faz um exaustivo estudo acerca do uso da preposição *de*, no português. Embora consideremos relevante sua análise, não a apresentaremos aqui, para não sermos muito repetitivos. Quase todas as relações estabelecidas por esse nexos preposicional já foram mencionadas.

A preposição *de*, nosso fulcro de estudo nesta seção, faz parte da relação das chamadas preposições ‘simples’ representadas por um único vocábulo. Estabelece relações várias na língua e se liga à forma infinitiva que complementa verbos de uso transitivo no português.

Vimos que as obras rotuladas de “gramáticas históricas” e aquelas anteriores à NGB são as que melhor descrevem a preposição *de*, em português, uma vez que estes textos revelam uma preocupação descritivista por parte de seus autores. Além disso, as explicações e anotações são de fato minuciosas, com base em dados “reais” ainda que extraídos única e exclusivamente de textos literários. Já as gramáticas contemporâneas, por suas características prescritivistas apenas esboçam as normas acerca do que se deve ou não usar.

Em síntese, os autores resenhados nesta subseção aceitam o uso da preposição *de* antes de infinitivo atribuindo a ela as seguintes análises:

1) “galicismo”, ou seja, a presença da preposição antes de formas infinitivas é entendida como um empréstimo do francês, não como uma forma vernácula; 2) “sinal de infinitivo”, e por fim, a presença da preposição *de* precedendo o infinitivo junto a verbos transitivos para caracterizar o chamado “objeto direto infinitivo preposicional”.

Na seção 2.2 apresentar-se-ão os estudos sobre o infinitivo presentes nas gramáticas elaboradas depois da NGB.

2.2 Gramáticas pós – NGB

2.2.1 Sobre o infinitivo

A grande maioria dos gramáticos pós – NGB que trataram do infinitivo português, referem-se a ele para prescrever as regras de sua flexão. O tratamento da forma infinitivo nesse sentido, interessa-nos apenas parcialmente, pois se sabe que uma das regras da não flexão citada está relacionada à estrutura [de+infinitivo] ligada a nomes/adjetivos. Este aspecto diz respeito ao tema aqui proposto.

Maurer Jr. (1968, p. 1) no seu clássico estudo sobre *o infinitivo flexionado português*, assegura ser este “um dos elementos mais espontâneos e vivazes da sua morfologia”. Após realizar uma extensa resenha sobre o infinitivo português, o Autor admite que o infinitivo pessoal é uma variante do infinitivo românico comum que, em português, passou a ser flexionado. Assim sendo, o infinitivo português, nas palavras do Autor, seria “uma espécie de criação analógica, na qual as desinências de um tempo verbal latino de forma igual e função freqüentemente semelhante às do infinito se teriam transferido para este” (Cf MAURER JR., 1968, p. 17). Refuta, assim, a teoria do imperfeito do subjuntivo, proposta por vários estudiosos, para justificar a ocorrência do infinito pessoal em português.

O estudo de Maurer Jr. é relevante no que diz respeito à origem e ao emprego do infinitivo flexionado. No entanto, não aborda a questão da variação do complemento [de+infinitivo] e [∅+infinitivo] no português.

Deve-se frisar que o infinito é uma das formas nominais do verbo. Tem ele remota origem na pré-história da língua latina. Trata-se de um substantivo verbal que acabou por admitir, já na língua latina, numerosas aplicações, afastando-se freqüentemente do seu valor semântico primitivo.

Na qualidade de substantivo, segundo Maurer Jr. (1968, P. 108-114) o infinito se emprega nas mais variadas funções sintáticas de um substantivo comum, dentre elas, sujeito: “E resta saber por fim se o estilo não é mais disciplina do pensamento” (Eça de Queirós, *Os Maias*, I, pág. 324)¹⁹; predicativo: “E permitir que outros as percebessem era profanar o culto” (Dinis, *Fidalgos*, XIV); objeto direto e complemento preposicionado: “Asseguram os zagais terem visto muitos cavaleiros” (Herculano, *Eurico XVIII*), “E folgarás de veres a polícia portuguesa na paz e na milícia” (Camões, *Os Lusíadas*, VII, 72); predicativo do objeto direto: “Luisinha nos olhava trabalhar” (Helena Morley, *Minha vida de Menina*, pág. 69); como complemento de um adjetivo e de alguns advérbios: “Eu estou contentíssimo de virmos para esta casa” (Frei Luís de Sousa, *Ato II*, Cena III).

É sabido que uma das funções principais do infinitivo preposicionado é o fato de ele servir de complemento terminativo do verbo regente, sendo a ação por ele enunciada referente ao objeto direto do mesmo verbo: “o comandante impediu os soldados de embarcarem”.

Para “emprego do infinitivo”, Rocha Lima (1976) acresce o subtítulo “os verbóides”. Segundo ele, a tradição gramatical tem incluído nas conjugações, considerando-as formas verbais, três classes de palavras às quais faltam certas características essenciais do verbo. São elas: o *infinitivo*, o *gerúndio* e o *particípio*. “A gramática clássica as denomina *uerbum infinitum*, em contraste com as do indicativo, subjuntivo e imperativo, chamadas *uerbum finitum*”. (Cf. ROCHA LIMA 1976, p. 378). Autores modernos intitularam-nas formas nominais do verbo, ou, como prefere Rodolfo Lenz, *verbóides*.

Ao refletir sobre o infinitivo, em português, como é de praxe na maioria dos autores pós - NGB, Rocha Lima também discute o uso do infinitivo flexionado e não flexionado. Segundo suas considerações, até hoje não foi possível aos gramáticos formular um conjunto de regras fixas sobre o emprego de uma e de outra forma. Na seção que apresenta alguns conselhos para o emprego do infinitivo não flexionado, o referido Autor menciona ainda o regime da

¹⁹ Todos os exemplos citados na seção referente à resenha da obra de MAURER JR. são do próprio autor.

preposição *de*, no sentido passivo, como complemento de um adjetivo citando o seguinte exemplo de Machado de Assis: “coisas fáceis de perceber”.

Na seção dedicada ao emprego do substantivo, Rocha Lima (1976, p. 265) expressa que a oração de valor substantivo pode vir precedida de preposição quando desempenha **função de sujeito** (grifo nosso):

“_ Que novos males
Nos resta de sofrer?”

(Gonçalves Dias *apud* Rocha Lima, 1976)

Segundo este Autor, o fato de a preposição reger o sujeito, quando expresso por oração infinitiva, é expediente que, conquanto **contrarie a gramática ortodoxa**, vem dos tempos **mais antigos do idioma** (grifos nossos).

Sobre o infinitivo, Almeida (1965, p. 500) assegura: “se o infinitivo, quando complemento de substantivo ou de adjetivo, tem sentido passivo, permanece inflexível: ossos duro de roer – carta por escrever”.

Na seção dedicada aos “vícios de linguagem”, subseção intitulada **galicismos fraseológicos ou sintáticos**, o Autor classifica o verbo **vir** com a acepção de *acabar de*: “Vem de aparecer o último livro do escritor...” em vez de: “Acaba de aparecer...”-no entanto, com a significação de *vir* (movimento), o verbo é “lídimo vernáculo”: “Donde vens, ó mulher minha? _ Venho de ouvir missa nova”. (Cf. ALMEIDA, 1965, p. 466)

Na seção intitulada: *Infinitivo não flexionado*, Bruno (1971) afirma que o emprego da forma não flexionada ocorre quando o infinitivo se junta ao verbo regente, com ele formando locução verbal, em especial com os verbos *querer, dever, costumar, procurar, pretender, tentar, ousar, alcançar, poder, saber, etc.*; ou com os verbos *chegar a, vir a, pôr-se a, começar a, continuar a, deixar de, ter de, tratar de, acabar de, etc.*; ou *mandar, deixar, fazer, olhar, ouvir, perceber, sentir, etc.*, ou ainda vindo ligado a ele diretamente ou por meio de preposição, como *a* ou *de*, ou dele separado por pronome pessoal oblíquo que serve ao infinitivo de sujeito e de objeto direto ao verbo auxiliar. (*ibidem* p. 297-298)

Os exemplos arrolados evidenciam que o assunto aqui é o emprego do infinitivo não flexionado que ocorre nos seguintes casos: 1) com locução verbal; 2) quando serve de voz

imperativa e 3) quando precedido de preposição como *de, para, por*, tem forma ativa, mas sentido passivo: “Muitos trabalhos, mas **fáceis de fazer**”. (grifo nosso).

Cunha e Cintra (1984) caracterizam o infinitivo como a maioria dos gramáticos, procurando fazer a distinção entre formas flexionadas e não flexionadas. Afirmam com muita propriedade que esta “é uma das questões mais controvertidas da sintaxe portuguesa”. No entanto, como também o fizeram outros estudiosos, admitem que quando o infinitivo aparece precedido da preposição *de* serve de complemento nominal a adjetivos como *fácil, possível, bom, raro* e outros semelhantes. Nesses contextos empregam-se as formas não flexionadas.

Luft (1985) admite que, em sentido restrito, regência é a seleção por parte de verbos ou adjetivos – e os nomes seus derivados – de nominais que os completem. Segundo ele, os adjetivos *útil e rápido* têm complemento, ao contrário de *grande*. Assim, pode-se falar em adjetivos “transitivos e intransitivos”. No que se refere aos nomes (substantivos e adjetivos) derivados, normalmente mantêm a regência dos verbos e adjetivos de base. Objetos diretos tornam-se complementos (nominais) introduzidos por *de*: ler um romance – a leitura de um romance. Sujeitos tornam-se adjuntos adnominais. Luft define o **infinitivo** como substantivo verbal. Com ele constroem-se orações reduzidas substantivas, que funcionam como sujeitos, complementos, etc.

Cegalla (1985) se refere ao infinitivo como uma das formas nominais do verbo que enuncia simplesmente um fato, de maneira vaga, imprecisa. Em seguida fala sobre o infinitivo **pessoal** e **impessoal**, segundo o gramático, o infinitivo **pessoal** pode ser **flexionado** e **não-flexionado**. Na seção dedicada ao emprego do infinitivo não-flexionado argumenta que, em geral, quando o infinitivo for complemento dos adjetivos: *fácil, difícil, bom, duro, digno, capaz, disposto, propenso, ansioso, cansado* e outros deve ser empregado sem flexão.

Deve-se acrescentar aqui a posição de Jucá Filho (1971, p. 56). Este Autor contesta a análise das estruturas “ossos duros de roer”; “bom de dizer” com sentido passivo, como fizeram a maioria dos gramáticos resenhados. Segundo ele, a expressão pode ser interpretada como “osso duro de alguém o roer”. É com este sentido que aparece em Herculano “pedia ao governo lhe atirasse aquele osso do mosteiro de sete séculos para o roer até os fundamentos”

(Herculano²⁰ apud Jucá Filho, 1971). Assim sendo, estruturas do tipo de “ossos duros de roer”, “bom de dizer”, dentre outras, podem ser comparadas a “preste a morrer/ pronto para sair”, onde não é possível a interpretação passiva.

Bechara (2001), na seção dedicada ao infinitivo, faz menção ao emprego do infinitivo sem flexão com os verbos causativos *deixar*, *mandar*, *fazer* e sinônimos. Afirma que com os chamados verbos “sensitivos”, *ver*, *ouvir*, *sentir olhar* e sinônimos o normal é empregar-se o infinitivo sem flexão, embora o critério com relação a esses verbos não seja tão rígido.

Segundo Infante (1995, p. 213) “o infinitivo apresenta o processo verbal em si mesmo, sem qualquer noção de tempo ou modo”. Para ele, é a forma pela qual se nomeiam os verbos. E acrescenta: existem “duas formas de infinitivo em português: **pessoal** (o processo verbal é relacionado a algum ser) e o **impessoal** (não há relação entre o processo verbal e qualquer ser)”. O Autor não faz qualquer referência ao complemento infinitivo em português ligado a verbos, nem tampouco na seção dedicada à regência verbal e à transitividade.

Também Sílvio Elia (1979, p. 234 – 237) trata o infinitivo flexionado como “uma forma verbal peculiar à língua portuguesa”, embora, segundo ele, “no passado possa ser assinalada em outros idiomas”. Dos autores por nós consultados, Sílvio Elia é o que melhor desenvolve o tema, apresentando uma exaustiva resenha e uma extensa referência bibliográfica sobre o assunto. No entanto, não trata da regência [de+infinitivo] e [Ø+infinitivo], nosso objeto de análise.

Da leitura dos textos pode-se extrair que o infinitivo é a forma mais geral, ao expressar o processo em repouso como uma simples potência realizável, uma forma virtual por excelência, conseqüentemente, a mais genérica e abstrata dentre as formas nominais. Certamente foi por isso escolhido pelos lexicólogos e dicionaristas como representante das conjugações.

Nesta seção, resumimos os usos da forma infinitiva. As gramáticas tradicionais do português contemplam apenas a sua flexão e não-flexão. Para justificar um dos empregos da forma não flexionada do infinitivo, autores como Almeida (1965), Bruno (1971) Rocha Lima

²⁰ HERCULANO, A. *Opúsculos*, I, p. 1152.

(1976), Cunha e Cintra (1984), Cegalla (1985), aceitam a preposição precedendo infinitivo, com sentido passivo, como complemento de um adjetivo: “coisas fáceis de fazer”. Rocha Lima admite, ainda, que o infinitivo precedido de preposição desempenha a função de sujeito nos casos de orações de valor substantivo. No entanto, não registram a ocorrência da preposição *de* diante de uma forma infinitiva.

Do exposto pode-se deduzir que as questões relativas à variação do complemento infinitivo não tem muito respaldo nas gramáticas de cunho prescritivista. Estas preferem adotar como previsível a variante [Ø+infinitivo] com pouca ou quase nenhuma referência à construção [de+infinitivo].

2.2.2 Sobre a regência

Almeida (1965) assim se expressa a respeito de alguns verbos transitivos:

alguns verbos, conquanto transitivos diretos, vêm com preposição, quando o objeto é um infinitivo: a) com a preposição *a*, com os verbos *começar*, *principiar*, *aprender*, *ensinar*: “começou a dizer”, “principiou a ler”, “ensinou a escrever”; b) com a preposição *de*, com os verbos *acabar*, *cessar* e alguns outros: “acabou de ler”, “cessou de falar. (ALMEIDA, *ibidem*, p. 385).

À página seguinte, apresenta uma relação de verbos que podem ligar-se a formas infinitivas sem preposição, dentre eles, destacamos: **costumar, desejar, dever, esperar, ousar, pensar, propor, temer.**

Também Maurer Jr. (1968, p. 61) reconhece o complemento infinitivo preposicionado junto a verbos transitivos. Observe-se:

Grande número de verbos transitivos portugueses admitem um infinito preposicionado ligado ao objeto direto ou ao sujeito: tais são: obrigar, convidar, constranger, autorizar, destinar, levar, animar, proibir, estimular, coagir, forçar, defender (arcaico), dispensar, (a)costumar, outorgar(arcaico), ensinar e outros.

Torres (1963, p. 76-77) diz que “muito se tem discutido acerca do verbo **começar**”. Apresenta uma resenha dos autores que tratam do assunto como Pereira, Carneiro Ribeiro, Barreto, Cândido Figueiredo, todos já resenhados aqui. Assegura: “os mestres não estão em perfeita harmonia quanto à regência do verbo **começar**” (Cf. p. 177). O que de fato se observa é que ambas as regências são corretas, sendo que, atualmente, a regência com *a* é a mais freqüente.

Ilustra algumas construções que apresenta a regência **de + infinitivo** em Herculano, Machado de Assis, etc.

No nosso entender, no português atual, não se registra a regência *começar de*.

O verbo **dever**, no português moderno, na perspectiva de Nascentes, *op. cit.*, p. 97- 98, apresenta as seguintes acepções:

O latim *debere* tinha por sintaxe acusativo e dativo. Aparece em locuções verbais, ora desacompanhado, ora acompanhado da preposição **de**. Esta dupla sintaxe, diz João Ribeiro, **Autores contemporâneos**, 174, é comum ao português e ao castelhano, e a regra em ambas as línguas assentada é que a preposição indica a probabilidade do fato expressado pelo verbo: “devia de ir” equivale a – era de esperar que fosse – ou – era provável ir. Diferentemente, a frase – **devia ir** – **devia morrer** – indica certa precisão de resultado que se não realiza na primeira.

Para Nascentes, hoje em dia²¹, a regência **dever de** desapareceu **por assim dizer**. (Grifo nosso). Apresenta, ainda, exemplos de alguns escritores contemporâneos que empregam a preposição com o verbo **dever**, indicando “obrigação”, bem como a ausência da preposição em caso de “probabilidade”. Isso comprova que a diferença semântica, nesses casos, é bastante tênue.

Também Bechara (2001) reconhece a variação da complementação infinitiva do verbo **dever**: com e sem preposição. O Autor atribui a esse verbo a acepção de “necessidade, obrigação” e o coloca no rol dos verbos “auxiliares modais”. Acresce que: “muitas vezes no Português contemporâneo não é diferente o sentido da expressão com preposição ou sem ela: *Deve resultar* exprime certa precisão de resultado; *deve de resultar* traduz a probabilidade do resultado” (Cf. BECHARA, 2001, p.232).

Como se viu, as gramáticas normativas do português não mencionam quase nada a respeito da variação do complemento [de+infinitivo] e [Ø+infinitivo]. Apresentam apenas algumas observações esparsas acerca do infinitivo flexionado, informando que é uma criação românica corrente apenas em português, e que, apenas indiretamente, são pertinentes ao que se investiga aqui.

Apresentar-se-á no Quadro 1 a lista dos verbos que admitem como complemento [de+infinitivo] e [Ø+infinitivo] segundo as principais gramáticas mencionadas na resenha bibliográfica.

²¹ “Hoje em dia”, significa à época de Nascentes, isto é, antes de 1967.

QUADRO 1

Verbos que admitem como complemento [de+infinitivo] e [Ø+infinitivo] de acordo com as gramáticas de cunho histórico, pré e pós – NGB

Verbos	E. Dias	Pereira	Said Ali	Barreto	C.Ribeiro	Costa	C. Góis	Almeida	Bechara	N.Carneiro	Nascentes
Acertar				X						X	X
Admirar	X										
Ameaçar					X						
Atrever-se	X									X	
Cessar								X			
Começar	X		X		X	X	X			X	X
Continuar					X		X				
Costumar					X	X	X	X			
Dever	X	X	X			X	X	X	X		
Dignar-se	X										
Desejar	X	X	X	X	X	X	X	X			X
Determinar	X	X	X	X	X		X				X
Entrar	X					X				X	
Escusar		X									
Esperar		X	X		X	X	X	X			
Estranhar	X										
Evitar	X										
Folgar		X				X					
Gabar-se										X	
Julgar	X										
Jurar	X	X	X	X	X	X	X				X
Lastimar	X										
Merecer	X		X		X	X					
Ordenar		X		X	X	X	X				
Ousar	X	X		X	X			X		X	X
Pedir						X	X				
Pegar					X						
Pensar								X			
Precisar		X									
Preferir	X										
Pretender			X			X					
Principiar					X						
Procurar			X	X			X				
Proibir				X							
Prometer	X	X	X	X	X	X	X				
Propor			X	X				X			
Recear	X				X						
Recusar-se						X					
Rogar						X	X				
Resolver			X	X	X		X				
Sentir	X										
Temer	X				X			X			
Tentar					X	X					
Usar					X						

O quadro acima revela a ocorrência de determinados verbos ligados ao complemento [de+infinitivo] e [Ø+infinitivo] segundo a resenha bibliográfica. Os verbos foram listados conforme a exemplificação dos autores consultados.

Deve-se esclarecer que os verbos acima listados foram compilados de textos das mais variadas sincronias da língua portuguesa. Assim sendo, não há uma sistematicidade cronológica nessa exemplificação. No entanto, o quadro serve para apresentar um registro geral dos verbos elencados por esses autores, bem como para visualizar as formas verbais mais freqüentes, a saber, **começar, desejar, determinar, dever, esperar, jurar, ordenar, ousar, prometer**. Além disso, verifica-se que a questão do complemento infinitivo é apresentada nas gramáticas, vinculada a determinados verbos regentes. Dito em outros termos, alguns verbos admitem a variação do complemento [de+infinitivo] e [Ø+infinitivo], outros não.

2.2.3 Sobre a preposição *de*

Exporemos nesta subseção, a conceituação e a classificação das preposições, em especial *de*, apresentadas por gramáticos pós - NGB.

Bruno (1971) assegura que as preposições representam importante papel na estrutura da frase, em particular nos fatos de regência, onde aparecem como elementos de ligação entre o verbo, ou o substantivo, o adjetivo ou mesmo o advérbio e os seus complementos, delas dependendo muitas vezes o sentido que se lhes possa atribuir. Vejamos o que ele nos diz a propósito da preposição *de*:

Entre as inúmeras relações que a preposição *de* é capaz de exprimir, podemos mencionar as de: a) origem, procedência; b) conteúdo; c) meio, modo, instrumento; d) matéria de que alguma coisa é formada; e) destino, fim; f) forma, dimensão, valor, quantidade, número; g) tempo em que e tempo desde que; h) posse; i) causa. Pode ainda designar: a) o objeto de uma ação ou de um sentimento; b) o sentido partitivo; c) o agente da passiva. (BRUNO, 1971, p. 307-309).

Infante (1995, p. 318) apresenta o seguinte conceito: “preposição é a palavra invariável que atua como conectivo entre palavras ou orações, estabelecendo sempre relação de

subordinação”. Para o Autor, há uma relação de dependência, através da qual um dos termos é o “subordinante” e o outro “subordinado”. No parágrafo seguinte, assinala que os itens preposicionais não exercem propriamente uma função: são considerados conectivos. No desempenho desse papel conector, as preposições podem introduzir: a) complementos verbais, b) complementos nominais, c) locuções adjetivas, d) locuções adverbiais, e) orações reduzidas. No entanto, embora tenha admitido acima que as preposições são elementos de ligação entre termos oracionais, no parágrafo a seguir diz: “em alguns casos (particularmente nas locuções adverbiais), as preposições não apenas conectam termos de oração, mas também indicam noções fundamentais ‘a compreensão da frase”, no entanto, o Autor não menciona o complemento infinitivo.

Almeida (1965, p. 306) afirma que “Preposição é uma palavra invariável que tem por função ligar o complemento à palavra completada”. Segundo ele, tais palavras se denominam “*preposições* (do lat. *prae* = diante de, mais *positionem* = posição) pelo fato de ser colocada na frente de uma palavra outra que a completa”.

Como a maioria dos gramáticos já resenhados, Almeida destaca o termo **antecedente** que corresponde ao termo **regente** e o termo **conseqüente** que vem a ser o termo **regido**. Quanto à classificação dos sintagmas preposicionais, classifica-os como **essenciais e acidentais**. Ademais, as preposições, em sua obra, foram classificadas em um único bloco. Não há explicações específicas para cada uma delas. No que se refere ao significado, em observações, na pág. 307 assegura que “as preposições não têm significação intrínseca, própria, mas relativa, dependente do verbo com que são empregadas”. Para ele, o número de preposições existentes no português é pequeno; daí resulta ora o emprego de preposições diferentes com “idêntico sentido”, ora o de uma preposição com significados diferentes. Pode-se deduzir que, para Almeida, as preposições portuguesas só têm significado quando associadas a outras palavras em um determinado contexto.

Rocha Lima (1976) define preposições como palavras que subordinam um termo da frase a outro. Como Almeida, também utiliza as terminologias **essenciais e acidentais**, para dividir as preposições em dois grandes blocos. No capítulo 25 sobre o emprego das preposições, divide-as em preposições **fortes e fracas**. Segundo ele, “as primeiras (*contra, entre, sobre*) guardam certa significação em si mesmas; as outras (*a, com, de*) **não têm sentido nenhum** (grifo nosso), expressando tão somente, em estado potencial e de forma indeterminada, um

sentimento de relação” (Cf. p. 321). No contexto é que se concretiza de fato o valor significativo das várias relações que as preposições podem exprimir.

Dentre as gramáticas normativas, a de Cunha e Cintra (1984) é, a nosso ver, a que melhor explicita as preposições. Estas são classificadas quanto a: 1) Função: “chamam-se preposições as palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro (antecedente) é explicado ou completado pelo segundo (conseqüente).” 2) Forma das preposições: a) simples, expressa por um só vocábulo; b) compostas (ou Locuções Prepositivas), quando constituídas de dois ou mais vocábulos.

Cunha e Cintra mencionam na seqüência algumas locuções prepositivas e, em seguida, discutem a significação das preposições. Segundo eles, a relação que se estabelece entre palavras ligadas por intermédio de preposições pode implicar movimento e não movimento. Assim em “Vou a Roma”, a idéia de movimento está presente. São marcadas pela ausência de movimento as relações estabelecidas, por exemplo, pelas preposições *a*, *de*, e *com*. A preposição *de*, por exemplo, estabelece, segundo eles, relação a) espacial em: todos saíram de casa; b) temporal em: trabalha de 8 às 8 todos os dias; c) nocional em: chorava de dor. Acrescentam que nos três casos a preposição *de* relaciona palavras à base de uma idéia central: “movimento de afastamento de um limite”, “procedência”. Os matizes significativos que esta preposição pode adquirir em contextos diversos derivarão sempre desse conteúdo significativo fundamental e das suas possibilidades de aplicação aos campos espacial, temporal ou nocional, com a presença ou ausência de movimento.

Para esses autores, embora as preposições apresentem grande variedade de usos, bastante diferenciadas no discurso, é possível estabelecer para cada uma delas uma significação fundamental marcada pela expressão de movimento ou de situação resultante (ausência de movimento) e aplicável aos campos espacial, temporal e nocional. Após apresentar uma série de ocorrências das preposições *com* e *a* em português, concluem a seção afirmando que “a maior ou menor intensidade significativa da preposição depende do tipo de relação sintática por ela estabelecida”. Essa relação pode ser fixa, necessária ou livre.

Ao examinar as relações sintáticas estabelecidas em frase do tipo “Necessariamente não-devencem eles”, argumentam que, neste caso, a primitiva função relacional e o sentido mesmo da *preposição* se esvaziam profundamente, vindo a preponderar tanto na organização da frase

como no valor significativo, o conjunto léxico resultante da fixação da relação sintática preposicional. O uso associou de tal forma as *preposições* a determinadas palavras (ou grupo de palavras), que esses elementos não mais se desvinculam: eles passam a constituir um todo significativo, comportando-se como verdadeiras palavras compostas. Quanto às relações necessárias, afirmam eles, as preposições relacionam ao termo principal um conseqüente sintaticamente necessário como em *lembro de nada* (verbo + objeto indireto); *vontade de Deus* (substantivo + complemento nominal). Nestes casos, intensifica-se a função relacional das preposições com prejuízo do seu conteúdo significativo, reduzido, então, aos traços característicos mínimos. Para as relações livres, mostram-nos que a presença da *preposição* é possível, mas não necessária sintaticamente.

Luft (1985) descreve a preposição no rol dos conectivos. Segundo ele, preposição é uma palavra gramatical **com função subordinativa** (grifo nosso) chamada regência. Conectivo subordinante indica que se conseqüente se subordina a um antecedente. Antepõe-se a locuções substantivas: a) complementos verbais ou nominais; b) adjuntos adverbiais. Às preposições cabe marcar nomes e pronomes (substantivos) e advérbios, como elementos dependentes – complementos ou adjuntos. Só dispensa preposição o objeto direto – ler [um livro]. O Autor reconhece, entretanto, a existência de objetos diretos preposicionados: amar [a Deus], saber [das coisas] e alguns adjuntos adverbiais: correu [uma hora], [voltou sábado]. Luft também classifica as preposições em **essenciais** ou **acidentais**.

Bruno (1971), Rocha Lima (1976), Cunha (1983), Cunha e Cintra (1984), Cegalla (1985) e Infante (1995) dividem as preposições e as classificam de maneira semelhante.

Sousa da Silveira (1951), em seu livro *Sintaxe da Preposição De*, inicia o estudo dessa preposição justificando que um dos pontos de sintaxe para quem deseja conhecer bem a língua ao qual se deve dar atenção é o estudo sobre o emprego das preposições. Segundo ele, raro ou muito raro é o período, ou mesmo a frase em que não figure alguma preposição.

O Autor afirma ser a preposição “*de* uma das mais freqüentes, senão a **mais freqüente e de mais variado uso** (grifo nosso) nos idiomas românicos”. (Cf. p. 14). Sendo assim, merece um exame mais detalhado de suas diversas aplicações na língua portuguesa. Assim Souza da Silveira justifica a importância do *de* para a elaboração de um livro que trata especificamente desse item em português.

Também Said Ali (1964), Barreto (1980), Mattos e Silva (1989), Mollica (1989), Leal (1992), em diferentes tipos de trabalhos, asseguram que, dentre todas as preposições portuguesas, o *de* é, sem sombra de dúvida, a mais recorrente.

De acordo com Sousa da Silveira, *op. cit.*, o DE designa, geralmente: 1) Lugar donde, ponto de início de uma ação, de um movimento ou extensão (no espaço ou no tempo): a) Em certas expressões em que equivale a *desde*; b) designando o estado ou qualidade perdida por uma coisa que passou a novo estado ou tomou nova qualidade; c) indicando a coisa a que outra se acha presa, mas fazendo esforço para se afastar ou, simplesmente, havendo possibilidade de se realizar um afastamento, de modo que a primeira coisa pode considerar-se como o ponto de partida de um movimento virtual; d) denotando o ponto de onde se faz uma observação, de onde se avista alguma coisa; e) nas expressões correntes do tipo das seguintes, que indicam espaço de tempo entre duas ações ou ritmo de uma ação que não se faz de uma vez; f) prendendo um infinitivo ao verbo *voltar* ou *vir* (estando este em seu sentido próprio de “executar um movimento de um ponto afastado para outro mais próximo”) em frases como: “Um dia de tarde, D. Diogo *voltou de montar*: trazia um javali grande, muito grande”. (Herculano²² apud Sousa da Silveira, 1951).

Ainda com relação ao *de* vale a pena acrescentar as informações de alguns gramáticos com relação aos auxiliares modais que se combinam com infinitivo. Bechara (2001, p. 232) diz que em lugar de *ter* ou *haver de* e infinitivo, “usa-se mais modernamente, *ter* ou *haver que* + infinitivo”. Acresce o exemplo: “Tenho *que* estudar”. Em seguida, assegura: “*que*, como índice de complemento de natureza nominal funciona como verdadeira preposição” (Cf. p. 232). No entanto, não aprofunda a discussão acerca do assunto.

Também Infante (1995) aceita o *que* como uma forma equivalente à preposição *de* nas locuções verbais com **ter** e **haver**.

Rocha Lima (1976, p. 341-342), na seção dedicada ao emprego da preposição *de*, faz algumas observações a respeito de **ter que** e **ter de**. Argumenta que em construções do tipo de “**Tenho** umas cartas **que** escrever” e “**todos temos de** morrer”, o **que** na primeira estrutura é um

²² HERCULANO, A. *Lendas*, II, p. 1.

pronome relativo e na segunda, há uma locução verbal que indica “ser infalível ou necessário o fato expresso pelo infinitivo”. Para este Autor a estrutura “tenho que escrever umas cartas” é resultado de um *cruzamento sintático* nascida da “confusão” entre: “tenho (algo) que escrever” e “tenho de escrever umas cartas”. O uso da estrutura “ter que” por escritores contemporâneos renomados consagrou a forma. De modo que ela é hoje um “fato da língua”.

A preposição *de* em português, segundo Bechara (2001, p. 201), exerce função semelhante à do “relativo universal que”. Segundo ele, esse relativo pode aparecer na modalidade oral e popular como simples “transpositor oracional”, sem qualquer função sintática.

No nosso entender, a preposição *de* tornou-se, por um lado, um item prático e generalizado do ponto de vista gramatical: por outro lado, configura-se como um item esvaziado semanticamente, podendo estabelecer diversas relações e relações diversas na língua.

2.3 Estudos mais recentes

2.3.1 Sobre o infinitivo

Examinaremos a seguir as informações acerca do infinitivo em trabalhos de orientação lingüística e descritiva mais recentes.

Para Mattos e Silva (1989), o infinitivo é um modo genérico e não apresenta as oposições temporais como as formas do indicativo e subjuntivo, ademais é não-marcado quanto ao tempo verbal. Segundo ela, o infinitivo é a forma escolhida quando se quer expressar apenas o conteúdo lexical do vocábulo verbal, cumprindo função substantiva.

Vitral (1987) indaga acerca dos mecanismos gramaticais responsáveis pelo aparecimento – na posição sujeito das construções infinitivas – do sujeito realizado foneticamente, por um lado, e a do sujeito categoria vazia, por outro. Vitral argumenta que a presença do sujeito lexical é determinante para a realização da concordância. O Autor divide os verbos em quatro classes, de acordo com sua complementação oracional: 1) V. SUB, o grupo dos verbos que – além da complementação infinitiva – aceitam uma oração desenvolvida com subjuntivo como complemento (verbos como *lamentar, propor, querer, temer, evitar, proibir*, etc.); 2) V. IND, verbos que aceitam complementos oracionais com o verbo no indicativo ou na forma

infinitiva dentre eles (*afirmar, dizer, saber, prometer* etc.); 3) V. MIS, verbos da completiva oracional que podem vir em ambos os modos (como *pensar acreditar, duvidar, supor*, etc.); 4) V. INF, (*poder, dever, acabar, ousar, costumar, começar*, etc.).

O Autor distingue os quatro grupos de verbos segundo seus diferentes tipos de complementação. Propõe, então, que “o modo verbal e a forma infinitiva sejam algumas das informações sintáticas decorrentes da matriz lexical dos verbos” (Cf. p. 96). A quarta classe de verbos difere substancialmente das demais por uma razão simples: **não admitem orações subordinadas desenvolvidas como complemento**. (Grifo nosso). Os verbos da classe V. INF: *poder, dever, ter de, acabar de*, dentre outros, participam apenas de construções com infinitivo, e, ainda, não permitem o aparecimento de sujeito foneticamente expreso em suas completivas infinitivas. Segundo o Autor, isso ocorre devido à ausência do operador tempo no complemento [-tempo]. Ainda segundo Vitral, os verbos *dever* e *poder* admitem um complemento na forma infinitiva e não se comportam como verbos auxiliares.

Vianna (2000) estuda a gramaticalização dos verbos modais *poder, dever* e *querer* na história do português. Após descrever e analisar vários critérios definitórios de gramaticalização, o Autor afirma que os verbos *poder* e *dever* encontram-se num grau avançado de gramaticalização nos três períodos de língua analisados. O verbo *querer*, segundo Vianna, apresenta um baixo nível de gramaticalização nos períodos arcaico e moderno. Já o verbo *dever* não exhibe nenhuma evolução sintática do período arcaico para o período moderno. Conforme este Autor, o verbo *dever* muda pouco do português arcaico para o moderno, mas gramaticaliza-se rapidamente do português moderno para o contemporâneo.

2.3.2 Sobre a regência

Pereira (2001) analisa as construções **ter de/ter que+infinitivo** para expressar necessidade/obrigação em registros considerados cultos na modalidade oral e escrita do português do Brasil, na área urbana de Salvador. Segundo ele, as gramáticas normativas excluem a construção perifrástica **ter que+infinitivo** como uma possibilidade de variação, admitindo somente **ter de** como a variante no padrão culto. Ao analisar estas construções à luz de teorias e métodos da Sociolinguística na linha laboviana, comprova a vitalidade da construção **ter que** e infinitivo indicando necessidade/obrigação como uma forma ajustada ao sistema.

O Autor afirma, ainda que, a forma canônica **ter de** vem perdendo, a partir das décadas de 70 e 90, espaço para a forma **ter que**. Observou-se um decréscimo da primeira variante e um acréscimo da segunda, na década de 90, no registro culto oral de Salvador. Para ele, isto pode configurar-se um caso de mudança a ser concretizada.

Pereira discute também a substituição de **ter** por **haver** para justificar a possibilidade de, por extensão, a partícula que estar assumindo a posição da marca preposicional do *de*. Em outras palavras, “se **haver** que passou a concorrer com **haver de** e se **ter de**, por sua vez, passou a concorrer posteriormente com as duas primeiras construções, por que não se poderia atribuir à estrutura **ter que** o mesmo movimento?” (PEREIRA, *ibidem* p. 48) questiona o Autor. No entanto, como ele mesmo admite, trata-se de uma discussão que deve ser aprofundada com mais rigor.

Do exposto, percebe-se que Pereira (2001) admite que a variante **ter de** vem sendo, aos poucos, substituída por **ter que**, principalmente na década de 90, configurando-se como uma inovação na língua.

Neves (2000) descreve os principais tipos de complementos preposicionados em uso no português contemporâneo. Segundo ela, o complemento preposicionado pode ser de vários tipos. Vamos listar aqui apenas aqueles que estão relacionados ao tema em questão. O verbo **evitar** é classificado pela Autora como verbo *implicativo*, que ocorre com **oração completiva** com **verbo no infinitivo**. A Autora apresenta outros exemplos de ocorrência do verbo **evitar** com outros tipos de complementos. No entanto, não lista nenhum caso de complemento [de+infinitivo] ligado ao verbo **evitar**.

Segundo a mesma Autora, o discurso introduzido pelos **verbos de elocução** pode estar contido em diferentes tipos de **complemento**. Retiramos do quadro da página 50 e 51 (que trata da classificação dos verbos quanto ao aspecto semântico que expressam, qual seja *verbos de simples dizer e verbos que qualificam o que é dito*) somente aqueles verbos que são de nosso interesse. **Verbos de simples dizer e verbos que qualificam o que é dito**: dentre eles *determinar* e *jurar* são verbos coincidentes quanto aos tipos de discurso: direto e indireto. Já quanto à forma do complemento, o verbo *determinar* admite oração infinitiva, oração conjuncional *que* e sintagma nominal. O verbo *jurar* admite como complemento oração infinitiva e oração conjuncional *que*. Também os verbos *ordenar* e *prometer* são coincidentes

quanto ao tipo de discurso. Quanto à forma de complemento, *ordenar* ocorre ligado apenas ao complemento oração conjuncional *que*. Já *prometer* ocorre ligado a oração infinitiva e oração conjuncional *que*.

O verbo **dever** é descrito por Neves como verbo **modalizador**. Para ela, verbos como **dever** indicam principalmente: a) **Necessidade epistêmica**: “Ele **deveria** ser uma espécie de teólogo ou guru da nova doutrina. (ACM)”; b) **Possibilidade epistêmica**: “Carlos **deve** ter vindo. (A)”; c) **Necessidade deôntica** (obrigatoriedade): “O dono da casa **deve** comer antes de todos os hóspedes e terminar depois deles. (ISL)”; d) **Possibilidade deôntica** (Permissão): “Não se **deve** fumar na sala de necropsia. (TC)”²³.

O verbo **começar** foi classificado pela Autora entre os verbos aspectuais que formam **perífrases**, ou **locuções**, que indicam, no caso do referido verbo, início de evento (**aspecto inceptivo**): “E as lágrimas da mãe **começaram a correr** pelas faces rugosas. (CA)”; “Um dos soldados **começou por indagar**. (PFV)”. Também o verbo **costumar** está na classe dos aspectuais e indica, segundo Neves, *repetição do evento* com idéia de freqüência (**aspecto iterativo ou freqüentativo**): “Ele afirma que **costuma fazer** a revisão anualmente. (FSP)”.

Não encontramos nenhuma ocorrência do **complemento objetivo de + infinitivo** ligado aos verbos por ela mencionados. No entanto, é preciso estar atento para o fato de que a descrição proposta pela Autora diz respeito a estruturas em uso real, no português contemporâneo, em corpus de língua exclusivamente escrita, embora sejam de gêneros diversificados.

Em Leal (1992), ao investigarmos mudanças sintáticas na história do português, demonstramos que os verbos **começar de**, **costumar de**, **desejar de**, **ousar de**, **temer de**, dentre outros, apresentam a estrutura **verbo + de + infinitivo** e ocorrem com esta configuração sintática apenas no português arcaico. No entanto, esses verbos se conservam no português brasileiro contemporâneo com outros tipos de complementos. Assim o verbo **desejar**, que hoje se liga diretamente a sintagmas nominais ou a formas infinitivas, aparecia na fase arcaica junto ao seu complemento através da preposição *de*. A configuração sintática [de+infinitivo] com a qual o referido verbo ocorria no período arcaico da língua não é a mesma do português moderno contemporâneo. Por outro lado, no português moderno

²³ Todos os exemplos citados são da autora.

contemporâneo, determinados verbos que exibem essa característica sintática configuram-se como um caso de retenção sintática e inovação lexical.

Como se vê, o complemento que aparece na modalidade oral contemporânea como em “Ela **evita de comer doce**” também existia na língua arcaica. Na verdade, a estrutura sintática [**V+de+ infinitivo**] existe nas duas modalidades de língua. Nesse trabalho comprovou-se que as estruturas sintáticas [de+infinitivo] e [∅+infinitivo] configuram-se como um fenômeno de retenção. Significa dizer que o tipo sintático não mudou com o passar do tempo; mudaram apenas os itens lexicais (inovação lexical) com os quais ele ocorre. Há, portanto, um rodízio dos verbos e uma manutenção da estrutura sintática.

2.3.3 Sobre a preposição *de*

Os estudos mais recentes que tratam da preposição *de*, tanto os de caráter mais descritivo, quanto os de natureza lingüística, salvo raras exceções, abordam mais profundamente questões que dizem respeito à sua significação.

Neves (2000) faz uma descrição da preposição *de*, no português contemporâneo, levando em conta dados do português escrito. Vamos sumarizar as principais ocorrências do uso deste item, na perspectiva da referida Autora.

DE

1. “A preposição DE funciona no **sistema de transitividade**, isto é, introduz **complemento**.²⁴

A preposição DE introduz **complemento de verbo**.

- 1.1.1 O **complemento** se refere ao ponto de origem, ponto de partida, ponto inicial de referência, ponto de partida de uma experiência ou mudança (fonte).

- 1.1.1.1 Com **verbos +dinâmicos** que indicam: afastamento; saída, partida; separação, desligamento; origem, proveniência; liberação, depuração; privação de posse, desapropriação; transformação; proveito; desejo; triunfo; defesa, proteção; ressarcimento; abatimento, redução; inferência; desistência, renúncia”.

²⁴ Seguimos a numeração do texto original.

- 1.1.1.1.1 Com **verbos -dinâmicos** que indicam: necessidade, carência, escassez; distância espacial; descrença; dependência; diferença, desigualdade, discrepância.
- 1.1.2 O **complemento** se refere a um ponto de chegada, ou ponto final de referência (**meta**). Com **verbos +dinâmicos** que indicam **aproximação**.
- 1.1.3 O **complemento** se refere ao objeto da ação. Com **verbos** que indicam: encargo; trato, cuidado; abuso; apropriação; desconsideração; vingança, forra; elocução: referência, zombaria, vanglória.
- 1.1.4 O **complemento** se refere ao **agente (agente da passiva)**. Nesse caso, segundo Neves, a **preposição DE** equivale a **por**: “Morreria ali, onde **era estimado de todos**. (VER)”.²⁵
- 1.1.5 O **complemento** se refere ao meio ou ao instrumento da ação. São **verbos +dinâmicos** que indicam utilização, usufruto.
- 1.1.6 O **complemento** se refere à matéria. São **verbos -dinâmicos** que indicam composição.
- 1.1.7 O **complemento** se refere à causa. São **verbos** que indicam sensação: “Manuel **sofria de amor**. (Q)”.
- 1.1.8 O **complemento** se refere à finalidade.(com **verbo** que indica utilização).
- 1.1.9 O **complemento** se refere ao conteúdo da ação ou estado. Por isso, há casos em que ele é oracional (com **verbo no infinitivo**). Com **verbos +dinâmicos** que indicam: simulação: “**Fingi-me de surdo**. (CBC)”; proibição; deliberação; cumulação.
- 1.1.10 O **complemento** se refere ao conteúdo de uma elocução. Por isso, o **complemento** pode ser uma **oração**. Com **verbos** que indicam: aviso, advertência; persuasão.
- 1.1.11 O **complemento** se refere ao **objeto** ou ao conteúdo de uma experiência. Por isso, em muitos casos o argumento pode ser oracional.
- 1.1.11.1 Com **verbos+dinâmicos** que indicam: julgamento; conhecimento, cientificação; certificação; percepção; sentimento; participação; lembrança, esquecimento.
- 1.1.11.2 Com **verbos -dinâmicos** que indicam sentimento.

Como apresentado acima, Neves faz uma ampla descrição da ocorrência do *de*, em português, estabelecendo vários contextos de uso desse item. Devido à diversidade de ocorrências, esta

²⁵ Ilustramos apenas os casos que são de nosso interesse.

preposição parece funcionar como um item prototípico dentre todas as preposições, dito em outros termos, o *de* exerce um papel sinonímico em relação às demais preposições portuguesas.

Ladeira (1977), ao discutir a significação da preposição *de*, destaca o sentido de ‘afastamento’ para o referido nexos como advindo de ‘de’ e ‘ab’ no latim. No primeiro caso, tem-se o afastamento de cima para baixo; já no segundo, no sentido horizontal. Em seguida, o ‘de’ passou a confundir-se com ‘ab’. A partir de então se desfez a distinção de significado. Segundo Ladeira *op. cit.*, “Na medida em que uma preposição vai-se esvaziando na pluralidade do seu emprego, vai-se aumentando a pluralidade da sua significação (...) A preposição *de* tem uma carga significativa variável”. (LADEIRA, *ibidem*, p. 24-25).

O Autor apresenta uma série de casos cuja oposição ‘0’ versus ‘de’ pode conter ausência de significado ou conter significação em vários níveis diferentes, como traços “0 (zero) - ausência de significação, sintático, semântico, morfológico e sintático, morfológico e semântico, sintático e semântico, morfológico”. (Cf. p. 25-26).

Às páginas 27 e 29, Ladeira aponta um exemplário em que o item *de* substitui outras preposições portuguesas. Segundo ele, o português hodierno tende a elidir a referida preposição. A justificativa para tal elisão é a “vocação natural” do sistema à eliminação da oposição objeto direto/objeto indireto, devido a questões semânticas.

Quanto à preposição *de* parece-nos poder afirmar que ela exerce duplo papel. De um lado, reforça a idéia expressa pelo verbo. De outro, substitui outras preposições da língua em vários contextos. Não seria, portanto, exagero dizer que *de* é a preposição “coringa” em português, tanto do ponto de vista sincrônico, quanto do ponto de vista diacrônico.

Um processo desse tipo pode estar ilustrando o que Bréal (1992, p. 25) denomina “lei da especialidade”:

entre todos os vocábulos de uma certa espécie, marcados por um certo traço gramatical, há um que é gradativamente destacado. Torna-se o expositor por excelência da noção gramatical da qual possui a marca. Mas ao mesmo tempo esse vocábulo perde seu valor individual e passa a ser apenas um instrumento gramatical.

Resumiremos agora as principais acepções/emprego da preposição *de*, em português, conforme os seguintes autores: Barreto (1914), Carreiro (1918), Pereira (1923), Costa (1928), Góis (1940), Ribeiro (1950), Sousa da Silveira (1951), Carneiro (1957), Monteiro (1959), Brandão (1963), Said Ali (1964), Almeida (1965), Dias (1970), Bruno (1971), Rocha Lima (1976), Cunha (1983), Cunha e Cintra (1984), Infante (1995), Neves (2000). Segundo esses autores, a preposição *de* pode designar: ‘lugar donde’, ‘ponto de início de uma ação’, ‘afastamento’, ‘separação’, ‘movimento’, ‘proveniência’, ‘origem’; ‘a pessoa ou coisa de que alguém ou algo procede’, ‘origem’, ‘diminuição’, ‘privação’, ‘modo’, ‘estado’, ‘condição’, ‘meio’, ‘matéria’, ‘razão ou causa’, ‘comparação’, ‘coisa contida na outra’, ‘direito e posse’, ‘referência’, ‘tocante’, ‘relativo’, ‘qualidade’, ‘parte de um todo’, ‘extensão de espaço’, ‘grandeza e medida de tempo’, ‘idade’, ‘aumento’, ‘força’, ‘intensidade’, ‘tempo desde que’, ‘espécie’, ‘efeito’, ‘assunto’, ‘objeto da ação’, ‘sentimento’, ‘ação (expressa por um infinitivo) à qual se limita a significação geral de um adjetivo’: “duro de cortar”. ‘Fim’, ‘destino’, ‘emprego’, ‘serventia’, ‘capacidade’, ‘cor’, ‘função’, ‘cargo’, ‘instrumento’, ‘postura’, ‘estado’, ‘situação física ou moral’, ‘qualificação do objeto direto de alguns verbos’, ‘afastamento local e temporal’, ‘pertença’, ‘natureza’, ‘caráter’, ‘índole’, ‘aposição’, ‘tendência’, ‘agente da passiva’, ‘sentido partitivo’, ‘sentido reforçativo’ ‘condição’, ‘maneira de ser’, ‘destino’, ‘uso’, ‘desígnio’, ‘espécie’, ‘profissão’, ‘ocupação’, ‘duração’, ‘composição’, ‘constituição’, ‘quantidade’, ‘número’, ‘dimensão’, ‘fim’, ‘destino’, ‘uso’, ‘valor e preço’, ‘parte’, ‘porção’, ‘instrumento’, ‘causa’, ‘situação’, ‘posição’, ‘complemento de causa’, ‘o tempo a partir do qual ou durante o qual algo acontece ou existe’, ‘termo de comparação’, ‘assunto’, ‘argumento’, ‘ponto inicial de uma extensão’, ‘limitação’, ‘passagem’, ‘mudança de um estado para outro’, ‘sucessão’, ‘resultado’, ‘conseqüência’, ‘denominação especial ou explicativa’, ‘expletivo’.

Observa-se, assim, que os nexos preposicionais têm um importante papel para o estabelecimento da coesão intraproposicional pelo conceito de ligação lexicalizada em termos de lugar, tempo, duração, associação, causa, agência, dentre outros.

Conforme (Moignet²⁶ apud Mattos e Silva, 1983), o número de relações expressas pelas preposições é muito elevado, tanto pelo fato de elas serem numerosas do ponto de vista

²⁶ MOIGNET, G. *Grammaire de l'ancien français*. Morphologie-Syntaxe. Paris: Klincksieck, 1976.

quantitativo, como pela “tenuidade de sua substância sêmica que favorece a polissemia”, sobretudo as mais recorrentes como é o caso do *de*.

Sabemos que, com relação às preposições, há controvérsias quanto à sua natureza funcional ou categorial. Abney (1987, p.63) apresenta dúvidas quanto à categoria da preposição ao afirmar que “as preposições parecem estar no limite entre elementos funcionais e lexicais”. Já Emonds (1985, p. 14) sugere que a preposição pertença à classe funcional “as preposições que normalmente correspondem ao termo tradicional ‘prepositions’ são categorias de cunho mais gramatical que lexical”. Há, ainda, alguns autores que classificam as preposições como vazias de significado (dummy prepositions), dentre eles Williams (1989) e Giorgi (1991). As preposições exercem um papel fundamental para o estabelecimento da coesão no texto. Em algumas ocorrências elas parecem ser categorias funcionais, em outras, comportam-se como categorias lexicais. Uma análise parcial permite-nos antever uma sutil evidência que caracteriza o *de* como uma preposição, no âmbito da “categoria funcional”.

Berg (1996) que adota o arcabouço teórico da teoria chomskyana em sua análise, assume a preposição como “categoria funcional”. Ao fazer um levantamento dos traços que identificam as categorias funcionais e lexicais, à pág. 48, afirma: “as categorias funcionais representam uma classe fechada, apresentam uma contribuição semântica de segunda ordem, não atribuem papel temático, atribuem/checam Caso (kaso)”. Assim sendo, considerando-se o fato de que as preposições em português são de número limitado e “estável” do ponto de vista diacrônico, diferentemente das categorias lexicais que, segundo Berg, *op., cit.*, “representam uma classe aberta, não apresentam uma contribuição semântica de segunda ordem, atribuem papel temático e não atribuem /checam Caso (Kaso)” (Berg, *ibidem*, p. 48). As preposições comportam-se como categoria funcional.

Com relação ao item sob exame, deve-se colocar em destaque o trabalho de Borer (1985) sobre as construções das relativas, em francês, para distinguir a relativização de preposições fracas versus a relativização de preposições fortes. Segundo os testes estabelecidos por ele, em francês, o *de* está na relação das preposições denominadas “fracas” e que, por isso, podem ser apagadas. Se aplicarmos os critérios de Borer para o português, o *de* pode ser interpretado como uma preposição fraca, e, por conseguinte, uma preposição “típica”. Resulta daí, no nosso entender, a sua profusão de ocorrências e relações em contextos diversos. Aliás, Rocha Lima (1976), como se registrou na seção 2.2.3 classifica o *de* como uma preposição “fraca”.

Ramos (1989), ao analisar o emprego de preposições no português do Brasil, constatou que a realização de sintagma nominal com a preposição *a* na função de objeto direto configura-se como uma variante. Vejam-se os dados por ela apresentados:

- (1) a. “Ele contratou e *aos* outros também”
b. “Este é o homem *a* quem encontrei ontem na loja”

Segundo a Autora, embora a frequência da preposição *a* seja baixa, a sua presença é relevante pelo fato de “atualizar um processo gramatical mais amplo: a realização ‘morfológica de Caso’. (Cf. p. 84). Processo este “responsável pela presença de clíticos e de ‘desinências’ de Caso nas diversas línguas”. As variantes por elas estudadas: “SN objeto” e “a SN objeto”, em quatro estágios do português: séculos VXI, XVII, XVIII e XIX, conforme o modelo teórico da regência e vinculação, possibilitou a constatação de que “o fenômeno da marcação preposicional de SNs acusativos configura uma mudança lingüística” (RAMOS, *ibidem cit.*, p. 86). Conclui a Autora que “a presença/ausência de *a* precedendo SNs acusativos é apenas um dos contextos onde a tendência à não realização morfológica de Caso se apresenta”.

Ramos não menciona o *de* como preposição que acompanha sintagmas nominais, nem tampouco ligada a formas infinitivas. Seu trabalho é relevante por ter constatado que “o fenômeno da marcação preposicional de SNs acusativos configura uma mudança lingüística”

Várias são as relações expressas pelas preposições portuguesas, e não é fácil sistematizá-las, principalmente pelo fato de muitas delas, usuais na modalidade escrita, não serem correntes na modalidade oral do português contemporâneo.

Diante do exposto podemos postular quanto ao nexos preposicional *de*²⁷: sua alta produtividade no sistema, sua multiplicidade de relações e “significações”, que se trata de um elemento substitutivo de vários outros nexos no português atual e no português pretérito, bem como item que antecede substantivo, adjetivo, particípio, pronome, numeral, verbo, advérbio, etc.

²⁷ Não é difícil de comprovar a alta produtividade da preposição *de* em português. Segundo a ferramenta “WordLists” do Programa “WordSmith”, o *de* está entre os 5 primeiros itens mais recorrentes no corpus de todos os períodos examinados, ocupando inclusive as três primeiras posições em três das cinco fases da língua.

Nas gramáticas normativas, a atenção está sempre voltada para a questão da classificação e conceituação dos itens preposicionais e há alguma discussão acerca de seu valor semântico. As gramáticas rotuladas de históricas, embora apresentem uma descrição mais detalhada, prendem-se ao aspecto propriamente histórico, apresentando as preposições oriundas do latim através da perda da marcação de casos. Já trabalhos mais recentes, como o de Berg (1996), classificam as preposições como itens de “natureza funcional”, posição com a qual concordamos, especialmente, no que se refere ao item *de*, devido à sua natureza sinonímica.

A seguir focalizar-se-á mais detidamente a análise de Mollica (1989) sobre a complementação nominal em português, pelo fato de seu estudo contemplar questões relacionadas ao tema desenvolvido no presente trabalho.

Mollica estudou os processos de “Queísmo e Dequeísmo” no português, admitindo o emprego das variante “0 que” e “de que” como um único mecanismo variável, qual seja (De)queísmo, que está regulado por motivações diversas, internas e externas à língua. Segundo a Autora, há sempre a previsibilidade, por parte da tradição gramatical, da “presença ou ausência do nexos preposicional ‘de’”. Nos contextos em que a norma prevê ou prefere o uso de ‘de’, a presença/ausência da preposição leva o nome de Queísmo”. Já naqueles contextos em que “se proscree completamente o emprego de ‘de’, presença de ‘de’ recebe o nome de Dequeísmo”.

Para explicitar os conceitos acima proposto, a Autora apresenta os seguintes dados:

(1) “...Eu estou com a impressão de que o senhor é candidato ao governo do seu estado...”
(Jornalista, entrevistador do programa Debate em Manchete, em 10/01/1988)

(1’) “ Tenho a certeza 0 que entre mim e o povo há muita coisa em comum e 0 que nós nos daremos muito bem-“ (Deputado Federal, pronunciamento do partido X, em rede nacional de tv, em 20/04/1988.

Os dados acima ilustram variação em (1) e (1’) que consiste na presença e ausência do ‘de’ respectivamente, diante de ‘que’ como introdutor de subordinada completiva nominal.

Outro tipo de alternância entre presença/ausência de “de’ antes de ‘que’ ocorre nas seguintes estruturas:

(2) “Eu poderia provar para o povo de que houve fraude nas eleições passadas” (Deputado Federal, programa Sem Censura, TVE, em 18/05/1988)

(2’) “Eu creio o que nós temos que fazer associação com qualquer país...” (Informante no. 160, inquérito no. 46, NURC/RJ).

Mollica afirma que a variação entre (2) e (2’) consiste na presença de ‘de’, em (2), e na ausência do nexos preposicional em (2’), diante de ‘que’, introdutor de sentença subordinada substantiva objetiva direta.

Após levantar algumas questões relacionadas ao Queísmo e Dequeísmo, a Autora apresenta uma extensa resenha dos estudos sobre o fenômeno no espanhol. Exibe algumas hipóteses explicativas, dentre elas “o cruzamento sintático” que é a mesma proposta para a explicação do Queísmo e Dequeísmo no espanhol. Esta parece ser a hipótese mais forte, tendo sido mencionada por quase todos os trabalhos citados por Mollica.

A Autora utiliza como modelo teórico-metodológico três orientações: “teoria da variação”, “difusão lexical” e “funcionalismo”, tendo como base amostra Censo, amostras NURC/RJ: DID e EF, bem como emparelhamento entre as duas amostras.

A hipótese da analogia introduzida por RABANALES²⁸ *apud* MOLLICA, 1989) é uma tentativa de “enfocar unitariamente Queísmo e Dequeísmo. Na sua base, alega-se que a introdução ou omissão de ‘de’ diante de ‘que’ em contextos não canônicos se deva a mecanismos associativos entre estruturas semanticamente equivalentes:

(7)²⁹ Sinto de que vou ficar doente, seria produzido por analogia a:

(8) Tenho a sensação de que vou ficar doente. Do mesmo modo que:

(9) Tenho a sensação o que vou ficar doente, surgiria de

²⁸ RABANALES, Ambrósio. Queísmo y dequeísmo en el español de Chile. In: *Estudios filológicos y lingüísticos*. Caracas: Instituto Pedagógico, pp. 413-444, 1974.

²⁹ Foi mantida aqui a numeração original do trabalho de Mollica.

(10) Sinto que vou ficar doente.

Essas explicações fazem com que surja a hipótese da “existência generalizada de neutralização do sistema”, proposta por Sanz (1986).

Dando continuidade às hipóteses extraídas por Mollica, através da resenha do fenômeno no espanhol, acrescem-se às duas primeiras hipóteses de “valor semântico da preposição e a da função comunicativa” da estrutura ‘de que’. Esta hipótese aventada por Bentivoglio (1976) admite a presença do nexos preposicional como ‘atenuador’ de sentido, como elemento que revela a ‘indiretividade’ que se quer imprimir nas asserções. Nessa perspectiva, assume-se que há motivações semânticas para a presença/ausência da preposição nos contextos analisados.

A hipótese da “função comunicativa” de García (1986) pressupõe que um “elemento morfo-sintático de características prepositivas se materializa gramaticalmente, motivado por necessidades pragmáticas”. Assim sendo, a presença do ‘de’ constitui uma estratégia icônica da comunicação, para expressar o distanciamento e/ou descompromisso do enunciador em relação ao conteúdo assertivo do enunciado.

A hipótese da “hipercorreção”, defendida principalmente por Bentivoglio (1981), diz respeito a condicionamentos de natureza sócio-pragmáticos. A ‘hipercorreção’ deve ser entendida como usos de construções desviantes do padrão, julgadas como mais “prestigiadas”, resultantes da imitação de um comportamento lingüístico de um grupo em relação a outro, normalmente como uma forma de ascensão social.

Outra hipótese aventada pela Autora é a “existência latente da variação”. Aceita-se a variação como oscilação existente permanentemente no espanhol.

E por fim, a hipótese que se refere à origem, implantação e propagação do fenômeno no espanhol. De acordo com a interpretação de Mollica, para a maioria dos estudiosos, “o Queísmo é antigo e completamente instalado no sistema”. Uns asseguram que Dequeísmo é inovação recente, outros, no entanto, afirmam que é um processo existente há mais tempo no espanhol.

Depois de descrever a metodologia e o quadro teórico adotado, a Autora se propõe a analisar o queísmo, adotando os princípios da ‘iconicidade’, ‘analogia’ e ‘processamento’. Vamos descrever, por hora, apenas o princípio da “analogia”, que nos interessa mais de perto.

A “analogia” configura-se fundamentalmente na tentativa de comprovar a veracidade e/ou força da explicação, no caso do Queísmo e Dequeísmo, por “cruzamento sintático”. Essas estruturas provêm de um processo associativo com construções semanticamente similares. Segundo Mollica, “o ‘cruzamento sintático’ controla a possibilidade e a não possibilidade de contextos potencialmente queístas possuírem construções equivalentes sintático-semanticamente aos contextos dequeístas”. (Cf p. 109). A Autora sob resenha ilustra casos de equivalência semântico-estrutural e casos sem equivalência semântico-estrutural.

Outro grupo de fatores proposto para controlar o efeito da analogia sobre a emergência do Queísmo e Dequeísmo é a “inserção de complemento nominal”. Essa variável tem motivação no pressuposto de que os introdutores ‘de que’ ou ‘Oque’ de subordinadas têm chance de empregar-se ou não, dependendo da existência de sintagmas nominais, do tipo de ‘o fato de’, ‘a idéia de’ expressos ou não expressos, admitidos ou não admitidos subjacentemente. Para Mollica, *op.cit.*, “se estes constituintes nominais não estão presentes, mas são aceitos extra-estruturalmente, a variável ‘de que’ tem boas chances de ocorrer”. De outro lado, se eles não estão expressos e não são aceitos subjacentemente, a tendência é o uso da variante ‘Oque’. Há dois fatores nesse grupo: ‘com inserção de SN’ e ‘sem inserção de SN’.

Como se vê, Mollica comprova a eficiência da analogia, através do ‘cruzamento sintático’ para explicar o fenômeno por ela analisado. Veja-se o seu comentário:

mecanismos analógicos atuam nas línguas. Ao conceber as estruturas linguística operando em dois eixos simultâneos - o sintagmático e paradigmático - Saussure já previra estratégias comunicativas, posto que a essas subjazem seleções e combinações”. Não é absurdo prever portanto “contaminações” entre estruturas. (Mollica, 1989, p.126).

À página 129, Mollica conclui que “ausência leva a ausência e a presença leva a presença, desde que haja equivalência morfo-sintática perfeita”.

Para a análise diacrônica, Mollica centra-se basicamente em Vasconcellos (1922), Bouciez (1930), Huber (1933), Dias (1959) e Mattos e Silva (1989). Inicia suas reflexões afirmando,

que no período arcaico, havia duas maneiras de construir completivas: a) introduzidas por ‘que’ e b) introduzidas por infinitivo preposicionado. O progresso do infinitivo preposicionado nas línguas românicas restringiu-se ao emprego da sentença completiva (Bourciez, 1930, p. 471), depois de verbos de pedido e ordem. Fenômeno este corrente em italiano, espanhol e francês. Nesta última o fenômeno ainda se mantém.

Mollica assegura não ter encontrado na coletânea de Vasconcelos a construção ‘de que’ em completivas. Mas encontrou registros de ‘de que’ em orações subordinadas no texto da *Demanda do Santo Graal*, do século XII e início do século XVIII.

A Autora em exame afirma ter verificado outros usos da preposição *de* nos textos por ela consultados. São eles: “de como possessivo”; “de diante de infinitivo” e “de em orações relativas”. Vejam-se os três exemplos do *de* infinitivo citados:

(127) “...E nom pensarom senom *de* guardar seus corpos...” (D. Sto. Graal, p. 243)³⁰

(128) “Onde Agustinho diz que non foi outra causa ao Senhor Cristo *de* viim, senom salvar os pecadores”(O Livro de Vita Christi, p. 200)

(129) “Que farám estes, quando o Senhor Deus começar *de* oolhar por êsto?” (Boosco Deleitoso, p. 20).

Tendo como parâmetro algumas semelhanças entre o espanhol e o português, Mollica caracteriza a construção ‘de que’ como uma inovação nos dois sistemas. Segundo ela, a inovação consiste “num processo de ‘inserção’ e não de ‘omissão’, uma vez que, originariamente, a variante ‘Oque’ foi a base da relação de complementação sentencial em quaisquer dos contextos de subordinação entre orações, na história das línguas românicas. A autora, com base nesse pressuposto, arrisca-se a afirmar que: “a variante ‘de que’ é inovadora no sistema do português em diversos estágios da língua, confirmada pelo princípios da analogia”.(Cf. MOLLICA, p. 239-240).

Essas longas anotações sobre o trabalho de Mollica interessam-nos pelo fato de elas possibilitarem a sustentação de algumas hipóteses aventadas na literatura tradicional, histórica e lingüística, para explicar o fenômeno da complementação infinitiva. O princípio da analogia

³⁰ Ilustrações extraídas de Mollica (1989, p. 237-238).

é um deles, não só pela sua recorrência, mas também pela sua utilização na explicitação de outros fenômenos em português.

Do exposto, observou-se que a forma infinitiva desempenha, em português, várias funções, ou seja, como forma nominal por excelência, possui as mesmas atribuições do nome, isto é, pode funcionar como sujeito, complemento, predicativo, etc. Ademais o infinitivo não indica a pessoa gramatical, nem tampouco o tempo no qual a ação se situa e pode funcionar, como já dito, fora do plano verbal como nome.

No que tange à regência/complementação verbal, verificou-se que a variação do complemento [de+infinitivo] e [Ø+infinitivo] ocorre mais freqüentemente com determinados verbos. Os mais recorrentes são **começar, desejar, determinar, dever, esperar, jurar, ordenar, ousar, prometer**. Todos eles, segundo os dicionários especializados, podem ser usados como transitivos diretos. Deve-se acrescentar que o regime destes verbos é determinante para a ocorrência ou não do complemento acima referido.

O comportamento de um verbo com relação aos seus argumentos parece ser guiado pelo seu significado. Observe-se o que nos diz Barreto (1955) sobre o perfil do verbo **ordenar**: “puristas exagerados tacham de galicismo a construção **deste verbo** (grifo nosso) com a preposição *de*”. Veja-se que o Autor reforça a idéia de que a anteposição da preposição *de* antes de um complemento infinitivo não é um fenômeno corrente para todos os verbos em português.

Também Said Ali (1964, p.175) tem uma posição bem clara acerca da presença do *de* antes de infinitivo. Segundo ele, era comum no português antigo a preposição *de* antepor-se ao “infinitivo-objeto, podendo esta linguagem alternar com a da eliminação da partícula”. O Autor acrescenta que essa partícula foi aos poucos desaparecendo, em alguns casos mais cedo, em outros mais tarde, até se fixar no português moderno apenas a forma infinitiva, não preposicionada.

Essa observação de Said Ali é interessante porque sugere que do ponto de vista diacrônico, a variante [de+infinitivo] é a mais antiga e que esta foi, aos poucos, sendo substituída por outra sem o nexos preposicional. Admite, assim, que a substituição de uma regência por outra ocorreu gradativamente, através dos tempos.

Discordamos do grande mestre no ponto em que ele afirma que o desaparecimento da preposição *de* antes de infinitivo vem ocorrendo gradativamente. Essa assertiva somente pode ser comprovada, embora não o seja na sua totalidade, na modalidade escrita. Presumivelmente por exigência da “norma/prescrição” a elipse do item preposicional é recomendada nesta modalidade. O mesmo não pode ser afirmado com relação à modalidade oral, pois, nesta última, é recorrente a presença da preposição antes do infinitivo.

O verbo **dever**, como se observou, ocorre efetivamente com os dois regimes: infinitivo preposicional e não preposicional. Dentre os autores resenhados apenas Bechara, Nascentes e Neves admitem valor semântico para este verbo, quando vem seguido da preposição *de* antes do infinitivo. Segundo eles, a presença/ausência desta preposição antes da forma infinitivo serve para indicar ‘probabilidade’ e ‘precisão de resultado’ respectivamente. No entanto, o próprio NASCENTES (1967, p. 98) ilustra vários exemplos de autores que não utilizaram a preposição para indicar ‘probabilidade’ e vice-versa. Observa-se, assim, que a presença/ausência da preposição *de* em português é utilizada aleatoriamente, não prevalecendo necessariamente as idéias de “precisão de resultado” e “probabilidade”, conforme sua ocorrência ou não nesse contexto.

Do nosso ponto de vista, a presença/ausência da preposição *de* diante do infinitivo não altera o sentido do verbo. Veja-se: “Ele devia de fazer o trabalho com mais calma” e “Ela devia fazer o trabalho com mais calma”. A presença da preposição na primeira estrutura não parece alterar-lhe o significado. O verbo **dever** assim colocado parece significar: “sugerir”, “recomendar”, “estimular”, “aconselhar”, etc. Ademais essa suposta diferença entre ‘probabilidade’ associada à presença do *de* e ‘precisão de resultado’ associada à sua ausência, não prevalece nos dados registrados. Assim sendo, concluímos com Rocha Lima (1976, p.321): a preposição *de* “**não tem sentido nenhum, expressando tão somente em estado potencial e de forma indeterminada, um sentimento de relação**” (grifos nossos).

No que tange à preposição *de*, observou-se, ainda, que todos os autores a classificam como preposição **essencial**, ou seja, aquele vocábulo que, em português, exerce apenas função prepositiva. Ademais este item está na relação das preposições consideradas vazias de significado e apresenta grande variedade de uso no idioma. Essa multiplicidade de emprego, a nosso ver, justifica a sua alta incidência na língua, inclusive como um item sinonímico.

Deve-se levar em conta também o fato de que se considerarmos simplesmente o critério da presença da preposição *de* para a caracterização de objeto direto em português, como o encontramos em várias gramáticas normativas, poder-se-ia, em princípio, postular para estes verbos seguidos de complementos [de+infinitivo], classificados tradicionalmente como transitivos diretos, para alguns autores, e transitivos indiretos para outros, como já se demonstrou, uma segunda possibilidade de complementação, a saber, “complemento infinitivo direto e/ou indireto”, conforme a ausência ou presença da preposição. Isso porque, depois destes verbos *transitivos*, há a possibilidade de inserção da preposição. Entretanto, não é esse o nosso objetivo, cujo resultado seria onerar ainda mais a farta taxonomia gramatical do português. Portanto, buscaremos outros caminhos através da análise de novos elementos intervenientes no processo de uso do *objeto direto infinitivo preposicional*.

A resenha possibilitou-nos registrar a alta produtividade das estruturas [de+infinitivo] em vários períodos da língua portuguesa, por diversos gramáticos de orientações diferentes. Assinalamos, ainda, a sua variação com a estrutura [Ø+infinitivo]. Esta última recomendada pelas gramáticas normativas como a forma “não-marcada”. Mesmo assim, na modalidade oral contemporânea, o emprego da estrutura [de+infinitivo] ligada a determinados verbos é muito recorrente.

A variação acima descrita é um fenômeno antigo na língua, sendo registrada ao longo da história do português e pode ser identificada como: uma “variável”, como postulado pelos variacionistas (Cf. TARALLO, 1986, p. 8), porque não há diferença de significado entre as variantes [de+infinitivo] e [Ø+infinitivo].

Os gramáticos, em especial os anteriores à NGB, explicam a ocorrência do fenômeno em português através da *analogia* com a estrutura nome [de+infinitivo] e o “cruzamento sintático” com outros complementos como *desejei ir, prometeu vir* sob influência de *tive o desejo de..., fez a promessa de...*, nestas construções há um complemento determinativo formado por *de* e um infinito. Veja-se BARRETO (1914, p.218).

No capítulo 3, a seguir, apresenta-se o referencial teórico-metodológico.

“Nossa razão é a diferença dos discursos, nossa história é a diferença das épocas, nossos eus são a diferença das máscaras. Essa diferença longe de ser a origem esquecida e recuperável, é a dispersão que somos e fazemos”

(Michel Foucault)

Capítulo 3 - Referencial Teórico-Metodológico

No capítulo 2 apresentamos a resenha bibliográfica, cuja meta principal foi registrar a variação do complemento infinitivo presente na literatura lingüística do português. Como se viu, as referências mais significativas ao fenômeno encontram-se documentadas nas gramáticas anteriores à NGB e nas gramáticas de cunho “histórico”.

Discutir-se-á neste capítulo a configuração do referencial teórico-metodológico adotado na presente pesquisa. Iniciaremos por apresentar alguns dos princípios teóricos e metodológicos da sociolingüística laboviana, destacando o que será utilizado no decorrer do trabalho. Em um segundo momento apresentam-se algumas questões relacionadas à lingüística de *corpus* que figura na análise quantitativa.

No modelo de análise lingüística proposto por Weinreich, Labov, & Herzog (1968), Cedergreen & Sankoff (1974), Labov (1975a), (1975b), Pintzuk (1988), Labov (1994) a língua deve ser analisada dentro de um contexto social, associando a ela a noção de heterogeneidade como uma característica necessária. Nesse sentido, a língua passa a ser concebida como uma estrutura inerentemente variável. Esse pressuposto permite identificar os fenômenos variáveis com suas respectivas variantes (as variáveis dependentes) e o estabelecimento de fatores ou grupos de fatores para operacionalizar as hipóteses propostas, bem como a quantificação/caracterização dos contextos relevantes para a ocorrência de uma variável. Pressupõe-se, então, o encaixamento das variáveis dependentes na matriz lingüística e social, para um real entendimento de sua ocorrência no sistema, como reflexo de uma variação estável, de uma mudança de longa duração ou de uma mudança em progresso. Postula-se, então, que a mudança lingüística pressupõe variação, mas a variação não pressupõe necessariamente mudança.

3.1 Pressupostos da Sociolingüística

Neste trabalho vamos lançar mão da metodologia variacionista no que diz respeito aos fenômenos variáveis, correlacionando-os a fatores intralingüísticos porque o objeto de estudo por nós proposto constitui fenômeno de variação na língua, o que presume a existência de

alternativas estruturais para o falante. Os fatores extralingüísticos não serão utilizados na análise dos dados e a análise quantitativa terá como base o Programa “WordSmith”.

Fischer (1958) foi um dos primeiros estudiosos sistemáticos de variação. Ele buscava descobrir os determinantes da seleção de variantes –in e –ing nos participios usados por estudantes adolescentes de Boston. Fischer encontrou estes determinantes em correlação com classe social e sexo. Depois desses estudos, os lingüistas reconheceram que a variabilidade ocorre em uma larga escala e que a sua presença numa comunidade de fala é sistemática, ordenada, padronizada. O início dos estudos sociolingüísticos requereu um estudo de fala real em seu contexto social. No entanto, o primeiro estudo sociolingüístico de fato foi realizado por Labov (1963) em Martha’s Vineyard, em 1962, o qual dentre outros, motivou o trabalho com gravadores entre os sociolingüistas.

Para Milroy (1992), a mudança lingüística é de natureza social e o que muda é a atitude dos falantes em relação à língua. Ele a vê como um fenômeno variável todo o tempo e acrescenta que reflexões históricas adequadas devem ser considerações que levem em conta mudança de variação de modelos. Milroy discute a formulação de Weinreich, Labov & Herzog (1968) sobre “The actuation problem”. Por que mudanças em traços estruturais ocorrem em uma determinada língua, em um determinado momento, mas não em outras línguas com os mesmos traços ou na mesma língua em outros momentos? Segundo o referido Autor, (1992, p. 10) para “descrever diferentes padrões de mudança em tempos e lugares particulares, nós precisamos primeiro descrever aqueles fatores que tendem a manter estados da língua e resistem à mudança”.

Milroy, *op. cit.*, afirma que “a língua falada varia e muda e é nesta modalidade e não na língua escrita que a mudança estrutural é implementada”. Sobre o conceito de norma, o Autor diz que esta é a concordância entre os falantes acerca do uso real de um determinado fenômeno lingüístico. Dito em outros termos, a norma é o consenso entre os falantes de uma rede; o melhor estilo é o casual. Deve-se investigar a estrutura lingüística interna da fala da comunidade para que a interpretação sociolingüística dos dados não seja superficial e errada. Não há logicamente nenhuma razão para que os padrões revelados em um estudo pioneiro devam ser considerados como definitivos para todas as comunidades.

O Autor em foco admite que a inovação é um ato do falante capaz de influenciar a estrutura lingüística. Assim sendo, inovações ocorrem todo o tempo na língua e muitas não entram no sistema lingüístico como um todo. Um estudo lingüístico que privilegie a fala no seu contexto de realização deve levar em conta generalizações acerca da fala de uma dada comunidade.

Em seu trabalho, Milroy não usa o conceito de “vernáculo”, termo que, neste sentido, corresponde a um tipo de conjunto de dados consistentes e representativos da “gramática” da comunidade de fala, adotado por Labov. A razão é que o vernáculo deve ser uma idealização e assim deve ser inacessível na prática (não se observa a língua, observam-se pessoas falando). O pesquisador deve buscar sempre o estilo “casual”, tentando separá-lo do estilo “monitorado”.

No presente trabalho, para a modalidade oral do português contemporâneo, optou-se por coletar também estruturas espontâneas, no momento de sua enunciação, considerando-se sempre o estilo “casual”. Essa abordagem permitiu-nos observar as pessoas falando, interagindo espontaneamente sem nenhum tipo de coerção ou direcionamento. Deve-se esclarecer que a presente pesquisa partiu desse tipo de observação, pois o objeto de estudo aqui focalizado não teria sido notado caso houvéssimos utilizado outra forma de verificação.

Chambers (1995) afirma que o modo como as variáveis lingüísticas qualitativas e quantitativas estão inseridas nos dialetos sociais parece ser universal. Outro princípio que as pesquisas sociolingüísticas provam ser universal é o de que certas variáveis são primitivas aos dialetos “vernaculares”, uma vez que elas estão presentes em todos eles ao redor do mundo. O Autor menciona vários fenômenos lingüísticos para ilustrar essa sua afirmação, dentre eles a “negação múltipla”, a “regularização da conjugação verbal”, “uso do singular”, quando o padrão pede plural, etc. Todos esses fenômenos estão presentes em muitas línguas e em diversas localidades no mundo. Não obstante, acrescenta que a pesquisa sociolingüística, nos últimos 30 anos, procurou saber como as variáveis funcionam nos vários dialetos. O próximo passo deve ser o de investigar por que isso acontece.

Quanto aos fatores condicionadores da mudança lingüística, Romaine (1995) questiona a interrelação entre fatores “internos” e “externos” no que se refere à motivação para a mudança. A autora argumenta a favor da não dicotomia. Segundo ela, muitos fatores externos de várias línguas não são conhecidos. A descoberta desses fatores externos poderia permitir

uma maior compreensão da lingüística histórica. Presumivelmente muitas comunidades historicamente focalizadas com o tipo de redes altamente densas, onde as pessoas interagiam principalmente com aquelas que tinham mais conhecimento de suas vidas, partilhando esses mesmos conhecimentos, valores etc., podem não compartilhar o mesmo repertório discursivo. Nesse sentido, Romaine, *op. cit.*, afirma ser urgente a realização de estudos sobre variação e mudança lingüística em pequenas escalas sociais para contrastar comunidades isoladas com aquelas sob intenso contato.

Com efeito, algumas questões relacionadas às redes sociais são pertinentes, visto a interação social, nesse sentido, tender a ser mais abrangente e universal. Um conceito relevante no que se refere às redes é aquele que considera a interação social. Desse modo, a análise que se guia por essa premissa oferece vantagens sobre aquela que trabalha com classes sociais. Dentre as principais vantagens destacam-se o fato de poder se prescindir de qualquer modelo teórico sobre classes sociais; o fato da abertura de espaço para uma análise funcionalista, do ponto de vista das relações sociais; um ponto comum entre análise de redes e análise lingüística devido a ausência de limites precisos; variáveis de análise mais generalizadas e menos conscientes (redes) do que outros tipos de agrupamentos. Seguindo essa perspectiva, pode-se observar com mais segurança o tipo de vínculo que se estabelece entre os indivíduos nas redes sociais, como a variação do grau (mais estreito/frouxo) que determina a noção de comunidade de fala.

A rede social é composta por indivíduos que se relacionam entre si. Deve-se reiterar que não se trata dos termos tradicionais de classes sociais, como proposto por vários estudiosos na literatura. É uma comunidade que possui uma estrutura funcional para resolver problemas cotidianos. Assim, as relações de redes entre os indivíduos são funcionais, como a variação lingüística também é funcional. Ademais, o modelo das redes sociais se espelha na força dos laços sociais que podem existir entre os indivíduos.

Granovetter (1973/1982)¹ *apud* Milroy (1992), ao mencionar “laços”, assim se expressa: “a força de um laço é uma combinação da quantidade de tempo, intensidade emocional, intimidade (confiança mútua) e serviços recíprocos”. Esses aspectos são provavelmente suficientes para satisfazer a maior parte dos sentimentos das pessoas que pode ser interpretado

¹ GRANOVETTER, M. The strength of weak ties. *American Journal of Sociology*, 78, 1360-80, 1973.
GRANOVETTER, M. The strength of weak ties a network theory revisited. In: MARS DEN, P. V. and LIN, N. (eds). *Social structure and Network/Analysis*, London: Sage, 1982.

por um laço interpessoal “fraco” ou “forte”. Mesmo a força de um laço sendo uma variável contínua é necessário ter em mente que este deve ser tratado em termos relativos: um laço é “fraco” se for menos forte que os outros laços com os quais ele é medido. Segundo Granovetter, laço “fraco” entre grupos provê pontes através das quais informação e influência são propagadas. Explicitando um pouco mais essas idéias, Milroy assegura que os laços “fracos” são provavelmente mais numerosos que os laços “fortes”. Um número muito maior de indivíduos pode ser alcançado por meio de laços “fracos” que através de laços fortes. Os indivíduos que contraíram mais laços fracos, mas que devido à sua mobilidade ocupa posição marginal em algum grupo coesivo, estão em uma posição particularmente forte para levar informações através dos limites sociais e para propagar inovações de todos os tipos.

Ainda de acordo com Milroy (1992), no modelo de rede, a existência de laços “fortes”² é uma condição necessária para a inovação ser adotada. Entretanto, deve haver condições adicionais. Uma destas é a “psicossocial”, isto é, os falantes da comunidade receptora identificam-se por alguma razão com os falantes da comunidade ‘doadora’. Em última análise, para uma inovação ser adotada é necessário que os “adotantes” acreditem que a adoção da inovação traga algum benefício para eles ou para seu grupo. Além disso, uma explicação baseada na idéia de identidade e solidariedade do grupo é mais satisfatória que aquela que confia no prestígio e na dimensão da classe social. De outro lado, os falantes cuja estrutura de rede são menos fechadas estão também menos propensos às normas de um vernáculo conservador fechado da linguagem e são menos expostos a influências externas que, em muitos casos, serão, relativamente falando, influências padronizadoras.

Em síntese, para Milroy não existe motivação interna no sistema para uma mudança lingüística. Todas as mudanças são socialmente motivadas, introduzidas por ato de fala por parte de falantes individuais que são difundidas através de redes sociais de vários tipos. Onde as relações são mais frágeis, as pessoas são susceptíveis a mudanças. Os próprios inovadores são eles mesmos indivíduos fracamente ligados a cadeias e certamente numa posição de estabelecimento de ligações frágeis. Assim sendo, mudança lingüística progride mais lentamente em redes mais densas que têm pouco contato com o mundo exterior.

² Para Milroy, “laços fortes” estão relacionados aos serviços prestados, tempo, intimidade, etc.

A mudança lingüística internamente motivada versus a mudança lingüística externamente motivada é um dos legados estruturalista de Saussure herdado pela lingüística contemporânea. Quanto à distinção entre fatores internos e externos, Saussure assegura: uma língua muda quando internamente ela muda. O Autor não estabelece nenhum compromisso na distinção entre fatores internos e externos. Para ele, tudo que muda no sistema é, de algum modo, interno.

WLH (1968) enfatizam a necessidade de usar a história externa de uma língua na reconstrução histórica em substituição à dicotomia sincronia e diacronia. Entretanto, o chamado “actuation problem”- implementação - é o centro da questão quando se lida com a motivação ou causa da mudança. Um fato é separar a causa da mudança – motivação. O outro é mostrar como essa propagação ocorre.

Como foi dito, em redes densas, por exemplo, as probabilidades de mudanças são menores, pois as mudanças ocorrem nas redes de maior mobilidade. Na verdade, a mudança depende de uma teoria particular. Pode-se falar em mudança de várias formas como a gênese, a propagação ou mesmo a soma dos dois estágios.

Meillet (1916, p.66) argumenta: se as línguas não fossem usadas, não haveria qualquer razão para sofrerem mudanças. Também Martinet (1989) diz que a língua muda porque funciona. O sistema existe em movimento, não há contradição entre sistema e mudança.

A língua transforma-se sem cessar, não deixando jamais de desempenhar a sua função principal, a de ser um instrumento de comunicação. O seu funcionamento, em oposição ao que durante alguns séculos se pensou, não é conflitante com a mudança, implica-a. O sistema existe em movimento, e as mudanças são explicadas dentro do funcionamento da língua. A própria estrutura da língua é um aspecto do seu funcionamento.

Nos paradigmas da teoria gerativista os fatores externos são geralmente utilizados como um último recurso para explicar um fenômeno que não pode ser identificado através de fatores internos. A abordagem gerativista tem denominado mudança uma reestruturação radical desencadeada pela opacidade. Com o maior papel da aquisição pelas crianças como fonte de mudança estrutural, bem como a teoria paramétrica que concebe a mudança em termos da gramática do indivíduo.

Romaine, *op. cit.*, pondera acerca das discussões relacionadas a posturas tradicionais sobre a influência dos empréstimos e do contato de línguas como fenômenos imbricados na mudança lingüística. Segundo Romaine, essas discussões simplificam o problema, pois o contato não se manifesta somente em termos de transferência de traços de uma língua para outra. Outros efeitos do contato podem ser a simplificação ou regularização em paradigmas, a redução de variantes, supergeneralizações, ou ainda uma aceleração de mudança já em andamento. O contato de línguas não pode ser separado do problema de queda de uso de variantes.

Trudgill (1992) questiona a possibilidade de diferentes tipos de sociedade produzirem diferentes tipos de mudanças. Seria o faroese mais conservador que o norueguês? O fato é que diferentes tipos de mudanças que ocorrem em línguas em contato geralmente as tornam mais simplificadas, regulares e analíticas em sua estrutura. Os pidgins seriam casos extremos. De outro lado, outros tipos de mudança como regras de fala rápida, que tornam a fonologia mais opaca aos aprendizes de segunda língua, são, provavelmente, menos institucionalizáveis em línguas de contato elevado.

Thruston (1987) afirma que séculos de uso de uma língua no interior de uma comunidade pequena leva à aquisição de complexidade. Mudanças radicais tendem a ocorrer em línguas sob intenso contato: mudanças ‘aberrantes’, isto é, mudanças não facilmente explicáveis, nos moldes da tradicional reconstrução histórica comparativa.

A dicotomia fatores internos versus fatores externos, exaustivamente presente na literatura lingüística, não põe fim às controvérsias existentes. A priorização de fatores estruturais ou não estruturais está relacionada ao tipo de fenômeno pesquisado. Há temas mais sensíveis à influência de fatores externos, assim como há aqueles que são mais sensíveis à atuação de fatores internos. É sabido que a maioria dos estudos sociolingüísticos tem focalizado a descrição do sistema fonológico. Provavelmente, para esse tipo de análise, a atuação dos fatores externos seja mais evidente e determinante na disseminação da mudança lingüística. No entanto, para a descrição de fenômenos sintáticos, a correlação fatores internos/fatores externos, como já demonstrado por alguns pesquisadores, não parece tão relevante quanto o é para fenômenos fonético-fonológicos.

Na seção seguinte, apresentar-se-ão pesquisas realizadas na área da sintaxe, onde a aplicação de fatores externos não foi relevante para explicar o fenômeno estudado. Segundo essas pesquisas fatores não-estruturais (sexo, idade, classe, categoria social) não influenciaram significativamente os fenômenos analisados. Diante desta perspectiva, exploraremos mais acentuadamente a intervenção dos fatores internos no que concerne ao objeto aqui pesquisado por ser este um fenômeno essencialmente sintático.

3.2 Sobre os Fatores Internos

Os resultados das pesquisas mencionadas na próxima seção enfatizam a relevância dos fatores internos. Vejam-se as análises apresentadas e as conclusões a que chegaram suas autoras.

Santos (1990), ao estudar “aspectos da alternância SV/VS no Português coloquial”, chegou à conclusão de que os fatores sociais não interferiram no uso da sintaxe SV e VS. A autora apresenta como suporte de argumentação o fato de Sankoff e Labov (1979) afirmarem que um componente do nível sintático é menos sujeito a pressões sociais do que o componente do nível fonológico.

Também Lira (1982), em sua tese de doutoramento sobre a “ausência vs presença” do pronome sujeito em português, constatou que os fatores sociais não apresentaram efeito forte na escolha da posição do sujeito, exceção feita à classe média que, segundo a autora, apresenta uma leve tendência à realização do sujeito posposto.

Deve-se destacar que, conforme Sankoff e Labov, *op. cit.*, os fatores não-estruturais não são considerados significativos para fenômenos de ordem sintática. Segundo eles, a explicação para o fenômeno é dada pelo caráter abstrato do componente sintático da linguagem. Os fatores externos como sexo, idade e classe social não são suficientemente fortes para interferirem numa estrutura tão abstrata como a estrutura sintática da língua. Portanto, ao se proceder a análises sintáticas, não é de se esperar que o exame dos fatores externos apresente resultados pertinentes.

Pretende-se focalizar, na presente pesquisa, o “encaixamento” estrutural, a “transição” e a “implementação” da mudança, caso ela ocorra, como já foi dito no capítulo 1. Cumpre dizer

que, para a análise da variação [de+infinitivo] e [∅+infinitivo], utilizar-se-á apenas o encaixe estrutural que permite a identificação da matriz favorecedora da mudança.

Os seguintes fatores condicionam a variação do complemento [de+infinitivo] e [∅+infinitivo] em português:

- **estruturas adjacentes (ruptores)**
- **classe de verbos**
- **tempo verbal**
- **modo verbal**
- **pessoa gramatical**

A seleção desses fatores não foi aleatória, ela se deve ao fato de estes já terem sido usados na literatura lingüística, com resultados altamente significativos nas pesquisas de cunho sintático. Dentre eles, Pontes (1973), Vitral (1987), Mollica (1989), Levin (1993), Madureira (2000).

O fator denominado “ruptores” já foi tratado por Tarallo *et alli* (1990, p. 34-58) ao observarem a ordem da adjacência no português. Eles concluíram que, embora esta não atue de forma estrita no sistema da língua portuguesa, possibilitando a intromissão de elementos entre os núcleos atribuidores de caso e seus receptores, o usuário da língua privilegia as formas em que a adjacência canônica é respeitada.

Kato (1987b) afirma que no português a adjacência pode ser violada por vários elementos, admitindo interrupção entre o verbo e o seu objeto. No entanto, nos espaços onde a adjacência é esperada, na linguagem oral, a forma canônica da adjacência é a preferida e a mais freqüente.

Nestes termos, os autores em foco objetivam estudar estes elementos denominados genericamente “ruptores”, “estejam eles no espaço que viola a adjacência (ruptores *stricto sensu*), estejam nas posições marginais da sentença ou ainda na posição entre a “cópula” e o predicativo” (Cf. TARALLO *et al*, 1990, p.36). Propõem-se, então, estudá-los do ponto de vista da categoria sintagmática.

As diversas análises dos tipos de ruptores apresentadas pelos autores em exame, bem como o modelo teórico adotado por eles não serão discutidos aqui, pois nosso interesse está centrado na utilização desse fator para analisarmos se há ou não favorecimento dele nas estruturas, onde ocorre a preposição *de*. Assim sendo, utilizaremos o rótulo “ruptor”, nos moldes de Kato (1987b) e Tarallo *et alli* (1990), apenas para denominar um elemento interveniente entre o verbo regente e a estrutura infinitiva.

Cumpramos observar que consideraremos como “estruturas adjacentes” o complemento [de+infinitivo] ou [∅+infinitivo] contíguo ao verbo regente, isto é, sem nenhum tipo de “ruptor”. Já estruturas “não-adjacentes” dizem respeito aos elementos intervenientes entre o verbo regente e o seu complemento, no caso aqui estudado, às construções infinitivas preposicionadas e não preposicionadas.

As classes de palavras também serão observadas para verificar se elas favorecem uma ou outra variante. Sabemos que as classes adjacentes à esquerda do verbo regente são mais rígidas que as classes que ocorrem ao lado direito. Assim sendo, examinaremos todas as classes de palavras à esquerda e à direita do verbo regente e seu complemento, verificando a possível interferência dessas classes no tipo de variante selecionada: com ou sem preposição.

Encontramos uma farta variação do complemento [de+infinitivo]~[∅+infinitivo] em períodos pretéritos do português. Milroy (1992, p. 23) afirma que “os estados anteriores da língua foram estados variáveis, embora a tendência dominante identifique estados uniformes”. Esse aprofundamento no tempo poderá confirmar ou não uma mudança lingüística.

Os fenômenos variáveis estáveis também são freqüentes nas línguas, portanto sistematizar esta estabilidade pode ser relevante para melhor explicitar e entender determinados tipos de mudança. O que não muda é o que configura a língua como tal. Daí ser importante descrever também os padrões de manutenção lingüística, onde eles ocorram. Milroy, *op. cit.*, p. 10 observa através do seu “Principle 3”, que “para descrever diferentes padrões de mudança em tempos e lugares particulares, torna-se necessário descrever primeiro aqueles fatores que tendem a manter estados de língua e resistem à mudança”.

Existem trabalhos relevantes de análise sociolingüística, na área da sintaxe do português. No entanto, essa área ainda apresenta carência no que diz respeito à análise que englobam os

pontos de vista sincrônico e diacrônico. Esperamos, pois, que a presente pesquisa possa contribuir para a descrição da variação da complementação infinitiva na modalidade oral e escrita do português do ponto de vista sincrônico e diacrônico.

O método de trabalho proposto por Labov pode ser usado concomitantemente a outras metodologias lingüísticas ao afirmar “que o seu objetivo não é necessariamente criar uma nova teoria da língua, mas propor um novo método de trabalho” (Cf. LABOV 1972, p. 207).

Devido a essa possibilidade, faremos uso de ferramentas utilizadas na Lingüística de *Corpus*, para a análise quantitativa dos dados, com o intuito de melhor sistematizar a ocorrência da variação da complementação infinitiva em português. Entretanto, deve-se esclarecer que a metodologia de análise aqui proposta remete a alguns pressupostos da teoria variacionista, em especial, ao que se refere ao reconhecimento da língua como um fenômeno heterogêneo e variável.

No que se refere à variação do complemento [de+infinitivo]~[∅ infinitivo], a nossa hipótese é a de que a após a coexistência das duas variantes, a construção [de+ infinitivo] vem sendo aos poucos substituída pela construção [∅+infinitivo], para certas classes de verbos. Além disso, essa mudança vem ocorrendo em ritmos diferentes, há verbos que só apresentam variação do complemento [de+infinitivo]~[∅+infinitivo] na fase arcaica da língua. Para esses verbos, pode-se postular uma mudança já efetivada na língua. Em outros casos, há aqueles verbos que admitem variação em todos os períodos pesquisados, indicando um fenômeno de retenção.

Ademais, tendo-se em vista a utilização da hipótese da “mudança analógica” para a explicitação da variação da complementação verbal objetiva infinitiva, em português, os fatores aqui citados são aqueles mais revisitados nessa perspectiva de mudança. Hock (1986), ao tratar das tendências da mudança analógica, apresenta seis leis de analogia elaboradas originalmente por Kurylowicz. Destacam-se, nestas leis, a pertinência do “tempo presente”, do “modo verbal”, da “terceira pessoa do singular” pelo fato de serem estas as formas “mais básicas” na língua. A propósito, apresentaremos, na seção seguinte, algumas considerações sobre o princípio da analogia, visto ser este relevante, para uma possível explicação da disseminação do complemento [de+infinitivo]~[∅+ infinitivo], com determinadas classes de verbos em português.

Para Nogueira (1937) a “analogia” não deve ser entendida apenas como “uma causa de freqüentes exceções”, Ela é também “uma causa reguladora”. Na analogia deve-se considerar dois termos: um que exerce influência, ou seja, serve de modelo de comparação (termo ativo) e o outro que sofre a influência, isto é, serve de objeto a comparar (termo passivo). O termo ativo deve preencher as seguintes condições: a) “que seja de uso mais geral; b) que seja mais de harmonia com a índole da língua; c) que, pertencendo a um grupo, disposto numa determinada ordem, ocupe na escala lugar anterior; d) que, referindo-se as categorias gramaticais, ocupe categoria mais nobre”.

A analogia é uma causa que origina “transformações” e que origina “modos de ser” de flexão, bem como criação nos domínios da linguagem. Quanto às transformações que origina tem-se: a) “uma aproximação (assimilação) ortográfica, fonética, mórfica, semântica ou sintática de duas ou mais expressões vocabulares ou frásicas”; b) “uma distanciação (dissimilação) também ortográfica, semântica”, sintática, etc. No que tange às criações, cujos modos de ser origina, tem-se: a) “as flexões gramaticais”, b) “as derivações vocabulares”, c) “a criação de palavras”, d) “a atribuição de significados às palavras”.

A analogia pode atuar, pois, em vários campos da linguagem. Através do cruzamento, isto é, por analogia, uma estrutura do tipo de “depois que” – que normalmente é empregada com a preposição *de* que segue o vocábulo “depois”, e, semanticamente muitas vezes *depois* equivale a *desde*, por analogia com *desde* que se constrói seguido de *que*, diz-se comumente *depois que*.

Do exposto percebe-se que Nogueira reconhece a importância da analogia para explicar as transformações no âmbito da fonética, morfologia, sintaxe, etc. De fato, em muitos casos, transformações ocorridas em vários fenômenos lingüísticos do português são produtos da analogia.

Também Bynon (1983, p. 35) faz alusão à mudança analógica. Segundo ela, para uma mudança analógica acontecer são necessárias duas condições: 1) a pressuposição de uma identidade funcional em relação a alguma categoria gramatical ou semântica; 2) a pressuposição de que a estrutura da forma atuante como modelo seja morfologicamente transparente para o falante nativo – normalmente formas resultantes de regras produtivas. A

mudança consiste na substituição da forma menos ou não mais transparente por uma nova, funcionalmente equivalente, cuja estrutura espelhará a do modelo. Significa dizer que aquela segmentação morfológica do modelo será transferida à nova forma.

A autora descreve vários casos de mudança analógica no âmbito da fonologia e da morfologia, assegurando que, nesta última, o princípio da analogia é mais facilmente observável.

No entanto, a extensão do modelo através de seu domínio original, segundo Bynon, é possível também na sintaxe. Embora ela não tenha aprofundado sua análise no que se refere a fenômenos de formação analógica na sintaxe, argumenta que a analogia é somente natural para o desenvolvimento de exceções analógicas de domínio naquelas áreas da gramática, onde construções são essencialmente geradas mais por regras, que por análises reproduzidas. E a sintaxe é um caso óbvio. Bynon parece entender o fenômeno da analogia como uma reinterpretação funcional de formas. Além dos autores citados que explicitaram o fenômeno da analogia em seus trabalhos pode-se mencionar ainda Barreto (1914), Costa (1928), Barreto (1954)/(1955), Góis (1959), Maurer Jr. (1968), Hock (1986), Cohen (1986/1989), Mollica (1989).

Kurilowicz (1949), Manczak (1958)/(1963) elaboram hipóteses sobre as tendências do desenvolvimento morfológico, conforme as transformações analógicas. Com base nestas hipóteses, Manczak elabora quatro leis sobre as categorias mais resistentes à mudança analógica.

Passemos agora à próxima seção na qual apresentaremos o *software* utilizado no trabalho para a análise quantitativa dos dados.

3.3 A Lingüística de *Corpus*

Para a análise quantitativa foi usada a proposta “teórico-metodológica” da Lingüística de *Corpus* (doravante LC), através da utilização das ferramentas computacionais denominadas “Concord”, “WordList” e “Tags” do programa “WordSmith Tools”. Este programa permite a quantificação dos dados segundo a frequência de ocorrência, bem como fazer a “concordância” dos termos pesquisados em ordem alfabética no contexto em que ocorrem.

Deve-se destacar que os corpora não podem dizer-nos tudo sobre a forma como as línguas funcionam, e o fato de um item ou estrutura não aparecer ao longo do *corpus* não significa dizer, necessariamente, que ele não ocorre. Isso pode sugerir, sim, alguma inadequação no *corpus* ou item/estrutura pouco freqüente. O uso de banco de dados pode muito bem, dar conta de explicar alguns fenômenos, outros nem tanto. Ademais, a análise qualitativa estará sempre à mercê dos olhos atentos do pesquisador porque as metodologias que melhor exploram a potencialidade dos *corpora* ainda não estão bem estabelecidas. Há pesquisas avançadas em algumas áreas como a do léxico, mas há deficiências em outras áreas como, por exemplo, as áreas da semântica e pragmática.

No entanto, não podemos desconsiderar o fato de que o uso dos *corpora* eletrônicos tem constituído um suporte fundamental para o desenvolvimento de modelos e descrições de línguas em muitos campos de pesquisa, além de permitir uma análise diversificada e ao mesmo tempo homogênea de vários fenômenos lingüísticos. Fenômenos estes analisáveis tanto do ponto de vista sincrônico, quanto diacrônico, pois é sabido que esta última abordagem permite o estudo de inúmeros aspectos gramaticais, lexicais, dentre outros, em várias épocas, podendo evidenciar as formas mais antigas e inovações mais recentes.

Para a análise quantitativa, elaboraram-se, inicialmente, as “WordList” dos *corpora*, bem como as “Concordance” segundo o programa “WordSmith”. Após a seleção dos dados, contamos todas as ocorrências dos complementos [de+infinitivo] e [Ø+infinitivo] ligados aos verbos nos períodos de língua a serem examinados. A análise inicial possibilitou-nos observar uma maior incidência de ocorrência da complementação [de+infinitivo] na fase pretérita da língua.

Do nosso ponto de vista, a união entre as teorias e metodologias da Lingüística de *Corpus* e da Teoria Variacionista facilitou a análise do fenômeno, visto termos lidado com um grande número de dados. Embora haja vários trabalhos realizados nesses moldes, no que se refere ao português foi extremamente importante a utilização destas ferramentas computacionais, porque elas asseguraram-nos uma sistematização mais rígida e transparente do objeto aqui pesquisado.

3.3.1 A Lingüística de *Corpus*: aspectos relevantes

Berber Sardinha (2000), após apresentar uma série de definições para o termo *corpus* chega à seguinte definição de *Linguística de Corpus*: a LC pode ser entendida como uma área de pesquisa que tem como atividades básicas a **coleta e a exploração de corpora** (grifos nossos).

Um *corpus* pode, então, ser assim definido:

um conjunto de dados lingüísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade de uso lingüístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise”. (Sanchez³, *apud* Berber Sardinha 2000, p.338).

Do exposto, percebe-se a necessidade de o objeto da *Linguística de Corpus* ser constituído de textos autênticos, reais, que ocorrem naturalmente na fala ou na escrita, atestados pelo uso, criteriosamente escolhidos. A nosso ver, a seleção do *corpus* constitui por si só uma pré-análise. Nesse sentido, devem-se excluir textos inventados e/ou criados artificialmente para exemplificação, bem como textos com o propósito de serem incorporados a um *corpus*, pelo fato de a LC trabalhar dentro de um quadro conceitual formado por uma abordagem empirista e uma visão da linguagem enquanto sistema probabilístico. Deve-se ressaltar que a LC é comumente vista como uma metodologia, uma visão correta na perspectiva de Berber Sardinha (2000), já que é possível aplicar-se o instrumento da LC livremente e manter a orientação teórica da disciplina original.

Ainda segundo o autor sob análise, não é qualquer coleção de textos reunidos que pode receber a denominação de *corpus*, mas apenas aquelas compiladas e interpretadas segundo critérios lingüísticos. Conforme postula Berber Sardinha, não há nada que impeça a pesquisa em *Linguística de Corpus* ser empreendida tendo como suporte arquivos, bancos de dados eletrônicos (definidos como coleções de informações que são projetadas para facilitar a entrada e a recuperação de informação) ou textos individuais que tenham sido formados com outros propósitos.

3.3.2 O status da LC

³ SANCHEZ, A. Definición e historia de los *Corpus*. In: SANCHEZ, A. *et alli*. (Org.). *CUMBRE – Corpus Linguístico de Español Contemporáneo*. Madrid: SGEL, 1995.

Não obstante, considerando-se que a LC não se resume a um conjunto de ferramentas e que toda metodologia só existe em prol de uma teoria, a LC, embora haja controvérsias entre os vários estudiosos que a ela se dedicam, seria também uma teoria, porque segundo Berber Sardinha, “seus praticantes produzem conhecimento novo”. O fato de a LC produzir conhecimento de natureza distinta e até contestatória, segundo o Autor, “a coloca de certo modo em condições similares à Lingüística Aplicada” pelo fato de esta última não ser mais vista como um simples espaço de aplicação dos conhecimentos produzidos na lingüística. Ademais, os conhecimentos que se aplicam na Lingüística Aplicada não são de origem exclusiva da lingüística. Sendo assim, ela possui um escopo essencialmente transdisciplinar.

Deve-se ter em mente ainda que a Lingüística de *Corpus* “define não só uma nova metodologia, segundo Leech (1992), mas uma nova empreitada de pesquisa”, na verdade, uma abordagem filosófica. Daí Biber adotar também o rótulo ‘abordagem baseada em *corpus*’.

Kennedy (1998) reconhece que o uso dos *corpora* não é um ramo separado da Lingüística. A LC seria uma lingüística descritiva acrescida de novas tecnologias. No entanto, as análises baseadas em *corpus* têm conseqüências que vão além da descrição lingüística, atuando, inclusive nas metas da teoria lingüística como um todo, ou seja, uma abordagem que envolve antes de tudo uma postura analítica.

Também Sinclair (1995) assegura que o *corpus* não é meramente uma ferramenta de análise lingüística, mas um importante conceito de teoria lingüística. Fato esse que comprova novos rumos para as investigações lingüísticas contemporâneas.

Stubbs (1996) admite o uso da Lingüística de *Corpus* como um modo concreto de captar os discursos presentes nos textos, embora usuários da língua raramente estejam conscientes desses discursos. O uso da metodologia da Lingüística de *Corpus* permite descobrir as formas mais abrangentes e representativas dentro do sistema.

Ainda de acordo com Kennedy, o advento da LC possibilitou a comprovação de que o uso da linguagem inclui considerável uso de construções recorrentes, pré-fabricadas. O Autor afirma, ainda, que os *corpora* na perspectiva da lingüística computacional têm sido usados para vários fins, dentre eles, o provimento de técnicas de análises textuais, associadas ao etiquetamento

automático de palavras e o esclarecimento do sentido do uso de uma palavra e de uma estrutura mais complexa além da frase, auxiliando na interpretação de um contexto que pode determinar o sentido.

Uma das maiores contribuições da LC, na área da Lingüística Aplicada, tem sido o ensino de línguas. Conforme assegura Kennedy, *op., cit.*, **explicitar a ocorrência da distribuição dos itens que compõem uma língua e apontar a maneira como esta é usualmente empregado pelos falantes.** (Grifos nossos). Deve-se esclarecer que embora as análises com base na metodologia da LC tenham privilegiado o ensino de línguas, esta metodologia pode também ser utilizada em outras áreas da lingüística como, por exemplo, a Lingüística Histórica.

3. 3. 3 A Lingüística de *Corpus*: um breve histórico

Segundo Berber Sardinha (2000), já havia *corpora* antes do advento do computador. Segundo este autor, na Grécia Antiga foram produzidos *corpora* de citações da Bíblia. Ele assegura que os *corpora* eram usados comumente para vários estudos: lexicográficos, literários, dialetais, gramaticais e principalmente para o ensino de línguas. Hoje na perspectiva do referido Autor, o que predomina é o uso dos *corpora* para a descrição da linguagem.

Conforme atestam Berber Sardinha (2000) e Kennedy (1998), as pesquisas com base em *corpora* eletrônicos iniciaram na década de 60, com o surgimento do *Brown University Standard Corpus of Present-Day American English*, considerado o primeiro *corpus* lingüístico eletrônico, lançado em 1964, com um milhão de palavras do inglês americano escrito. Destaca-se, também, a grande importância histórica do *corpus Survey of English Usage* (SEU), inglês escrito, montado por Randolph Quirk e sua equipe, na década de 50, em Londres. Mesmo computadorizado, foi o modelo principal para os *corpora* eletrônicos atuais.

Convém mencionar, ainda, mais alguns *corpora* de língua inglesa como apresentados por Berber Sardinha⁴ que servem de marco para o desenvolvimento da Lingüística de *Corpora* no mundo. Além dos já mencionados vale destacar: o *Corpus Birmingham* formado em 1987, importante pelo fato de ter sido o primeiro *corpus* a ultrapassar a marca de um milhão de palavras, sempre em crescimento, veio a constituir o *Bank of English* atingindo 320 milhões

⁴ BERBER SARDINHA, T. *Lingüística de Corpus: Histórico e Problemática*. D.E.L.T.A, vol. 16, n. 2, (2000, p.323-367)

de palavras do inglês britânico. Este *corpus* está restrito aos pesquisadores ligados ao COBUILD e à Editora Collins. Finalmente, o BCN (*British National Corpus*) criado em 1995 merece destaque histórico por ser o primeiro a conter 100 milhões de palavras do inglês britânico escrito e falado, além de ser o único, dentre os *corpora* mencionados, disponível para compra. Vale reiterar que todos os *corpora* listados são de língua inglesa, desenvolvidos, em sua maioria na Europa. Mas há também *corpora* importantes em língua portuguesa, como o *Corpus* de Araraquara, o qual está sendo compilado por uma equipe de pesquisadores com o título de *Corpus do Português Contemporâneo*. Estes *corpora* já resultaram em vários trabalhos como dicionários e gramáticas de usos do português.

Pode-se citar, ainda, o *Corpus de São Carlos* (NILC), o CRPC (*Corpus* de referência do português contemporâneo), o Tycho-Brahe (português histórico), o Br-ICLE, compilado por estudiosos da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. O Br-ICLE é um sub-*corpus* ainda, em construção, de inglês como língua estrangeira, constituído de textos escritos por brasileiros. De acordo com Berber Sardinha (2001), este *corpus* faz parte de um *corpus* maior que visa mapear o inglês produzido por falantes não nativos, o ICLE, qual seja *International Corpus of Learner English*. É um *corpus* de aprendiz o qual comporta, aproximadamente, 18 subcorpora de textos em inglês escritos por falantes não nativos de vários países. Além dos *corpora* citados, temos também o CORDIAL (*Corpus* Discursivo para Análises Lingüísticas e Literárias) que está sendo compilado e desenvolvido pelos pesquisadores do NET – núcleo de Estudos da Tradução – da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, dentre outros.

Na opinião de Berber Sardinha (2000), Sinclair é o maior lingüista de *corpus* da história e reúne em sua obra alguns trabalhos mais importantes acerca desta área de conhecimento. Para Berber Sardinha, *op. cit.*, a história da Lingüística de *Corpus* está condicionada à tecnologia, que permite não somente o armazenamento de *corpora*, mas também a sua exploração. Podemos afirmar, então, que a história da LC está também relacionada à disponibilidade de ferramentas computacionais.

Finalizando essa seção, reiteramos a nossa opção de adotar, neste trabalho, o *software* “WordSmith Tools”. Esse *software* é um dos primeiros a aproveitar os recursos do ambiente *windows* para análise de *corpus*, além de divulgar a LC entre os usuários de microcomputadores. Segundo consta, o referido *software* é um dos mais completos e versáteis

conjuntos de ferramentas para LC. O suporte metodológico para a análise da variação da complementação infinitiva, do ponto de vista quantitativo, segue, portanto, algumas das linhas de pesquisas propostas por estudiosos de fenômenos lingüísticos do inglês que adotam a lingüística computacional como ferramenta de trabalho, dentre eles Sinclair (1991), (1995), (2001), Biber *et alli* (1998), Atkins, S. *et alli* (1992), Kennedy (1998), Leech (1997), (1999), Berber Sardinha (2000), (1999), (2001), Stubbs (1996), Scott (2001).

3.4 Sobre o “WordSmith Tools”

O *software* ‘WordSmith Tools’, criado por Mike Scott e utilizado no presente trabalho, disponibiliza uma série de ferramentas para análises quantitativas. Dentre as quais, a mais usada é a “Concordance”. Embora esse não seja o único programa que possibilita o recurso da utilização de concordâncias, ele é relevante pelo fato de ser eficaz e facilmente manipulável.

A ferramenta “concord” possibilita a visualização de todas as ocorrências de uma palavra procurada pelo pesquisador, bem como o respectivo contexto em que elas aparecem. Segundo o seu idealizador, Scott (2001), as concordâncias são as listas de ocorrência de uma dada palavra ou frase em um *corpus*: são dispostas em linha e o contexto em volta do nóculo é denominado co-texto, que pode ser diminuído ou expandido, de acordo com a opção do pesquisador. Essa ferramenta permite uma posterior verificação dos itens que acompanham a palavra selecionada para análise, ou seja, as colocações e listas de frases ou grupos de palavras recorrentes.

Na avaliação de Scott, *op. cit.*, as prosódias semânticas do nóculo só podem ser determinadas por meio de consulta às linhas de concordância. Assegura o Autor que o modo mais fácil de conhecer as colocações de uma palavra é a consulta às concordâncias ou dicionários de colocações que também têm como embasamento formas de concordâncias.

Através de um procedimento denominado “tag”, pode-se obter a classificação dos termos buscados através da “Concord” para a categorização de fenômenos, nos contextos de ocorrência. Em outras palavras, essa ferramenta permite uma análise mais refinada do ‘material lingüístico pesquisado’. Para tanto, é necessária a classificação de item por item.

A “WordList” é uma das ferramentas mais utilizadas na LC. A sua utilização garante a criação de listas de palavras que englobam todos os vocábulos dos *corpora* a serem analisados, apresentando-os em ordem alfabética ou em ordem de frequência. As informações acerca da frequência de palavras, a nosso ver, são muito úteis para a identificação de padrões lingüísticos recorrentes, bem como para a caracterização da produtividade do item lexical pertinente nos *corpora*, e, por conseguinte, na língua.

Em Lingüística de *Corpus*, “tipo” – em inglês, *type* – denomina qualquer item lexical que aparece em um determinado *corpus*. Já o termo “ocorrência”, ou *token*, em inglês, significa o número de vezes que cada tipo figura em um *corpus*. Estas ferramentas possibilitam-nos identificar a extensão de um *corpus* para a sua análise.

Outra ferramenta bastante utilizada na LC é a “Key Words”. Através de duas listas de palavras faz-se, ao mesmo tempo, a comparação entre elas, segundo Scott (2001, p.48) “a idéia é simples: se uma palavra é muito mais freqüente, em um texto individual que em um *corpus* de referência, ela é provavelmente uma palavra chave”.

Para pesquisas com um alto índice de refinamento existem ferramentas que oferecem recursos como a lematização (a relação de uma forma inflexionada particular com a sua forma-base ou lema). As colocações, segundo Berber Sardinha (1999), são co-ocorrências significativas de itens lexicais verificadas computacionalmente em um *corpus* eletrônico. Já o “etiquetamento”, por sua vez, permite marcar ou etiquetar a classe de palavras ou a função sintática correspondente a cada item lexical do texto.

Deve-se ressaltar, entretanto, que ao longo de todo o processo de análise de qualquer tópico, o uso de *softwares* por mais avançados que sejam não exclui um árduo trabalho manual, o qual revela a perspicácia e transparência do trabalho elaborado pelo pesquisador. Não se deve, portanto, iludir-se quanto ao auxílio das ferramentas computacionais no que se refere à análise qualitativa. Esta não escapa à cansaça da rotulação/contagem de item por item em toda a extensão dos *corpora*. E por falar em extensão de *corpus*, verifica-se a necessidade de apresentar algumas discussões sobre o dimensionamento dos mesmos.

Na visão de Sinclair (2001) o critério para classificar a extensão de um *corpus* é basicamente metodológico. Um *corpus* de pequenas dimensões pode ser montado ou aproveitado pelo

pesquisador, quando este tem um objetivo claro e definido quanto ao processamento da análise, através de ferramentas padrão. Dentre essas técnicas destaca-se a comparação de vários *corpora* de pequenas extensões.

O *corpus* que constitui o objeto desta tese se enquadra na categoria dos *corpora* de pequenas dimensões, na visão de Sinclair (2001); isto é, definido por critérios metodológicos e elaborado segundo os objetivos da pesquisa. Na perspectiva do referido Autor, o tipo de trabalho que pode ser feito com *corpora* diversos será em parte determinado pelo tamanho do *corpus*, mas o fato de trabalhar com um *corpus* de pequenas dimensões não altera em nada a qualidade do trabalho. Ademais, os padrões lingüísticos detectados em um *corpus*, mesmo que pouco extenso, normalmente ocorrerão também em um *corpus* de grandes proporções.

Berber Sardinha (2000) diz que o real crescimento e pujança da Lingüística de *Corpus* se manterá na medida em que mais e mais pesquisadores descubram nela uma fonte inestimável de informações, pois é no trabalho prático de exploração que a lingüística de *corpus* ganha vida (Leech, 1999). Parafrazeando Filmore (1992)⁵ *apud* Berber Sardinha (2000), repetimos que não há nenhum *corpus* que contenha toda a informação que queremos ou precisamos explorar, mas mesmo assim, todo *corpus* nos ensina coisas sobre a linguagem que não poderíamos descobrir de nenhuma outra forma.

Deve-se ressaltar que pesquisadores brasileiros que se dedicam à área da Lingüística Histórica e/ou História da Língua, já vêm explorando essa metodologia de análise há vários anos, no exame de **dados históricos reais** (grifo nosso). Dentre esses trabalhos destacam-se, na Universidade Federal de Minas Gerais, as pesquisas e projetos orientados por Cohen como os Projetos **Pelas Trilhas de Minas**⁶, **BTLH – Banco de Textos para Pesquisa em Lingüística Histórica**. Na Universidade Federal da Bahia, os trabalhos orientados e coordenados por Mattos, como por exemplo, o Projeto **PROHPOR** (Programa para a história da língua portuguesa), destaca-se também o **Projeto Nacional para a História do Português Brasileiro** (PHPB) coordenado por Castilho. Este autor, desde 1997, vem atuando com equipes na Bahia, Minas Gerais, Paraná, Recife, Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina, com o objetivo de conhecer o passado do português a partir de diferentes áreas históricas do

⁵ FILMORE, C. *Corpus linguistics or computer corpus linguistics*. In: J. SWARTVIK (Org.). *Directions in Corpus Linguistics. Proceedings of Nobel Symposium 82*, Stockholm, 4-8 August 1991. Berlin, New York: De Gruyter, 1992.

⁶ Projeto financiado pela FAPEMIG.

Brasil. Há também o Projeto **GPEHLP**- Grupo de Pesquisa Historiografia da Língua Portuguesa do IP-PUC/SP, dentre outros.

Já dispomos de um grande número de estudiosos pesquisando sobre a língua portuguesa, especialmente sobre o português brasileiro em perspectivas histórico-diacrônicas. É evidente a relevância destas pesquisas para o avanço dos estudos histórico/lingüísticos, no âmbito das pesquisas brasileiras, pois à primeira vista, quando lemos todos os trabalhos desenvolvidos, nessa abordagem da lingüística de *corpora*, principalmente, estudos na área da Lingüística Aplicada fica-nos a falsa impressão de que os estudos brasileiros apresentam carência, nesse campo de investigação, o que não é verdade, se forem consideradas as dezenas de estudos existentes, em português, através da análise de *corpora* com outros tipos de ferramentas. A novidade aqui é a utilização do Programa “WordSmith Tools” para a análise quantitativa dos dados no ambiente do *Windows*. Daí a nossa proposta de utilizá-lo como ferramenta básica de trabalho, para a elaboração da “WordList” e a análise da “concordance” dos dados.

Devemos a Fernando Luiz Tarallo, na década de 80, a abertura da fila como prógono de relevantes pesquisas sobre o português brasileiro, na perspectiva da sintaxe diacrônica, à luz da sociolingüística, especialmente de orientação laboviana associada ao gerativismo paramétrico. Tarallo foi um dos primeiros pesquisadores brasileiros a aplicar a metodologia da sociolingüística laboviana à sintaxe. Em seu trabalho de doutorado de 1983, já utilizara amplamente o programa VARBRUL que, após várias versões, tem auxiliado inúmeros pesquisadores em seus trabalhos quantitativos. Portanto, pesquisas que utilizam análise de *corpora* através de ferramentas computacionais, para quantificação e sistematização de dados do português, não são recentes como têm postulado os trabalhos realizados na área da Lingüística Aplicada. Essas observações, sobre a utilização de ferramentas computacionais para análises lingüísticas, fazem jus a um dos grandes pioneiros de trabalhos sobre o português do Brasil focalizados na área da sintaxe diacrônica – Fernando Luiz Tarallo.

3.5 Sobre a manipulação do Programa *WordSmith*

Após a seleção dos textos e dos verbos, nos *corpora* de todos os períodos, separamos os complementos infinitivos segundo as terminações dos verbos regulares, nos moldes das gramáticas tradicionais portuguesas, qual seja, de acordo com o modelo de sua conjugação.

Verbos terminados em “-ar” (primeira conjugação), em “-er” (segunda conjugação) e “-ir” (terceira conjugação).⁷

De posse dos dados, já revisados, utilizamos a ferramenta “concord” para localizar nos textos junto a seus co-textos, a lista de todos os verbos “regentes” conforme as terminações acima descritas.

Consideramos pertinente alertar para o fato de que havendo recorrência de um ou mais itens desnecessários, para a pesquisa, pode-se excluí-los da relação, através da ferramenta “concord”, após marcar a palavra selecionada para a busca, clicando-se na janela “but excluding”. Assim, os vocábulos não pertinentes são previamente excluídos pela ferramenta. Caso haja a necessidade de exclusão de várias palavras, basta listá-las, acrescentando-se uma barra após cada uma delas.

Após a busca global e o refinamento inicial dos dados, através da ferramenta “concord”, foram selecionadas as estruturas que apresentaram o complemento [de+infinitivo] e [Ø+infinitivo] em todas as sincronias.

Observou-se que de todas as estruturas [de+infinitivo] encontradas no *corpus*, os verbos em “-ir” são os que apresentam maior número dos referidos complementos adjacentes aos verbos regentes. Dito em outros termos, os verbos da terceira conjugação parecem configurar um protótipo diferente dos demais verbos regulares em português. A grande maioria dos vocábulos terminados em “-ir” são efetivamente verbos.

As relações das concordâncias de todos os verbos, por nós pesquisados, não foram impressas nesta tese devido ao grande número de verbos analisados. Caso isso fosse feito, deveriam ser impressos pelo menos 5 volumes de 350 páginas cada um. Foram impressas duas cópias dos verbos que apresentaram variação, nas várias sincronias analisadas⁸.

⁷ Depois da seleção dos verbos é imprescindível a realização de um refinamento desta primeira relação quantitativa, visto o Programa apresentar todos os itens que contenham terminações -ar, -er ou -ir como por exemplo, vocábulos do tipo de “mar”, “mulher”, “firme”, etc.

⁸ As duas cópias impressas estarão à disposição da Banca no dia da defesa.

O resultado final de todas as “concordâncias” realizadas está expresso nas tabelas do capítulo que trata da análise dos dados registrados na história da língua portuguesa.

Ao lado das estruturas que apresentam complementação [\emptyset infinitivo] e [de infinitivo] ocorre também [a+infinitivo] para grande parte desses verbos regentes, por nós pesquisados, como *dever, começar, prometer, entender, desejar, convir, merecer, ousar, outorgar*, dentre outros.

Todas as principais observações acima descritas parecem desnecessárias. No entanto, ao lidar com esta metodologia da LC, nos deparamos com uma série de desafios e dificuldades, principalmente os iniciantes nesta aventura. Ademais, o registro dessas informações permite-nos uma consulta ‘a posteriori’, caso esqueçamos a manipulação de alguma ferramenta, pois, como se sabe, a falta de prática faz com que alguns desses procedimentos sejam de difícil apreensão, após um longo período sem a utilização do *software*.

Deve-se alertar, ainda, para o fato de que o pesquisador que lida com esse tipo de *software*, para análises quantitativas, na área da lingüística, deve ter, a nosso ver, paciência para enfrentar os problemas relacionados às limitações do computador; persistência para não desistir frente aos primeiros desafios: resignação para não se desesperar; agudez de espírito para interpretar criteriosamente dos dados, porque a análise se processa mecanicamente, sendo necessário um bom refinamento; e, finalmente, bom humor e ânimo para recomeçar no dia seguinte. Procedendo dessa forma, podemos vislumbrar uma perspectiva otimista de que, no final, tudo dará certo.

Após a apresentação do referencial teórico-metodológico sobre a manipulação do Programa *WordSmith*, passamos ao capítulo 4: apresentação e análise dos dados nos *corpora* dos cinco períodos pesquisados.

“Esto me nom *deves de negar*, por
salvamento de minha alma, ca sabes que
per tal lei, *deves salvar*, se poderes
as almas de todas as leis”

(NLL, p.56)

Capítulo 4 - Apresentação e análise dos dados

No capítulo 3 apresentamos o referencial teórico-metodológico, cuja meta principal foi demonstrar o suporte teórico e metodológico a ser utilizado na análise da variação da complementação infinitiva nas próximas seções. Como se viu, em termos estruturais, a variação [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] existe em todos os períodos da língua portuguesa. No entanto, essa variação não ocorre com os mesmos verbos, estes também variam ao longo do tempo.

Neste capítulo vamos proceder à análise dos dados de cada período da língua portuguesa selecionados, e, à discussão dos resultados obtidos.

A metodologia adotada para a análise apresentada neste capítulo segue Labov (1972c), no que concerne ao ponto de partida da análise: isto é, partimos “do presente para explicar o passado” e retornamos ao presente.

O registro dos verbos que selecionam complemento infinitivo permitiu-nos identificar as variantes [de+infinitivo] e [Ø+infinitivo] presentes no português. “Variantes” são interpretadas aqui como “as várias maneiras de dizer a mesma coisa, em um mesmo contexto, com o mesmo valor de verdade” (Cf. TARALLO, 1986, p.8).

Como foi demonstrado, no capítulo 2, assumimos a posição de Rocha Lima (1976) de que a preposição *de* “não tem sentido nenhum”. Esta será analisada como um mero conector que, com determinadas classes de verbos como asseveram Barreto (1914), Carneiro Ribeiro (1950), Said Ali (1964), pode preceder a forma infinitiva em português, com o mesmo valor de verdade. Isto é, a presença/ausência da preposição *de*, nestes contextos infinitivos, não lhes altera o significado.

As análises dos dados coletados, nos *corpora* dos vários períodos, serão elaboradas considerando as informações obtidas pelo Programa *WordSmith*, como descrito no capítulo 3 deste trabalho.

Em síntese, o capítulo 4 tem por objetivo descrever e analisar os dados do português moderno contemporâneo: modalidades oral e escrita do português oitocentista, do português setecentista, do português clássico e do português arcaico, a partir do *corpus* elaborado para cada um desses períodos.

4.1 Análise dos dados do português moderno contemporâneo

A análise apresentada nesta subseção descreve os dados do português moderno contemporâneo (PMC) que compreende quatro tipos de amostras, a saber, 1) Língua Oral Contemporânea de coleta espontânea (LOC/CE); 2) Língua Oral Contemporânea do Projeto NURC (LOC/NURC); 3) Língua Oral Contemporânea/ Transcrições das regiões do Serro e Sumidouro/MG, respectivamente (LOC/SE) e (LOC/SU); 4) Língua Escrita Contemporânea (LEC).

4.4.1 Dados do português moderno contemporâneo/LOC

Os dados da modalidade oral contemporânea foram coletados no momento de sua enunciação. Não vamos apresentar uma análise estritamente quantitativa desse tipo de amostragem porque o principal objetivo da metodologia de coleta foi registrar a ocorrência das estruturas [de+infinitivo]~[∅+infinitivo] na LOC. Assim sendo, sempre que um verbo ocorria ligado a esse tipo de complemento, ele era anotado para uma verificação posterior. Desse modo, verbos como **dever**, **evitar**, **prometer** que ocorrem freqüentemente, mas não exclusivamente, ligados ao infinitivo através da preposição *de*, foram compilados quantas vezes consideramos necessário para comprovar a sua variação nessa modalidade da língua.

A quantificação para esse tipo de fenômeno é muito complexa porque em função do assunto, contexto, tempo, etc., são necessárias horas e horas de gravações para coletar um único dado. Desse modo, a coleta espontânea, embora realizada panoramicamente e de uma forma randômica foi produzida espontaneamente sem nenhum tipo de coerção.¹

Os dados a seguir comprovam a variação do complemento [de+infinitivo]~[∅+infinitivo] na modalidade oral contemporânea.

¹ Para não sugerir que o informante produzisse um tipo de estrutura determinada, optamos pela coleta espontânea. Em algumas situações a mesma foi testada e ratificada pelo falante.

Agüentar

(1a) “Não **agüentei de ver** a menina deitada ali no chão”. (LOC/CE)

(1b) “Se ela não **agüentasse sair** da sala, ele levaria ela de cadeira de rodas”. (LOC/CE)

Ameaçar

(2a) “Alguns amigos **ameaçaram de escrever** a minha biografia”. (LOC/CE)

(2b) “A mulher **ameaçou pular** do quarto andar”. (LOC/CE)

Assumir

(3a) “Isso é inadmissível para um governo que **assumiu de resgatar** a dignidade do serviço público”. (LOC/CE)

(3b) “Ele só **assume casar** com ela depois que o filho nascer”. (LOC/CE)

Combinar

(4a) “Todos os alunos **combinaram de sair** da sala na mesma hora”. (LOC/CE)

(4b) “**Combinei** com ela **chegar** ao shopping às 4 horas da tarde”. (LOC/CE)

Convencer

(5a) “Ela me **convenceu de ir** mais cedo”. (LOC/CE)

(5b) “As mães quase nunca **convencem** os filhos **comer** na hora certa”. (LOC/CE)

Convir

(6a) “**Convém de fazer** a prova mais cedo”. (LOC/CE)

(6b) “Não **convém trabalhar** com dados agora”. (LOC/CE)

Costumar

(7a) “O médico não **costuma de fazer** exceção para nenhum paciente”. (LOC/CE)

(7b) “Os meus filhos nunca **costumam sair** sozinhos”. (LOC/CE)

Dever (1)²

(8a) “... cedo ou mais tarde na vida **devia de fazer**...é uma coisa que...” (LOC/NURC)

(8b) “...o quanto naturalmente você **deveria produzir**... não devemos...” (LOC/NURC)

Dever (2)³

(9a) “... menos de pronúncia ...mas que **deveria de começar** na escola...” (LOC/NURC)

(9b) “... o ambiente em que eu vivo...**deveria ser** uma necessidade e...”(LOC/NURC)

Esperar

(10a) “Eu não **esperava de fazer** parte da turma”. (LOC/CE)

(10b) “Todos **esperavam chegar** atrasados, mas conseguiram pegar o ônibus na última hora”.
(LOC/CE)

Evitar

(11a) “Eu sempre **evitei de falar** sobre esse assunto na televisão”. (LOC/CE)

² O verbo **dever** (1) indica “obrigação”.

³ O verbo **dever** (2) expressa “necessidade” ou “possibilidade”.

(11b) “Nós **evitamos passar** naquela rua para não chamar atenção”. (LOC/CE)

Imaginar

(12a) “Minha colega não **imaginou de fazer** o curso para trabalhar”. (LOC/CE)

(12b) “Nunca **imaginei receber** uma resposta estúpida como essa”. (LOC/CE)

Inventar

(13a) “Se eu **inventasse de fazer** doutorado agora iria ficar muito atarefada”. (LOC/CE)

(13b) “Eu **inventei fazer** o relatório com muito detalhe e isso me atrasou”. (LOC/CE)

Jurar

(14a) “O marginal disse que **jurou de vingar** a morte do pai há dois anos”. (LOC/CE)

(14b) “Todos **juraram não saber** o resultado do gabarito antes da prova”. (LOC/CE)

Merecer

(15a) “Ninguém **merece de passar** por isso”. (LOC/CE)

(15b) “Ela **merece sofrer** as conseqüências dos seus atos”. (LOC/CE)

Necessitar

(16a) “Todos **necessitam de descansar** no final de semana, mas no meu caso nem pensar”.
(LOC/CE)

(16b) “Elas **necessitavam ganhar** a causa para ficar tranquilas”. (LOC/CE)

Negar

(17a) “Ele **negou de fazer** o acordo por isso entramos na justiça”. (LOC/CE)

(17b) “Todos os cardeais **negam falar** sobre o conclave”. (LOC/CE)

Pensar

(18a) “Eu **pensei de pedir** uma análise do setor de Literatura Portuguesa”. (LOC/CE)

(18b) “Nós nunca **pensamos reunir** tanta gente na festa”. (LOC/CE)

Precisar

(19a) “... não vai demorar... você **precisa de parar** com esse cigarro...” (LOC/SU)

(19b) “... ele me atende...e vocês não **precisam gritar**... você é abusado...” (LOC/SU)

Proibir

(20a) “ Minha mãe sempre me **proibiu de chegar** tarde da noite”. (LOC/CE)

(20b) “Os empresários **proibiram fazer** qualquer tipo de manifestação”. (LOC/CE)

Prometer

(21a) “Ela **prometeu de trazer** os trabalhos todos corrigidos”. (LOC/CE)

(21b) “**Prometo entregar** o trabalho hoje sem falta”. (LOC/CE)

Recusar

(22a) “Ele **recusou de assinar** o acerto”.(LOC/CE)

(22b) “Nós **recusamos falar** sobre o assunto”. (LOC/CE)

Reprimir

(23a) “Não quero viver com uma pessoa que me **reprime de sair** com os amigos”. (LOC/CE)

(23b) “Ele me **reprime fazer** qualquer coisa que eu gosto”. (LOC/CE)

Resolver

(24a) “Eles **resolveram de sair** mais cedo hoje”. (LOC/CE)

(24b) “Todos **resolveram ir** à festa na última hora”. (LOC/CE)

Sugerir

(25a) “Ela **sugeriu de pegar** a linguagem científica dos jornais”. (LOC/CE)

(25b) “O rapaz que eu te falei **sugeriu fazer** uma nova revisão”. (LOC/CE)

Temer

(26a) “Os jovens de hoje não **temem de correr** risco nenhum”. (LOC/CE)

(26b) “Ela **teme sair** sozinha à noite para não ser assaltada”. (LOC/CE)

Topar

(27a) “Você **topa de fazer** o DNA?”. (LOC/CE)

(27b) “Sim eu **topo fazer** agora, se ela quiser”. (LOC/CE)

Todos os 27 verbos listados foram coletados na LOC e estão em variação nessa modalidade da língua. São eles: **agüentar, ameaçar, assumir, combinar, convencer, convir, costumar,**

dever(1), dever(2), esperar, evitar, imaginar, inventar, jurar, merecer, necessitar, negar, pensar, precisar, proibir, prometer, recusar, reprimir, resolver, sugerir, temer e topar.

Como foi demonstrado, as estruturas de (1) a (27) apresentam variação do complemento [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] na LOC. Estas sentenças ilustram a ocorrência do *de* ligada a verbos tradicionalmente considerados transitivos.

O contexto [de+infinitivo] constitui uma forma marcada no português contemporâneo. Segundo o dicionário Houaiss (2001), essa construção com o verbo **precisar** seguido de preposição mais infinitivo como em (18) a) é corrente no português europeu. No Brasil são raros, segundo ele, os casos de construções com a preposição presente.

No entanto, no português brasileiro falado contemporâneo é comum o emprego do verbo **precisar** ligado a formas infinitivas através do *de*.

4.1.2 Dados do português moderno contemporâneo/LEC

No *corpus* do português moderno contemporâneo foram registrados os seguintes verbos:

(i) acabar, aconselhar, acontecer, acostumar, afirmar, agüentar, ajudar, amar, ameaçar, aprender, apressar-se, aproveitar, atrever-se, bastar, buscar, caber, cansar-se, carecer, cessar, chegar, começar, conseguir, consentir, consistir, continuar, convir, correr, costumar, cuidar, cumprir, custar, decidir, decidir-se, deixar (1), deixar (2), desejar, determinar, dever (1), dever (2), duvidar, encarregar-se, ensinar, envergonhar-se, escusar, esforçar-se, esperar, esquecer, esquecer-se, evitar, fartar-se, fazer, fingir, gostar, hesitar, imaginar, impedir, importar, insistir, julgar, jurar, lamentar, lamentar-se, lembrar-se, mandar, merecer, mostrar, necessitar, obrigar-se, ousar, ouvir, pensar, permitir, precisar, preferir, pretender, principiar, procurar, proibir, prometer, prontificar-se, propor, recusar-se, resolver, restar, romper, saber, sentir, sentir-se, servir, significar, supor, tardar, teimar, temer, tencionar, tentar, terminar, tornar, trabalhar, tratar, tratar-se, usar.

Todos os 102 verbos arrolados apresentaram seus complementos na forma infinitiva precedidos ou não por preposição.

Veja-se a relação dos verbos que exibiram a variação [de+infinitivo]~[∅+infinitivo] no português moderno contemporâneo.

Acostumar

(28a) “... não pudesse imaginar direito nem se **acostumar de ver**, e não sendo de ninguém...”
(*sorôco, sua mãe, sua filha* – PEGR).

(28b) “... dos países estrangeiros. Nós **acostumamos ignorar** o que é nosso...” (VE-02).

Agüentar

(29a) ...“ acontece-que. Que modo e como, então, **agüentava de reter-se** tanto ali, estadista ou não...” (*darandina* – PEGR)

(29b) “ ...Esse eu que é vós pois não **agüento ser** apenas mim, preciso...” (*dedicatória do autor* – HECL)

Ameaçar

(30a) “...Veio a seca, maior, até o brejo **ameaçava de se estorricar**. Experimentaram...” (*A menina de lá* – PEGR)

(30b) “..., moço de menos de trinta anos **ameaçava ter** um grande futuro...” (*A notícia do Genelício* – PQLB)

Decidir

(31a) “...Souberam que ela tinha também outros modos. **Decidiram de guardar** segredo. Não...” (*A menina de lá* – PEGR)

(31b) “... a imensa folhagem dos carvalhos, **decidiram descarregar** a viatura...” (Cap.I – MAJL)

Dever (1)

(32a) “...outra vez. A gente **deve de esperar** o terceiro pensamento...” (*nenhum, nenhuma* – PEGR)

(32b) “ O governo **deve ajudar** e incentivar as nossas empresas, desenvolvendo...” (VE-02)

Dever (2)

(33a) “ ...ainda sinais de adeus. A viagem **devia de ser** longa, com aquele môço...”
(*nenhum, nenhuma* – PEGR)

(33b) “..., um centro de mesa, porque a festa **devia ser** imponente e ter um ar de abundância...” (*A notícia do Genelício* – PQLB)

Evitar

(34a) “Dever-se-á **evitar de levar** comidas e/ou bebidas para as salas de correção” (VE-02)

(34b) “....A missa ia começar, mas ambos **evitaram entrar** na nave cheia...” (*O Boqueirão* – PQLB)

Importar

(35a) Vamos ambas ao rio, quer? Eu não me **importo de morrer**. Mais vale acabar. E a menina?...” (*A morte* – PORB)

(35b) “...esses bondes andam muito perto do mar... Não **me importa morrer**, mas quero morrer combatendo;...” (*O trovador* – PQLB)

Necessitar

(36a) “...se ofereceu para levar metade da malta no seu carro. Necessitava de ir a Viana na sexta-feira, poderiam aproveitar a boleia...” (Cap. XXIV – MAJL)

(36b) “...Portanto, **necessitamos resgatar** o verdadeiro objetivo da televisão que é sociocultural...” (VE-03)

Precisar

(37a) “... ascensão na vida, não **precisaram de ler** para que tivessem bons empregos...” (VE-02)

(37b) “... A sociedade **precisa valorizar** aqueles que possuem sabedoria...” (VE-01)

Pretender

(38a) “...e por que idéia ingrata e estranhável - **pretendera êle de desmanchar** o aspecto do lugar, que de desde a antiguidade...” (*Nada e a nossa condição* – PEGR)

(38b) “...As palmeiras cresciam com orgulho e titanicamente **pretendiam atingir** o céu. Olhou as casas,...” (*A afilhada* – PQLB)

Propor

(39a) “...No entendimento do vulgo: pois, êsses, **propunham cangancha, de barganhar** todos os cavalos -...” (*Tarantão, meu patrão...* – PEGR)

(39b) “...O que me **proponho contar** parece fácil e à mão de todos. Mas a sua elaboração é muito difícil...” (*Dedicatória do autor* – HECL)

Como se viu, 12 verbos apresentaram a variação [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] na modalidade escrita contemporânea.

A grande maioria desses verbos que selecionam complemento infinitivo precedido ou não de preposição são denominados “sensitivos”, conforme Dias (1970), e possuem um sujeito

“agente”. Além disso, esses verbos chamados “sensitivos” admitem uma oração conjuncional e podem ser transitivos. Assim sendo, podemos postular para estes verbos duas possibilidades de classificação: do ponto de vista sintático, um “uso” transitivo e do ponto de vista semântico, uma função que externa ‘obrigação de’, “manifestação de sentimento”. São, portanto, verbos que pertencem a uma classe especial.

O QUADRO 2 a seguir relaciona os verbos que apresentaram variação do complemento infinitivo no português moderno contemporâneo.

QUADRO 2

Verbos cujos complementos [de+infinitivo] e [∅+infinitivo] estão em variação no português moderno contemporâneo

Verbos	[de+infinitivo]	[∅+infinitivo]	Total de entradas
Acostumar	01	01	02
Agüentar	01	04	05
Ameaçar	02	01	03
Decidir	01	06	07
Dever (1)/Dever (2)	25	693	718
Evitar	01	04	05
Importar	03	03	06
Necessitar	02	01	03
Precisar	27	84	111
Pretender	01	11	12
Propor	02	02	04
Totais	66	810	876

O QUADRO 2 mostra que num total de 876 estruturas infinitivas, 66 são precedidas pela preposição *de*, e 810 não admitem a referida preposição. O QUADRO demonstra que o verbo **dever** favorece a alta incidência do complemento [∅+infinitivo] no português moderno contemporâneo. Veja-se que, dentre as 718 entradas para esse verbo, 693 admitem apenas a construção [∅+infinitivo]. Vamos admitir apenas uma entrada para cada variante deste verbo, para verificar se há um equilíbrio entre as estruturas [de+infinitivo] e [∅+infinitivo]. Observe-se o QUADRO 3 abaixo.

QUADRO 3

Total de estruturas [de+infinitivo] e [Ø+infinitivo] dos verbos em variação no PMC com apenas uma entrada para cada variante do verbo **dever**

Verbos em variação português moderno contemporâneo	[de+infinitivo]	[Ø+infinitivo]	Total de ocorrências
	42	118	160

A partir dos resultados apresentados no QUADRO 3 verifica-se que mesmo admitindo apenas uma entrada para cada variante do verbo **dever**, em termos quantitativos, as estruturas [Ø+infinitivo] são predominantes em relação às estruturas [de+infinitivo] no português no português moderno contemporâneo.

Como se viu no QUADRO anterior, considerando-se somente uma entrada para cada variante da forma verbal **dever**, os verbos que admitem variação do complemento infinitivo no português moderno contemporâneo perfazem 160 ocorrências, sendo que as construções [de+infinitivo] representam 26,25% do total de estruturas em variação e as [Ø+infinitivo] representam 73,75%. Não há dúvida de que as variantes [Ø+infinitivo] são predominantes nessa fase da língua em comparação às variantes [de+infinitivo].

Vamos listar agora, no QUADRO 4, os verbos que ocorreram ou ligados à estrutura [de+infinitivo] ou à estrutura [Ø+infinitivo] no português moderno contemporâneo, não configurando como variação.

QUADRO 4

Verbos que admitem como complemento ou [de+infinitivo] ou [Ø+infinitivo] no PMC (Continua)

Verbos	[de+infinitivo]	[Ø+infinitivo]	Total de entradas
Acontecer		X	04
Afirmar		X	04
Amar		X	02
Bastar		X	15
Buscar		X	02
Caber		X	02
Cansar-se	X		05
Carecer	X		06
Cessar	X		05
Conseguir		X	68
Convir		X	08
Costumar		X	11
Cumprir	X		01
Deixar (1)	X		87
Deixar (2)		X	86
Desejar		X	11
Determinar	X		01

QUADRO 4

Verbos que admitem como complemento ou [de+infinitivo] ou [∅+infinitivo] no PMC
(Conclusão)

Verbos	[de+infinitivo]	[∅+infinitivo]	Total de entradas
Encarregar-se	X		03
Envergonhar-se	X		01
Escusar	X		02
Esquecer	X		07
Esquecer-se	X		04
Esperar		X	14
Esquecer-se	X		03
Fartar-se	X		05
Fingir		X	11
Gostar	X		39
Imaginar		X	01
Impedir	X		04
Julgar		X	02
Jurar		X	01
Lamentar		X	02
Lembrar-se	X		10
Mandar		X	37
Merecer		X	05
Ocorrer		X	01
Ousar		X	05
Ouvir		X	17
Permitir		X	06
Preferir		X	20
Procurar		X	33
Proibir		X	03
Prometer		X	13
Resolver		X	24
Restar		X	02
Saber		X	69
Sentir		X	11
Sentir-se		X	04
Significar		X	03
Supor		X	02
Temer		X	05
Tencionar		X	02
Tentar		X	35
Tratar	X		13
Tratar-se	X		05
Totais	201	541	742

Como demonstrado, no QUADRO acima, os verbos que selecionam complementos [∅+infinitivo] somam 541 das 742 ocorrências. Significa dizer que também nas estruturas em que [de+infinitivo] e [∅+infinitivo] não estão em variação, o complemento não preposicionado prevalece numericamente⁴.

⁴ Os verbos analisados como auxiliares não foram incluídos nessa relação, apesar de sua alta frequência no *corpus* do português moderno contemporâneo. Os itens verbais selecionados pelo Programa "WordSmith" são: **fazer** (154 entradas), **haver** (389), **ir** (437), **parecer** (23), **poder** (780), **querer** (430), **ver** (50), **vir** (451), **ter** (52). Destes, apenas **haver** e **ter** admitem o complemento [de+infinitivo] nessa fase da língua. Deve-se adiantar

No cômputo geral (QUADROS 2 e 4), os verbos que têm como complemento [de+infinitivo] e [Ø+infinitivo] somam 1618 ocorrências; destas, 1351 são de complemento [Ø+infinitivo] e 267 são de complemento [de+infinitivo]. O número de construções infinitivas sem preposição é muito superior ao de construções infinitivas preposicionadas.

Do total de estruturas quantificadas, tem-se 16,5% de complemento [de+infinitivo] e 83,5% de complemento [Ø+infinitivo]. No que se refere ao cômputo geral das estruturas de complementação infinitiva (1618), 54,2% (876) delas estão em variação e 45,8% (742) não variam segundo o *corpus* do português moderno contemporâneo.

Apresentaremos agora os verbos que se ligam ao complemento infinitivo por meio de outras preposições que não apenas o *de*, bem como ao complemento [Ø+infinitivo].

QUADRO 5

Verbos que exibem os complementos [de+infinitivo], [Ø+infinitivo] e infinitivo precedidos de outras preposições no PMC

(Continua)

Verbos	Prep. A	Prep. Em	Prep. Por	Prep. Para	Prep. De	Ø	Total
Acabar			16		32		48
Aconselhar	03						03
Acostumar	01	01					02
Ajudar	19					01	20
Aprender	19						19
Apressar-se	01	04					05
Aproveitar-se				07			07
Atrever-se	05						05
Chegar	30						30
Começar	88						88
Consentir		01					01
Consistir		05					05
Continuar	55						55
Correr	02						02
Cuidar				01	01		02
Custar	05					02	07

que as formas verbais aqui mencionadas não serão quantificadas nem tampouco analisadas nos períodos subsequentes.

QUADRO 5

Verbos que admitem os complementos [de+infinitivo], [∅+infinitivo] e infinitivo precedidos de outras preposições no PMC

(Conclusão)

Verbos	Prep. A	Prep. Em	Prep. Por	Prep. Para	Prep. De	∅	Total
Decidir-se	04						04
Duvidar		01					01
Ensinar	04					01	05
Esforçar-se		01	05	02			08
Esperar				01		04	05
Fazer				01		79	70
Hesitar		02					02
Insistir		02					02
Lamentar-se			01		01		02
Mostrar		01					01
Obrigiar	15						15
Oferecer-se				05			05
Pensar		10				06	16
Principiar	01						01
Prontificar-se	01						01
Recusar-se	03					01	04
Romper	01						01
Servir				02		06	08
Tardar	03	09				02	14
Teimar		11					11
Terminar			03				03
Tornar	25						25
Trabalhar			01	05			06
Usar				03			03

Os verbos relacionados no QUADRO 5 não serão considerados na análise quantitativa. A maioria deles admite variação da preposição antes do infinitivo, sem alteração semântica. Dentre os verbos listados, a nosso ver, **acabar**, **esperar** e **fazer** apresentam uma sutil variação de significado conforme o tipo de preposição que precede os seus complementos. Os demais verbos parecem preservar o significado, mesmo admitindo a variação da preposição antes do infinitivo ao lado de [∅+infinitivo]. Dito em outros termos, embora alguns verbos apresentem ao mesmo tempo complemento preposicionado e não-preposicionado, o seu sentido não é alterado.

Em síntese, como se observou no QUADRO 2, existe variação de complemento [de+infinitivo]~[∅+infinitivo] para 54,2% do total das 1618 estruturas investigadas, que, à primeira vista, pareciam estar em variação no português moderno contemporâneo. A variação

[de+infinitivo]~[∅+infinitivo], nessa fase da língua, limita-se a alguns verbos. Num total de 102 verbos, somente 12 admitiram alternância do complemento infinitivo.

Passamos agora à análise dos dados do português oitocentista.

4.2 Análise dos dados do português oitocentista

Nas obras dos escritores que compõem o *corpus* do PO foram registrados os seguintes verbos:

(ii) acabar, acertar, acusar, ajudar, ambicionar, ameaçar, aprender, apressar-se, arriscar, aspirar, atrever-se, buscar, carecer, cessar, chegar, começar, confessar, conseguir, consentir, consistir, contentar, continuar, convir, costumar, cuidar, cumprir, custar, decidir, deixar (1) deixar (2), desagradar, desejar, designar, determinar, dever(1), dever(2), dispensar, encarregar-se, entender, entrar, escusar, esforçar, esperar, esquecer-se, estimar, evitar, fartar, fingir, folgar, gabar-se, gostar, hesitar, imaginar, impedir, importar, insistir, julgar, jurar, lamentar, lembrar-se(1), lembrar(2), mandar, merecer, mostrar, necessitar, obrigar, oferecer-se, outorgar, ousar, ouvir, pascar, pensar, permitir, pesar, prazer, precisar, preferir, presumir, pretender, principiar, privar, procurar, prometer, prontificar, propor, reccar, recusar, resolver, restar, romper, saber, sentir, servir, supor, tardar, teimar, temer, temer-se, tencionar, tentar, terminar, tolher, tornar, trabalhar, tratar, voltar.

Os verbos listados perfazem um total de 106 itens. Os complementos dos verbos selecionados estão no infinitivo precedidos ou não por uma preposição.

Em primeiro lugar, apresentaremos aqueles verbos que admitiram a variação [de+infinitivo]~[∅+infinitivo]. São eles:

Acertar

(40 a) “...lendo, com espanto maior que o meu costume, se **acerto de topar** coisas escritas por pessoas de juízo ...” (ADSCC, p. 38).

(40b) “..., a benefício da camarilha, em cujas mãos **acertara parar**; seria a menoridade perpétua da nação,...” (ASLRB, p.13)

Carecer

(41a) “...A nomenclatura da arma precisa de ser ampliada pelo mesmo motivo. A do equipamento **carecia de ser** reformada. Esta observação não vem a propósito...” (CDPVC, p. 126)

(41b) “...contra cuja solidez a paixão impetuosa dos reformadores **carece pedir** emprestado ao tempo o método paciente das suas evoluções,...” (ASLRB, p.65)

Começar

(42a) “...rosto para o lado do perigo, **começou de enxergar**, não a morte obscura ou ainda gloriosa,...” (IGMA, cap. IV).

(42b) “... da estrada: e apenas o viu **começou choramigar**.- Que...” (CPAEQ, cap.XXIV)

Cuidar

(43a) “...me apareceu na terra, eu **cuidei de morrer** quando...” (ARCOS, p. 106)

(43b) “...Não é ridículo ser afetuoso; eu **cuidava responder** à linguagem de seu coração...” (IGMA, cap. XII)

Dever (1)

(44a) “...mais interessante e linda a faziam./E **deve de saber** o leitor que ela era linda, como eu seguramente creio,...” (ARCOS, p.8)

(44b) “agora o mal está feito e o que **devemos tratar** é do remédio. Paio Guterres é certo que respondeu por...(ARCOS, p.56)

Dever (2)

(45a) “... invejável tia Circássia, **devia de ser** a esposa raptada de algum grão-visir;...” (ADSCC, p. 7)

(45b) “... casa, levava consigo. **Deviam ser** vestidos e jóias...” (ADSCC, p. 70)

Impedir

(46a) “...; mas quem me pode **impedir de ter** adivinhado que o amas...” (IGMA, cap. VI).

(46b) “...O rumor da água **impediu-lhe ouvir** que alguém abria a porta...” (IGMA, cap. X)

Jurar

(47a) “... exerceria tão dolorosa violência sobre o seu espírito. **Jurei comigo de** nunca mis **repetir** o nome de Teodora,...” (ADSCC, p. 31)

(47b) “...Ela não respondera. Então **jurava não voltar** à Ricoça, desprezá-la,...” (CPAEQ, cap. XVIII)

Prazer

(48a) “...todo esse povo aí junto a bradar por justiça, e o seu juiz sem lhe aparecer!/ **Praz-me de vos ouvir**, filha: sois atilada e...” (ARCOS, p. 30)

(48b) “...O bispo com sua bispança,/Bem lhe **praz fazer** folgança./Mais os padres de Santa Maria,...” (ARCOS, p. 54).

Precisar

(49a) “...A nomenclatura da arma **precisa de ser ampliada** pelo mesmo motivo...” (CDPVC, p. 125).

(49b) “...e, conseguintemente **precisa ser ampliado** com a instrução...” (CDPVC, p. 125).

Recear

(50a) “..., e eu finjo também que não desgosto, nem que **reccio de ser** esfarrapado por aqueles inocentes...” (ADSCC, p. 11)

(50b) “...a Carlota: e Amaro **receava encontrar** o anão, para lhe levar o filho, com aqueles olhos...” (CPAEQ, cap. XXIII)

Temer

(51a) “... Como sabem dizê-las as mães que nunca se **temem de corar** diante de seus filhos...” (ADSCC, p. 28)

(51b) “...o homem que deseja e **teme saber**, mas quase que sabe já...” (ARCOS, p. 37)

O QUADRO 6 a seguir arrola os verbos que apresentaram variação do complemento infinitivo no português oitocentista.

QUADRO 6

Verbos de complemento infinitivo variável no português oitocentista

Verbos	[de+infinitivo]	[Ø+infinitivo]	Total de entradas
Acertar	03	01	04
Carecer	03	04	07
Começar	05	01	06
Cuidar	01	06	07
Dever (1)/Dever (2)	15	299	314
Impedir	04	02	06
Jurar	04	09	13
Prazer	02	01	03
Precisar	04	13	17
Recear	03	07	10
Temer	02	01	03
Totais	46	344	390

O QUADRO 6 mostra que num total de 390 estruturas infinitivas, 46 são precedidas pela preposição **de** e 344 não admitem a referida preposição. Deve-se salientar que o verbo **dever** favorece a alta incidência do complemento [Ø+infinitivo] também no período oitocentista. Dentre as 314 entradas para esse verbo, 299 admitem apenas a construção [Ø+infinitivo]. Com base nesse QUADRO, constata-se que a predominância do complemento infinitivo não preposicionado é atribuída ao verbo **dever**. Observe-se que se admitirmos apenas uma entrada para cada variante deste verbo, as estruturas [de+infinitivo] e [Ø+infinitivo] se equilibram como evidencia o QUADRO 7.

QUADRO 7

Total de estruturas [de+infinitivo] e [Ø+infinitivo] dos verbos em variação no PO com apenas uma entrada para cada variante do verbo *dever*

Verbos em variação português oitocentista	[de+infinitivo]	[Ø+infinitivo]	Total de ocorrências
	32	46	78

A partir dos resultados apresentados no QUADRO 7 constata-se, em termos quantitativos, o predomínio das estruturas [Ø+infinitivo] em relação às estruturas [de+infinitivo] no português oitocentista.

Considerando-se somente uma entrada para cada variante da forma verbal **dever**, os verbos que admitem variação do complemento infinitivo no português oitocentista perfazem 78 ocorrências, sendo que as construções [de+infinitivo] representam 41% do total de estruturas em variação e as [Ø+infinitivo] representam 59 %.

Vamos listar agora, no QUADRO 8 abaixo, os verbos que ocorreram ou ligados à estrutura [de+infinitivo] ou à estrutura [Ø+infinitivo] no século XIX, não configurando como variação.

QUADRO 8

Verbos que admitem como complemento ou [de+infinitivo] ou [Ø+infinitivo] no PO

(Continua)

Verbos	[de+infinitivo]	[Ø+infinitivo]	Total de entradas
Acusar	X		04
Ambicionar		X	02
Ameaçar		X	04
Buscar		X	09
Cessar	X		16
Confessar		X	02
Conseguir		X	12
Convir		X	17
Cumprir		X	09
Deixar (1)		X	196
Deixar (2)	X		31
Desagradar		X	02
Desejar		X	36
Dispensar	X		03
Encarregar-se	X		07
Entender		X	02
Escusar	X		12
Esforçar		X	04
Esperar		X	14
Esquecer-se	X		03
Estimar		X	03
Evitar		X	01
Fartar	X		07
Fingir		X	05
Folgar	X		03
Gabar-se	X		03
Gostar	X		19
Imaginar		X	03
Importar		X	09
Julgar		X	08
Lamentar		X	04
Lembrar-se (1)	X		07
Lembrar (2)		X	02
Mandar		X	64
Merecer		X	04
Mostrar		X	03
Necessitar	X		07
Ousar		X	34

QUADRO 8

Verbos que admitem como complemento ou [de+infinitivo] ou [Ø+infinitivo] no PO

(Conclusão)

Verbos	[de+infinitivo]	[Ø+infinitivo]	Total de entradas
Outorgar	X		01
Ouvir		X	47
Pasmar	X		04
Permitir		X	09
Pesar	X		01
Preferir		X	03
Presumir		X	03
Pretender		X	11
Principiar		X	03
Privar	X		03
Procurar		X	22
Prometer		X	21
Recusar		X	03
Saber		X	18
Sentir		X	27
Supor		X	06
Temer-se	X		
Tentar		X	13
Tolher	X		02
Tratar	X		15
Totais	151	635	786

Como demonstrado no QUADRO acima, os verbos que selecionam complementos [Ø+infinitivo] somam 635 das 786 ocorrências. Significa dizer que se se levarem em conta as estruturas em que [de+infinitivo] e [Ø+infinitivo] não estão em variação, o complemento não preposicionado também predomina.

No cômputo geral (QUADROS 6 e 8) os verbos que têm como complemento [de+infinitivo] e [Ø+infinitivo] somam 1176 ocorrências; destas, 979 são de complemento [Ø+infinitivo] e 197 são de complemento [de+infinitivo]. Note-se que o número de construções infinitivas sem preposição é muito superior ao de construções infinitivas preposicionadas.

No que se refere ao cômputo geral das estruturas de complementação infinitiva (1176), 33,2% (390) delas estão em variação, e 66,8% (786) não variam segundo o corpus do português oitocentista.

Do total de estruturas quantificadas, tem-se 16,8% de complemento [de+infinitivo] e 83,2% de complemento [Ø+infinitivo].

Apresentamos agora os verbos que se ligam ao complemento infinitivo por meio de outras preposições que não apenas o *de*, bem como ao complemento [\emptyset +infinitivo].

QUADRO 9

Verbos que exibem os complementos [de+infinitivo], [\emptyset +infinitivo] e infinitivo precedidos de outras preposições no PO

Verbos	Prep. A	Prep. Em	Prep. Por	Prep. Para	Prep. De	\emptyset	Total
Acabar			06		43		49
Ajudar	08						08
Aprender	03						03
Apressar-	11						11
Arriscar	05						05
Aspirar	06						06
Atrever-se	25						25
Chegar	42						42
Consentir		04					04
Consistir		04					04
Contentar		02			01		03
Continuar	41					01	42
Costumar	02					42	44
Custar	07					06	13
Decidir	03					04	07
Desenhar	01					01	02
Determinar	01					01	02
Entrar	12						12
Hesitar		03					03
Insistir		03					03
Obrigar	27						27
Oferecer-se	01						01
Pensar		16				04	20
Prontificar	02						02
Propor	03					02	05
Resolver	01					16	17
Restar	01					07	08
Romper	08						08
Servir				02			02
Tardar	06	03			01		10
Teimar		04					04
Tencionar	01					04	05
Terminar			02				02
Tornar	64					02	66
Trabalhar		01	02				03
Voltar	06						06

Os verbos do QUADRO 9 não serão considerados na análise quantitativa. Alguns deles admitem variação da preposição antes do infinitivo, sem que esta altere a sua significação, dentre eles **determinar**, **pensar**, **propor**. Outros variam o significado conforme o tipo de preposição que se liga ao infinitivo como **acabar**, **deixar**, **lembrar**. Outros, por sua vez, se ligam ao infinitivo por meio das preposições *a*: **ajudar**, **chegar**, **obrigar**, etc.; *em*: **consentir**, **consistir**, **hesitar**, **insistir**, **teimar**.

Dentre os verbos do QUADRO 9 resta observar os complementos daqueles verbos que ora apresentam variação da preposição antes do infinitivo, ora apresentam a variação preposição+infinitivo e [Ø+infinitivo], sem alteração semântica. Veja-se o QUADRO 10.

QUADRO 10

Verbos cujos complementos admitem ou a variação da preposição antes do infinitivo, ou a variação preposição+infinitivo e [Ø+infinitivo], mas não mudam o sentido, no PO

Verbos	Prep. A	Prep. Em	Prep. Por	Prep. De	Ø	Total
Contentar		02		01		03
Continuar	41				01	42
Costumar	02				42	44
Custar	07				06	13
Decidir	03				04	07
Designar	01				01	02
Determinar	01				01	02
Pensar		16		04		20
Propor	03				02	05
Resolver	01				16	17
Restar	01				07	08
Tardar	06	03		01		10
Tencionar	01				04	05

Como se viu, os complementos dos verbos arrolados no QUADRO 10 admitem ou a variação da preposição antes do infinitivo, ou o infinitivo preposicionado e não-preposicionado, sem mudar o significado.

Concluindo, como se observou no QUADRO 6, existe variação de complemento [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] apenas para 33,2% do total das 1176 estruturas investigadas. A exemplo do português moderno contemporâneo, a variação [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] no português oitocentista limita-se a alguns verbos. Dentre 106 verbos registrados, somente 12 admitiram alternância do complemento infinitivo.

Na seção seguinte serão analisados os dados do português setecentista.

4.3. Análise dos dados do português setecentista

No *corpus* setecentista registraram-se os verbos:

(iii) acabar, aconselhar, ameaçar, aperceber, arriscar, aspirar, atrever-se, atrever, bastar, buscar, cessar, chegar, começar, conhecer, consentir, consistir, contentar-se, contentar, convidar, convir, correr, costumar, crer, cuidar, custar, deixar (1) deixar (2), desejar, determinar, dever (1), dever (2), envergonhar, esforçar-se, esperar, faltar, fazer, folgar, gostar, imaginar, jurar, lembrar-se, dispor, duvidar, empregar, encaminhar, encontrar, empregar, entrar, envergonhar-se, esforçar, esperar, esquecer-se, faltar, fingir, folgar, fugir, gostar, intentar, jurar, lembrar-se, mandar, meditar, merecer, mostrar, necessitar, negar, obrigar, ocorrer, oferecer, ouvir, pasmear, pensar, pesar, precisar, pretender, principiar, procurar, proibir, prometer, propor, recear, recusar, resolver, restar, saber, sentir-se, servir, supor, temer, tentar, tornar, trabalhar e tratar.

Os 93 verbos listados apresentam complemento na forma infinitiva. Estes complementos podem vir precedidos ou não de preposição.

Apresentaremos, primeiramente, os verbos que admitem a variação do complemento [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] no português setecentista.

Cuidar

(52 a) “...E que invadindo a turba descuidada,/ Não **cuideis de empregar** a bala, ou seta,/Mas que tudo leveis à pura espada:...” (SRDCA, cap. LXVI)

(52b) “...a gente crua transformada a sorte,/Quando **cuidou matar**, padece a morte...” (SRDCA, LXXXIX)

Dever (1)

(53a) “..., ainda que repetisse as ordens **devia de ser** obedecido, fez vir com sua astúcia o delinqüente a seu aposento,... (NCPJC, p. 423)

(53b) “...O nosso bem só **deve depender** de nós; por isso nos fazemos infelizes, à proporção que buscamos a nossa felicidade em outra parte...” (REFVHO, p.121)

Dever (2)

(54a) “...Nas ações dos homens também **deve de haver** alguma espécie de fecundidade; esta fica satisfeita só com as ações,...” (REFVHO, p. 149)

(54b) “...a falar em todas as matérias, **deve estar** preparado para ouvir...”(VEMES, p. 337)

Esperar

(55a) “...: Que proveito ou galardão **esperais** vós outros **de desperdiçar** as vidas e desprezar tudo no mundo? porque,...” (NCPBE, p. 261)

(55b) “...A rude multidão, que Deus o cria,/E que **espera** desta arte **achar** domada:/Política infeliz da Idolatria,...” (SRDCA, cap. L)

Jurar

(56a) “...e achando o sapateiro a cantar com muito sossego, tornou tal ira que **jurou** entre si **de fazer** com que ele não cantasse uns poucos de dias;...” (NCPMR, p. 292)

(56b) “...Três vezes o levando à boca ímpia, **jurou cumprir** à risca a tal sentença...” (TAGMD, soneto 5).

Mostrar

(57a) “...“...O desejo que o P. António Vieira em quase todos os sermões **mostra de agradar** ao Público,...” (VEMES, p. 178)

(57b) “...E a rosa não quis por se espinhar, /Ao girassol **mostrou não** se inclinar, /E ao jacinto deixou na sua dor...” (ASGAM, cena 5)

Necessitar

(58a) “..., e dos anos: para o vício não **necessitamos de conhecer**, e saber tudo. Dificultosa empresa; Exercitamos o vício,...” (REFVHO, p.85)

(58b) “..., não obstante terem fama de doutos, **necessitavam aprender** os primeiros rudimentos...” (VEMES, p.131)

Procurar

(59a) “o que, se puder ser, **procurarei de a comunicar** a V. P., seguro de que...” (VEMES, p. 61)

(59b) “... sei eu que os que **procuram introduzir-se** para validos, nem merecem ver a Majestade, pois estudam só lisonjeá-la, para fazer o partido...” (NCPSO, p. 447)

Prometer

(60a) “.... Esta é a quarta vez que carrego com este maldito. Ser não estivesse aqui na presença de vossas mercês, eu lhe **prometo de me vingar** deles....” (NCPCS, p. 472)

(60b) “..., que suposta a cutileira te não pagasse o frete, eu te **prometo satisfazer** por ela....” (NCPCS, p. 473)

Restar

(61a) “...Com os seus Gênios falava/Do modo, que lhe **restava/De cativar** a Dirceu...” (TAGMD, Lira XXV)

(61b) “...ambas são belas, ao que entendo; só me **resta saber** as manhas de cada uma, para que escolha do mal o menos....” (ASGAM, cena II)

Servir

(62a) “... Qualquer destas circunstâncias **serve de impedir** o exercício, e ciência da justiça. Só os reis...” (REFVHO, p.187)

(62b) “... De que te admiras tu? Que **serviria/Dar** ao vil corpo condição mais branda?...” (SRDCA, cap. LXIII)

Temer

(63a) “...Por serva, por escrava te seguira,/Se não **temera de chamar** Senhora/A vil Paraguaçu, que sem que o creia,...(SRDCA, XL)

(63b) “...Nunca roubei, **temendo ser** roubado:/Por conservar a fama, honrei a alheia:...” (SRDCA, LVIII)

O QUADRO 11 abaixo demonstra os verbos que apresentam a variação [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] no português setecentista.

QUADRO 11

Verbos que exibem a variação [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] no português setecentista

Verbos	[de+infinitivo]	[Ø+infinitivo]	Total de entradas
Cuidar	05	03	08
Dever (1)/Dever (2)	03	296	299
Esperar	01	10	11
Jurar	01	03	04
Mostrar	01	03	04
Necessitar	02	01	03
Procurar	03	01	04
Prometer	05	13	18
Restar	01	01	02
Servir	13	01	14
Temer	02	03	05
Totais	37	335	372

Da mesma forma que nos dados do português moderno e oitocentista, o verbo **dever** apresenta alta recorrência no *corpus* setecentista. O QUADRO 11 revela que este verbo apresenta 296 entradas para o complemento [Ø+infinitivo], e apenas 03 para o complemento [de+infinitivo]. Isso demonstra que o verbo **dever** eleva o total de ocorrências do complemento sem preposição. Como procedemos com relação ao número de entradas para o referido verbo nos períodos já examinados, vamos admitir também apenas uma entrada para cada variante dele no que se refere à complementação infinitiva, como evidenciada no QUADRO 12.

QUADRO 12

Total de estruturas [de+infinitivo] e [Ø+infinitivo] dos verbos em variação no português setecentista, levando-se em conta uma entrada para cada variante do verbo *dever*

Verbos em variação português setecentista	[de+infinitivo]	[Ø+infinitivo]	Total de ocorrências
	35	38	73

Como constatado no QUADRO 12, se admitirmos apenas uma entrada para cada variante do verbo **dever**, observa-se um discreto predomínio do complemento [Ø+infinitivo] sobre o complemento [de+infinitivo] no período setecentista. O primeiro representa 52% e o segundo 48% do total da complementação infinitiva nessa fase da língua.

Vamos listar a seguir, no QUADRO 13, os verbos que ocorreram ou ligados à estrutura [de+infinitivo] ou à estrutura [Ø+infinitivo] no português setecentista.

QUADRO 13

Verbos que exibem complemento ou [de+infinitivo] ou [Ø+infinitivo] no PSE

(Continua)

Verbos	[de+infinitivo]	[Ø+infinitivo]	Total de entradas
Acabar	X		06
Ameaçar		X	01
Buscar		X	04
Cessar	X		02
Conhecer		X	04
Consentir		X	01
Contentar	X		01
Convir		X	02
Crer		X	03
Costumar		X	37
Deixar (1)		X	23
Deixar (2)	X		05
Desejar		X	12
Duvidar		X	01
Envergonhar	X		01
Envergonhar-se	X		01

QUADRO 13

Verbos que exibem complemento ou [de+infinitivo] ou [Ø+infinitivo] no PSE
(Conclusão)

Verbos	[de+infinitivo]	[Ø+infinitivo]	Total de entradas
Esquecer-se	X		01
Faltar		X	02
Fingir		X	02
Fazer		X	24
Folgar	X		05
Fugir	X		02
Gostar	X		01
Imaginar	X		01
Intentar		X	02
Jurar	X		01
Lembrar-se	X		01
Mandar		X	07
Meditar		X	01
Merecer		X	02
Negar		X	01
Oferecer	X		01
Ouvir		X	01
Pasmar	X		01
Pensar	X		01
Pesar	X		02
Precisar	X		01
Pretender		X	04
Proibir		X	01
Recear		X	01
Recusar		X	03
Restar		X	01
Saber		X	11
Sentir-se		X	01
Supor		X	01
Tentar		X	03
Tratar	X		02
Totais	36	156	192

Demonstrou-se no QUADRO 13 os verbos que admitem ou complemento [de+infinitivo] ou complemento [Ø+infinitivo] no português setecentista. Os verbos que exibem este último tipo de complemento, a exemplo do que se observou nos outros períodos, também predominam no português setecentista. Ou seja, dentre a classe dos verbos que não variam, os de complemento [Ø+infinitivo] prevalecem sobre os de complemento [de+infinitivo].

Levando-se em conta o total de estruturas [de+infinitivo] e [Ø+infinitivo] (QUADROS 11 e 13) verifica-se, no cômputo geral, 564 ocorrências da complementação infinitiva no português setecentista; sendo 73 ocorrências de complemento [de+infinitivo] e 491, de complemento [Ø+infinitivo]. Prevaecem, portanto, as construções [Ø+infinitivo].

Vejam os verbos que se ligam diretamente ao complemento infinitivo e infinitivo precedido de *a, com, em e para*.

QUADRO 14

Verbos que admitem os complementos [Ø+infinitivo] e infinitivo precedido das preposições *a, com, em e para* no PSE.

Verbos	Prep. A	Prep. Em	Prep. Com	Ø	Prep. Para	Total
Aconselhar	01					01
Aperceber	01					01
Arriscar	01					01
Aspirar	01					01
Atrever-se	04					04
Atrever	01					01
Bastar	01				02	03
Chegar	06					06
Começar	57					57
Consistir		02				02
Contentar-se			01			01
Correr	03					03
Cuidar		03				03
Custar	02					02
Determinar	01			08		09
Dispor	01					01
Empregar		01				01
Encaminhar	01					01
Encontrar	01					01
Entrar	02					02
Esforçar-se	02					02
Esforçar	01					01
Esperar					02	02
Obrigar	04					04
Ocorrer	01					02
Principiar	01					01
Resolver	02			01		03
Servir					01	01
Trabalhar		02			01	03
Tornar	04					04

Os verbos arrolados no QUADRO 14 não serão considerados na análise quantitativa. Eles servem para ilustrar a ocorrência de verbos ligados diretamente ao infinitivo e infinitivo precedido de outras preposições. Deve ser lembrado ainda que, dentre os verbos listados, **determinar** e **resolver** admitem alternância de preposição antes do infinitivo sem que esta lhes altere o significado.

Observando-se todos os verbos cujas estruturas [de+infinitivo] foram computadas no português setecentista, os verbos que integram complementos preposicionados representam 13 % e os não preposicionados, 87 % do total de ocorrências no corpus. Significa dizer: os

verbos que selecionam complemento infinitivo sem o auxílio da preposição também são predominantes neste século.

No que concerne ao escopo da variação, pode-se observar: a) o grupo de verbos que admite, de fato, variação, segundo os dados do português setecentista, restringe-se a 12 ; b) do total da complementação [de+infinitivo] e [Ø+infinitivo] observada (QUADROS 11 e 13), 66 % das estruturas sob análise admitem variação e 34 % delas não variam nessa fase da língua.

Apresentaremos na seção 4.4 a análise dos dados do português clássico.

4.4 Análise dos dados do português clássico

No *corpus* do português clássico foram identificados os seguintes verbos:

(iv) **abastar, acabar, acertar, acontecer, acusar-se, ajudar, amar, aprender, apressar-se, arriscar-se, atreve-se, bastar, buscar, cansar, cessar, chegar, começar, conseguir, consentir, contentar-se, continuar, convir, costumar, cuidar, cumprir, curar, custar, deixar(1), deixar(2), deliberar-se, demandar, desejar, desprezar-se, deter, determinar, dever(1), dever(2), dignar-se, duvidar, ensinar, escusar, escusar-se, esperar, esquecer-se, exortar, falecer, faltar, fartar, fingir, folgar, gostar, importar, insistir, jurar, lamentar-se, leixar-se, lembrar-se, mandar, merecer, mostrar, negar, obrigar, ordenar, ousar, ouvir, passar, permitir, pesar, pretender, presumir, procurar, prometer, propor, reccar, reprender, resolver-se, restar, retirar-se, saber, significar, sofrer, tardar, temer, temer-se, tornar, trabalhar, tratar, trazer, tremer, e viver.**

Todos os verbos acima listados ocorreram, no *corpus* do português clássico, ligados ao complemento infinitivo precedido ou não de preposições, totalizando 90 itens verbais.

Apresentaremos, a seguir, os verbos que admitem a variação do complemento [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] nesse período da língua. Vejam-se:

Cuidar

(64a) “..., e eram muito mais miseráveis no espiritual, e não **cuidaste de curar** nem de preservar seus pecados...” (SADV2, cap. VIII).

(64b) “...com outra missa também./Chorei tanto que ninguém/**nunca cuidou ver** tal pranto.
(ADINDI)

Cumprir

(65a) “...e a isso vim; mas enfim, **cumpre-vos** de me ajudar a resistir. Não vos ocupem vaidades,...” (ADALM)

(65b) “...Não **cumpre aqui mais falar**/E quando vos eu negar/Que me cortem as orelhas...”
(ADIPER)

Desejar

(66a) “...afeiçoada ao gesto belo e tenro, **deseja de comprar-vos** para genro”
(LUSIAD, I - 16)

(66b) “...E mais lhe diz também que **ver deseja**” (LUSIAD, I-63)

Determinar

(67a) “...“..., que o que ele agora **determina de me fazer**, eu lho faria primeiro, sem meter nisso...” (PEREFP, p. 68).

(67b) “...“...Mas porque o que então era costume dar-se nas casas dos príncipes me não bastasse para minha sustentação, **determinei embarcar-me** para a Índia, ainda...” (PEREFP, p. 4)

Dever (1)

(68a) “..., tem deixado de o ser, ou, se ainda é Deus, **deve de cuidar** sem dúvida que o não é,...” (SERMA, § IV)

(68b) “..., com que a havemos de resolver. Nem daqui **deve inferir** ou cuidar a rudeza do nosso entendimento...” (SERMA, § II)

Dever (2)

(69a) “... e é o que falam estes dias, que **devem de ser** coisas muito dignas...” (SERMA, § 1)

(69b) “... que segundo o que parecia **deviam ser** campanários, e...” (PEREFP, p.259)

Esperar

(70a) “...e o PE. Navarro à gente da terra. **Spero** em N. Senhor **fazer-se** fruto, posto que...” (CPJBLC, p. 110)

(70b) “...com amor. **Spero** em N. Senhor **de se fazer** muyto fruto...” (CPJBLC, p. 117)

Folgar

(71a) “...Quero-m'ora alevantar./**Folgo** mais **de falar** nisso./Assi me dê Deos o paraíso...” (ADIPER)

(71b) “...Já minha mãe adivinha.../**Folgastes** vós na verdade/**Casar** à vossa vontade?/Eu quero casar à minha...” (ADIPER)

Merecer

(72a) “...tornemos esta alma em si, por que **mereça de chegar** onde caminha, e se detinha...” (ADALM)

(72b) “...grande desconsolação e sentimento para todos os habitadores de um elemento tão nobre, que **mereceu dar** a matéria ao primeiro...” (SEANT, cap. VI)

Ordenar

(73a) “...Agasalhai-me lá Florença, e compra-se esta sentença: **ordenemos de partir**./Tanto que o Frade foi embarcado,...” (ADBINF)

(73b) “...que cada um tinha, **ordenou semear** entre dois de nós uma contenda assaz prejudicial para todos,...” (PEREFP, p. 417)

Ousar

(74a) “..., que te castigue de sorte que não **ouses de falar**, nem no mato nem na corte...”
(ADFEIR)

(74b) “...que nunca mais lhe falei em socorros nem **ousei repetir** as promessas que antes lhe fizera,...” (PEREFP, p. 52)

Pretender

(75a) “...Do quieto descanso, **pretenderam de saber** que fim tinham e onde estavam...”
(LUSIAD, VIII)

(75b) “...lhe andava já ordenados, e **pretendia dar-lhe** nos mares tristes, alegria...” (LUSIAD, VIII)

Prometer

(76a) “... nos tratasse bem porque éramos homens que Deus tinha muito à sua conta, e ela lhe **prometeu de o fazer** assim com muitas palavras de agradecimento...”(PEREFP, p. 319)

(76b) “..., e disse que além do que jurara **prometia** também a Deus **ir** logo dali em busca de quem lhe...” (PEREFP, p. 121)

Recear

(77a) “...“... a maior parte da minha riqueza, e por isso **receio de me ir** meter em Patane, onde tenho...” (PEREFP, p. 188)

(77b) “...E ainda agora te torno a dizer que se te arrependes ou **receias passar** avante, pelo...”
(PEREFP, p. 245)

Temer

(78a) “.... E que quanto a se **temer de invernar** ali pelo que fizera em Nouday, estivesse nisso muito descansado,...” (PEREFP, p. 229)

(78b) “...chegaram logo ao tirano achém, o qual **temendo perder** o que tinha ganho, fez logo aparelhar...” (PEREFP, p.99)

O QUADRO 15 aponta os verbos que apresentaram a variação [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] no português clássico.

QUADRO 15

Verbos que admitem o complemento infinitivo variável no português clássico

Verbos	[de+infinitivo]	[Ø+infinitivo]	Total de entradas
Cuidar	02	02	04
Cumprir	02	03	05
Desejar	04	18	22
Determinar	20	11	31
Dever (1)/Dever (2)	20	71	91
Esperar	05	16	21
Folgar	13	02	15
Merecer	01	04	05
Ordenar	03	03	06
Ousar	01	08	09
Pretender	02	06	08
Prometer	01	07	08
Recear	02	07	09
Temer	02	02	04
Totais	78	160	238

Como se pode observar, por meio do QUADRO 15, num total de 238 complementos infinitivos, 78 deles ocorrem precedidos pela preposição *de* e 160 ocorrem sem o auxílio da preposição. Como já demonstrado para os períodos anteriores, também no português clássico o verbo **dever** eleva o número de construções [Ø+infinitivo]. Portanto, vamos adotar o mesmo critério utilizado nos séculos precedentes, isto é, admitir apenas uma entrada para cada variante do verbo **dever** no período clássico da língua. É o que evidencia o QUADRO 16 a seguir.

QUADRO 16

Total de estruturas [de+infinitivo] e [Ø+infinitivo] dos verbos em variação no português clássico com uma entrada para cada variante do verbo *dever*

Verbos em variação português clássico	[de+infinitivo]	[Ø+infinitivo]	Total de ocorrências
	59	90	149

Diferentemente do que ocorreu no QUADRO da variação referente ao português setecentista, onde o complemento [Ø+infinitivo] apresentou uma discreta predominância sobre o complemento [de+infinitivo], no português clássico, o complemento [Ø+infinitivo] apresenta um significativo predomínio sobre o complemento [de+infinitivo]. O QUADRO 16 indica que de um total de 149 ocorrências da complementação infinitiva, a forma preposicionada representa 39,6% e a forma não-preposicionada representa 60,4%.

O QUADRO 17 indica os verbos que apareceram ou ligados ao complemento [de+infinitivo] ou ao complemento [Ø+infinitivo] no português clássico. Os complementos destes verbos não estão, portanto, em variação.

QUADRO 17

Verbos que admitem como complemento ou [de+infinitivo] ou [Ø+infinitivo] no PCI.

(Continua)

Verbos	[de+infinitivo]	[Ø+infinitivo]	Total de entradas
Abastar		X	01
Acabar	X		42
Acertar	X		06
Acontecer		X	01
Acusar-se	X		01
Amar		X	01
Buscar		X	01
Cansar	X		03
Cessar	X		02
Conseguir		X	01
Consentir		X	07
Continuar		X	01
Curar	X		06
Custar		X	02
Deixar(1)		X	45
Deixar(2)	X		26
Demandar		X	01
Dignar-se	X		05
Desprezar-se	X		01
Escusar(1)		X	02
Escusar-se(2)	X		01
Esquecer-se		X	01
Faltar		X	03
Fingir		X	02
Gostar	X		03

QUADRO 17

Verbos que admitem como complemento ou [de+infinitivo] ou [Ø+infinitivo] no PCL
(Conclusão)

Verbos	[de+infinitivo]	[Ø+infinitivo]	Total de entradas
Jurar	X		05
Lamentar-se	X		02
Leixar-se	X		02
Lembrar-se		X	02
Mandar		X	50
Mostrar		X	04
Negar		X	02
Permitir		X	01
Presumir		X	01
Procurar		X	03
Propor	X		03
Reprender		X	01
Restar		X	03
Saber		X	50
Significar		X	03
Sofrer		X	01
Temer-se	X		02
Tratar	X		07
Tremer		X	02
Viver	X		02
Totais	119	192	311

O QUADRO 17 indicou os verbos que admitem de um lado apenas complemento [de+infinitivo] e de outro, complemento [Ø+infinitivo]. As formas verbais cujo complemento infinitivo vem precedido de preposição somam 119 do total de 311 ocorrências. Observa-se, assim, que o complemento infinitivo não preposicionado também predomina no português clássico, com esses verbos que ou admitem apenas [de+infinitivo], ou apenas [Ø+infinitivo] como complemento. Estes resultados correspondem aos percentuais de 38,3% de complemento [de+infinitivo] e 61,7% de complemento [Ø+infinitivo].

Como se verificou, nos outros séculos, mesmo examinando apenas o complemento em variação, observa-se que as construções [Ø+infinitivo] continuam prevalecendo sobre as construções [de+infinitivo]. O QUADRO 15 revela que os verbos em alternância apresentam um maior número de ocorrências da construção [Ø+infinitivo], o que eleva o índice desse complemento no português clássico.

Veremos, a seguir, os verbos que se ligam diretamente ao infinitivo ou através de outras preposições que não apenas o *de*.

QUADRO 18

Verbos que admitem os complementos [Ø+infinitivo] e infinitivo precedido de outras preposições que não apenas o de no PCL.

	Prep. A	Prep. Em	Prep. Por	De	Ø	Prep. Com	Prep. para	Total
Ajudar	09							09
Aprender	05							05
Apressar-se	01		01					02
Arriscar-se	01							01
Atrever-se	28				02			30
Bastar					09		01	10
Chegar	25							25
Começar	63			10				73
Contentar-se				01	01	01		03
Convir	01				04			05
Costumar	03				36			39
Deliberar-se	02							02
Deter		01						01
Determinar	01	02						03
Duvidar				01	03			04
Ensinar	22							22
Exortar	03							03
Fartar		01		02				03
Importar					04		01	05
Insistir		01						01
Obrigar	04							04
Passar	07							07
Pesar	01			02	01			03
Resolver-se	07			01				08
Retirar-se	01							01
Tardar	01							01
Tornar	88							88
Trabalhar		01	06	02				09
Trazer	02							02

Os verbos do QUADRO 18 também não serão incluídos na análise quantitativa. Foram listados para ilustrar o complemento [Ø+infinitivo] e infinitivo precedido de outras preposições que não apenas o *de*.

Abaixo, no QUADRO 19, exibiremos os complementos verbais que ora admitem variação da preposição antes do infinitivo, ora a variação preposição+infinitivo e Ø+infinitivo, sem alterar o significado.

QUADRO 19

Verbos cujos complementos admitem ou a variação da preposição antes do infinitivo ou a variação preposição+infinitivo e Ø+infinitivo, mas não mudam o sentido no PCI.

Verbos	Prep. A	Prep. Em	Prep. Por	Prep. De	Prep.com	Ø	Prep. Para	Total
Apressar-se	01		01					02
Atrever-se	28					02		30
Bastar						09		09
Começar	63			10				73
Contentar-se				01	01	01		03
Convir	01					04		05
Determinar	01	02						03
Duvidar				01		03		04
Fartar		01		02				03
Importar						04	01	05
Pesar				02		01		03
Resolver	08			01		04		09
Trabalhar		01	06	02				09

Constatou-se, no QUADRO acima, variação da preposição antes do complemento infinitivo como também variação ao mesmo tempo do infinitivo com e sem preposição. Deve-se salientar que essas alternâncias não mudam o significado dos verbos arrolados no QUADRO 19.

Do total de construções infinitivas computadas, neste período, 35,9% representam o complemento [de+infinitivo] e 64,1% representam o complemento [Ø+infinitivo]. Esses resultados comprovam que este último tipo de complemento predomina no período clássico da língua.

Os QUADROS 15 e 17 apontam que de um total geral de ocorrências da complementação infinitiva examinada 43,5% estão em variação, já 56,5% não admitem alternância no período clássico.

Quanto ao número de verbos em variação, verificou-se que de um total de 90 verbos documentados, 15 admitem a variação [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo].

Cumprе observar, ainda, no português clássico, um discreto aumento no número de verbos que admitem variação do complemento infinitivo como também um favorecimento do complemento preposicionado em relação aos períodos anteriores.

Na próxima seção apresentar-se-á a análise dos verbos do português arcaico.

4.5 Análise dos dados do português arcaico

Foram coligidos no *corpus* do português arcaico os seguintes verbos:

(v) acabar, acertar, acertar-se, aconselhar, acontecer, acordar, acostumar, afazer-se, afirmar, ajudar, amar, aproveitar, atrever-se, aventurar, caber, cessar, cobiçar, começar, cometer, contentar-se, consentir, continuar, convir, costumar, cuidar, cumprir, curar, decidir, deixar(1), deixar(2), desejar, desprazer, dever(1), dever(2), determinar, encaminhar, encarregar, entender, enviar, escrever, escusar, esforçar, esperar, estorvar, folgar, guardar-se, guardar, gloriar, intrometer-se, jurar, leixar(1) leixar(2), levantar, mandar, merecer, mostrar, mover-se, obrar, obrigar, oferecer, ordenar, ousar, outorgar, ouvir, pagar-se, pagar, pensar, perceber-se, perceber, pertencer, pesar, prazer, procurar, prometer, propor, prosseguir, provar, prover, reccar, refrear-se, resguardar, reter-se, saber, servir, sofrer, sofrer, tardar, temer-se, temer, tornar, trabalhar-se, trabalhar e usar.

Os 93 verbos acima listados apresentaram o complemento na forma infinitiva. Estes complementos ocorrem precedidos ou não de preposições.

Apresentaremos, em primeiro lugar, os verbos que admitiram a variação [de+infinitivo]~[∅+infinitivo] na fase arcaica da língua, bem como os seus significados, segundo os glossários existentes desse período⁵.

Acontecer “ocorrer, dar-se um fato”

⁵ As acepções dos verbos que regem o complemento infinitivo serão apresentadas apenas para o português arcaico, porque este, a nosso ver, pode exibir uma ou outra significação diferente dos demais períodos.

(79a) “... , pois lh’o d’outra guisa nom podia fazer; e **acontecendo de seer** o contrairo, que ela veria por bem...” (CDF, p. 433)

(79b) “... avia d’aver todallas villas e cidades que as rrainhas de Castella costumarom d’aver. E **acontecendo morrer** o dito iffante...” (CDF, p. 406)

Acostumar “habituar, costumar, ter por costume”

(80a) “... e conthias dos fidallgos e todallas outras cousas que sse **acostumavom de pagar** em tempo d’el-rrei dom Feranando. Foi mais...” (CDF, p. 550)

(80b) “....Ca e outros tenpos **acustumauã soterrar** os grandes homẽes cõ doas e cousas de grande preço ...” (ORDES, p. 240)

Amar “gostar muito de”

(81a) “...que lhe requeresse. **Amava muito de fazer** justiça com direito; e assi como...” (CDPE, p. 8)

(81b) “... sentido quem não **ama guardar** a consciencia, e assy de honra e das outras...” (LECON, p. 26)

Cessar “parar”

(82a) “...satisfazendo ao que deve nom **cesse de fazer** ofertas e esmollas segundo...(LECON, p. 117)

(82b) “... os quaaes aquello que teem dam largamente, e nom **cesso** por esso **roubar** as cousas alheas,...” (LECON, p. 338)

Cobiçar “ambicionar”

(83a) “...E quando **cobiçam de ajuntar** largas moradas e avytaçdoes, ouçam o que he scripto: «Maldiçom seja a aquelles que ajuntam casa a casa, ...” (LECON, p. 334)

(83b) “..., e se á memoria lhes he trazido aquelles que em este mundo **cobiçarom** **seer** dotados de riquezas, ...” (LECON, p. 335)

Começar “dar início, principiar”, “indica aspecto inceptivo”

(84a) “ ...Este rrei dom Fernando **começou de rreinar** o mais rrico rrei que em Purtugall foi ataa o seu tempo...” (CDF, p. 5)

(84b) “... é comuñ e geral a todos aquêles que **começam servir** a Deus e que som recebidos do Senhor Deus...” (BD, p. 26)

Consentir “concordar com, aceitar”

(85a) “... ; Ili tiinham rreçebido; e nom lhe quiserom **consentir de levar** aquello que elles queriam...” (CDJI-I, p. 369)

(85b) “..., nem vista de honesta contemplaçom, nem leixa possuir madureza de consselho, nem **consente seer** os homeens quynhoeiros da sancta vyda (LECON, p. 57)

Convir “ser conveniente, servir, quadrar”

(86a) “...A mim **convem de hir** a Castella, e nom posso escusar que nom passe per elle:...” (CDF, p. 58)

(86b) “... , dos quaes **convem tocar** certos em breve, por verdes se ouve el Rei depois justa caussa...” (CDJI-II, p. 325)

Costumar “ter hábito”

(87a) “... assaz muy grande pestellença, o qual sempre muito **costumava de lhe fugir**, que todavya bem [he que] se fastem della...”. (LECON, p.233)

(87b) “... avia ante sy a cruz de Braguua alevantada com que **costumava visitar** as Igrejas e não quedava de prover amdando...” (CDJI-II, p. 103)

Cuidar “revolver no pensamento”, “preocupar”

(88a) “...Entom **cuidou de os fazer** culpar em algũa tall cousa per que el-rrei ouvesse...” (CDF, p. 495)

(88b) “..., que verdadeiramente **cuidou seer** morto, ficou os geolhos ante el e juntou as mãos contra el...”(DSGII, p. 167)

Cumprir “ser necessário, executar, desempenhar”

(89a) “..., que rrazoadas todas per meudo fariam tam grande trautado quall aqui nom **compre de seer** scripto....” (CDF, p. 9)

(89b) “... antre os rreis ambos, que lhe nom **compria poer** em esto detença mas...” (CDF, p. 250)

Curar “cuidar, tratar”

(90a) “... e preços desvairados nom **curamos** mais **de fazer** meençom, por nom alongarmos, desi...” (CDF, p. 191)

(90b) “..., lhe aqueecerom em seus montes que seeriam longas de contar, de que nom **curamos fazer** meençom. E assi como era grande...” (CDF, p. 353)

Desejar “ambicionar, cobiçar”

(91a) “...Mais aquel que boo cavalgador **deseja seer**, de todas estas guysas suso scriptas...” (LECSE, p. 20)

(91b) “... per aquelles que boa soltura a cavalo **desejom daver**, por que boa e razoada husança...” (LECSE, p. 73)

Determinar “ordenar, decretar”

(92a) “...” E esta rresposta deu el-rrei a monssé Beltran e aos outros, e **determinou de poer** batalha.” (CDF, p. 23)

(92b) “..., se disse que o Papa **determinava atribuir** as terras e bens desta Ordem do Templo...” (CDDIN, p. 255)

Dever (1) “ ter a obrigação de, intenção”

(93a) “... de Jhesu Christo, **deue de desprezar** todollos odores deste mūdo e...” (ORDES, p. 165)

(93b) “... se faz nos outros feitos, por que nos **devemos perceber** e guardar que nom sejamoss assy enganados...” (LECON, p.257)

Dever (2) “necessidade, possibilidade”

(94a) “... elle e os de sua companhia **devem de ser** postos primeiro que...” (CDJI-I, p. 340)

(94b) “... e per ella leer **deue seer** mais perfecto que os que leem e estudam pellas outras sciencias,...” (ORDES, p. 40)

Encaminhar “conduzir, mostrar, indicar”

(95a) “..., e que lhe prometia, se Deos **emcaminhase de** o elle **aver**, que elle partiria cō elle como bem podia...” (CDJI-II, p. 333)

(95b) “..., encamynhara seus subdictos virtuosamente vyver, e que **deve fazer** elles gram mudança de condições...” (LECON, p. 157)

Entender “compreender, perceber, reparar”

(96) a) “... quando **entendees** vos la **de cobrar** outra tam boa çidade per força darmas...”
(CDJI-I, p. 46)

(96b) “..., vos servio nosso razoado: hora ajudando nos Deus **entendemos mostrar**, tornando a nosso estilo todos sseus boos ffeitos...” (CDJI-II, p. 1)

Esperar “ter expectativa”

(97a) “... e alli morrerem ante assumados que **esperarem de sofrer** tamanho mall como esperavom...” - (CDF, p. 258)

(97b) “... tall demãda como esta, se el **esperava tomar** toda Castella villa e villa...”
(CDJI-II, p. 246)

Folgar “ter prazer”

(98a) “...; e sei que o Infante D. Fernando **folgará de me seguir**: e em tanto veremos se...” (CDDU, p. 65)

(98b) “..., vos direi brevemente, sobre as quaes **folgarei ouvir** o que vos de isso parece. Primeiramente, porque...” (CDDU, p. 71)

Merecer “adquirir ou ter merecimento”

(99a) “...eles ao deante feitos per que **merecessem de fazer** em eles justiça...” (NLL, p. 120)

(99b) “..., e a aquelles que ão **merecem seer** louuados he grande uergõça o louuor e o fauor do poboo...” (ORDES, p. 221)

Mostrar “demonstrar, tornar patente, provar”

(100a) “..., e que tall desejo **mostrava de lhe gualardar** seu bom serviço, diremos ...” (CDJI-II, p. 4)

(100b) “..., alegando e achando camynhos e causas per que mostram seer necessario e proveitoso de fallarem ambos, ...” (LECON, p. 193)

Ordenar “mandar”

(101a) “...Semelhavelmente em esta sazom **hordenou** el-rrei de Castella d’enviar a el seu certo rrecado, pera aver...” (CDF, p. 12)

(101b) “... , husamdo aimda da primeira emveja, **hordenarõ partir** logo, e nom o quiserom alli atemder...” (CDJI-I, p. 245)

Ousar “ser bastante corajoso para, ter o atrevimento de”

(102a) “...; e logo tostemente veherom a elRei e nom **ousarom dentrar** na camara por a defesa que elRei tiinha posta,...” (CDPE, p. 35)

(102b) “... que com as sporas lhe nom **ousam dar** tanto e assy como devem. Outros per...” (LECSE, p. 129)

Outorgar “conceder, dar autoridade”

(103a) “... que as d’el-rrei dom Henrrique , **outorgou de os leixar** passar e de seer com elles na batalha per corpo.” (CDF, p.18)

(103b) “..., como era de rezão, que suua vomtade naõ se **outorgava casar** com a llãmte dona Catarina, porque...” (CDJI-II, p. 215)

Pensar “refletir, lembrar-se de”

(104a) “...Entam foi tam tolheito e tam sanhudo, que **pensava de me matar** com minhas mãos, e filhei logo esta...”(DSG, p. 245)

(104b) “... chegou o cavaleiro da outra parte da casa e **pensou ficar** já i aquela noite...”
(DSGII, p. 45)

Pertencer “caber, ser parte do domínio de”

(105a) “...por que nom **perteece de rrepunar** aa natureza nem de trabalhar por aqueloo que nom podemos acalcar...(LECON, p. 247)

(105b) “...E porem lhes **perteece na paz aprender** e saber taaes manhas como no tempo que comprir possam...” (LECON, p. 19)

Prazer “agradar, causar alegria, ser do gosto de alguém”

(106a) “...ella escolhese, lhe **prazia de reger** e guovernar o Reino, em direito e em justiça...”
(CDJI-II, p. 6)

(106b) “... que lhe **prazia satisfazer** no que devia e mandar soltar os prisioneiros...” (CDJI-II, p. 345)

Prometer “fazer promessa de, comprometer-se”

(107a) “... em gram puridade ao Judeu, e ell **prometendolhe de o guardar**, e que sse trabalharia ...” (CDJI-I, p. 156)

(197b) “...el-rrei de d’Aragom o que lhe **prometera dar** quando cobrasse o rreino de Castella...” (CDF, p. 51)

Recear “ter medo a, recear, temer-se de”

(108a) “..., avia descapar da pena merecida, de guisa que todos **receavam de passar** seu mandado....” - (CDPE, p. 43)

(108b) “... das cousas e bondades per que **receamos cayr** em tal/erro, que dereitamente a possamos aver....” (LECSE, p. 44)

Tardar “demorar, chegar com atraso”

(109a) “... nom contradigas aa palavra da verdade per nenhuma maneira e nom **tardes de te converter** ao Senhor...” (BD, p. 36/37)

(109b) “... e começou-se de ir muito aginha, ca muito lhe **tardava ir...**” (DSG-II, p. 136)

Temer-se “ter medo a”

(110a) “...E elle **teme-sse de sse chamar** parête dos nobres ante os estranhos...” (ORDES, p. 276)

(110b) “... em todo, ca elle **teme-se perder** o que ha, e...” (ORDES, p. 55)

Temer “recear, ter temor de, ser temeroso”

(111a) “...per mal-dizer que dele digam; e **teme de ser** condenado per falso testemunho e há temos de muitas outras mizquindades...” (BD, p. 127)

(111b) “...por seus pecados e **teme ser** condenado pelos alheos! Ca os pecados de ca uñ som contados a êle...” (BD, p. 140)

Trabalhar-se “dar-se trabalho em, importar-se com”

(112a) “...que me ensinara a mui fremosa dona, e **trabalhei-me de poer** todo em obra quanto podesse...” (BD, p. 306)

(112b) “... mui caro e mui amado irmão, **trabalheime teer** sobre ello, asy com o ifante...” (CDJI-II, p. 442)

Trabalhar “esforçar-se, exercer alguma atividade”

(113a) “... e quando **trabalhom dajuntar** dinheiros, ouçam aquello que he scripto... (LECON, p. 334)

(113b)“... que em sua cara e palavras fingia, **trabalhava confortar** os christãos, de que muita parte sentia de desmaio cortados;...” (CDDU, p. 114)

O QUADRO 20 mostra os verbos que exibiram a variação do complemento [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] no português arcaico.

QUADRO 20

Verbos que exibiram a variação [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] no português arcaico

Verbos	[de+infinitivo]	[Ø+infinitivo]	Total de entradas
Acontecer	03	01	04
Acostumar	04	05	09
Amar	01	01	02
Cessar	05	01	06
Cobiçar	07	02	09
Começar	481	98	579
Consentir	01	02	03
Convir	22	23	45
Costumar	19	18	37
Cuidar	11	04	15
Cumprir	61	52	113
Curar	18	02	20
Desejar	41	62	103
Determinar	11	28	39
Dever (1)/Dever (2)	227	1213	1440
Encaminhar	05	01	06
Entender	87	34	121
Esperar	13	05	18
Folgar	02	01	03
Merecer	19	07	26
Mostrar	01	02	03
Ordenar	151	05	156
Ousar	50	62	112
Outorgar	14	03	17
Pensar	20	08	28
Pertencer	08	02	10
Prazer	06	02	08
Prometer	36	07	43
Recear	07	05	12
Tardar	02	01	03
Temer-se	22	02	24
Temer	07	02	09
Trabalhar-se	163	04	167
Trabalhar	55	02	57
Totais	1580	1667	3247

Do mesmo modo que nos séculos precedentes, o verbo **dever** é muito recorrente no corpus do português arcaico. Como se viu, no QUADRO 20, o verbo em exame apresenta 1213 entradas para o complemento infinitivo não preposicionado e 227 entradas para o complemento preposicionado. Significa dizer que o verbo **dever** eleva o número de ocorrências das

construções sem preposição. Assim sendo, vamos utilizar o critério adotado para os períodos anteriores, ou seja, admitir apenas uma ocorrência para cada variante deste verbo, para tornar visível mediante este recurso o QUADRO da variação na fase arcaica da língua. Veja-se então o QUADRO 21 a seguir.

QUADRO 21

Total de estruturas [de+infinitivo] e [Ø+infinitivo] dos verbos em variação no português arcaico com uma entrada para cada variante do verbo *dever*

Verbos em variação Português arcaico	[de+infinitivo]	[Ø +infinitivo]	Total de ocorrências
	1354	455	1809

Os resultados apontados no QUADRO 20 permitem-nos observar que o complemento [de+infinitivo] prevalece sobre o complemento [Ø+infinitivo] no português arcaico. Constatou-se que de um total de 1809 ocorrências da complementação infinitiva, o complemento [de+infinitivo] representa 75 % e o complemento [Ø+infinitivo] representa 25%. Veja-se que dentre todos os períodos examinados, no que concerne ao escopo da variação, o período arcaico é o que apresentou o maior índice de construções [de+infinitivo] em relação às construções [Ø+infinitivo], considerando-se apenas uma entrada para cada variante do verbo *dever*.

O QUADRO 22 indica os verbos que apareceram ou ligados ao complemento [de+infinitivo] ou ao complemento [Ø+infinitivo] no português arcaico. Estas formas verbais não estão em variação.

QUADRO 22

Verbos que admitem como complemento ou [de+infinitivo] ou [Ø+infinitivo] no PA

Verbos	[de+infinitivo]	[Ø+infinitivo]	Total de entradas
Acabar	X		01
Acertar-se	X		05
Acertar	X		01
Aconselhar	X		01
Acordar	X		12
Afirmar		X	01
Atrever-se	X		02
Caber	X		01
Cometer	X		01
Continuar	X		02
Deixar(1)	X		02
Deixar(2)		X	02
Desprazer	X		03
Encarregar-se	X		01
Escrever	X		01
Escusar	X		01
Esforçar	X		06
Estorvar	X		01
Guardar	X		15
Guardar-se		X	02
Intrometer-se	X		03
Jurar	X		03
Levantar	X		01
Leixar(1)	X		11
Leixar(2)		X	09
Mandar		X	29
Obrar	X		01
Obrigar	X		04
Oferecer	X		01
Ouvir		X	03
Pagar-se	X		04
Pagar	X		04
Perceber-se	X		06
Perceber	X		01
Pesar	X		02
Procurar	X		03
Propor	X		08
Prosseguir	X		01
Prover	X		01
Provar	X		04
Refrear-se	X		02
Resguardar	X		01
Reter-se	X		01
Saber		X	16
Sofrer-se	X		06
Sofrer		X	01
Usar	X		01
Totais	125	63	188

O QUADRO 22 evidenciou os verbos que admitiram de um lado apenas o complemento [de+infinitivo] e de outro, apenas o complemento [Ø+infinitivo]. As formas verbais cujo

complemento infinitivo vem precedido de preposição somam 125 do total de 188 ocorrências. Assim, o complemento preposicionado representa 66,4%, e o não-preposicionado representa 33,6%. Como se pode verificar, o complemento [de+infinitivo] predomina nesse período da língua.

Observaremos, a seguir, os verbos que se ligam diretamente ao infinitivo e à preposição *a*, ou ao infinitivo através de outras preposições que não apenas o *de*.

QUADRO 23
Verbos que se ligam diretamente ao infinitivo e à preposição *a*, ou ao infinitivo através de outras preposições que não apenas o *de* na fase arcaica

Verbos	Prep. A	Prep. com	Prep. Por	Prep. Em	Prep. De	Prep. Para	Ø	Total
Afazer-se						01		01
Ajudar	02					01		03
Aproveitar				01				01
Aventurar	01							01
Começar	211							211
Contentar-se		01						01
Convir	05							05
Decidir	01							01
Desejar	18							18
Dever	88							88
Entender	01							01
Enviar			01			02		03
Gloriar			01		02			03
Merecer	01							01
Mover-se	01						01	02
Ousar	09							09
Outorgar	01							01
Servir			02					02
Tornar	01						01	02
Trabalhar	01		20					21

Os verbos do QUADRO 23 a exemplo dos procedimentos adotados nos períodos anteriores, também não serão incluídos na análise quantitativa. Foram listados para ilustrar o complemento [Ø+infinitivo] e infinitivo precedido de outras preposições. Deve-se notar que dentre os verbos arrolados neste QUADRO, o verbo **gloriar** admitiu variação das preposições *a* ~ *por* antes do infinitivo, sem mudar seu significado. Os complementos das formas verbais **mover-se** e **tornar** podem ocorrer preposicionados ou não, sem nenhuma alteração semântica.

Os QUADROS 20 e 22 indicam que de um total de 3435 (3247+188) complementos infinitivos, as construções preposicionadas representam 49,6% e as não preposicionadas 50,4%. Ao passo que no português moderno contemporâneo, oitocentista, setecentista e clássico obtiveram-se, respectivamente, os seguintes percentuais: 16,5%, 16,8%, 13% e 35,9% de complemento [de+infinitivo]; 83,5%, 83,2%, 87% e 64,1% de complemento [Ø+infinitivo].

Como foi dito na introdução deste trabalho, partiu-se do “presente para o passado”, retornando depois ao presente. Assim sendo, os dados das tabelas e gráficos, a seguir, serão analisados, levando-se em consideração o tempo passado - presente.

Veja-se, a seguir, a TAB. 1 que revela o percentual total de ocorrências das estruturas [de+infinitivo] e [Ø+infinitivo] nos cinco períodos analisados.

TABELA 1
Percentual total de ocorrências das estruturas [de+infinitivo] e [Ø+infinitivo]
nos cinco períodos analisados

Período	[de+infinitivo]	%	[Ø+infinitivo]	%	Total
Português Arcaico	1705	49,6%	1730	50,4%	3435
Português Clássico	197	35,9%	352	64,1%	549
Português Setecentista	73	13 %	491	87 %	564
Português Oitocentista	197	16,7%	979	83,3%	1176
Português Contemporâneo	267	16,5%	1351	83,5%	1618
Total	2.439	33,3%	4.903	66,7 %	7.342

Os resultados expressos na TAB. 1 indicam a porcentagem do total geral de ocorrências das construções [de+infinitivo] e [Ø+infinitivo] presentes nas cinco fases da língua portuguesa. Veja-se que de um total de 7.342 estruturas de complementação infinitiva observadas, 33,3% delas estão precedidas de preposição, e 66,7% ocorrem sem o auxílio da preposição. Diacronicamente, comparando-se o período arcaico com os períodos subsequentes, a frequência do complemento [de+infinitivo] decresce com o passar do tempo: de 49,6% no

português arcaico para 16,5% no português moderno contemporâneo, e a do complemento [Ø+infinitivo] aumenta de 50,4% no PA para 83,5% no PMC.

Apresentamos na TAB. 2 o total de ocorrências da variação [de+infinitivo]~ [Ø+infinitivo] nos cinco períodos da língua.

TABELA 2
Total de ocorrências da variação [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo]
nas cinco fases da língua

Período	[de+infinitivo]	%	[Ø+infinitivo]	%	Total
Português Arcaico	1580	48,7	1667	51,3	3247
Português Clássico	78	32,8	160	67,2	238
Português Setecentista	37	10	335	90	372
Português Oitocentista	46	11,8	344	88,2	390
Português Contemporâneo	66	7,5	810	92,5	876
Total	1.807	35,5%	3.316	64,5%	5.123

No que tange ao QUADRO da variação presente nos cinco períodos pesquisados, a TAB. 2 permite-nos constatar, em termos quantitativos, o decréscimo da variante preposicionada no PMC em relação ao PA. Levando-se em conta o total de construções em variação, o complemento [de+infinitivo] no PA representa 48,7% e no PMC corresponde a 7,5%. Já o complemento [Ø+infinitivo] se eleva de 51,3% a 92,5%.

O GRAF. 1 abaixo revela a variação [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] nos cinco períodos pesquisados.

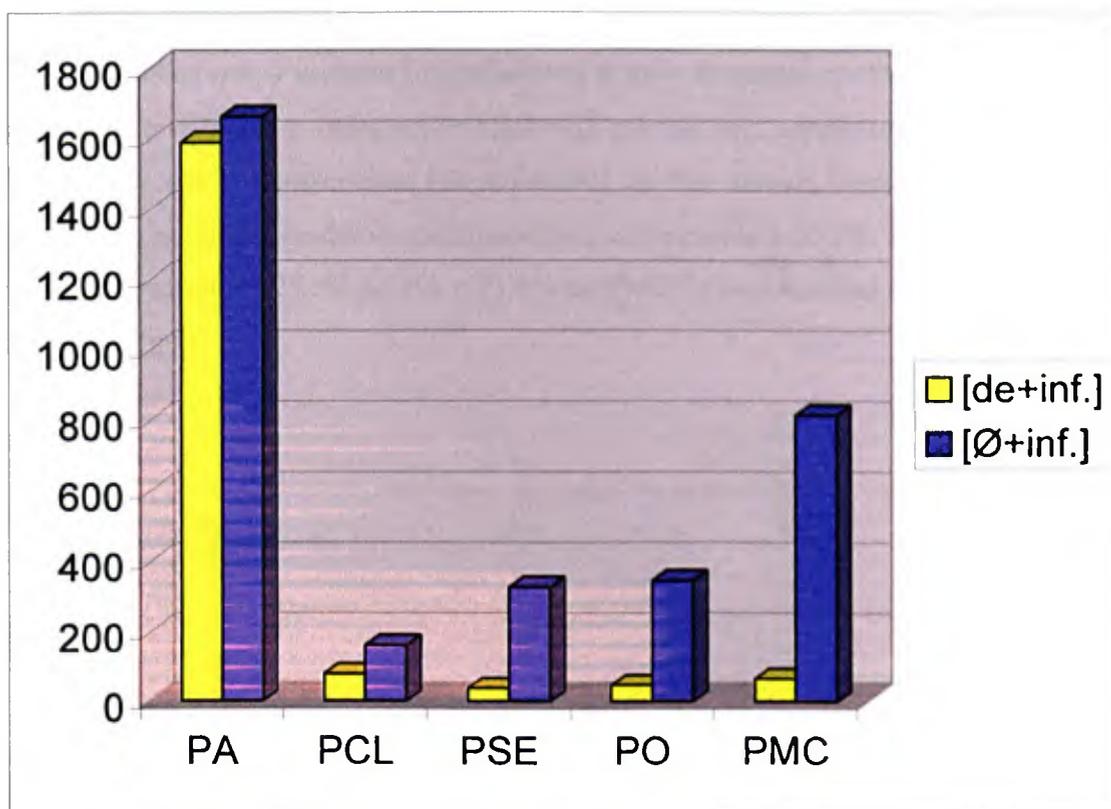


GRÁFICO 1 – Identificação da variação do complemento infinitivo nos cinco períodos examinados

Observe-se agora, na TAB. 3, a variação do complemento [de+infinitivo]~[∅+infinitivo], nos cinco períodos examinados, levando-se em conta uma entrada para cada variante do verbo *dever*.

TABELA 3

Variação do complemento [de+infinitivo]~[∅+infinitivo] nos quatro períodos pesquisados com uma entrada para cada variante do verbo *dever*

Período	[de+infinitivo]	%	[∅+infinitivo]	%	Total
Português Arcaico	1354	74,8	455	25,2	1809
Português Clássico	59	39,6	90	60,4	149
Português Setecentista	35	48	38	52	73
Português Oitocentista	32	41,0	46	59,0	78
Português Contemporâneo	42	26,2	118	73,8	160
Total	1522	67,1	747	32,9	2.269

A TAB. 3 indica que a variante [de+infinitivo] é mais freqüente no PA do que nos outros períodos observados, já a variante [Ø+infinitivo], por sua vez, apresentou um decréscimo no PA. Veja-se que o complemento [de+infinitivo] na fase arcaica corresponde a 74,8%, ao passo que no português moderno contemporâneo, corresponde a 26,2%. Já o complemento [Ø+infinitivo] representa 25,2% no PA e 73,8% no PMC. Esses resultados estão expressos no gráfico 2 a seguir.

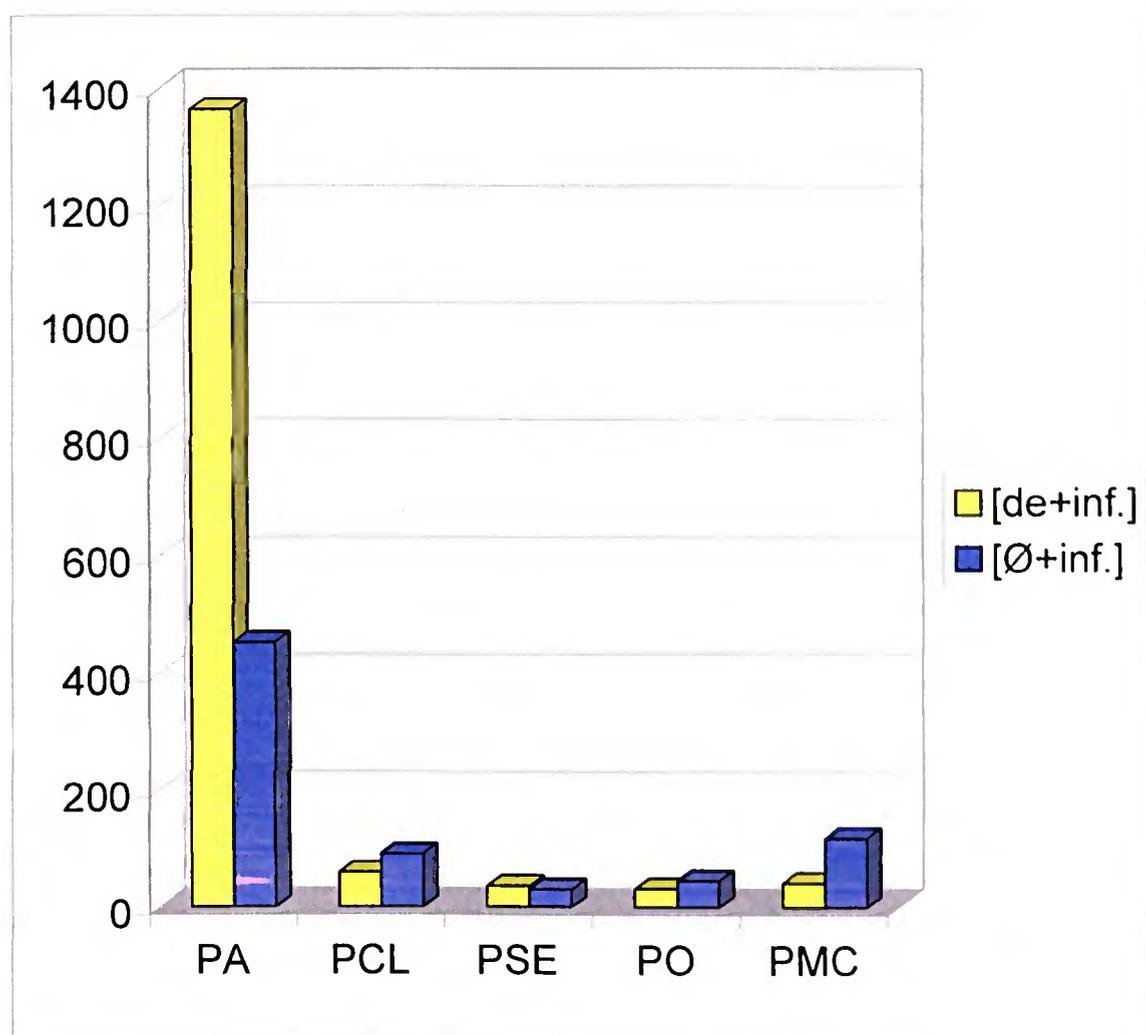


GRÁFICO 2 – Identificação da variação do complemento infinitivo
(1 entrada para *dever*)

Comparando-se os verbos que ocorreram nos períodos examinados, no português arcaico 35 verbos admitiram a variação [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo], no português clássico foram 15

verbos, no português setecentista foram 12 verbos, no português oitocentista foram 12 verbos, no português moderno contemporâneo LEC também foram 12 verbos e LOC foram 27 verbos. Vejam-se os resultados no GRAF. 3.

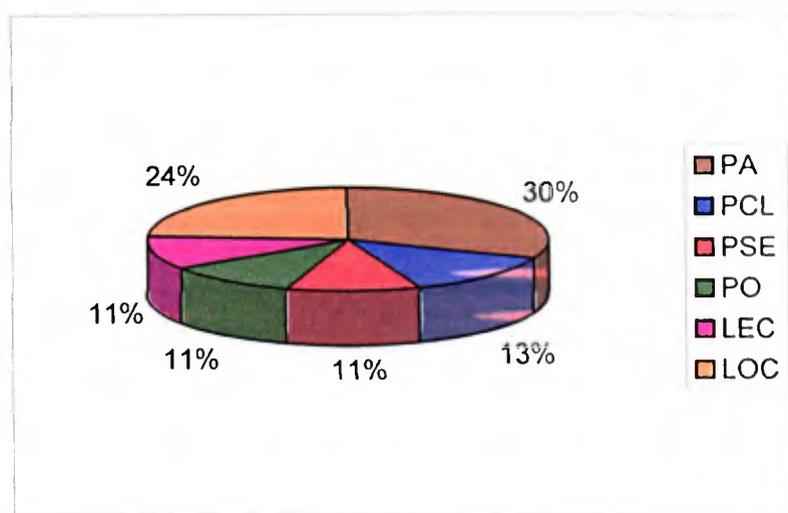


GRÁFICO 3 – Percentual dos verbos em variação nos 5 períodos analisados

O GRAF. 3 indica o percentual do número de verbos que admitiram a variação [de infinitivo]~[Ø infinitivo] em todos os períodos pesquisados. Observe-se que o período arcaico representa o maior percentual de verbos em alternância, isto é, (30%), seguido da modalidade oral contemporânea (24%) e período clássico (13%). Já o percentual dos verbos em variação no PSE, PO e LEC correspondem a 11% para cada período.

Do exposto, pode-se dizer que os verbos dos períodos pretéritos do português apresentavam maior variabilidade em relação aos períodos mais recentes. No entanto, na modalidade oral contemporânea, essa variabilidade ainda é bastante freqüente, quase se iguala, em termos percentuais, à do período arcaico da língua.

O GRAF. 4 abaixo indica a evolução das estruturas [de+infinitivo] e [Ø+infinitivo] na história da língua portuguesa. Observe-se que as construções preposicionadas declinam e as construções não-preposicionadas aumentam, com o passar do tempo.

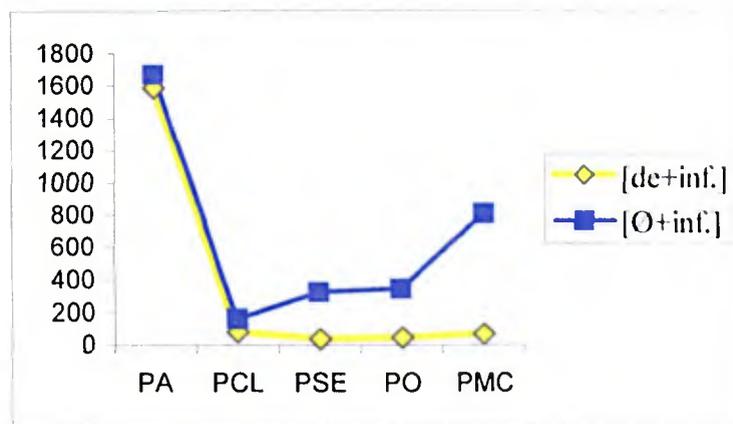


GRÁFICO 4 – As estruturas [de+inf.] e [Ø+inf.] na história do português

Como foi demonstrado, por meio do GRAF. 4, as construções nas quais figuram [de+infinitivo] diminuem e as construções [Ø+infinitivo] aumentam, com o passar do tempo.

Para a apresentação e a análise dos dados deste capítulo foram computados 1.190.636 “tokens”; 110.043 “types” conforme a ferramenta ‘wordlists’ do Programa “WordSmith”. Foram registradas e analisadas 7.342 estruturas [de+infinitivo] e [Ø+infinitivo] em cinco períodos da língua portuguesa, a saber, português arcaico, português clássico, português setecentista, português oitocentista e português moderno contemporâneo.

O quadro 24 a seguir indica os verbos que exibiram a variação [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] em pelo menos um dos períodos analisados.

QUADRO 24 – Verbos que exibiram a variação [de infinitivo]–[Ø infinitivo] em pelo menos um dos cinco períodos analisados

(Continua)

Verbos	PA	De inf.	O inf.	PCL	De Inf.	Ø inf.	PSE	De inf.	O inf.	PO	De inf.	O inf.	PMC/LEC	De inf.	O inf.	PMC/LOC	De inf.	O inf.	
Acertar	n/r			n/r			n/r			X	X	X	n/r			n/r			
Acontecer	X	X	X	n/r			n/r			n/r			n/r			n/r			
Acostumar	X	X	X	n/r			n/r			n/r			X	X	X				
Agüentar	n/r			n/r			n/r			n/r			X	X	X				X
Amar	X	X	X	n/r			n/r			n/r			n/r			n/r			X
Ameaçar	n/r			n/r			n/r			n/r			X	X	X				X
Assumir	n/r			n/r			n/r			n/r			n/r			n/r			X
Carcerer	n/r			n/r			n/r			X	X	X	n/r			n/r			
Cessar	X	X	X	n/r			n/r			n/r			n/r			n/r			
Cobiciar	X	X	X	n/r			n/r			n/r			n/r			n/r			
Combinar	n/r			n/r			n/r			n/r			n/r			n/r			X
Comear	X	X	X	n/r			n/r			X	X	X	n/r			n/r			
Consentir	X	X	X	n/r			n/r			n/r			n/r			n/r			X
Convencer	n/r			n/r			n/r			n/r			n/r			n/r			X
Convir	X	X	X	n/r			n/r			n/r			n/r			n/r			X
Costumar	X	X	X																X
Cuidar	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	n/r			n/r			X
Cumprir	X	X	X	X	X	X	n/r			n/r			n/r			n/r			
Curar	X	X	X	n/r			n/r			n/r			n/r			n/r			
Decidir	n/r			n/r			n/r			n/r			X	X	X				
Deselar	X	X	X	X	X	X	n/r			n/r			n/r			n/r			
Determinar	X	X	X	X	X	X	n/r			n/r									
Dever (1)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X				
Dever (2)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X				
Encaminhar	X	X	X	n/r			n/r			n/r			n/r			n/r			
Entender	X	X	X	n/r			n/r			n/r			n/r			n/r			
Esperar	X	X	X	X	X	X	X	X	X	n/r			n/r			n/r			
Evitar	n/r			n/r			n/r			n/r			X	X	X				X
Folgar	X	X	X	X	X	X	n/r			n/r			n/r			n/r			
Imaginar	n/r			n/r			n/r			n/r			n/r			n/r			X
Impedir	n/r			n/r			n/r			X	X	X	n/r			n/r			
Importar	n/r			n/r			n/r			n/r			X	X	X	n/r			

QUADRO 24 – Verbos que exibiram a variação [de infinitivo]~[Ø infinitivo] em pelo menos um dos cinco períodos analisados (Conclusão)

Verbos	PA	De Inf.	O inf.	PCL	De Inf.	Ø inf.	PSE	De inf.	O inf.	PO	De inf.	O inf.	PMC/ LEC	De inf.	O inf.	PMC/ LOC	De inf.	O inf.
Inventar	n/r			n/r			n/r			n/r			n/r			X		X
Jurar	n/r			n/r			X	X	X	X	X	X	n/r			X		X
Merecer	X	X	X	X	X		n/r	n/r	n/r	n/r			n/r			X		X
Mostrar	X	X	X	n/r			X	X	X	n/r			n/r			n/r		X
Necessitar	n/r			n/r			X	X	X	n/r			X	X	X	X		X
Negar	n/r			n/r			n/r			n/r			n/r			X		X
Ordenar	X	X	X	X	X	X	n/r			n/r			n/r			n/r		X
Ousar	X	X	X	X	X	X	n/r			n/r			n/r			n/r		X
Outorgar	X	X	X	n/r			n/r			n/r			n/r			n/r		X
Pensar	X	X	X	n/r			n/r			n/r			n/r			n/r		X
Pertencer	X	X	X	n/r			n/r			n/r			n/r			n/r		X
Prazer	X	X	X	n/r			n/r			X	X	X	n/r			n/r		X
Precisar	n/r			n/r			n/r			X	X	X	X	X	X	X		X
Pretender	n/r			X	X	X	n/r			n/r			X	X	X	n/r		X
Procurar	n/r			n/r			X	X	X	n/r			n/r			n/r		X
Proibir	n/r			n/r			n/r			n/r			n/r			n/r		X
Prometer	X	X	X	X	X	X	X	X	X	n/r			n/r			X		X
Propor	n/r			n/r			n/r			n/r			X	X	X	n/r		X
Recear	X	X	X	X	X	X	n/r			X	X	X	n/r			n/r		X
Recusar	n/r			n/r			n/r			n/r			n/r			X		X
Reprimir	n/r			n/r			n/r			n/r			n/r			X		X
Resolver	n/r			n/r			n/r			n/r			n/r			X		X
Restar	n/r			n/r			X	X	X	n/r			n/r			n/r		X
Servir	n/r			n/r			X	X	X	n/r			n/r			n/r		X
Sugerir	n/r			n/r			n/r			n/r			n/r			X		X
Tardar	X	X	X	n/r			n/r			n/r			n/r			n/r		X
Temer-se	X	X	X	n/r			n/r			n/r			n/r			n/r		X
Temer	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	n/r			X		X
Topar	n/r			n/r			n/r			n/r			n/r			n/r		X
Trabalhar-se	X	X	X	n/r			n/r			n/r			n/r			n/r		X
Trabalhar	X	X	X	n/r			n/r			n/r			n/r			n/r		X

O quadro 24 apontou os verbos cujos complementos estão em variação em pelo menos um dos períodos examinados, a saber, português arcaico, português clássico, português setecentista, português oitocentista e português moderno contemporâneo que, por sua vez, foi subdividido em duas modalidades: língua escrita contemporânea e língua oral contemporânea. Ao todo, 63 verbos admitiram o complemento infinitivo variável nas sincronias estudadas.

Com o intuito de verificar possíveis lacunas da variação [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] existentes nos dados de língua escrita, presentes nos corpora dos períodos arcaico e clássico, foram consultados os glossários de *Os Lusíadas*, das *Cantigas de Santa Maria* e da *Demandado do Santo Graal*. No entanto, estes glossários não apresentaram nenhuma regência diferente daquelas já registradas por nós nos corpora pesquisados.

Inicialmente, vamos proceder à descrição do verbo **dever**. Este verbo apresentou a variação do complemento [de infinitivo]~[Ø infinitivo] em todos os períodos analisados, sendo predominante em todas as fases a variante *dever [Ø infinitivo]*, como apresentado nas seções anteriores deste capítulo. Ao que parece, esse verbo apresenta duas possibilidades de entradas em todos os períodos: **dever (1)** e **dever (2)**. A primeira, segundo a literatura linguística, expressa “obrigação”. A segunda indica “necessidade” ou “possibilidade”. Embora a diferença seja muito sutil, em ambos os casos o complemento infinitivo desse verbo apresentou variação. Contemporaneamente, segundo os dados examinados, **dever** ocorre preferencialmente integrado ao infinitivo por meio dos verbos **ser**, **estar**, **haver**, formando com estes “um todo conglomerado semântico, indicando conselho/opinião”.

O complemento do verbo **temer** apresentou variação em cinco períodos. Este verbo só não foi registrado na modalidade escrita contemporânea, o que pode ser uma lacuna dos nossos dados.

Já os verbos **cuidar**, **esperar** e **prometer** exibiram a variação [de infinitivo]~[Ø infinitivo] em quatro períodos. O primeiro ocorre nas quatro primeiras fases da língua, os outros dois aparecem nos três primeiros períodos e na modalidade oral contemporânea. Estes não foram registrados em alternância no português oitocentista e na modalidade escrita atual, o que pode configurar uma lacuna dos dados nestas fases da língua.

Os verbos **jurar, merecer e reccar** admitiram variação do complemento variável em três períodos. **Jurar e merecer** ocorrem em dois dos quatro primeiros períodos e na modalidade oral contemporânea, já o verbo **reccar** aparece no período arcaico, no período clássico e no período oitocentista.

Cumprir, desejar, determinar, folgar, ordenar e ousar tendo como complemento [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] só ocorreram no período arcaico e no período clássico. Embora não registrado no *corpus* sob análise, segundo Borba (1990), suas realizações de complementação são [Ø+infinitivo], o que parece configurar uma mudança lingüística na fase atual da língua em comparação aos períodos anteriores.

Os verbos **acontecer, amar, cessar, cobiçar, consentir, convir, curar, encaminhar, entender, outorgar, pertencer, tardar, temer-se, trabalhar e trabalhar-se,** como foi demonstrado no quadro 24, só admitiram o complemento variável na fase arcaica do português. Assim sendo, considerando-se a soma dos verbos que só ocorrem com complemento variável nas duas fases mais antigas, isto é, PA e PCL, tem-se um total de 21 verbos. Certamente, esses verbos com as acepções que tinham nessas fases da língua caíram em desuso, tendo sido provavelmente substituídos por outros de acepção semelhante, já que, atualmente, estes verbos ou ocorrem categoricamente ligados ao complemento [de+infinitivo], ou ao complemento [Ø+infinitivo]. Não exibem, portanto, variação, o que pode também configurar uma mudança de regência na língua contemporânea.

Cumprir registrar que os verbos **começar, convir, desejar, dever, entender, merecer, ousar e trabalhar** apresentavam uma regência múltipla na fase arcaica da língua, a saber, [de+infinitivo], [Ø+infinitivo] e [a+infinitivo].

Os verbos **assumir, combinar, convencer, decidir, imaginar, importar, inventar, negar, proibir, propor, recusar, reprimir, resolver, sugerir e topar** só aparecem ligados ao infinitivo preposicionado e não-preposicionado no português moderno contemporâneo, e com o complemento variável [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] nas modalidades escrita e oral.

Acertar, carecer, e impedir admitem complemento variável apenas no PO, o que pode configurar ou uma lacuna dos dados sob exame, ou a indicação de itens lexicais específicos a

uma época. Já que é possível presumir a frequência de ocorrência de determinados vocábulos, em um período da língua e em outros não.

Por sua vez, os verbos **mostrar**, **prazer** e **pretender** aparecem em dois períodos alternados o que, também, pode indicar lacuna, ou talvez uma variação restrita a estes itens lexicais. Atualmente, os referidos verbos parecem reger complemento [Ø+infinitivo]. Não admitindo, portanto, alternância. O que não garante que eles possam apresentar variação em outros estágios.

Deve-se observar, ainda, a variação do complemento infinitivo dos verbos **necessitar** e **precisar**. O primeiro, foi registrado admitindo o complemento variável a partir do PSE. Já o segundo, foi documentado a partir do PO. Como foi mostrado no capítulo 1, segundo Houaiss, a regência **precisar** [de+infinitivo] é comum no português europeu.

Interessante observar, também, a variação do complemento infinitivo dos verbos **(a)costumar** e **pensar**. Estes ocorreram, segundo o corpus analisado, apenas no período arcaico e no português moderno contemporâneo. O primeiro aparece tanto na modalidade escrita, quanto na modalidade oral do PMC. O segundo ocorre apenas na modalidade oral. Este fato pode indicar um fenômeno de retenção (resíduo) na língua, no que diz respeito ao verbo regente e seu complemento.

Vejamos agora o perfil dos verbos **agüentar**, **ameaçar** e **evitar**. Estes três verbos só ocorrem no português moderno contemporâneo e com o complemento variável [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] nas modalidades escrita e oral.

Vale ressaltar que os verbos **procurar** e **servir** só foram registrados no *corpus* do século XVIII.

Observemos, por fim, o verbo **começar**. Este, exibiu a variação [de infinitivo]~[Ø infinitivo] no período arcaico e no período oitocentista do português. No período clássico ocorre ligado ao infinitivo por meio das preposições *a* e *de*. Este regime parece prevalecer até o século XVIII. A partir dessa época, a preposição *de* é substituída por *a*. Veja-se que, em um primeiro momento, o verbo apresenta uma regência múltipla, pois no PA, além do complemento [Ø infinitivo], **começar** ocorria também ligado ao infinitivo por meio das

preposições *a* e *de*. Sendo esta última a mais recorrente. No entanto, a regência predominante [de+infinitivo] não se concretizou e hoje **começar** rege *a+infinitivo*. Diante do exposto presume-se que este verbo mudou a regência, mas conservou o sentido.

Em termos quantitativos, na fase arcaica, a variante predominante dos verbos **acontecer, cuidar, cumprir, entender, esperar, folgar, merecer, ordenar, outorgar, pensar, pertencer, prazer, prometer, reccar, merecer, tardar, temer, temer-se, trabalhar e trabalhar-se** também era [de+infinitivo]. No entanto, para a grande maioria deles, no decorrer do tempo, prevaleceu a variante [Ø infinitivo].

Em síntese, neste capítulo apresentamos os verbos que admitem complemento variável na história do português. A análise dos dados mostrou que determinadas classes de verbos apresentam comportamentos diferenciados, no que se refere ao fenômeno da variação. Alguns deles exibem a variação do complemento [de+infinitivo]~[Ø infinitivo] apenas em uma fase da língua, outros variam em todos os períodos. Ao que tudo indica, comprova-se a existência de processos de variação, a existência de uma mudança em andamento, além da inovação lexical.

O quadro 25 (anexo I) aponta todas as regências infinitivas (complementos infinitivos) em pelo menos uma das sincronias estudadas.

No próximo capítulo serão analisados os fatores estruturais imbricados no fenômeno da complementação infinitiva nos cinco períodos examinados.

*“Começam de enxergar subitamente,
Por entre verdes ramos, várias cores,
Cores de quem a vista julga e sente
Que não eram das rosas ou das flores,”*
(Os Lusíadas, canto IX)

Capítulo 5 - Análise dos verbos em variação nas cinco fases da língua

Após a apresentação e a análise seriada dos dados, no capítulo 4, onde apresentamos os dados coletados na história do português e apontamos a variação [de+infinitivo]~ [Ø+infinitivo] presente na língua, verificamos que: a) do ponto de vista sincrônico, essa variação ocorre em todos os períodos examinados; b) do ponto de vista diacrônico, constatou-se um decréscimo do complemento preposicionado e um aumento do complemento não-preposicionado no decorrer do tempo. Assim sendo, focalizar o complemento infinitivo como um fenômeno variável é reconhecer a existência da alternância entre as estruturas supracitadas nas relações de complementação verbal em todas as sincronias.

Neste capítulo, vamos proceder à análise dos verbos que, segundo os *corpora*, admitiram a variação [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] em pelo menos uma das sincronias estudadas. Os resultados e as interpretações dos dados levaram-nos a identificar fatores internos imbricados na ocorrência do fenômeno sob análise. São eles: **estruturas adjacentes** (ruptores), **classes de verbos**, **tempo verbal**, **modo verbal** e **pessoa gramatical**.

Inicialmente, mostraremos os verbos que apresentaram complemento infinitivo variável na fase moderna da língua, relacionando-os às estruturas **adjacentes/não-adjacentes**. O intuito aqui é verificar a interveniência de elementos (ruptores) entre o verbo regente e o complemento infinitivo preposicionado e não preposicionado, pois, numericamente, segundo a ferramenta “Concord” do Programa “WordSmith”, o *de*¹ ocorre mais no contexto que apresenta mais ruptores.

5.1 Sobre a adjacência

O termo *adjacência* foi empregado aqui para indicar a contigüidade do verbo regente ao seu complemento. O termo *não-adjacência*, por sua vez, expressa a ausência da contigüidade entre o verbo regente e o complemento infinitivo. Assim sendo, este último termo indica a presença de elementos interpostos (ruptores)² entre o verbo e o complemento infinitivo.

¹ Deve-se fazer notar que o *de* também é um tipo de ruptor.

² Estamos considerando ruptores qualquer tipo de material lingüístico interveniente entre o verbo e o complemento, independente do tipo de classe de palavra, bem como do tipo de função sintática.

As tabelas, que se seguem, expressam o número de entradas dos verbos regentes de complementos infinitivos em variação no português moderno contemporâneo. Note-se que o complemento infinitivo, em geral, ocorre predominantemente adjacente ao verbo regente. No entanto, ao lado das estruturas contíguas aos verbos em variação, ocorre, também, o complemento infinitivo não-contíguo ao verbo regente. Passemos, então, à análise dos verbos do período moderno contemporâneo.

5.1.1 O português moderno contemporâneo – (PMC)

Vejam os primeiros perfis do verbo **acostumar**.

TABELA 4
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *acostumar* no PMC

Acostumar 02 entradas	01 [de+infinitivo]		01 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	01	-	01	-
Percentual	50%	-	50%	-

Como se demonstrou, na TAB. 4, o percentual da soma de adjacência do complemento infinitivo do verbo **acostumar** representa 100% das estruturas quantificadas. Na verdade são duas construções, uma na qual figura [de+infinitivo] e outra onde figura [Ø+infinitivo]. Observem-se os dados abaixo:

(1a) “...não pudesse imaginar direito nem se **acostumar de ver**, e não sendo de ninguém...”
(*Sorôco, sua mãe, sua filha*, PEGR).

(1b) “...dos países estrangeiros. Nós **acostumamos ignorar** o que é nosso...” (VE-02).

Vejam, agora, o verbo **agüentar** no português moderno contemporâneo.

Este verbo tem cinco entradas no PMC, sendo que em quatro delas o complemento infinitivo encontra-se contíguo ao verbo regente. Destas, uma admite o infinitivo não-adjacente. Do total geral, em apenas uma construção o infinitivo ocorre precedido de preposição, a qual se apresenta ligada diretamente ao verbo. Confira-se a TAB. 5.

TABELA 5
 Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *agüentar* no PMC

Agüentar 05 entradas	01 [de+infinitivo]		04 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	01	-	03	01
Percentual	20%	-	60%	20%

A TAB. 5 indicou o número de entradas e o percentual da adjacência do verbo *agüentar*. O resultado da soma do complemento infinitivo adjacente representa 80% do total de estruturas computadas. A não-adjacência aparece em 20% das estruturas observadas. Confirma-se, assim, a preponderância da adjacência sobre a não-adjacência.

Passemos ao verbo *ameaçar*. Este possui três entradas, sendo duas de complemento [de+infinitivo] e uma de complemento [Ø+infinitivo]; para este verbo prevalece também o complemento infinitivo adjacente. Em uma construção, a preposicionada, ocorre a não-contigüidade. Vejam-se os dados na TAB. 6.

TABELA 6
 Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *ameaçar* no PMC

Ameaçar 03 entradas	02 [de+infinitivo]		01 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	01	01	01	-
Percentual	33,3%	33,3%	33,3%	-

Diante dos fatos, não há como negar a persistência da contigüidade sobre a não-contigüidade. A primeira representa 66,6% das estruturas computadas, a segunda, por sua vez, representa 33,3%. Observem-se os dados:

(2a) Dagobé, sem sabida razão, **ameaçara de cortar-lhe** as orelhas. Daí, quando o viu, avançara nêle, ...” (*os irmãos dagobé*, PEGR).

(2b) “... Veio a seca, maior, até o brejo **ameaçava de se estorricar**. Experimentaram pedir a...” (*A menina de lá*, PEGR).

(3) “... , moço de menos de trinta anos **ameaçava ter** um grande futuro...” (*A notícia do Genelício*, PQLB).

O verbo **decidir** tem sete entradas no *corpus* do português moderno contemporâneo, das quais seis admitem o complemento infinitivo não-preposicionado, e em três delas ocorre a não-adjacência. Em uma construção figura o complemento infinitivo preposicionado contíguo ao verbo regente. Os números estão expressos na TAB. abaixo.

TABELA 7

Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *decidir* no PMC

Decidir 07 entradas	01 [de+infinitivo]		06 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	01	-	03	03
Percentual	14,3%	-	42,8%	42,8%

A TAB. 7 mostra que, em 57,1% das ocorrências, isto é, o resultado da soma de complemento infinitivo, ocorre a adjacência, e, em 42,8%, ocorre a não-adjacência. Veja-se que a contigüidade continua persistindo junto aos verbos regentes, em variação, que selecionam o complemento infinitivo. A TAB. 7 indica, também, que os complementos infinitivos não-adjacentes do verbo **decidir**, assim como do verbo **agüentar**, analisados acima, ocorrem junto ao complemento infinitivo sem o auxílio da preposição. Mas note-se, que das sete entradas, apenas uma admite a anteposição da preposição junto ao infinitivo. Os fatos estão ilustrados nas sentenças (4), (5a) e (5b):

(4) “... Souberam que ela tinha também outros modos. **Decidiram de guardar** segredo. Não...” (*A menina de lá*, PEGR).

(5a) “...problema da esterilidade fora resolvido, e **decidiram instalar-se** definitivamente na terriola. Retiraram a filha do colégio e...” (MAJL, cap. XVI.).

(5b) “..., não acharam outro meio. Ele e a mulher **decidiram se mudar**. - “Sendo para a pobreza da gente um cortado e penoso...” (*Fatalidade*, PEGR).

O verbo **dever** tem 718 entradas no *corpus* do PMC. Como foi demonstrado, no capítulo 4, este verbo é o mais recorrente em todas as sincronias. Ademais, apresentou variação do complemento infinitivo nas cinco fases examinadas. Dentre as 718 entradas, 25 são de complemento [de+infinitivo], destas, duas ocorrem não-contíguas ao verbo. De outro lado,

693 entradas são de complemento [\emptyset +infinitivo], das quais 103 se apresentam não-adjacentes. Vejam-se os dados na TAB. 8.

TABELA 8
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *dever* no PMC

Dever 718 entradas	25 [de+infinitivo]		693 [\emptyset +infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	23	02	590	103
Percentual	3,2%	0,3%	82,2%	14,3%

A TAB. 8 indica o número de entradas e o percentual da adjacência/não-adjacência do verbo **dever**. Do total de estruturas quantificadas, 85,4% ocorrem adjacentes, e 14,6% se apresentam não-contíguas ao verbo. Observe-se, então, que a adjacência continua persistindo junto aos verbos que admitem variação do complemento infinitivo. Confiram-se as estruturas abaixo:

(6a) desaparecia. Outros, também, à hora, por certo que lá dentro **deveriam³ de ter estado**; mas porém ninguém. (*nada e a nossa condição*, PEGR).

(6b) e lhe infamara a filha, **devendo-lhe de a tomar** por consorte e arcar com o estado de casado....” (*o môço muito branco*, PEGR).

(7a) “..., o poder **deve revesar** nas mãos dos partidos políticos (ou coligações). Primeiro, isso diminuiria a corrupção,...” (VE-03).

(7b) “...com o alcance enorme que têm como é o caso da televisão, **deveria se preocupar** em expor coisas com mais conteúdo...” (VE-03).

O verbo **evitar** tem cinco entradas: sendo uma estrutura na qual figura [de+infinitivo] não-adjacente, e quatro estruturas [\emptyset +infinitivo], destas; duas são adjacentes e duas não-adjacentes. Confira-se a TAB. 9.

³ Devido a sua alta incidência nos *corpora*, vamos registrar apenas a entrada do verbo **dever** que expressa “obrigatoriedade” por ser esta a acepção mais recorrente. O mesmo critério será adotado para os períodos subsequentes.

TABELA 9
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *evitar* no PMC

Evitar 05 entradas	01 [de+infinitivo]		04 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	-	01	02	02
Percentual	-	20%	40%	40%

O complemento infinitivo contíguo ao verbo **evitar** representa 40% do total de estruturas computadas no *corpus*. Já o complemento infinitivo não-adjacente corresponde a 60%, sendo 40% [Ø+infinitivo] não-adjacentes e 20% [de+infinitivo] adjacentes. Como se viu, excepcionalmente para esse verbo, predomina a não-contigüidade. Os exemplos abaixo evidenciam suas ocorrências:

(8) “... que de para uns anos êle se serenara - **evitava o de evitar**. Fie-se, porém, quem, em tais tréguas de pantera?” (*Famigerado* PEGR).

(9a) “...pessoa alguma conhecida durante os três últimos dias; ele mesmo **evitava falar** e, em sua casa, limitava-se ao "bom dia" (PQLB, cap. V).

(9b) “...porém, não lhe quisera atear fogo. **Evitava assim calcinar** o terreno, eliminando dele os princípios voláteis ao fogo (PQLB, cap. III).

O verbo **importar** tem seis entradas no *corpus* do PMC. Do total de complementos infinitivos quantificados, três são de complementos preposicionados e três são de complementos não-preposicionados. Vejamos, então, o percentual da adjacência e da não-adjacência para os referidos complementos.

TABELA 10
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *importar* no PMC

Importar 06 entradas	03 [de+infinitivo]		03 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	02	01	03	-
Percentual	33,4%	16,6%	50%	-

As estruturas adjacentes representam 83,4% do total de entradas, já a construção não-adjacente na qual figura o complemento [de+infinitivo] representa 16,6%. Conforme se vê, prevalece a adjacência, isto é, 83,4% das estruturas. Observem-se os dados:

(10a) “...Eu não sei que tenho, já não me **importo de viver**. Perdi o amor à vida. Olhe para o meu corpo.... (PORB, cap. XXI).

(10b) “...As minhas cheiram a... Olha, Anabela, **importas-te de me encher** o copo? Vocês estão a (MAJL, cap. XXX).

(11) “...que é verdadeiro, arraigado e fundo, é belo – até o crime. Não **importa saber** donde nasceu a idéia da...” (PORB, cap. XII).

O verbo **necessitar** com três entradas, sendo duas preposicionadas e uma não-preposicionada, admite seu complemento não-contíguo junto à estrutura [de+infinitivo]. Observemos a TAB. 11.

TABELA 11
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *necessitar* no PMC

Necessitar 03 entradas	02 [de+infinitivo]		01 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	01	01	01	-
Percentual	33,3%	33,3%	33,3%	-

A TAB.11 mostra que o percentual da adjacência do verbo **necessitar** representa 66,6%. A estrutura não-preposicionada ocorre não-contígua ao verbo regente. Este percentual corresponde a 33,3% do total de ocorrências, persistindo, portanto, o complemento infinitivo adjacente ao verbo. Vejam-se os dados, a seguir:

(12a) “... o almoço, se ofereceu para levar metade da malta no seu carro.Necessitava de ir a Viana na sexta-feira, poderiam aproveitar...” (cap. XXIV, MAJL)

(12b) “...Sendo assim, **necessitava eu de transverberar** o embuço, a travisagem daquela máscara,...(O espelho, PEGR).

(13) “...Portanto, **necessitamos resgatar** o verdadeiro objetivo da televisão que é sociocultural...”(VE-03).

O verbo **precisar**, bastante recorrente em relação aos outros verbos registrados no *corpus* do PMC, apresentou 111 entradas. Destas, 27 admitem o complemento infinitivo preposicionado, e 84 construções admitem o complemento sem o auxílio da preposição. Em sete das estruturas preposicionadas, o complemento infinitivo figura não-contíguo ao verbo. Este mesmo número de construções ocorre não-adjacente para o complemento sem preposição. Deve-se chamar a atenção, no entanto, para o fato de que em 75,5% das estruturas figura o complemento não-preposicionado. Veja-se a TAB. abaixo.

TABELA 12
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *precisar* no PMC

Precisar 111 entradas	27 [de+infinitivo]		84 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	20	07	77	07
Percentual	18%	6,3%	69,4%	6,3%

Como se fez notar, o verbo sob análise tem 87,4% do seu complemento infinitivo adjacente. Em apenas 12,6% figura o complemento infinitivo não-contíguo ao verbo. Deste percentual, 6,3% corresponde ao complemento preposicionado (27 entradas), e 6,3% representam o complemento não-preposicionado (84 entradas). Assim sendo, em termos proporcionais, a adjacência prevalece junto ao complemento que ocorre sem o auxílio da preposição. Confirmam-se os exemplos:

(14a) “....Agora, **precisavam de mandar** recado, ao arraial, para fazerem o caixão e aprontarem o entêrro,...” (*A menina de lá*, PEGR).

(14b) Passassem mais tarde, pois **precisava de lhes falar**.– Nós agora vamos até ao parque. (MAJL, cap. IV).

(15a) “...Pele tentava ajudar, diligentil. Ciganinha lia um livro; para ler ela não **precisava virar página**....” (*Partida do audaz navegante*, PEGR).

(15b) “... **Precisava, porém, iludir-se**, a si mesmo e à mulher, De resto, da rua, viam-no e se dessem com ele a dormir...” (PQLB, cap. V).

O verbo **pretender**, com 12 entradas, apresentou a estrutura [de+infinitivo] não-adjacente. Das 11 estruturas [Ø+infinitivo], uma se apresenta não-contígua ao verbo. Veja-se a TAB. 13, onde os dados estão expressos.

TABELA 13
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *pretender* no PMC

Pretender 12 entradas	01 [de+infinitivo]		11 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	-	01	10	01
Percentual	-	8,3%	83,4%	8,3%

A TAB. 13 indica o percentual de adjacência das estruturas [Ø+infinitivo] corresponde a 83,4%, e a não-adjacência representa apenas 8,3%. Como já foi dito, a única construção preposicionada se apresenta não ligada diretamente ao verbo regente. Vejam-se os dados:

(16) “...e por que idéia ingrata e estranhável - **pretendera** *êle* **de desmanchar** o aspecto do lugar, que de desde a antiguidade...” (*nada e a nossa condição*, PEGR).

(17a) “... à nossa espera e é aí que eu **pretendo** **montar** a minha tenda, como Abraão na terra desconhecida de Caná... (MAJL, cap. XVII.).

(17b) **Pretendo**, *como já insinuei*, **escrever** de modo cada vez mais simples. Aliás o material de que disponho é parco e singelo demais...” (Dedicatória do autor, HECL).

Encerramos esta seção, apresentando o perfil do verbo **propor**. Este verbo tem quatro entradas no PMC, em duas dessas estruturas figura o complemento preposicionado, sendo uma não-contígua ao verbo e duas entradas não-preposicionadas, nas quais também figura uma estrutura adjacente, e uma não-adjacente ao verbo. Observem-se os dados na TAB. 14.

TABELA 14
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *propor* no PMC

Propor 04 entradas	02 [de+infinitivo]		02 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	01	01	01	01
Percentual	25%	25%	25%	25%

A TAB. 14 revela que o percentual da soma de adjacência do verbo **propor**, assim como ocorreu com o verbo **acostumar**, descrito acima, representa 50% do total de estruturas computadas, e a não-adjacência corresponde também a 50% das estruturas observadas. Note-se que, para estes verbos, há um equilíbrio entre a contigüidade e a não-contigüidade. Confiram-se, agora, os dados do verbo **propor** abaixo:

(18a) “...trangalhadançando, zureta, de afofafo - se **propondo de arrear** cavalo! Me encostei nêle, eu às ordens. (*tarantão, meu patrão*, PEGR).

(18b) “... O que me **proponho contar** parece fácil e à mão de todos. Mas a sua elaboração é muito difícil. Pois (*Dedicatória do Autor*, HECL).

(19a) “...No entendimento do vulgo: pois, êsses, **propunham cangancha, de barganhar** todos os cavalos...”(*tarantão, meu patrão*, PEGR).

(19b) “...Uma vez ou outra um mais delicado **propunha-lhe jogar** o poker, aceitava e sempre perdia. Chegou mesmo a formar uma roda em casa...” (PQLB, cap. IV).

No *corpus* do PMC foram computadas 876 entradas, das quais 743 estruturas, ou seja, 84,8% ocorrem adjacentes ao verbo regente, e 133 (15,2%) estão não-adjacentes ao verbo. Deste percentual, 11,3% (15) das estruturas são preposicionadas, e 88,7% (118) são construções não-preposicionadas. Entretanto, como já se fez notar, o verbo **dever** é bastante recorrente, e apresenta 103 construções não-preposicionadas, as quais ocorrem não-contíguas ao verbo regente. Assim sendo, se consideramos uma entrada não-preposicionada, e, conseqüentemente, não-contígua, para o referido verbo, tem-se um total de 15 estruturas. Assim, o percentual da não-adjacência corresponde a 51,7%, e o percentual da adjacência, por sua vez, representa 48,3% do total de estruturas computadas.

Como se viu, o complemento infinitivo no PMC, preposicionado ou não-preposicionado ocorre predominantemente adjacente ao verbo regente. O percentual da adjacência corresponde a 84,8%, e o da não-adjacência representa 15,2%. Considerando-se apenas uma entrada para cada variante do verbo **dever**, o percentual da não-adjacência equivale a 51,7% para as construções [\emptyset +infinitivo], e 48,3% para as estruturas [de+infinitivo]. Há, portanto,

um equilíbrio do fenômeno sob análise no que concerne à variação do complemento infinitivo preposicionado no português moderno contemporâneo.

5.1.2 O português oitocentista – (PO)

Nesta seção serão apresentadas as tabelas que explicitam o número de entradas, bem como o percentual da adjacência/não-adjacência dos dados registrados no *corpus* do português oitocentista. Confira-se a TAB. 15.

TABELA 15
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *acertar* no PO

Acertar 04 entradas	03 [de+infinitivo]		01 [ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	03	-	01	-
Percentual	75%	-	25%	-

O verbo **acertar** tem quatro entradas no português oitocentista, das quais, três entradas admitem complemento [de+infinitivo], e uma permite o complemento [ø+infinitivo]. Observe-se que em 100% das ocorrências, o complemento infinitivo, tanto preposicionado, quanto não-preposicionado, ocorre contíguo ao verbo regente. Assim sendo, a adjacência predomina. Vejam-se os dados que se seguem:

(20) “..., que havia rareado os passeios daqueles últimos tempos, **acertou de caminhar** para ali, e com tão boa fortuna, que achou ...” (IGMA, cap. XIV).

(21) “..., a benefício da camarilha, em cujas mãos **acertara parar**, seria a menoridade perpétua da nação,...” (ASLRB, p. 13).

Passemos, agora, ao verbo **carecer**. Segundo o *corpus* analisado, o referido verbo tem sete entradas no português oitocentista, sendo que em três entradas figura o complemento preposicionado (todas elas contíguas ao verbo), e quatro entradas não-preposicionadas, sendo uma delas adjacente. Confirmam-se as entradas e o percentual da adjacência do verbo **carecer** na TAB. 16.

TABELA 16
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *carecer* no PO

Carecer 07 entradas	03 [de+infinitivo]		04 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	03	-	03	01
Percentual	42,9%	-	42,9%	14,2%

Como se viu, o percentual de adjacência do verbo **carecer** representa 85,8% do total de estruturas computadas. Em uma construção (a não-preposicionada) figura a não-adjacência. Vejamos, então, os exemplos abaixo:

(22) *não é dos mais divertidos, eu lha remeto porque entendo que alguns dos negócios carecem de ser resolvidos com a possível brevidade...*”CDPVC, p. 107).

(23) a) “...; e pondera que o monarca, antes de sancionar, **carece conhecer** o que sanciona. Ora, a teoria inglesa, que...” (ASLRB, p. 44).

(23) b) “... (Muito bem!). Não **carecemos, porém, buscar** no meio de estranhos a lição...” (ASLRB, p. 34).

Analisar-se-á, em seguida, o verbo **começar** que tem seis entradas. Em cinco delas aparece o complemento infinitivo preposicionado, quatro estão ligadas diretamente ao verbo, e uma admite a presença de elementos interpostos. A estrutura que se apresenta sem o auxílio da preposição está adjacente ao verbo regente. Confira-se a TAB. 17.

TABELA 17
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *começar* no PO

Começar 06 entradas	05 [de+infinitivo]		01 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	04	01	01	-
Percentual	66,8%	16,6%	16,6%	-

Segundo a TAB. 17, em 83,4% das estruturas quantificadas, o complemento infinitivo do verbo **começar** encontra-se adjacente. Já em 16,6%, o complemento infinitivo se apresenta não-contíguo ao verbo. Predomina, portanto, a adjacência. As estruturas (24a) e (24b) apontam, respectivamente, para a adjacência e a não-adjacência do complemento

preposicionado e, a sentença (25) indica o complemento infinitivo não-preposicionado, que por sua vez, encontra-se adjacente.

(24a) “... O pensamento perdeu a habitual placidez. O coração **começou de bater** com a celeridade e a violência das grandes...” (IGMA, cap. XIII).

(24b) “...vez resoluto a aceitá-lo, **começou logo de o aborrecer**. Que muito? Era um marido; não exigia outro mérito...” (IGMA, cap. XVI).

(25) “... da estrada: e apenas o viu **começou choramigar**. – Que é Dionísia? (CPAEQ, cap. XXIV).

O verbo **cuidar** com sete entradas, no PO, tem seis estruturas não-preposicionadas, e uma preposicionada. Todas elas estão adjacentes ao verbo regente. Observe-se a TAB. 18.

TABELA 18
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *cuidar* no PO

Cuidar 07 entradas	01 [de+infinitivo]		06 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	01	-	06	-
Percentual	14,3%	-	85,7%	-

Como se demonstrou, em todas as entradas computadas, o complemento infinitivo está contíguo ao verbo, isto é, em 100% das ocorrências. Vejam-se os dados:

(26) “... e ainda me apareceu na terra, eu **cuidei de morrer** quando a vi perdi...” (ARCOS, p. 106).

(27) “...sobre o peito. E eu caí extenuado sobre uma cadeira, **cuidando morrer** ali afogado de ...” (ADSCC, p. 69).

Passemos, agora, à análise do verbo **dever** no português oitocentista.

Como já foi observado, o verbo **dever** é bastante recorrente nos *corpora* de todas as fases da língua. Este, no PO, tem 314 ocorrências das quais 301 se apresentam sem o auxílio da preposição. Nesse total há 30 construções com ruptores. De outro lado, em 13 estruturas

figura o complemento infinitivo preposicionado. Todas elas estão adjacentes ao verbo regente. Confira-se a TAB. 19.

TABELA 19
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *dever* no PO

Dever 314 entradas	13 [de+infinitivo]		301 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	13	-	271	30
Percentual	4,1%	-	86,3%	9,6%

Constatou-se na TAB. 19 que 90,4% das entradas registradas, para o verbo **dever**, estão adjacentes, e 9,6% das entradas, cujo complemento se apresenta sem preposição, ocorrem não-contíguas ao verbo regente. Confirmam-se as ilustrações em (28) e (29):

(28) “...O bispo **devia de ter** dentro de si naquela hora o demônio negro que ele dizia...”
(ARCOS, p. 109).

(29a) “..., da solidão que o regelava! Se fosse mulher de coração **devia ter** vindo ao seu quarto, ...” (CPAEQ, cap. VII).

(29b) “... Que malvado! O senhor pároco **devia-o ter** calcado aos pés! Ah! era dum santo, ter perdoado!- Fiz o que...” (CPAEQ, cap. XIV).

Observe-se, agora, o perfil do verbo **impedir**.

A TAB. 20 abaixo indica as entradas e o percentual da adjacência/não-adjacência do verbo **impedir** no PO. Este verbo com seis entradas, quatro preposicionadas e duas não-preposicionadas, admite o seu complemento infinitivo predominantemente contíguo. Vejam-se os fatos:

TABELA 20
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *impedir* no PO

Impedir 06 entradas	04 [de+infinitivo]		02 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	04	-	01	01
Percentual	66,8%	-	16,6%	16,6%

Para o verbo **impedir**, como foi demonstrado, também predomina o complemento infinitivo adjacente. Este corresponde a 83,4% das estruturas computadas, já 16,6% das construções se apresentam não-contíguas ao verbo. Vejamos as ilustrações em (30) e (31a) e (31b).

(30) “..., se entregou a um caminho que o respeito me **impede de qualificar**: caiu sob o império das paixões,...” (CPAEQ, cap. III).

(31a) “...,que fora uma das belas mulheres de seu tempo. Nada lhes **impedia restaurar** inteiramente a situação anterior (IGMA, cap. VI).

(31b) “... O rumor da água **impediu-lhe ouvir** que alguém abria a porta. Estela apareceu (IGMA, cap. X).

O verbo **jurar**, com 13 entradas, tem quatro estruturas de complemento infinitivo preposicionado, das quais três estão não-contíguas ao verbo. As outras nove entradas encontram-se não-preposicionadas, sendo três delas não-adjacentes. Confira-se a TAB. abaixo.

TABELA 21
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *jurar* no PO

Jurar 13 entradas	04 [de+infinitivo]		09 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	01	03	06	03
Percentual	7,7%	23,1%	46,1%	23,1%

O percentual de estruturas contíguas corresponde a 53,8% do total da complementação infinitiva do verbo **jurar**. Já 46,2% das construções quantificadas encontram-se não-adjacentes, destas, 23,1% são preposicionadas, e 23,1% não possuem preposição. Note-se que há um equilíbrio entre a não-adjacência para o complemento que se apresenta com preposição e sem preposição. No entanto, observe-se que o complemento infinitivo não preposicionado representa 69,2%, e o preposicionado representa 30,8%. Levando-se em conta que em treze ocorrências, apenas quatro são preposicionadas, das quais três não estão diretamente vinculadas ao verbo, constata-se que o complemento infinitivo preposicionado prevalece junto à não-adjacência. Os dados estão evidenciados abaixo:

(32a) “...padroeira da nossa cidade, e pela bem-aventurada Sant'Ana que nos ouve, **jurai de vingar** nossa afronta e de punir por nossos direitos....”(ARCOS, p. 88)

(32b) “...Que deitam tudo a perder. Está sim, (...). E não lhes digo mais nada, se me não **juram todos de guardar** segredo....”(ARCOS, p. 72).

(33a) “..., morte de minha vida! Vós e ela, Paio Guterres, **jurastes perder-me**: bem o sei. Mas eu juro que hoje daqui...” (ARCOS, p. 105).

(33b) “... palavra amiga, indo tocar com estrondo a valsdo*Beijo!***Jurou então não voltar** a casa da ...” (CPAEQ, cap.VIII).

Para o verbo **prazer** foram registradas três entradas, sendo duas preposicionadas e uma na qual figura o complemento não preposicionado. As duas estruturas que admitem preposição não estão ligadas diretamente ao verbo, isto é, têm ruptores. Já a construção não-preposicionada está contígua ao verbo. Confira-se a TAB. 22.

TABELA 22
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *prazer* no PO

Prazer 03 entradas	02 [de+infinitivo]		01 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	-	02	01	-
Percentual	-	66,7%	33,3%	-

Observou-se que o verbo **prazer**, na TAB. 22, apresenta 66,7% do seu complemento infinitivo não-adjacente, e 33,3% do complemento infinitivo adjacente. Para esse verbo, predomina, portanto, a não-adjacência. Mas deve-se frisar que todas as estruturas não-adjacentes são preposicionadas. Vejam-se as ilustrações:

(34) “... vos nomeou e elegeu este bom povo. É vossa obrigação faze-lo.**Praz-me de os ver** guardar e usar tão bom termo....” (ARCOS, cap. XV).

(35) “...rachado e al lume de figueira verde.O bispo com sua bispança./Bem lhe **praz fazer** folgança, mais os padres de Santa Maria, (ARCOS, cap. XVIII).

Analisar-se-á, a seguir, o comportamento do verbo **precisar** no português oitocentista. Este verbo tem 17 entradas, destas, quatro são preposicionadas, e uma delas não está contígua ao verbo. Já em 13 construções figura o complemento [\emptyset +infinitivo]; destas, 12 estão adjacentes. A TAB. 23 indica as entradas e o percentual da adjacência/não-adjacência do referido verbo.

TABELA 23
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *precisar* no PO

Precisar 17 entradas	04 [de+infinitivo]		13 [\emptyset +infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	03	01	12	01
Percentual	17,6%	5,9%	70,6%	5,9%

Demonstrou-se, por meio da TAB. 23, que o percentual de adjacência do complemento infinitivo do verbo **precisar** corresponde a 88,2% do total de estruturas quantificadas. Em 11,8% das construções figura o complemento não-adjacente, predominando, então, a adjacência. Veja-se:

(36a) ” quarto de sua mãe para ouvir estas pesadas e secas palavras:- Eu **preciso de morrer** em paz com todo o mundo, que nunca escandalizei, (ADSCC, p. 45).

(36b) “...em desarmonia e desacordo entre nós, tanto mais **precisamos de nos mover** ao compasso de patrióticas ...” (ARCOS, p. 83).

(37a) “...o castigo infernal do. seu orgulho.Foi-me **preciso escutar** os boatos correntes à conta da mulher que Afonso ...” (ADSCC, p. 9).

(37b) “..._ Mas ofereço-lhe agora. _ Aceito. **Precisava justamente falar-lhe**: negócio grave._ Não é decerto algum fornecimento?...” (IGMA, cap. X).

O verbo **reccear**, com dez entradas, tem três construções de complemento [de+infinitivo] e sete de complemento [\emptyset +infinitivo]. Dentre as três construções preposicionadas, duas estão contíguas ao verbo, e uma está não-contígua. Em todas as entradas não-preposicionadas o complemento infinitivo está adjacente. Confira-se a TAB. 24.

TABELA 24
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *recear* no PO

Recear 10 entradas	03 [de+infinitivo]		07 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	02	01	07	-
Percentual	20%	10%	70%	-

Do exposto, percebe-se que em 90% das estruturas computadas figura o complemento infinitivo adjacente, e em apenas 10% , na estrutura preposicionada, o complemento deste verbo não está adjacente. Vejam-se os exemplos:

(38a) “...Para vos despenhardes no inferno, não **receies de saltar** por cima do cadáver do monge que vos consolou...” (MDCH, p. 105).

(38b) “...Meu pai faz o que pode, e dirige o teu procurador; mas **receia de não zelar** os teus interesses como queria ...” (ADSCC. P. 71).

(39) “...um e outro podiam devorar o presente, e ela **receava ser** esmagada entre ambos. A convivência da família aterrava-a....” (IGMA, cap. XVII).

Finalmente, vamos apresentar o perfil do verbo **temer**. Este, segundo o *corpus*, tem três entradas no PO, sendo que duas delas exibem o complemento infinitivo preposicionado: uma adjacente e outra não-adjacente. A única estrutura onde figura o complemento que se apresenta sem o auxílio da preposição encontra-se contíguo ao verbo regente. Os dados estão explícitos na TAB. 25.

TABELA 25
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *temer* no PO

Temer 03 entradas	02 [de+infinitivo]		01 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	01	01	01	-
Percentual	33,3%	33,3%	33,3%	-

Como foi constado, na TAB. 25, em 66,5% das estruturas o complemento infinitivo encontra-se adjacente, já em 33,3%, o infinitivo se apresenta não-contíguo ao verbo. Observa-se, assim, o predomínio da adjacência sobre a não-adjacência. Na única estrutura não-adjacente,

prevalece o complemento infinitivo preposicionado. As sentenças, que se seguem, ilustram a ocorrência da adjacência/não-adjacência do verbo **temer** no PO.

(40a) “...Como sabem dizê-las as mães que nunca **temem de corar** diante de seus filhos...” (ADSCC, p. 28).

(40b) “ ..., e eles todos que se querem fazer neutrais na pendência, e **temem de se malquistar** com os burgueses!...” (ARCOS, p.119/120).

(41) “... e como o homem que deseja e **teme saber**, mas quase que sabe...” (ARCOS, p. 37).

Em síntese, o complemento infinitivo, no PO, como também no português moderno contemporâneo, ocorre predominantemente contíguo ao verbo regente, seja em estruturas preposicionadas, seja em estruturas não-preposicionadas.

No *corpus* do PO foram computadas 390 entradas, destas, 344 estruturas, isto é, 88,2% ocorrem adjacentes ao verbo regente, e 46 estruturas (11,8%) estão não-adjacentes ao verbo, das quais 19,6% são preposicionadas, e 80,4% são não-preposicionadas. Utilizando-se o mesmo critério do PMC, vamos considerar apenas uma entrada para cada variante do verbo **dever**, no cômputo final da não-adjacência. Assim, 52,9% das estruturas não-adjacentes são preposicionadas, e 47,1% ocorrem sem o auxílio da preposição.

Como se observou, também no PO, a adjacência prevalece nos verbos regentes que admitem o complemento infinitivo variável. Já a não-adjacência, nesse período, prevalece nas estruturas não-preposicionadas.

5.1.3 O português setecentista – (PSE)

Nesta seção serão apresentadas as tabelas que contemplam o número de entradas e o fator adjacência/não-adjacência dos verbos, cujos complementos infinitivos admitiram a variação [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] no português setecentista. Vejamos, em primeiro lugar, o perfil do verbo **cuidar**, na TAB 26.

TABELA 26
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *cuidar* no PSE

Cuidar 08 entradas	05 [de+infinitivo]		03 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	04	01	02	01
Percentual	50%	12,5%	25%	12,5%

O verbo **cuidar**, conforme a ferramenta “concord” do programa “WordSmith”, tem oito entradas. Destas, cinco são preposicionadas e, em uma delas, o complemento infinitivo não está contíguo ao verbo regente. Em três estruturas figura o complemento [Ø+infinitivo], sendo uma construção não-adjacente. O complemento infinitivo adjacente, por sua vez, representa 75% e o não-contíguo representa 25% do total de estruturas presentes no *corpus* do PSE. Confirmam-se os dados abaixo:

(42a) “....Selvagem há que **cuida de comê-la**,/Nem muito se está morta se assegura;/E com fúria voraz contra a donzela,...” (SRDCA, canto LXXVII).

(42b) “....E vendo Estácio só junto ao Estandarte,/Que por Chefe dos Lusos se declara,
Cuida de um golpe terminar a empresa...” (SRDCA, canto LV).

(43a) “....Ameça o furor, cerca o perigo;/E a gente crua transformada a sorte,/Quando **cuidou matar**, padece a morte....” (SRDCA, canto LXXXIX).

(43b) Vendo o futuro com presságio susto:/Já **cuida a cruel morte ver** presente;/Já vê sobre a cabeça o golpe injusto: (SRDCA, canto LXXIV).

Passemos, agora, ao verbo **dever**.

O verbo **dever** tem 299 entradas no *corpus* do português setecentista, das quais 296 são de complemento [Ø+infinitivo]: desse montante há 44 estruturas que contêm ruptores. De outro lado, do total geral em apenas três construções figura o complemento [de+infinitivo]. Todos os complementos preposicionados estão adjacentes ao verbo regente. Veja-se a TAB. 27.

TABELA 27
 Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *dever* no PSE

Dever 299 entradas	03 [de+infinitivo]		296 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	03	-	252	44
Percentual	1%	-	84,3%	14,7%

Como se viu, o complemento infinitivo do verbo **dever** ocorre adjacente em 85,3% do total de complemento infinitivo computado. Destes, 84,3% são de estruturas nas quais figura [Ø+infinitivo], sendo 14,7% não-adjacentes ao verbo. Todas as estruturas preposicionadas estão contíguas, entretanto é necessário observar que o complemento preposicionado representa apenas 1% do complemento infinitivo ligado ao verbo sob análise. Confirmam-se os dados abaixo.

(44a) “..., e que sentem; a diferença **deve de estar** no modo de amar, e de sentir. As criaturas são mais perfeitas,...” (REFVHO, p. 120).

(44b) “..., e não no entendimento de Deus, e **deve ser** pela impressão, que temos, de que o juízo é menos sujeito ao êrro...” (REFVHO, p. 40).

(45) “... algum que, **devendo em algum acto público provar** de repente alguma proposição que lhe duvidassem,...” (VEMES, p. 59).

O verbo **esperar** tem 11 entradas no *corpus* do português setecentista. Em dez delas figura o complemento infinitivo ligado diretamente ao verbo, e apenas uma admite ruptor. A única estrutura preposicionada se apresenta não-adjacente. A TAB. 28 indica os números computados.

TABELA 28
 Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *esperar* no PSE

Esperar 11 entradas	01 [de+infinitivo]		10 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
		01	09	01
Percentual		9,1%	81,8%	9,1%

A TAB. 28 apontou para o número de entradas e a adjacência/não-adjacência do verbo **esperar**. Este admite o complemento [Ø+infinitivo] adjacente em 81,8% dos fatos registrados.

A não-adjacência se apresenta junto a uma construção não-preposicionada e a uma estrutura preposicionada. Embora, haja apenas uma estrutura na qual figura [de+infinitivo], esta se apresenta não-adjacente ao verbo. Vejam-se as sentenças (46) e (47), a seguir.

(46) “...Que proveito ou galardão **esperais vós outros de desperdiçar** as vidas e desprezar tudo no mundo? porque, a não serdes loucos,...” (NCPBE, p. 261).

(47)a “... onde estás?. Aonde **espera /Achar** te uma alma, que por ti suspira, /Se quanto a vista se dilata, ...” (CMCPO, canto XIII).

(47b) “...A rude multidão, que Deus o cria, /E que **espera desta arte achar** domada:/Política infeliz da Idolatria,...” (SRDCA, canto L).

Descrever-se-á, agora, o verbo **jurar** no PSE.

O verbo **jurar**, no PSE, tem três entradas de complemento [o+infinitivo] e uma entrada de complemento [de+infinitivo]. Observe-se a TAB. 29.

TABELA 29
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *jurar* no PSE

Jurar 04 entradas	01 [de+infinitivo]		03 [ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
-	01	01	02	01
Percentual	-	25%	50%	25%

O percentual de estruturas adjacentes ao verbo **jurar** corresponde a 50% do total da complementação infinitiva quantificada. Das três entradas não-preposicionadas, uma contém ruptor e duas se apresentam sem elementos intervenientes entre o verbo e o infinitivo. A estrutura preposicionada não está vinculada ao verbo, apresentando, portanto, interposição. A estrutura (48) mostra a estrutura preposicionada não vinculada ao verbo, já a sentença (49a) e (49b) evidenciam a adjacência e não-adjacência, respectivamente, do complemento infinitivo que se apresenta sem preposição:

(48) “ ... e achando o sapateiro a cantar com muito sossego, tornou tal ira que **jurou entre si de fazer** com que ele não cantasse...” (NCPMR, p. 292).

(49a) “...Por essas brancas mãos, por essas faces /Te **juro renascer** um homem novo; (TAGMD, Lira XV).

(49b) Banhados com as lágrimas do gosto, /**Jurava não cantar** mais outras graças, (TAGMD, Lira XXI).

O verbo **mostrar** tem quatro entradas no PSE, das quais três ocorrem sem preposição, e duas delas não estão vinculadas ao verbo regente. A única estrutura que admite o complemento infinitivo preposicionado ocorre na posição de não-adjacência. Observem-se os resultados na TAB. 30.

TABELA 30

Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>mostrar</i> no PSE				
Mostrar 04 entradas	01 [de+infinitivo]		03 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	01	-	01	02
Percentual	25%	-	25%	50%

Segundo apontou a TAB. 30, do total quantificado, 50% do complemento infinitivo ocorrem junto ao verbo **mostrar** está adjacente. Ao passo que os outros 50% se apresentam não-adjacentes. Em todas as construções não-adjacentes figura o complemento sem o auxílio da preposição. Confirmam-se os dados abaixo:

(50) “...O desejo que o P. António Vieira em quase todos os sermões **mostra de agradar** ao Público,...” VEMES, p. 178).

(51a) “Tira forças ocultas da nossa alma, que ela não **mostra ter**, vivendo em calma...” (SRDCA, cap.V).

(51b) “... E a rosa não quis por se espinhar/ ao girassol **mostrou não se inclinar**, e ao Jacinto...” (ASGAM, cena V).

O verbo **necessitar** tem três entradas, e todas elas estão contíguas ao verbo. Confirmam-se os dados a seguir.

TABELA 31
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *necessitar* no PSE

Necessitar 03 entradas	02 [de+infinitivo]		01 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	02	-	01	-
Percentual	66,7%	-	33,3%	-

Como se demonstrou, todas as estruturas de complemento infinitivo estão contíguas ao verbo. Isto é, 100% do total computado. Esses fatos confirmam, mais uma vez, que a adjacência predomina sobre a não-adjacência. Deve-se notar que, quando o complemento infinitivo não está contíguo ao verbo regente, em geral, a não-adjacência prevalece, isto é, as construções preposicionadas tendem a ser mais recorrentes junto ao complemento que apresenta mais interpolação. Observem-se as ilustrações em (52) e (53):

(52) “...”...Claro está que não sou eu, pois eu Graças a Deus não **necessito de furtar**. Dom Lancerote...” (ASGAM, cena VI).

(53) “... não obstante terem fama de doutos, **necessitavam aprender** os primeiros rudimentos...” (VEMES, p. 131).

Segundo o **corpus** do PSE, o verbo **procurar** tem quatro entradas: deste total, três são preposicionadas. Destas, duas não estão adjacentes, e uma se apresenta contígua ao verbo regente, que é a estrutura na qual figura o complemento [Ø+infinitivo]. Dentre as quatro ocorrências, uma não admite preposição junto ao infinitivo, esta se apresenta adjacente ao verbo. Confirmam-se os dados na TAB. 32.

TABELA 32
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *procurar* no PSE

Procurar 04 entradas	03 [de+infinitivo]		01 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	01	02	01	-
Percentual	25%	50%	25%	-

Como foi demonstrado, por meio da TAB. 57, o resultado da adjacência soma 50% das estruturas de complementação infinitiva no português setecentista. Os outros 50% de não-contigüidade figuram nas estruturas que admitem complemento preposicionado. As sentenças abaixo ilustram as ocorrências do verbo **procurar** no PSE.

(54a) “... Contudo devemos **procurar de imitar** a boa pronúncia, o que principalmente...” (VEMES, p.336).

(54b) “...o que, se puder ser, **procurarei de a comunicar** a V. P. , seguro de que...” (VEMES, p.61).

(55) “... sei eu que os que **procuram introduzir-se** para validos, nem merecem ver a Magestade, pois estudam...” (NCPSO, p. 447).

O verbo **prometer** em relação aos outros verbos inventariados no *corpus* do português setecentista é bastante recorrente. Apresenta 18 entradas, sendo cinco [de+infinitivo], três adjacentes e duas não-adjacentes. Dentre as 13 entradas com complemento [Ø+infinitivo], 11 estão contíguas ao verbo e duas não admitem a presença de ruptores. Os dados estão evidenciados na TAB. 33.

TABELA 33
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *prometer* no PSE

Prometer 18 entradas	05 [de+infinitivo]		13 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	03	02	11	02
Percentual	16,7%	11,1	61,1%	11,1

Comprovou-se na TAB. 33 que a adjacência é predominante em 77,8% das estruturas de complemento infinitivo. As construções não-adjacentes representam 22,2% do total de estruturas quantificadas. Observe-se que embora o número de ocorrências do complemento infinitivo preposicionado represente apenas 27,8%, em 11,1% figura a não-adjacência, prevalecendo a máxima de que “marcas levam a marcas”. Confiram-se os dados:

(56a) “...Adriano pondo os debilitados e chorosos olhos em Natália e depois levantando-os ao Céu, **prometeu de propor** estes desejos pios no acatamento...” (NCPBE, p*.).

(56b) “.... Ser não estivesse aqui na presença de vossas mercês, eu lhe **prometo de me vingar** deles....” (NCPCS, p* .).

(57a) “... de grande letrado, **prometeu mostrar** no sermão que a chuva não podia vir por outro estilo...” (VEMES, p. 18).

(57b) “...Dom Fuas: **Promete vossa mercê fazer-me** quanto lhe eu pedir?/Fagundes: Ai, que coisa me pedirá vossa mercê, que lhe não faça (ASGAM, cena I).

O verbo **restar** com duas entradas, ambas adjacentes, admitiu uma ocorrência de complemento [de+infinitivo] e uma de complemento [Ø+infinitivo], no português setecentista. Observe-se a TABELA abaixo.

TABELA 34
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *restar* no PSE

Restar 02 entradas	01 [de+infinitivo]		01 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	01		01	
Percentual	50%		50%	

Como demonstrado na TAB. 34, o verbo sob análise tem, no PSE, 100% do seu complemento infinitivo adjacente. Sendo 50% preposicionado e 50% não-preposicionado. Confirmam-se os dados:

(58) “... Com os seus Gênios falava/Do modo, que lhe **restava/De cativar** a Dirceu...” (TAGMD, Lira XXV).

(59) “... amabas são belas, ao que entendo; só me **resta saber** as manhas de cada uma, para que escolha do mal..” (ASGAM, cena II).

Vejamos, agora, o perfil do verbo **servir**.

O referido verbo tem 14 entradas no português setecentista, destas, em 13 estruturas figura o complemento preposicionado. A estrutura não-preposicionada está adjacente ao verbo. Observe-se a TAB. a seguir.

TABELA 35
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *servir* no PSE

Servir 14 entradas	13 [de+infinitivo]		01 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	12	01	01	-
Percentual	85,8%	7,1%	7,1%	-

Observou-se, por meio da TAB. 35, que o verbo **servir** apresenta 92,9% da soma do seu complemento infinitivo adjacente. Já a não-adjacência figura em 7,1% do complemento infinitivo preposicionado. As sentenças (60a) e (60b) ilustram as ocorrências do complemento infinitivo preposicionado contíguo e não-contíguo ao verbo, e a sentença (61) aponta o infinitivo não-preposicionado adjacente.

(60a) “... um exterior brilhante, que muitas vezes **serve de esconder** um abismo horrendo; a mesma luz arma-se de raios...” (REFVHO, p. 89).

(60b) “..., mas sim parte ajuntada, que só **servia de o ornar**, e não de o fazer. Aquêles mesmo rei foi o terror da nobreza arrogante...” (REFVH), p. 228).

(61) “... De que te admiras tu? Que **serviria/Dar** ao vil corpo condição mais branda?...” (SRDCA, cap. LXIII).

Apresentamos, por fim, o verbo **temer**. Este tem cinco entradas, sendo duas de complemento preposicionado e três nas quais figura o complemento sem o auxílio da preposição. Em todas elas o complemento infinitivo se apresenta contíguo ao verbo. Veja-se a TAB. 36.

TABELA 36
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *temer* no PSE

Temer 05 entradas	02 [de+infinitivo]		03 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	02	-	03	-
Percentual	40%	-	60%	-

Demonstrou-se na TAB. 36 o número de entradas e o percentual de adjacência do verbo **temer**. O complemento infinitivo adjacente, a exemplo do que se observou nos outros períodos da língua, também predomina no PSE.

Em síntese, os fatos apresentados, nesta seção, indicam que o fator adjacência é predominante junto ao complemento infinitivo que se liga diretamente ao verbo regente. No entanto, quando o complemento infinitivo se apresenta preposicionado, há um equilíbrio da não-adjacência.

No *corpus* do PSE foram computadas 373 entradas, das quais 315 estruturas, a saber, 84,1% ocorrem adjacentes ao verbo regente, e 59 estruturas (15,9%) estão não-adjacentes ao verbo, destas; 13,6% são preposicionadas, e 86,4% são não-preposicionadas. Adotando-se o mesmo critério dos períodos precedentes no que se refere ao verbo **dever**, isto é, admitindo apenas uma entrada para cada variante deste verbo, o percentual da não-adjacência corresponde a 50% para as estruturas preposicionadas, bem como 50% para as construções não-preposicionadas. Há, portanto, um equilíbrio da não-adjacência nessa fase da língua.

Confira, a seguir, o fator adjacência/não-adjacência para os verbos que admitiram a variação do complemento [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] no português clássico.

5.1.4 O português clássico – (PCL)

As tabelas, a seguir, apontam para o número de entradas dos verbos regentes que permitem a variação dos complementos [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] no português clássico. Como já foi demonstrado para os períodos anteriores, **o complemento infinitivo variável ocorre adjacente e não-adjacente ao verbo regente, sendo predominante o tipo de complemento infinitivo adjacente**. Vejamos, então, o que nos dizem as tabelas dos dados do português clássico. Observe-se, inicialmente, o comportamento do verbo **cuidar**.

TABELA 37
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *cuidar* no PCL.

Cuidar 04 entradas	02 [de+infinitivo]		03 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	02	-	02	-
Percentual	50%	-	50%	-

A TAB. 37 aponta para o número de entradas, bem como para o percentual da adjacência e da não-adjacência do verbo **cuidar**. Este apresenta 100% de seu complemento infinitivo ligado diretamente ao verbo regente. Confirmam-se, em primeiro lugar, a estrutura preposicionada adjacente, e, em segundo lugar, a estrutura não-preposicionada também adjacente:

(62) “..., e eram muito mais miseráveis no espiritual, e não **cuidaste de curar** nem de preservar seus pecados....” (SADV2, cap. 8).

(63) “...Chorei tanto que ninguém/nunca **cuidou ver** tal pranto...” (ADINDI).

O complemento infinitivo adjacente é predominante junto ao verbo **cuidar**. Em cinco entradas, apenas uma admite o complemento [O+infinitivo] não-adjacente.

Veja-se a TAB. 38 que expressa o perfil do verbo **cumprir** no PCL.

TABELA 38

Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>cumprir</i> no PCL.				
Cumprir 05 entradas	02 [de+infinitivo]		03 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	-	02	-	03
Percentual	-	40%	-	60%

Conforme indica a TAB. 38, o complemento infinitivo do verbo **cumprir**, excepcionalmente, não ocorre predominantemente contíguo ao verbo regente. Este tem 40% das estruturas preposicionadas e 60% sem o auxílio da preposição. Observem-se as estruturas (64) e (65) abaixo:

(64) “...a isso vim; mas enfim, **cumpre-vos de me ajudar** a resistir. Não vos ocupem vaidades, riquezas, nem seus debates...” (ADALM).

(65) “...Eu, assim como chegar/**Cumpre-me bem atentar**/Se é garrida, se honesta...” (ADIPER).

O verbo **desejar**, por sua vez, tem 22 entradas, em quatro estruturas desse total figura [de+infinitivo], destas, duas estão adjacentes ao verbo regente e uma apresenta ruptor pronominal. Nas outras 18 entradas, figura o complemento [O+infinitivo] dos quais 13 estão adjacentes e cinco contêm ruptores. Confira-se a TAB. 39.

TABELA 39
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *desejar* no PCL

Desejar 22 entradas	04 [de+infinitivo]		18 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	03	01	13	05
Percentual	13,6%	4,5%	59,1%	22,8%

Como se viu, o complemento infinitivo adjacente do verbo acima representa 72,7% do total de estruturas computadas no *corpus*. Dentre os 27,3% de entradas não-adjacentes, 4,5% representam o complemento preposicionado, e 22,8% representam o infinitivo não-preposicionado. Os dados que se seguem ilustram as ocorrências do verbo **desejar**:

(66a) “...Mas, porque nisto a ordem leve e siga,/Segundo o que **desejas de saber**. Primeiro tratarei da larga terra,...” LUSIAD, canto III)

(66b) “...como por que poderia lhe parecer que eu, por **desejar de me ver** livre de tão triste cativo,....” (PEREFP, p.78).

(67a) “... com a maior pressa que pudemos, como quem **desejava fugir** do perigo em que já estava metido....” (PEREFP, p. 15).

(67b) “....,tem tanta alegria/Que não **deseja mais que agasalhar-se**. Ver-te e do necessário reformar-te...” (LUSIAD, canto II)

O verbo **determinar** tem 31 entradas no *corpus* do PCL. Do total de complemento infinitivo quantificado, 20 são de complementos preposicionados e 11 ocorrem sem o auxílio da preposição. Vejamos a adjacência e não-adjacência dos referidos complementos.

TABELA 40

Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *determinar* no PCL.

Determinar 31 entradas	20 [de+infinitivo]		11 [∅+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	10	10	09	02
Percentual	32,3%	32,3%	29%	6,4%

As estruturas adjacentes representam 61,3% do total de entradas, as construções não-adjacentes, de outro lado, representam 38,7%; destas, 32,3% são de complemento [de+infinitivo]. Observem-se os dados:

(68a) “..., vendo-se ele de todo desesperado de as poder gastar, **determinou de invernar** ali até lhes dar remédio...” (PEREFP, p. 112).

(68b) “...e nisso nos ocupamos agora. Confessa-se toda a gente da armada, digo a que vinha nos outros navios, porque os nossos **determinamos de hos confessar** na ...” (CPJBLV, p. 110).

(69a) “...donde concluiu o bata que o inimigo ia muito desfeito e por isso **determinou seguir** a vitória. E despedindo logo...” (PEREFP, p. 48).

(69b) “..., tereis bem entendido; e se **determinais me dar** este socorro que peço, esperarei, e se não,...” (PEREFP, p. 91).

Passemos, agora, à descrição do verbo *dever* no português clássico.

TABELA 41

Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *dever* no PCL.

Dever 91 entradas	21 [de+infinitivo]		70 [∅+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	17	04	64	06
Percentual	18,7%	4,4%	70,3%	6,6%

De acordo com os dados apresentados na TAB. 41, dentre as 91 entradas do verbo *dever*, 89% das estruturas infinitivas estão adjacentes ao verbo. Destas construções adjacentes 70,3% são [∅+infinitivo], e 18,7% são de complemento [de+infinitivo]. Do total de entradas

computado, apenas 11% ocorrem não-contíguas ao verbo, destas, 4,4% são preposicionadas. Note-se que o número de estruturas não-adjacentes predomina junto ao complemento infinitivo preposicionado (23%), uma vez que para o complemento infinitivo não-preposicionado, estas representam 9,4%. Vejam-se os exemplos:

(70a) “...foi Deus alguma hora, tem deixado de o ser, ou, se ainda é Deus, **deve de cuidar** sem dúvida que o não é, porque, sendo Deus, e tendo...” (SERMA, p. 37)

(70b) “... e se esperdiça tanto, e nenhuma coisa se paga? Ora o caso é que muita gente **deve de se condenar**. Porque na vida poucos pagam, na hora da morte os ...” (SERMA, cap. 7)

(71a) “...O mesmo discurso fiz eu, e o **devemos fazer** todos os Portugueses, se não queremos ser hereges da ...” (SEBAN, cap. 7).

(71b) “...muito prejuizo de suas molheres e filhos. **Devia V. A. mandar** aos capitães que nisto tenham muito cuidado....(CPJBLV, p. 292).

O verbo **esperar** tem 21 entradas. Deste total, cinco são preposicionadas, e 15 ocorrem junto ao referido verbo sem o auxílio da preposição. Observemos os dados na TAB 42.

TABELA 42
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *esperar* no PCL

Esperar 21 entradas	05 [de+infinitivo]		16 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	03	02	15	01
Percentual	14,3%	9,5%	71,4%	4,8%

A TAB. 42 mostra que o percentual de adjacência do verbo **esperar** representa 85,7% . Já as estruturas não-adjacentes representam 14,3% do total de ocorrências do complemento infinitivo no PCL. Deste percentual, 9,5%, portanto a maioria, representa o complemento preposicionado. Embora o número de ocorrências de estruturas [de+infinitivo] seja proporcionalmente inferior ao de ocorrências [Ø+infinitivo], aquelas predominam sobre estas. Os dados, a seguir, indicam a adjacência e não-adjacência do verbo sob análise:

(72a) “...Estranhamente ledo, porque **espera./De poder** ver o povo baptizado/Como o falso piloto...” (LUSIAD, canto I).

(72b) “... posso achar a lingoa que mo saiba dizer, porque sam elles tam brutos que [nem vocabulos tem]. **Spero de as tirar** o melhor que poder com hum home (CPJBLV, p. 112)

(73a) “...elas batalhas sanguinosas./Em vós **esperam ver-se** renovada/Sua memória e E lá vos...” (LUSIAD, canto I)

(73b) “... a nova cidade que se começa, e o Pe. Navarro à gente da terra. **Spero em N. Senhor fazer-se** fruto, posto que a gente da terra vive toda em...” (CPJBLV, p. 110).

O verbo **folgar** tem 15 entradas: 13 de complemento preposicionado e duas de complemento não-preposicionado. As estruturas adjacentes representam 40% do total computado, os outros 60% estão não-adjacentes. Veja-se a TAB. 43.

TABELA 43
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *folgar* no PCL.

Folgar 15 entradas	13 [de+infinitivo]		02 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	05	08	01	01
Percentual	33,3%	53,3%	6,7%	6,7%

Como indicou a TAB. 43, para o verbo **folgar**, como sucedeu com o verbo **cumprir**, as construções não-adjacentes predominam. Na verdade, o verbo **cumprir** só ocorreu no *corpus* do PCL não-contíguo ao verbo. No que se refere ao verbo **folgar**, como se fez notar, do total de 86,6% de construções não-preposicionadas, 53,3% não estão diretamente ligadas ao verbo, confirmando a proposição de que ocorrendo a não-adjacência há mais possibilidade de aparecer o complemento [de+infinitivo]. Vejam-se, agora, as estruturas que ilustram a ocorrência de verbo **folgar**.

(74a) “..._ **Folgo de saber** que têm lá tamanho penhor como esse que dizem...” (PEREFP, p. 461).

(74b) “...que sim, o que eles **folgaram muito de ouvir** e nos levaram a suas casas, e nos agasalharam...” (PEREFP, p. 339).

(75a) “...Oh triste! Enquanto vivi não cuidei que o i havia: Tive que era fantasia! Folgava ser adorado, confiei em meu...” (ADBINF).

(75b) “... Já minha mãe adivinha/**Folgastes vós na verdade/Casar** à vossa vontade/Eu quero casar a minha...” (ADIPER).

O verbo **merecer** tem cinco entradas. Destas, apenas uma admite o complemento [de+infinitivo], as demais ocorrem junto ao complemento [Ø+infinitivo]. Todas as construções infinitivas aparecem adjacentes ao verbo em exame. Confirmam-se os resultados na TAB. 44.

TABELA 44

Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>merecer</i> no PCL				
Merecer 05 entradas	01 [de+infinitivo]		04 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	01	-	04	-
Percentual	20%	-	80%	-

A TAB. 44 revela o predomínio do complemento infinitivo adjacente junto ao verbo **merecer**. Os dados abaixo ilustram as ocorrências do referido verbo:

(76) “...a alma em si, por que **mereça de chegar** onde caminha, e se detinha. Pois...” (ADALM).

(77) “..., assim nos perdoa nossos pecados para que **mereçamos ver** a tua face na glória do teu reino...” (PEREFP, p. 318).

Como se constatou, o verbo **merecer** tem 100% do seu complemento infinitivo preposicionado e não-preposicionado adjacente. Deste percentual, 80% são de construções [Ø+infinitivo].

Passemos, agora, à descrição do verbo **ordenar**.

TABELA 45

Percentual da adjacência/ não-adjacência do verbo *ordenar* no PCL.

<i>Ordenar</i> 06 entradas	03 [de+infinitivo]		03 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	02	01	03	-
Percentual	33,3%	16,7%	50%	-

O verbo **ordenar** tem seis entradas. Em três delas figura o complemento infinitivo preposicionado, destes, dois estão adjacentes e um apresenta ruptor pronominal. Em três figura o complemento infinitivo não-preposicionado, todos eles estão adjacentes ao verbo regente. Vejamos as ilustrações em (78) e (79):

(78a) “...O mancebo Joane, e logo **ordena/De ir** ajudar o pai ambicioso./Que então lhe foi ajuda não pequena. (LUSIAD, canto IV).

(78b) “...E parte do outro dia, quando **ordena/De se tornar** ao Rei; mas impedido(LUSIAD, canto VIII).

(79) “...que cada um tinha, **ordenou semear** entre dois de nós uma contenda assaz prejudicial para todos,...” (PEREFP, p. 417).

O verbo **ousar**, com nove entradas, apresenta apenas uma ocorrência do complemento infinitivo preposicionado, esta, por sua vez, está adjacente ao verbo. Em oito construções figura o complemento infinitivo sem preposição; destes, cinco estão adjacentes e três admitem a interposição de elementos entre o verbo e o infinitivo. Vejam-se os números na TAB. 46.

TABELA 46

Percentual da adjacência/ não-adjacência do verbo *ousar* no PCL.

<i>Ousar</i> 09 entradas	01 [de+infinitivo]		08 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	01	-	05	03
Percentual	11,1%	-	55,6%	33,3%

Observe-se que 66,7% das construções infinitivas ocorrem contíguas ao verbo **ousar**. Destas, 33,3% representam a não-contigüidade do complemento infinitivo não-preposicionado. Deve-

se chamar a atenção para o fato de que as estruturas [Ø+infinitivo] perfazem um total de 88,9%, assim sendo, a não-adjacência prevalece nessas construções. Confirmam-se os dados:

(80) “...pois te dou mulher tão forte, que te castigue de sorte que não ouses de falar, nem no mato nem na corte....” (ADFEIR).

(81) a) “...de areia tão baixas que não ousávamos velejar senão muito de dia, e sempre...” (PEREFP, p. 146).

(81) b)... tinham necessidade, que não ousavam já nenhuns sair fora, nem se proverem do necessário,...” (PEREFP, p. 88).

Apresentar-se-á, a seguir, o perfil do verbo **pretender** no português clássico.

O referido verbo tem oito entradas. Em duas delas figura o complemento [de+infinitivo], sendo que apenas uma admite a presença de ruptor. Em seis construções há complemento [Ø+infinitivo] sem a presença de elementos interpostos entre o verbo e o infinitivo. A TAB. 47 expressa esses resultados.

TABELA 47
Percentual da adjacência/ não-adjacência do verbo *pretender* no PCL

Pretender 08 entradas	02 [de+infinitivo]		06 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	01	01	06	-
Percentual	12,5%	12,5%	75%	-

Como se fez notar, o verbo **pretender** tem 75% do seu complemento infinitivo adjacente. Em todas as entradas figura o complemento sem o auxílio da preposição. O complemento preposicionado, por sua vez, representa 25% do total de ocorrências, destas; 12,5% estão adjacentes, e 12,5% não estão contíguas ao verbo. Confirmam-se os dados:

(82a) “...Do quieto descanso, **pretenderam/De saber** que fim tinham e onde estavam/As derradeiras praias que lavavam. (LUSIAD, canto III).

(82b) "...Se **pretendes**, *Rei alto*, **de vingar-te**/De minha temerária confiança/(Dizia) eis aqui venho oferecido(LUSIAD, canto III).

(83) "...última é a principal conseqüência que o Senhor **pretendeu persuadir**, porque a inferiu tendo dito: (SMARIA, cap. IV).

O verbo **prometer** tem oito entradas, e em apenas uma aparece o complemento infinitivo preposicionado, o qual é não-adjacente ao verbo regente. Em sete construções figura o complemento não-preposicionado, sendo que quatro delas estão adjacentes e três apresentam ruptores. Confira-se TAB. 48.

TABELA 48
Percentual da adjacência/ não-adjacência do verbo *prometer* no PCL.

Prometer 08 entradas	01 [de+infinitivo]		07 [ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	-	01	04	03
Percentual	-	12,5%	50%	37,5%

Do exposto, nota-se que 50% das entradas infinitivas estão adjacentes e, 50% ocorrem não-contíguas ao verbo **prometer**. Há, portanto, um equilíbrio entre o complemento infinitivo adjacente e não adjacente. As sentenças (84) e (85) exemplificam as entradas do verbo **prometer** no PCL.

(84a) "..., e António Faria lhes **prometeu o fazer** assim, e lho afirmou com muitas palavras..." (PEREFP p. 214).

(84b) unindo e erguendo, porque não provei o que prometi. **Prometi fazer** neste sermão um juízo dos anos que vêm, ..." (SEBAN, cap. VII).

(85) "...Ainda que saiba estalar;/E **prometo não casar**/Até que vós não queirais. (ADIPER).

A TAB. 49, a seguir, expressa o número de entradas e o percentual da adjacência/não-adjacência do verbo **recear** no português clássico.

TABELA 49
Percentual da adjacência/ não-adjacência do verbo *recear* no PCL.

Recear 09 entradas	02 [de+infinitivo]		07 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	-	02	05	02
Percentual	-	22,2%	55,6%	22,2%

Como aponta a tabela acima, o verbo **recear** tem nove entradas. O complemento infinitivo ocorre adjacente em 55,6% das estruturas. Ao passo que, em 44,4%, há ruptores, sendo 22,2% nas estruturas preposicionadas, e 22,2% nas construções não-preposicionadas. Note-se que todas as ocorrências do complemento preposicionado apresentam ruptores. Vejam-se os dados:

(86) “... a maior parte da minha riqueza, e por isso **receio de me ir** meter em Patane, onde tenho...” (PEREFP, p. 188).

(87a) “...E ainda agora te torno a dizer que se te arrependes ou **receias passar** avante, pelo...” (PEREFP, p. 245).

(87b) “...e serpentes de tão diversas maneiras que realmente afirmo que **receio muito** contá-lo, e de que...” (PEREFP, p. 246).

Finalmente, apresentaremos o perfil do verbo **temer**. A TAB. 50 indica as entradas e o percentual da adjacência/não-adjacência deste verbo.

TABELA 50
Percentual da adjacência/ não-adjacência do verbo *temer* no PCL.

Temer 04 entradas	02 [de+infinitivo]		02 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	01	-	02	01
Percentual	25%	-	50%	25%

O verbo **temer**, com quatro entradas, sendo duas preposicionadas e duas sem o auxílio da preposição, tem 50% do seu complemento adjacente, e 50% não-adjacentes. As estruturas abaixo ilustram as ocorrências do referido verbo.

(88) “... E que quanto a se **temer de invernar** ali pelo que fizera em Nouday, estivesse nisso muito descansado,...” (PEREFP, p. 229).

(89a) “...chegaram logo ao tirano achém, o qual **temendo perder** o que tinha ganho, fez logo aparelhar...” (PEREFP, p. 99).

(89b) “...O desprezo da vida, que devia/De ser sempre estimada, pois que já/**Temeu tanto perdê-la** Quem a dá...” (LUSIAD, canto IV).

No *corpus* do PCL registraram-se 238 ocorrências do complemento infinitivo variável. Dentre estas 238 ocorrências, 179, ou seja, 75,2% estão contíguas ao verbo, e 59, isto é, 24,8% se apresentam não-adjacentes ao verbo regente. Destas; 56,9% são construções preposicionadas, e 43,1% são estruturas não-preposicionadas. Observa-se assim que nesse período da língua a não-adjacência predomina nas construções preposicionadas.

Do exposto, pode-se dizer que os verbos de complemento infinitivo variável, no português clássico, em geral, ocorrem adjacentes ao verbo regente. No entanto, quando este complemento infinitivo não está contíguo ao verbo, as construções preposicionadas prevalecem.

Finalizando a análise da adjacência/não-adjacência nos *corpora* dos vários períodos da língua examinados, apresentaremos a seguir, os dados do português arcaico.

5.5.5 O português arcaico - (PA)

Vejamos primeiramente o perfil do verbo **acontecer**.

O verbo **acontecer**, segundo a ferramenta “concord” do Programa “WordSmith”, tem quatro entradas no português arcaico. Todas elas estão adjacentes ao verbo regente. São três construções preposicionadas e uma não-preposicionada. Vejam-se as estruturas (90a) e (90b) que ilustram respectivamente, a entrada preposicionada e a entrada não-preposicionada do referido verbo nesse período da língua.

(90a) ..., pois lh'o d'outra guisa nom podia fazer; e **acontecendo de seer** o contraio, que el averia por bem..." (CDF, p. 433).

(90b) avia d'aver todallas villas e cidades que as rrainhas de Castella costumaram d'aver. E **acontecendo morrer** o dito iffante,..." (CDF, p. 406).

Como se viu, o verbo arrolado não apresenta elementos ruptores entre ele e seu complemento infinitivo. Os resultados estão expressos na TAB. 51.

TABELA 51
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *acontecer* no PA

Acontecer 04 entradas	03 [de+infinitivo]		01 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	03	-	01	-
Percentual	75%	-	25%	-

A TAB. 52, a seguir, aponta o número de entradas do verbo **acostumar**, bem como o percentual do complemento infinitivo adjacente/não-adjacente desse verbo.

TABELA 52
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *acostumar* no PA

Acostumar 09 entradas	04 [de+infinitivo]		05 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	03	01	05	-
Percentual	33,3%	11,1%	55,5%	-

O verbo **acostumar**, no PA, tem nove entradas, das quais oito são estruturas em que o verbo regente e o complemento infinitivo são contíguos na cadeia linear como em (91 a) e (91) b:

(91a) "... e conthias dos fidallgos e todallas outras cousas que sse **acostumavom de pagar** em tempo d'el-rrei dom Fernando. Foi mais..." (CDF, p. 550).

(91b) "...da parte do arreall per homde mais **acostumavom sahir** aa escaramuça, estava sempre..." (CDJI, I p. 224).

Como se viu na TAB. 52, em apenas uma ocorrência, há elemento que se interpõe entre o verbo regente e o complemento infinitivo, aqui chamado "ruptor" como em (92a):

(92a) “..., dizendo que era verdadeiro emxemplo aquelle que **acustuma de se dizer**: “quem serve o cumũ nã serve nenhuũ”. (CDJI-II, p. 288).

O complemento infinitivo do verbo **acostumar**, embora não seja tão recorrente nesse período da língua, ocorre predominantemente adjacente ao verbo regente. Observou-se que dentre as nove entradas, apenas uma não está adjacente ao verbo.

Vejamos, a seguir, o verbo **amar**⁴. Este verbo, admitindo o complemento infinitivo variável, teve apenas duas entradas no *corpus* do PA. São elas:

(93a) “... que lhe requeresse. **Amava muito de fazer** justiça com dereito; e assi como quem faz correioom,...” (CDP, 8).

(93b) “... dos pecados grande sentido quem nom **ama guardar** a consciencia, e assy da honrra e das outras partes...” (LECON, p. 26).

As duas entradas computadas apresentam complemento infinitivo preposicionado e não-preposicionado. A primeira, cujo complemento [de+infinitivo] não está adjacente ao verbo, admite um ruptor “adverbial”. A segunda exhibe complemento [Ø+infinitivo] adjacente.

O verbo **cessar** tem seis entradas: destas, quatro são estruturas preposicionadas em que o verbo e o complemento infinitivo estão contíguos, como em (94a). Duas estruturas admitem ruptores entre o verbo regente e o complemento infinitivo como em (94b):

(94a)“..., salvo com sperança daver moor gaança, assi que nom **cesse de obrar** sempre bem em toda cousa que poder, ...” (LECON, p. 40)

(94b) “...E pello contrairo devem ser amoestados aquelles, os quaaes aquello que teem dam largamente, e nom **cesso por esso roubar** as cousas alheas,...” (LECON, p. 338)

Os resultados percentuais do verbo **cessar**, como também o número de entradas, estão indicados na TAB. 53

⁴ Por ter apenas duas entradas, não vamos apresentar tabela para o verbo **amar**.

TABELA 53
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *cessar* no PA

Cessar 06 entradas	05 [de+infinitivo]		01 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	04	01	-	01
Percentual	66,6%	16,7%	-	16,6%

Observe-se agora o verbo **cobiçar**. Este tem nove entradas, das quais oito são estruturas em que o verbo e o complemento estão adjacentes: seis [de+infinitivo] e duas [Ø+infinitivo]. Em apenas uma ocorrência (a estrutura preposicionada) há a presença de um ruptor adverbial. Veja-se que, em termos quantitativos, as estruturas adjacentes são predominantes. Confirmam-se a TAB. 54.

TABELA 54
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *cobiçar* no PA

Cobiçar 09 entradas	07 [de+infinitivo]		02 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	06	01	-	02
Percentual	66,7%	11,1%	-	22,2%

A TAB. 54 apontou as entradas e o percentual de adjacência/não-adjacência do verbo **cobiçar**. Observou-se que a adjacência também prevalece para esse verbo. Confirmam-se estruturas abaixo:

(95a) "...E quando **cobiiçam de ajuntar** largas moradas e avytações, ouçam o que he scripto: "Maldiçom seja a aquelles que ajuntam casa a casa, ..." (LECON, p. 334)

(95b) "... da rrainha que desejando seu acrecentamento e honra **cobiçava muito de o veer** casado com a iffante dona Beatriz sua filha,..." (CDF, p. 362)

(96) "..., porque ante nom **cobiiçou fazer** vida em o deserto com fame, ..." (BD, p. 51).

Para o verbo **começar** também predomina o complemento adjacente ao verbo regente. Das 579 estruturas de complemento infinitivo, 383 estão contíguas ao verbo, como em (97a), e 196 possuem ruptores. (Cf. 97b).

(97a) "...E êsto disse eu em outro tempo a uu vogado mole e fraco de coração come molher, que **começou viir** amiúde ao lugar apartado u eu vivia, ..." (BD, p. 84).

(97b) “...sse juntarom os da villa huãa quimta feira pella manhã, e começaram de o combater, e amte de meo dia...” (CDJI-I, p. 87).

Vejamos, agora, a TAB. 55 que aponta o número de entradas, a adjacência e a não-adjacência do verbo **começar**.

TABELA 55
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *começar* no PA

Começar 579 entradas	481 [de+infinitivo]		98 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	312	169	71	27
Percentual	53,8%	29,2%	12,3%	4,7%

Como se viu, para o complemento infinitivo do verbo **começar** predominam as estruturas adjacentes, as quais representam 66,1% do total de estruturas quantificadas. Já 33,9% das construções não estão diretamente ligadas ao verbo, sendo que 29,2% ocorrem junto ao complemento preposicionado.

O verbo **consentir** tem três entradas no PA, das quais duas são de complemento infinitivo não-preposicionado, como em (99), e uma estrutura ocorre junto ao verbo com o auxílio da preposição como em (98):

(98) “... a vara e o corpo todo seguro e folgado, e nom **consentir de fazer** outra nehũa mudança ataa que encontre...” (LECSE, p. 99).

(99) “..., nem vista de honesta contemplaçom, nem leixa possuir madureza de consselho, nem **consente seer** os homeens quynhoeiros da sancta vyda, ...” (LECON, p. 57).

Observe-se a TAB. 56 que aponta o perfil do verbo **consentir**, no PA.

TABELA 56
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *consentir* no PA

Consentir 03 entradas	01 [de+infinitivo]		02 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	01	-	02	-
Percentual	33,3%	-	66,6%	-

O verbo **convir** teve 45 entradas no PA, das quais 22 são ocorrências de complemento [de+infinitivo] e 23 de [Ø+infinitivo]. Do total computado, 32 estruturas estão vinculadas aos verbos regentes. Estes resultados estão expressos na TAB. 57 abaixo.

TABELA 57
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *convir* no PA

Convir 45 entradas	22 [de+infinitivo]		23 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	13	09	19	04
Percentual	28,9%	20%	42,2%	8,8%

O percentual da adjacência para o verbo **convir** representa 71,1%. Já as estruturas não-adjacentes configuram 28,8% do total de ocorrências do complemento infinitivo. Deste percentual, 20% representam as estruturas preposicionadas. Vejam-se os dados abaixo que ilustram respectivamente a adjacência e a não-adjacência, para as estruturas preposicionadas do referido verbo.

(100a) "...; aos quaaes segumdo dereito nom **convem de tomar** armas, posto que seja pera deffemsom da terra;..." (CDJI-I, p. 224).

(100b) "... certo aos pryncipes **convem myto de imaginar** e pensar boas cousas e proveitosas pera ssy e pera os outros...." (LC) pág.217.

(101a) "..., a nós nom **convem fallar** em esto, porque vos veemos ja liado com ella..." (CDF, p. 223).

(101b) "...como de todo esto **convem bem husar** aos que tiverem a vrytude da prudencia...." (LC) pág.225.

Observemos, agora, o verbo **costumar**. Este verbo, no PA, tem 37 entradas. Em 19 delas figura o complemento infinitivo preposicionado adjacente ao verbo regente, destes; três apresentam ruptores. Em 17 construções figura o complemento [Ø+infinitivo], das quais 16 são adjacentes, e apenas uma contém ruptor. Vejam-se as ocorrências das estruturas

preposicionadas adjacentes e não-adjacentes, seguidas da construções não-preposicionadas adjacentes e não-adjacentes:

(102a) “... as pallavras que os padrinhos **costumam de rresponder** em nome do afilhado; e ...” (CDJI-I, p. 408).

(102b)... salvo aquelles cõ que **costumava de o fallar....**” (CDJI-I, p. 425).

(103a) “... he do enssynar das bestas novamente, que com tallas **custumam dar** seus enssynos....” (LECSE, p. 133).

(103b) “E como a esperiencia bem demostra que os semelhantes razoadamente **custumam as mais vezes seer** bem amados e prezados e obedecydos....” (LECON, p. 180).

A TAB. 58, abaixo, aponta o perfil do verbo **costumar**.

TABELA 58
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *costumar* no PA

Costumar 37 entradas	19 [de+infinitivo]		18 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	16	03	17	01
Percentual	43,2%	8,1%	45,9%	2,7%

Observe-se, a seguir, a TAB. 59 que expressa o perfil do verbo **cuidar** no PA.

TABELA 59
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *cuidar* no PA

Cuidar 15 entradas	11 [de+infinitivo]		04 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	07	04	03	01
Percentual	46,6%	26,6%	20%	6,7%

O verbo **cuidar** com 15 entradas, apresenta 66,6% de seu complemento infinitivo contíguo. Dentre as onze entradas preposicionadas, quatro apresentam ruptores como em (104a) e apenas uma das quatro estruturas não-preposicionadas admite a interposição de elementos ruptores. (Cf. (104b)).

(104a) “...Entom **cuidou de os fazer** culpar em algũa tall cousa per que el-rrei ouvesse...” (CDF, p. 495).

(104b) “..., achei-me ferido de ua lançada per meo corpo tal, que eu **cuidei logo morrer**. E quando catei arredor de mim,...” (DSG-I, p. 173).

Como demonstrado até aqui, para todos os verbos analisados, predominam as construções adjacentes. Quando estas não estão diretamente vinculadas ao verbo regente, apresentando, portanto, um elemento interveniente entre o verbo e o complemento, predominam as construções nas quais aparece a preposição *de*.

Passemos, agora, à descrição do verbo **cumprir**. Este verbo tem 113 entradas, das quais 63 são preposicionadas e 50 ocorrem sem o auxílio da preposição. Vejam-se os números indicados na TAB. 60.

TABELA 60
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *cumprir* no PA

Cumprir 113 entradas	63 [de+infinitivo]		50 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	31	32	36	14
Percentual	27,4%	28,3%	31,8%	12,4%

A TAB. 60 aponta para o percentual de estruturas adjacentes e não-adjacentes junto ao verbo **cumprir**. Dentre as 113 entradas, 45 estão contíguas ao verbo, e, 68 contêm ruptores, não estando, portanto, adjacentes ao verbo. Destas 68 estruturas, 31 são de complemento [de+infinitivo] e 14 são de complemento [Ø+infinitivo]. Veja-se que o *de* predomina nas estruturas em que há mais ruptores como em (105):

(105) “...; o quall **compria muito de seer** filhado, por a...” (CDJI-I, p. 79).

Deve-se observar, ainda, que os tipos de classes de palavras que funcionam como ruptores são, em sua maioria, pronomes e advérbios.

Veremos, agora, o perfil do verbo **curar**, no PA.

O referido verbo tem 20 entradas, das quais 18 são estruturas de complemento [de+infinitivo]. Destas, seis contêm ruptores. As duas estruturas nas quais figura [\emptyset +infinitivo], uma apresenta um ruptor adverbial, conferir TAB. 61 abaixo.

TABELA 61
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *curar* no PA

Curar 20 entradas	18 [de+infinitivo]		02 [\emptyset+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	12	06	01	01
Percentual	60%	30%	5%	5%

A TAB. 61 evidenciou o perfil do verbo **curar** no PA. Vejam-se as estruturas (106) e (107) que ilustram, respectivamente, as construções preposicionadas adjacentes e não-adjacentes, bem como as construções não preposicionadas que ocorrem contíguas e não-contíguas ao verbo:

(106a) “... e outros que nom **curamos de dizer**, todos eram vassallos do conde...” (CDF, p. 229).

(106b) “... e preços desvairados nom **curamos mais de fazer** meençom, por nom alongarmos, desi...” (CDF, p. 191).

(107a) “..., lhe aqueecerom em seus montes que seeriam longas de contar, de que nom **curamos fazer** meençom. E assi como era grande...” (CDF, p. 353).

(107b) “...E nom **curando mais fallar** de taes jogos;...” (CDP, p. 62).

O verbo **desejar** tem 104 entradas na fase arcaica da língua. Vejamos o seu perfil, na TAB. 62, a seguir.

TABELA 62
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *desejar* no PA

Desejar 103 entradas	41 [de+infinitivo]		62 [\emptyset+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	20	21	52	10
Percentual	19,4%	20,4%	50,5%	9,7%

Como se viu, 69,9% das construções infinitivas ocorrem contíguas ao verbo **desejar**. Destas, 41 são preposicionadas, das quais, 21 contêm ruptores. Dentre as 62 estruturas não-preposicionadas, apenas dez admitem a interposição de elementos entre o verbo regente e o seu complemento. Observe-se que embora o número de estruturas de complemento [Ø+infinitivo] perfaça o percentual de 60,2%, em termos quantitativos, o número de ruptores presentes nas construções de complemento [de+infinitivo] predomina. Vejamos as ocorrências em (108) e (109) que expressam o complemento preposicionado e não-preposicionado, adjacente e não adjacente:

(108a) e que dias avia que o **desejava de veer**; os da çidade isso meesmo foram..." (CDJI-I, p.76).

(108b) "... que outros acabar nom podiam, **desejava muito de o semelhar** em alguãa guisa..." (CDJI-I), p. 69).

(109a) "...Muitos **desejarom viver** em assessêgo e leixar os negócios do mundo, ..." (BD, p. 207).

(109b) "..., filhos de minha irmã, e **desejaria dêles ouvir** boas novas, e mais de Persival..." (DSG-I, p. 292).

O verbo **determinar**, com 39 entradas apresentou 28 estruturas [de+infinitivo] e 11 construções de complemento [Ø+infinitivo]. Vejam-se os resultados na TAB. 63.

TABELA 63
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *determinar* no PA

Determinar 39 entradas	28 [de+infinitivo]		11 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	10	18	06	05
Percentual	25,6%	46,1%	15,4%	12,8%

O percentual de estruturas adjacentes corresponde a 41% do total da complementação infinitiva desse verbo. Das 28 construções preposicionadas, 18 contêm ruptores, isto é, 64,3%.

Dentre as 11 estruturas de complemento [\emptyset +infinitivo], cinco admitem ruptores, ou seja, 45,5%. Veja-se que as estruturas que admitem mais ruptores admitem também mais complemento [de+infinitivo]. As estruturas (110) e (111) abaixo mostram as construções preposicionadas sem ruptores e com ruptores, bem como as estruturas não-preposicionadas, onde há ausência e presença de ruptores:

(110) a) “...; e quando chegou a Alverca, **determinou de dormir** alli. A rainha...” (CDJI-I, p. 75).

(110b) “... Veemdo elles sua rreposta, **determinarom de o cõbater**; e tomarom huũ carro...” (CDJI-I, p. 87).

(111a) “... honra e bom nome, **determinou aparelhar** logo sua fazenda e o que lhe cumpria, e...” (CDDIN, p. 195).

(111b) “..., mui cheio de sanha, **determinou, sem mais tardar, entrar** logo de guerra em Castela...” (CDDIN, p. 199).

Veremos, a seguir, o perfil do verbo **dever**, o número de entradas, bem como fator **adjacência/não-adjacência**.

O verbo **dever** tem 1440 entradas no *corpus* do português arcaico. Como se pode notar, é um verbo que apresenta um alto índice de recorrência nessa fase da língua. Dentre essas entradas, 223 admitem o complemento preposicionado, e 1217 admitem o complemento sem o auxílio da preposição. Vejamos como se comporta esse verbo quanto à adjacência.

TABELA 64
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *dever* no PA

Dever 1440 entradas	223 [de+infinitivo]		1217 [\emptyset +infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	191	36	1074	139
Percentual	13,3%	2,5%	74,6%	9,6%

Para o verbo **dever** predominam as estruturas adjacentes, isto é, 87,9% do total de ocorrências. Estas, em sua maioria, são [∅+infinitivo]. O complemento infinitivo corresponde a apenas 12,1%. Confirmam-se os exemplos abaixo:

(112a) “...Todo homẽ **deue de agradecer** ao Senhor Deus as maas andanças e as tribulaçõões desta presente vida,...” (ORDES, p. 200).

(112b) “A ssaude do poboo he (he) saude do pryncipe, e o pryncipe **deve muyto de amar** sua saude....” (LECON, p.217).

(113a) “... e proveitoso que leal coração **deve procurar**, asi é haver grande terra com muita...” (CDDU, p. 80).

(113b) “...E porém sobre este logar **devees principallmente trabalhar**, d’outra guisa...” (CDF, p. 276).

O verbo **encaminhar**, com seis entradas, apresentou cinco complementos preposicionados e apenas um não-preposicionado, no PA. Observe-se a TAB. 65 para verificar o perfil desse verbo.

TABELA 65
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *encaminhar* no PA

Encaminhar 06 entradas	05 [de+infinitivo]		01 [∅+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	03	02	-	01
Percentual	50%	33,3%	-	16,7%

Conforme indica a TAB. 18, o percentual de estruturas adjacentes do verbo **encaminhar** corresponde a 50% do total de ocorrências, todas elas são preposicionadas. As estruturas que admitem ruptores correspondem, por sua vez, a 50%, sendo 33,3% delas, [de+infinitivo] e 16,7% [∅+infinitivo]. Confirmam-se os dados:

(114a) “... o roll hera asinado e **encaminharaõ de tirar** as letras. Ell Rey ouve desto...” (CDJI-II, p. 220).

(114b)“... e seu conselho ffeito, **encaminharaom loguo de fazer entrada**. El Rey...” (CDJI-II, p. 229).

(115) “..., **encamynhara seus subdictos virtuosamente vyver**, e que deve fazer em elles gram mudança de condições...” (LECON, p. 157).

Para o verbo **entender** foram computadas 121 entradas, das quais 87 são preposicionadas. destas, 75 ocorrem adjacentes ao verbo regente, e 12 admitem elementos intervenientes entre o verbo e o complemento infinitivo. As 34 restantes são construções não-preposicionadas. Para estas últimas, não há ruptores. Veja-se a TAB. 66.

TABELA 66
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *entender* no PA

Entender 121 entradas	87 [de+infinitivo]		34 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	75	12	34	-
Percentual	62%	9,9%	28,1%	-

A TAB. 66 mostra que 90,1% do complemento infinitivo do verbo **entender** estão contíguas ao verbo. Como se vê, o complemento infinitivo dos verbos que exibem variação, no PA, ocorre predominantemente adjacente ao verbo regente. Mas, quando há elementos que se interpõem entre o verbo e o complemento infinitivo, predomina o complemento preposicionado. As estruturas (116a) e (116b) ilustram, respectivamente, a adjacência e a não-adjacência do complemento infinitivo preposicionado. Já a estrutura (117) ilustra a não-adjacência do complemento que ocorre sem o auxílio da preposição.

(116a) “..., e que asy o **entemdiaõ de fazer**, sem lhe declarando porem ho Comde que terra...” (CDJI-II, p. 15).

(116b)“... era semelhavell nã **entemdia mais de fallar** em tam desarrazoadas cousas. E os castellãos...” (CDJI-II, p. 407).

(117) “...E ssobre aquesto nom **entendo dar** mais avysamento nem ensyno, por que som obras da natureza...” (LECSE, p. 45).

Observemos, a seguir, o verbo **esperar**. Este verbo tem 18 entradas no PA, das quais 13 são estruturas preposicionadas. Destas; apenas uma admite ruptor, e cinco ocorrem sem o auxílio da preposição, confira-se a TAB. 67 a seguir.

TABELA 67
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *esperar* no PA

Esperar 18 entradas	13 [de+infinitivo]		05 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	12	01	05	
Percentual	66,7%	5,6%	27,7%	0%

Como apresentado na TAB. 67, para o verbo **esperar** também predominam as estruturas adjacentes que totalizam 94,4% das estruturas quantificadas. Assim sendo, as construções não adjacentes representam apenas 5,6%. Observem-se os dados:

(118a) “... com as de Castela, ele não **esperava de pousar** em Vilas e povoações, antes o mais alongado delas que...” (CDDIN, p. 227).

(118b) “..., porque nom teemos outro filho nem filha, nem **esperamos já de o aver**, que seja de vós...” (CDF, p. 572).

(119) “... o que deseja **spera receber**, sa speranza convem seer de mayor sentido....” (LECON, p. 24).

O verbo **folgar** tem três entradas, no PA, das quais duas são de complemento [de+infinitivo], e em ambas ocorrem ruptores. Apenas uma, onde figura o complemento [Ø+infinitivo], está adjacente ao verbo regente. Veja-se:

TABELA 68
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *folgar* no PA

Folgar 03 entradas	02 [de+infinitivo]		01 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	-	02	01	-
Percentual	-	66,7%	33,3%	-

Constatou-se, por meio da TAB. 68, que para o verbo **folgar**, as estruturas não adjacentes prevalecem sobre as estruturas adjacentes. Do total computado, 66,7% admitem a interposição de elementos entre o verbo e o complemento infinitivo. As construções não adjacentes representam 33,3% do total de entradas registradas. Confirmam-se os exemplos (120) e (121).

(120) “...; e sei que o Infante D. Fernando **folgará de me seguir**: e em tanto veremos se...” (CDDU, p. 65).

(121) “..., vos direi brevemente, sobre as quaes **folgarei ouvir** o que vos de isso parece. Primeiramente, porque...” (CDDU, p. 71).

O verbo **merecer**, por sua vez, tem 26 entradas, das quais 18 são estruturas preposicionadas, 12 estão adjacentes ao verbo e, seis admitem ruptores. As estruturas não-preposicionadas figuram em oito entradas, e apenas uma apresenta ruptor pronominal. Observe-se a TAB. 69.

TABELA 69

Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>merecer</i> no PA				
Merecer 26 entradas	18 {de+infinitivo}		08 {Ø+infinitivo}	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	12	06	07	01
Percentual	46,1 ^o %	23,1 ^o %	26,9 ^o %	3,9 ^o %

O percentual do complemento infinitivo adjacente ao verbo sob análise representa 73% do total de entradas. Em 27% das entradas ocorrem ruptores. E, destes, 23,1% são elementos que se interpõem em construções preposicionadas. As estruturas (122a) e (122b), a seguir, ilustram o complemento infinitivo preposicionado adjacente e não-adjacente ao verbo regente e as estruturas (123a) e (123b) indicam o complemento infinitivo não-preposicionado adjacente e não-adjacente ao verbo **merecer**:

(122a) “..., som tornados assy sem proveito que **mereceriam de seer** dados de sesmaria a outros, que como...” (LECSE, p. 120).

(122b) “...; e o mestre dizia que nom achava em ssi cousa per que merecesse de o seer, e Gonçallo Vaasquez dizia que ...” (CDF, p. 503).

(123a) “... cego corporalmente, mereceo veer tam gloriosa uisom como esta...” (ORDES, p. 180).

(123b) “...Porque merecemos nós veer grande mizquindade e esta grande catividade e tam grã door...” (DSG-I, p. 261).

O verbo **mostrar** tem três entradas, sendo uma de complemento preposicionado não-adjacente ao verbo regente, e duas de complemento não-preposicionado, ambas vinculadas ao verbo. A TAB 70 indica o percentual da adjacência/não adjacência.

TABELA 70
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *mostrar* no PA

Mostrar 03 entradas	01 [de+infinitivo]		02 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	-	01	02	-
Percentual	-	33,3%	66,7	-

Como demonstrado, na TAB. 70, do total de estruturas computadas, 66,7% do complemento infinitivo do verbo **mostrar** ocorrem adjacentes. Todas as ocorrências de adjacência são de complementos não-preposicionados. Em 33,3%, há ruptores, e estas são construções nas quais o *de* ocorre. Observem-se os dados abaixo:

(124) “..., e que tall desejo mostrava de *the* gualardar seu bom serviço, diremos ...” (CDJI-II, p. 4).

(125) “..., alegando e achando camynhos e causas per que mostram seer necessario e proveitoso de fallarem ambos, ...” (LC) pág. 193.

Passemos, agora, à descrição do verbo **ordenar**.

TABELA 71
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *ordenar* no PA

Ordenar 156 entradas	152 [de+infinitivo]		04 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	64	88	04	-
Percentual	41%	56,4%	2,6%	-

Como se viu, o verbo **ordenar**, ligado ao complemento preposicionado, é bastante freqüente no PA. Dentre as 156 entradas, em 152 figura o complemento [de+infinitivo]. Destas, 64 ocorrem contíguas ao verbo, e 88 contêm ruptores. Estes, por sua vez, não aparecem nas construções de complemento [Ø+infinitivo]. Abaixo, apresentam-se as ilustrações do complemento preposicionado adjacente e não-adjacente, e do complemento não-preposicionado adjacente do referido verbo:

(126a) “...El-rrei **hordenou de combater** o castello e a judaria, e fez fazer cavas e tirar com engenhos,...” (CDF, p. 61).

(126b) “... por sujeita e captiva do que tomara por filho, **ordenou de o lançar** fóra do reino: e sendo para isso fovorecida d’alguma parte d’elle...” (CDDU, p. 49).

(127) “...Entom **hordenarom entregar** as arrefões d’hũa parte aa outra, segundo era devisado nos trautos:...” (CDF, p. 542).

O verbo **ousar** tem 112 entradas, no PA, destas, 50 são preposicionadas e 34 das preposicionadas estão adjacentes ao verbo regente. Portanto, 16 construções apresentam ruptores. Das 60 construções de complemento [Ø+infinitivo], 49 estão contíguas, e 13 contêm elementos interpostos entre o verbo e o complemento infinitivo. Veja-se a TAB. 25.

TABELA 72
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *ousar* no PA

Ousar 112 entradas	50 [de+infinitivo]		62 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	34	16	49	13
Percentual	30,4%	14,3%	43,7%	11,6%

A TAB. 72 aponta para o percentual de estruturas adjacentes e não-adjacentes ao verbo regente **ousar**. Como se constatou, o complemento infinitivo ocorre contíguo ao verbo em 74,1% do total de ocorrências e, 25,9% apresentam ruptores. As estruturas (128) e (129) evidenciam, respectivamente, o complemento infinitivo preposicionado adjacente e não-adjacente, bem como o complemento infinitivo sem preposição contíguo e não contíguo ao verbo:

(128a) “...; e logo tostemente veherom a elRei e nom **ousarom dentrar** na camara por a defesa que elRei tiinha posta,...” (CDPE, p. 35).

(128b) “... que lhe tiinham os caminhos, pero nom **ousavom de lhe atender** a batalha; e chegou el-rrei ..” (CDF, p. 59).

(129a) “... tam mal chagado, nom **ousarom fazer** doo, por seus enmigos nom haverem em prazer....”(DSG-II, p. 374).

(129b) “... virom êste golpe, nom **ousarom i mais estar**, porque estavam desarmados,...”(DSG-II, p. 107).

Para o verbo **outorgar** foram registradas 17 entradas, das quais 14 são preposicionadas, e quatro estão adjacentes. Nestas últimas estruturas figura o complemento infinitivo não-preposicionado, sendo que três delas estão vinculadas ao verbo. Observem-se os resultados na TAB. 73.

TABELA 73

Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo <i>outorgar</i> no PA				
Outorgar 17 entradas	14 [de+infinitivo]		03 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	04	10	03	-
Percentual	23,5%	58,9%	17,6%	-

A TAB. 73 mostra que 41,1% do complemento infinitivo do verbo **outorgar** ocorrem adjacente ao verbo. Ao passo que 58,9% contêm elementos interpostos entre o verbo e o complemento. Este verbo apresenta, portanto, um maior número de ruptores em relação aos demais verbos analisados. Vejamos, então, os dados que se seguem:

(130a) “... Porem fallando em ello per vezes, todos **outorgavom de seer** em tall feito,...” (CDJI-I, p. 5).

(130b) “... e o Duque yso mesmo, e **outorguou loguo de emviar** sua filha ao Porto pera a ell Rey receber e casar...” (CDJI-II, p. 220).

(131) “... E temdose todos a esta rezaõ, **outorgaraõ aver** peleja, naõ cõ esforço...” (CIDI-II, p. 47).

O verbo **pensar**, com 28 entradas, no PA, apresenta 20 estruturas preposicionadas, das quais 12 estão adjacentes. Para as outras oito entradas figura o complemento não-preposicionado contíguo ao verbo. Vejamos os resultados na TAB. 74.

TABELA 74
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *pensar* no PA

Pensar 28 entradas	20 [de+infinitivo]		08 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	12	08	08	-
Percentual	42,8%	28,6%	28,6%	-

Como se viu, para o verbo **pensar** predomina o complemento infinitivo adjacente. Veja-se que 71,4% do total de ocorrências estão diretamente ligadas ao verbo. Já 28,6% admitem a interposição de elementos entre o verbo e o seu complemento. Passemos, então, aos exemplos:

(132a) “..., e sempre pungem e assectam o coração cego e revessado com agulhões ardentes, por tal que tôda cousa maa que **pensou de fazer**, que a ponha tostemente em ...” (BD, p. 61).

(132b) “..., per que o mais demostram, som (n)as que a nosso senhor perteecem. E porende sobr'ello **penssey de vos fazer** esta breve declaraçom....” (LECON, p. 116).

(133) “... e seu escudo e sua lança, e subiu em seu cavalo e **pensou ir** atrás ela, e quando a acalcasse,...”(DSG-I, p. 289).

O verbo **pertencer**, por sua vez, tem 10 entradas no PA, das quais oito são estruturas preposicionadas, e sete estão adjacentes. Nas duas estruturas restantes figura o complemento infinitivo não-preposicionado, sendo que uma delas contém ruptor, conforme a TAB 75.

TABELA 75
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *pertencer* no PA

Pertencer 10 entradas	08 [de+infinitivo]		02 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	06	02	01	01
Percentual	60 %	20%	10%	10%

Como se pode notar, 70% do total de entradas do verbo **pertencer** estão adjacentes, já os outros 30% das entradas admitem ruptores. Vejam-se os dados abaixo:

(134a) "...Mas fallando do que a nos **pertecece d'obrar**, a mym parece que com sua merce cada huu pode receber grande ajuda, ..." (LECON, p. 87).

(134b) "E **pertececelhe de sseer** razoavel pera maginar quaaes camynhos e modos pode tirar daquellas regras pera aver o que deseja...." (LECON, p.218-219).

(135a) "....A esta **pertecece conteer** o cuydado e estar bem entento no que desejamos daprender, ou dar reposta, ..." (LECON, p. 7).

(135b) "....E porem lhes **pertecece na paz aprender** e saber taaes manhas como no tempo que comprir possam, e saibham bem husar daquello por que som antre os outros tam avantejados e tenham ..." (LECON, p. 19).

Observe-se, a seguir, o verbo **prazer**.

O referido verbo tem oito entradas preposicionadas no PA, das quais sete estão adjacentes ao verbo. Há apenas uma construção não-adjacente, a qual contém um ruptor, conforme a TAB. 76.

TABELA 76
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *prazer* no PA

Prazer 08 entradas	06 [de+infinitivo]		02 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	05	01	02	-
Percentual	62,5 %	12,5%	25%	-

Do exposto, observa-se que o complemento infinitivo do verbo **prazer** ocorre predominantemente adjacente ao verbo. Em termos percentuais, são 87,5% do total de estruturas quantificadas. Apenas uma das estruturas onde figura [de+infinitivo] apresenta ruptor como em (136):

(136) “..., e começasse de seguir seu feito com ardido coração, ca a Deos **prazia de ell seer** rei e senhor delle...” (CDJI-I, p. 49).

O verbo **prometer** tem 43 entradas, sendo 36 preposicionadas e sete não-preposicionadas. Destas, 19 estão contíguas ao verbo, e 24 admitem a presença de ruptores. Vejamos a TAB. 77.

TABELA 77
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *prometer* no PA

Prometer 43 entradas	36 [de+infinitivo]		07 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	13	23	06	01
Percentual	30,2 %	53,6%	13,9%	2,3%

A TAB. 77 indica que 44,1% do total de entradas do verbo **prometer** estão adjacentes. Já 55,9% apresentam elementos intervenientes entre o verbo e o complemento infinitivo. Destas, 53,6% são construções preposicionadas. Os dados abaixo mostram, respectivamente, a adjacência e a não-adjacência do complemento preposicionado e não preposicionado:

(137a) “...E isto meesmo jurou e **prometeo de guardar** os ditos trautos a rainha dona Beatriz depois que foi...” (CDF, p. 566).

(137b) “...os ferros que lhe ninguem naõ tolhia. Outros dizem que eles os soltarão ante que se fosẽ, e que se **prometerão de se fazer** boas obras. Hora de qual...” (CDJI-II, p. 133).

(138a) “...hõrradamẽte como ante. E, quando veo o dia em que **prometera leuar** sua molher ao diaboo, ...” (ORDES, p. 276).

(138b) “..., por emde estabalecceraõ e ordenarão, **prometendo a Deus guoardar** por sempre por sy e por seus sobeçesores...” (CDJI-II, p. 101).

O verbo **recear** tem 12 entradas, no PA, sendo sete delas precedidas de preposição e, cinco sem preposição. Das 12 entradas, nove estão adjacentes ao verbo regente, três construções preposicionadas admitem ruptores. Veja-se a TAB.78.

TABELA 78
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *recear* no PA

Recear 12 entradas	07 de+infinitivo]		05 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	04	03	05	-
Percentual	33,3 %	25%	41,7%	-

De acordo com a TAB. 78, do total de entradas computadas, 75% estão adjacentes ao verbo. Em apenas 25% das estruturas há elementos ruptores, os quais ocorrem junto ao complemento infinitivo preposicionado, conforme os dados abaixo:

(139a) “..., avia descapar da pena merecida, de guisa que todos **receavam de** passar seu mandado....” (CDPE, p. 43).

(139b) “...Per ventura **receas de** *nom teer* com quem fales contigo?...” (BD, p. 150).

(140) “...cõ eles. E se nos ora muitos e boõs **reçamos pelejar** com poucos e maos, mais...” (CDJI-II, p. 87).

Vejamos, a seguir, o verbo **tardar**, no PA.

O referido verbo tem três entradas. Destas, uma admite o complemento infinitivo precedido de preposição e duas ocorrem contíguas ao verbo. Os resultados estão expressos na TAB. 79.

TABELA 79
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *tardar* no PA

Tardar 03 entradas	01 de+infinitivo]		02 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	-	01	02	-
Percentual	-	33,3%	66,6%	-

Como apresentado na TAB. 79, do total de estruturas computadas, 66,6% estão vinculadas ao verbo **tardar**, e 33,3% apresentam elementos intervenientes entre o verbo e o complemento infinitivo. Na verdade, apenas a estrutura preposicionada admite ruptor. Vejam-se os dados:

(141) “... nom contradigas aa palavra da verde per nenhuma maneira e nom **tardes de te converter** ao Senhor...” (BD, p. 36-37).

(142) “... e começou-se de ir muito aginha, ca muito lhe **tardava ir**...” (DSG-II, p. 136)..

Para o verbo **temer-se** foram computadas 24 entradas. Em 22 delas figura o complemento [de+infinitivo], destes, 12 estão adjacentes ao verbo e nove admitem ruptores. As duas ocorrências de complemento [Ø+infinitivo] estão contíguas ao verbo. Confira-se a TAB. 80.

TABELA 80
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *temer-se* no PA

Temer-se 24 entradas	22 de+infinitivo]		02 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	13	09	02	-
Percentual	54,2 %	37,5%	8,3%	-

Como se viu, em 62,5% das entradas quantificadas, o complemento infinitivo está adjacente ao verbo, e nos 37,5% restantes o complemento se apresenta não contíguo ao verbo regente. Todas as estruturas não-adjacentes são preposicionadas. Os dados, a seguir, ilustram as ocorrências do verbo **temer-se** no *corpus* do PA.

(143a) “... da prisom de seu irmão e foi mui triste porque se **temeo de perder** dom Rodrigo Froiaz, e chegou logo...” (NLL, p. 37).

(143b) “... todo o que lhe compria, porque sse **temeo de lhe seer** sabudo que vchera a seu rreino d’esta guisa que dissemos...” (CDF, p. 419).

(144) “... em todo, ca elle **teme-se perder** o que ha, e...” (ORDES, p. 55).

O verbo **temer** com nove entradas, apresenta oito delas contíguas. Na única entrada com ruptor figura o complemento [de+infinitivo]. Os resultados estão na TAB. 81.

TABELA 81
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *temer* no PA

Temer 09 entradas	07 de+infinitivo]		02 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	06	01	02	-
Percentual	66,7 %	33,3%	0%	-

Como demonstrado na TAB. acima, o verbo sob análise apresenta 66,7% de suas entradas contíguas ao verbo, e 33,3% são não-contíguas, as quais, deve-se frisar, são preposicionadas. Vejam-se os dados:

(145a) “..., e teme de cair em proveza e em míngua, e ...” (BD, p. 127).

(145b) “..., e cada vez mais crescendo temiam de os esperar. Nun’Allvarez, conhecendo em elles medo, ...” (CDF, p. 484).

(146) “... e teme seer condenado polos alheos!....” (BD, p. 140).

Apresentar-se-á, a seguir, o verbo **trabalhar-se**.

O verbo acima referido é bastante recorrente no PA, apresenta-se predominantemente seguido de complemento preposicionado. Segundo o *corpus* consultado, dentre as 167 entradas, 163 ocorrem ligadas ao infinitivo através da preposição *de*, e nas quatro entradas restantes, figura o complemento infinitivo sem preposição. Observe-se a TAB. 82 abaixo.

TABELA 82
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *trabalhar-se* no PA

Trabalhar 167 entradas	163 de+infinitivo]		04 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	91	72	04	-
Percentual	54,5%	43,1%	2,4%	-

Constatou-se, através da TAB. 82, que 56,9% das entradas registradas para o verbo **trabalhar-se** estão adjacentes. Já 43,1% das entradas, cujo complemento é precedido de preposição, ocorrem não-adjacentes ao verbo. Vejam-se os exemplos em (147) e (148):

(147a) “..., porque se **trabalhou de fazer** cousas torpes e maas e uããs, ca pero que era christão,...” (ORDES, p. 93).

(147b) “..., e sua mulher **trabalhou-se de o cõfortar**, dizendo que aquello lhe...” (ORDES, p. 142).

(148) “... que se **trabalhã gaanhar** per caualaria como cobrou este rey Carllo, que...” (ODE) pág. 235.

Finalmente vamos descrever o verbo **trabalhar**.

O verbo **trabalhar** tem 57 entradas no período arcaico da língua, das quais 55 são preposicionadas. Do total computado, 28 estão adjacentes, e 27 admitem ruptores. Quanto às estruturas não-preposicionadas, as duas que figuram no *corpus* estão contíguas ao verbo. Os resultados podem ser visualizados na TAB. 83.

TABELA 83
Percentual da adjacência/não-adjacência do verbo *trabalhar* no PA

Trabalhar 57 entradas	55 de+infinitivo]		02 [Ø+infinitivo]	
	Adjacente	Não-adjacente	Adjacente	Não-adjacente
	28	27	02	-
Percentual	49,1%	47,4%	3,5%	-

A TAB. 83 aponta para o total de entradas e o percentual de adjacência e não-adjacência do verbo **trabalhar**. Como se viu, dentre 57 estruturas de complemento infinitivo, 52,6% estão adjacentes, e 47,4% ocorrem não vinculadas diretamente ao verbo. Todas as estruturas que admitem ruptores são preposicionadas. Confirmam-se os dados em (149) e (150):

(149a) “... todos das armas que hi achavom; outros **trabalhavom de buscar** madeira pera pallancar as rruas,...” (CDF) pág. 258.

(149b) “... e armar engenhos, e começou de combater a villa, e os de dentro **trabalhavom de a deffender**, de guisa que os de fora...” (CDF, p. 111).

(150) “..., e como cousa que lhe parecia que Deus inspirava, **trabalhava buscar** caminhos e razões para ir ao effeito d’ella,...” (CDDU, p. 59).

Em todo o *corpus* do PA foram registradas 3.247 construções, nas quais figuram complementos infinitivos precedidos ou não de preposição. Deste montante, 2.438 construções estão adjacentes ao verbo regente, a saber, 75,1% das estruturas computadas, e 809 construções que equivale a 24,9% ocorrem não-adjacentes ao verbo regente. Portanto, apenas 24,9% das estruturas infinitivas contêm ruptores, das quais 587 são construções preposicionadas, isto é, 72,6% do total quantificado, e 222 construções, ou seja, 27,4% ocorrem sem preposição. No entanto, como se fez notar nos períodos anteriores, deve-se lembrar que o verbo **dever** é também muito recorrente nesse período da língua e, por isso, eleva o número de construções não-preposicionadas, nas quais figuram ruptores.

Vale dizer que dentre as 1.440 entradas registradas para esse verbo, 1.217 ocorrem sem preposição. Assim, dentre os 222 ruptores computados para as estruturas [Ø+infinitivo], 139 ruptores aparecem nas construções de complemento sem preposição do verbo **dever**. Sendo assim, se considerarmos apenas uma entrada não-preposicionada para o referido verbo, em apenas 10,4% das estruturas sem preposição figurariam ruptores.

Do exposto, observa-se que o complemento infinitivo, no português arcaico, tanto preposicionado, quanto não-preposicionado, ocorre predominantemente adjacente ao verbo regente. No entanto, quando este não está contíguo ao verbo, as estruturas preposicionadas, nas quais figuram ruptores, são predominantes. Logo, pode-se postular que, em termos quantitativos, quanto maior for o número de ruptores, maior será a frequência de ocorrência do infinitivo precedido de preposição. Estes resultados confirmam a máxima de que “marcas levam a marcas” e “zeros levam a zeros”, (Cf. SCHERRE, 1996). Ou seja, o complemento [de+infinitivo] figura nas estruturas que apresentam o maior número de marcas. Em virtude de haver no PA um número elevado de interposição de elementos entre o verbo regente e o infinitivo, existe, nessa fase da língua, um maior número de ruptores, e, conseqüentemente, uma maior frequência de ocorrência de complemento [de+infinitivo] em relação aos outros períodos.

5.2 Sobre as classes semânticas dos verbos inventariados nos corpora pesquisados

Como se viu, na seção 5.1. descrevemos o comportamento do fenômeno da *adjacência/não adjacência* (ruptores) dos verbos listados nos *corpora*, onde foi comprovado: a) que ambos, o infinitivo preposicionado e não-preposicionado ocorrem predominantemente adjacentes ao verbo regente; b) que quando ocorre a não-adjacência esta prevalece junto ao infinitivo preposicionado, assim como a adjacência predomina junto ao infinitivo não-preposicionado.

Dando continuidade à análise dos fatores internos imbricados na ocorrência da complementação infinitiva em português, a saber, **estruturas adjacentes** (ruptores), **classe de verbos**, **tempo verbal**, **modo verbal** e **pessoa gramatical** vamos proceder à classificação dos verbos que apresentaram variação na história do português, objetivando classificá-los segundo suas características semânticas.

É sabido que a complementação verbal, na literatura lingüística, sempre se depara com a questão do significado do verbo. Melhor dizendo, as classes semânticas têm sido consideradas determinantes na seleção dos complementos verbais. Assim sendo, vários autores ao tratar da “modalidade” e “auxiliaridade” admitem que estas classificações são dependentes de certas classes de verbos. Vamos reunir nesta subseção os principais rótulos utilizados tradicionalmente na literatura lingüística, que são, a nosso ver, pertinentes para a caracterização das classes dos verbos com as quais ocorre o infinitivo variável na história da língua portuguesa.

A maioria dos autores que trataram da variação infinitiva afirma que esta depende de *certos verbos/alguns verbos/determinados verbos*. Dentre eles Barreto (1914), Carneiro Ribeiro (1950), Said Ali (1964), Almeida (1965), Maurer Jr. (1968), Dias (1970), Pontes (1973), Bynon (1981), Mattos e Silva (1989), Kury (1985), Beth Levin (1993), Madureira (2000), Neves (2000), Bechara (2001).

Vejamos os principais rótulos utilizados na classificação semântica dos verbos auxiliares que, de certa forma, estão também imbricados no fenômeno da complementação por nós estudado.

Segundo a literatura, os verbos auxiliares determinam com mais rigor o momento do processo verbal, para indicar dentre outros os seguintes aspectos: a) momento inicial (incoativos); b) repetição, hábito (iterativos, freqüentativos); c) duração, continuação, progressão (progressivos ou cursivos); d) momento final, cessação; e) futuro próximo. Os chamados “auxiliares modais”, que indicam o modo segundo o qual o sujeito, ou o falante, encara o processo do infinitivo são classificados de acordo com: a) volição; b) possibilidade ou capacidade; c) necessidade; d) intenção; e) consecução; f) aparência. Esta classificação será aqui estendida e adaptada aos verbos por nós estudados.

O valor semântico atribuído aos verbos admite que se reconheçam tais classes como a classe dos “volitivos”, “causativos”, “sensitivos”, “consecutivos”, “determinativos”, “acurativos”, “incoativos”, “iterativos”, “benefactivos”, “freqüentativos”, “progressivos”, “cursivos”, “declarativos”, “perceptivos”, “implicativos”, “inceptivos”, “factivos”, dentre outros. Como se viu, a profusão de terminologia revela que não é fácil determinar as classes semânticas dos verbos em português.

Assim sendo, deve-se deixar claro que uma análise propriamente semântica dos verbos do *corpus* sob análise envolve uma problemática teórica que extrapola os limites desta pesquisa. Vamos nos ater a classificá-los de acordo com a nomenclatura existente, segundo o sentido que apresentam nos textos.

Veja-se, primeiramente, uma proposta de classificação, com base nos dados coligidos no *corpus* do português moderno contemporâneo, de acordo com o QUADRO 2 do capítulo 4.

5.2.1 Verbos inventariados no *corpus* do português moderno contemporâneo

(I) Verbos modais: **dever (1), dever (2).**

(II) Verbos “sensitivos” que se subdividem em: a) *freqüentativos*: **acostumar**; b) *benefactivos*: **agüentar, ameaçar**, d) *implicativos*: **evitar, importar**, f) *volitivos*: **necessitar, precisar**; *deliberativos*: **pretender, propor**.

Os verbos acima listados, à exceção de *dever* (que expressa “estado” e admite sujeito “inativo”) indicam ação-processo, admitindo também sujeito “agente”. Além de expressarem

várias noções que denotam “aspectos”, outros traços como a “animacidade” do sujeito são típicos destas classes verbais⁵.

Passemos, agora, à proposta de classificação dos verbos registrados no *corpus* do português oitocentista, conforme o QUADRO 6.

5.2.2 Verbos registrados no *corpus* do português oitocentista

(I) Verbos modais: **dever (1) e dever (2)**.

(II) Verbos “sensitivos” a) *volitivos*: **carecer, precisar**; b) *deliberativos*: **acertar, cuidar, impedir**; c) *benefactivos*: **jurar, rezear, temer, prazer**.

(III) Verbos inceptivos: **começar**.

A proposta de classificação para os verbos listados no *corpus* do PO, à exceção de **começar**, contempla os mesmos grupos (I) e (II) dos verbos do português moderno contemporâneo.

5.2.3 Verbos arrolados no *corpus* do português setecentista

(I) Verbos modais: (**dever (1) e dever (2)**)

(II) Verbos “sensitivos”: a) *volitivos*: **necessitar, procurar, prometer**; b) *deliberativos*: **cuidar, esperar, restar**; *benefactivos*: **jurar, temer**; c) *demonstrativos*: **mostrar, servir**.

Vejam-se, a seguir, a proposta de classificação dos verbos registrados no período clássico da língua.

5.2.4 Verbos listados no *corpus* do português clássico

(I) Verbos modais: **dever (1), dever (2), merecer**

⁵ Uma análise preliminar permitiu-nos identificar que a maioria dos verbos que exibe a variação do complemento infinitivo admite, também, como complemento um sintagma nominal e um complemento oracional introduzido por *que*.

(II) Verbos “sensitivos” a) *volitivos*: **desejar, folgar, ousar, ordenar, pretender, prometer**; b) *deliberativos*: **cuidar, cumprir, determinar**; *benefactivos*: **esperar, reccar, temer**.

Como se demonstrou, segundo esta proposta de classificação, a grande maioria dos verbos inventariados no *corpus* do português clássico pertence à classe dos chamados verbos “sensitivos”.

Passemos ao período arcaico da língua, segundo o QUADRO 20.

5.2.5 Verbos inventariados no *corpus* do português arcaico

(I) Verbos modais: **cuidar, curar, desejar, dever (1) dever (2), esperar, merecer, ousar, pertencer**

(II) Verbos “sensitivos” a) *deliberativos*: **acontecer, cobiçar, consentir, convir, cumprir, determinar, encaminhar, entender, esperar, mostrar, ordenar, outorgar, pensar prometer, trabalhar, trabalhar-se**; b) *benefactivos*: **amar, folgar, prazer, reccar, temer, temer-se**.

(III) Verbos *freqüentativos*: **acostumar, cessar, costumar, tardar**.

(IV) Verbos inceptivos: **começar**.

Finalizamos esta seção apresentando na TAB. 84 a nossa proposta de classificação para os verbos cujos complementos exibem variação nas cinco fases estudadas.

Tabela - 84 – Classes semânticas dos verbos em variação nas cinco fases estudadas

PA	modais	benefactivos	deliberativos		freqüentativos	Inceptivos
PCL	modais	benefactivos	deliberativos	volitivos		
PSE	modais	benefactivos	deliberativos	volitivos		demonstrativos
PO	modais	benefactivos	deliberativos	volitivos		inceptivos
PMC	modais	benefactivos	deliberativos	volitivos	freqüentativos	Implicativos

Do exposto, na seção 5.2 pode-se dizer que, levando-se em conta o significado, a grande maioria dos verbos acima listados pode ser incluída na classe dos verbos denominados “sensitivos”, expressando **deliberação, modalização, freqüência, benefício**, dentre outros. Compartilham ademais, características de “modalidade” e “auxiliaridade”, sobretudo no período arcaico da língua. Observe-se que nessa fase específica, os 35 verbos listados permitem mais de uma possibilidade de análise.

Do ponto de vista semântico, estes verbos compartilham “aspectos modais” e do ponto de vista sintático, compartilham características transitivas. Assim sendo, pode-se propor para essas classes de verbos o rótulo de **transitivos-modais**. Observou-se ao longo do trabalho que esta é a classe verbal que admite a variação do complemento infinitivo.

Diacronicamente, como já se demonstrou no capítulo 4, alguns desses verbos foram perdendo do PA para o PMC suas características modais, isto é sofreram um processo de desmodalização, passando a ser apenas transitivos ou com [de+infinitivo] ou com [Ø+infinitivo]. Outros, por sua vez, passaram a se comportar como verbos tipicamente modais, e por fim auxiliares.

Os dados quantitativos mostraram que os verbos de características “modais” admitem a variação [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] em todas as sincronias. Veja-se que de todos os verbos arrolados, nos *corpora*, o verbo **dever**, como se observou no QUADRO 24 é o único que não apresenta lacuna e ocorre em todos os períodos. Isso pode ser um indicio de que este verbo pode ser tomado como o modelo de **modalização** em português, admitindo [de+infinitivo] ao lado de [Ø+infinitivo] em todas as fases. Em outras palavras, o verbo **dever** ainda conserva a sua característica modal.

No que se refere aos dados do PA, cumpre acrescentar que todos os verbos parecem “indicar o modo segundo o qual o sujeito, ou o falante encara o processo do infinitivo”, isto é, expressam um certo grau de “modalização”. Nestas circunstâncias admitiam o infinitivo variável precedido ou não de preposição. E, à medida que estes foram se desmodalizando foram também mudando a sua regência. Vejam-se, por exemplo, os verbos do PMC, principalmente aqueles que apresentam aspectos de modalização, são eles que, de um modo geral, admitem a variação do complemento infinitivo.

Em 5.2.5 buscamos fazer uma classificação semântica dos verbos regentes que exibiram a variação [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] no período arcaico da língua. Observou-se que a forma infinitiva variável ocorre junto aos verbos que, em termos gerais, pertencem à classe dos verbos que expressam “sentimentos”, denominados “sensitivos”, estes por sua vez, podem ser subdivididos em várias subclasses segundo o matiz semântico que expressam junto à forma infinitiva. São verbos que parecem indicar **um julgamento avaliativo acerca da situação em foco.**

Do exposto, postula-se que a extensão do significado é uma propriedade da classe verbal. Nos casos sob análise as propriedades sintáticas, isto é, a variação [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] são determinadas semanticamente. A identificação destas classes é importante para a caracterização do comportamento sintático dos verbos que admitem a variação das construções infinitivas na história do português, já que as estruturas em foco como uma “variável” só ocorre com os verbos aqui rotulados **transitivos-modais.**

Apresentar-se-á, a seguir, seção 5.3, a análise dos outros fatores intervenientes na complementação infinitiva preposicionada e não-preposicionada dos verbos arrolados nos *corpora*, quais sejam: **tempo verbal, modo verbal e pessoa gramatical.**

5.3 Sobre o tempo verbal, modo verbal e pessoa gramatical

Como já foi dito, além da **adjacência/não adjacência e classes de verbos, o tempo verbal, modo verbal e pessoa gramatical** interferem na relação do complemento [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] em português. Vejam-se, inicialmente, os verbos que admitiram a variação do complemento infinitivo no *corpus* português moderno contemporâneo.

5.3.1 O tempo, o modo e a pessoa gramatical dos verbos do português moderno Contemporâneo

QUADRO 26 - Tempo verbal, modo verbal e pessoa gramatical dos verbos do português moderno contemporâneo

Verbos	Tempo Verbal	Modo Indicativo	Pessoa Gramatical
Acostumar	Pretérito /infinitivo	X	3a./1ª.
Agüentar	Pretérito	X	3ª./1ª.
Ameaçar	Pretérito	X	3ª.
Decidir	Pretérito	X	3ª.
Dever (1)	Pretérito/presente	X	3ª.
Dever (2)	Pretérito/presente	X	3ª.
Evitar	Pretérito	X	3ª.
Importar	Presente	X	3a./1a.
Necessitar	Pretérito	X	3ª.
Precisar	Pretérito/presente	X	3ª./1ª.
Pretender	Pretérito/presente	X	3ª./1ª.
Propor	Pretérito	X	3ª.

O QUADRO 26 aponta para o tempo verbal, modo verbal e a pessoa gramatical dos verbos que exibem a variação do complemento infinitivo no PMC. Constatou-se que o “pretérito” (perfeito e imperfeito) do modo indicativo é o tempo verbal predominante. Em segundo lugar, ocorre o tempo “presente” que é muito menos freqüente que o primeiro. O QUADRO acima indica também a pessoa gramatical mais recorrente dos verbos regentes em variação no PMC. Como se viu, a 3ª. pessoa gramatical prevalece sobre as demais. Na verdade, a maioria dos verbos regentes que admite a variação do complemento infinitivo está na 3ª. pessoa (singular e plural). Uma minoria ocorre na 1ª. pessoa do singular e do plural.

Estes fatos indicam que os verbos que exibem a variação do complemento infinitivo estão predominantemente no tempo verbal pretérito, no modo indicativo e na 3ª. pessoa. Observa-se, assim, que as características morfológicas são também determinantes para a ocorrência da variação de um fenômeno lingüístico na língua, confirmando a assertiva de que a variação é sistematicamente organizada e estruturalmente encaixada segundo o favorecimento do contexto.

5.3.2 O tempo, o modo e a pessoa gramatical dos verbos do português oitocentista

Vejamos, agora, o comportamento dos fatores “tempo, modo e pessoa” dos verbos do português oitocentista. Confira-se o QUADRO 27.

Quadro 27 -Tempo verbal, modo verbal e pessoa gramatical dos verbos do português oitocentista

Verbos	Tempo Verbal	Modo Indicativo	Pessoa Gramatical
Acertar	Pretérito	X	3a.
Carecer	Presente	X	3a.
Começar	Pretérito	X	1a.
Cuidar	Pretérito	X	3ª.
Dever (1)	Pretérito/presente	X	3ª.
Dever (2)	Pretérito/presente	X	3ª.
Impedir	Pretérito/presente	X	3a.
Jurar	Pretérito	X	3ª./1ª.
Prazer	Pretérito	X	3ª.
Precisar	Pretérito/presente	X	3ª./1ª.
Recear	Pretérito	X	3ª./2ª.
Temer (se)	Presente	X	3ª.

O QUADRO 27 mostra que o tempo pretérito, o modo indicativo e a 3ª. pessoa gramatical, a exemplo do que foi observado no PMC, também predominam nos verbos que exibem variação no PO.

5.3.3 O tempo, o modo e a pessoa gramatical dos verbos do português setecentista

QUADRO 28-Tempo verbal, modo verbal e pessoa gramatical dos verbos do português setecentista

Verbos	Tempo Verbal	Modo Indicativo	Pessoa Gramatical
Cuidar	Pretérito	X	3ª.
Dever (1)	Pretérito/presente	X	3ª.
Dever (2)	Pretérito/presente	X	3ª.
Esperar	Pretérito/presente	X	3ª./1ª.
Jurar	Pretérito	X	3ª./1ª.
Mostrar	Pretérito	X	3a.
Necessitar	Pretérito	X	3ª.
Procurar	Pretérito	X	3ª.
Prometer	Pretérito/presente	X	3ª./1ª.
Restar	Pretérito/presente	X	3a.
Servir	Pretérito	X	3ª./2ª.
Temer	Presente	X	3a.

Como foi visto no QUADRO acima, o tempo “pretérito”, o modo indicativo e a 3ª. pessoa também no português setecentista continuam persistindo nos verbos que exibem a variação [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo].

5.3.4 O tempo, o modo e a pessoa gramatical dos verbos do português clássico

Quadro 29 - Tempo verbal, modo verbal e pessoa gramatical dos verbos do português clássico

Verbos	Tempo Verbal	Modo Indicativo	Pessoa Gramatical
Cuidar	Pretérito	X	3ª.
Cumprir	Presente	X	3ª.
Desejar	Pretérito/presente	X	3ª.
Determinar	Pretérito	X	3ª.
Dever (1)	Pretérito/presente	X	3ª.
Dever (2)	Pretérito/presente	X	3ª.
Esperar	Pretérito/presente	X	3ª./1ª.
Folgar	Pretérito/presente	X	3ª./1ª.
Merecer	Pretérito/futuro	X	3ª.
Ordenar	Presente	X (imperativo)	3ª.
Ousar	Pretérito	X	3ª.
Pretender	Pretérito/presente	X	3ª.
Prometer	Pretérito	X	3ª./1ª.
Recear	Presente	X	1ª./sing.
Temer	Forma Nominal		3ª.

O quadro 29 revela que embora em muitas estruturas haja co-ocorrência de tempos (pretérito e presente), o primeiro continua prevalecendo nos verbos que permitem variação do complemento infinitivo. No *corpus* do PCL, observa-se também o uso da forma nominal para o verbo regente **temer**. O modo indicativo, bem como a 3ª. pessoa, a exemplo do que foi observado nos períodos anteriores, também prevalecem nesse período da língua. Sendo assim, é possível concluir que os fatores estruturais acima referidos continuam predominando junto às estruturas [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] no português clássico. Vejamos, por fim, os verbos registrados no *corpus* do português arcaico.

5.3.5 O tempo, o modo e a pessoa gramatical dos verbos do português arcaico

Quadro 30 -Tempo verbal, modo verbal e pessoa gramatical dos verbos do português arcaico

Verbos	Tempo Verbal	Modo Indicativo	Pessoa Gramatical
Acontecer	Pretérito	X	3ª.
Acostumar	Pretérito	X	3a.
Amar	Pretérito/presente	X	3a.
Cessar	Pretérito/presente	X	3ª.
Cobiçar	Pretérito/presente	X	3ª.
Começar	Pretérito	X	3ª.
Consentir	Presente	X	3a.
Convir	Presente	X	3a.
Costumar	Pretérito/presente	X	3a./1ª.
Cuidar	Pretérito	X	3a.
Cumprir	Pretérito/presente	X	3ª.
Curar	Pretérito	X	3a/1ªpessoa plural
Desejar	Pretérito/presente	X	3a.
Determinar	Pretérito	X	3a.
Dever (1)	Pretérito/presente	X	3ª.
Dever (2)	Pretérito/presente	X	3ª.
Encaminhar	Pretérito	X	3ª.
Entender	Pretérito	X	3a.
Esperar	Pretérito/presente	X	3a.
Folgar	Pretérito/futuro	X	3a.
Merecer	Pretérito	X	3a.
Mostrar	Pretérito	X	3a.
(H)ordenar	Pretérito	X	3ª.
Ousar	Pretérito	X	3ª.
Outorgar	Pretérito	X	3ª.
Pensar	Pretérito	X	3a.
Pertencer	Presente	X	3a.
Prazer	Pretérito/presente	X	3a.
Prometer	Pretérito	X	3ª.
Recear	Pretérito/presente	X	3a.
Tardar	Pretérito	X	3a./2ª.
Temer-se	Pretérito/presente	X	3a.
Temer	Presente	X	3ª.
Trabalhar-se	Pretérito	X	3ª.
Trabalhar	Pretérito	X	3ª.

Como já demonstrado nos períodos precedentes, os verbos inventariados no *corpus* do português arcaico ocorrem predominantemente no tempo pretérito do modo indicativo e na 3ª pessoa. Esses fatos, conforme aponta o QUADRO 30, confirmam que a complementação

infinitiva tende a ocorrer junto aos verbos que apresentam determinadas características morfológicas como tempo, modo e pessoa.

Constatou-se, na seção 5.3 que, para todos os verbos regentes de complemento infinitivo variável, predominaram o tempo “pretérito” (perfeito e imperfeito), o modo indicativo e a 3ª. pessoa gramatical (singular/plural) nos cinco períodos pesquisados. Estes fatores estão presentes tanto nas estruturas [de+infinitivo], quanto nas estruturas [Ø+infinitivo].

Pode-se concluir que os verbos cujos complementos infinitivos são variáveis ao longo da história do português ocorrem preferencialmente no “pretérito” do modo indicativo e na 3ª. pessoa. Estes fatos comprovam que as classes de verbos, nas quais prevalece o tempo pretérito, a 3ª. pessoa gramatical e o modo indicativo são mais estáveis com o passar do tempo. Na verdade, o tempo pretérito, o modo indicativo e a 3ª. pessoa gramatical tendem a se manter, mas não os verbos, nos quais ocorrem, pois estes têm comportamento diferenciado ao longo do tempo: alguns desaparecem, outros se mantêm como transitivos, outros se desmodalizam, outros, por sua vez se auxiliarizam. Mas, geralmente preservam o tempo pretérito, o modo indicativo e a 3ª. pessoa gramatical, nas construções de complementação infinitiva.

O comportamento morfológico dos verbos analisados, quanto ao tempo, modo e pessoa parece confirmar o que MANCZAK (1963) propõe como “tendências gerais do desenvolvimento morfológico”, segundo transformações analógicas. Este autor afirma que o tempo pretérito é mais resistente às mudanças que outros tempos, que as formas de 3ª. pessoa suportam menos mudanças analógicas que outras pessoas gramaticais e que o modo indicativo, por sua vez, é, também, menos submisso à mudança em relação aos outros modos. Embora não estejamos aqui tratando especificamente de casos de analogia, a persistência de um mesmo tempo verbal, modo verbal e pessoa gramatical ao longo da história do português nas construções infinitivas, certamente caracterizam este tipo de estrutura [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] e revelam uma certa rigidez morfo-sintática.

5.4 Particularidades sobre o complemento infinitivo - verbos “unipessoais”

Tudo o que foi apresentado sobre a variação das estruturas [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] traz evidências para classificá-las como complemento infinitivo objetivo preposicionado ou não, e, de fato, a maioria o é. Entretanto, analisando-se o comportamento dos verbos arrolados no *corpus* do PA observou-se que, alguns deles admitem, também, a análise do infinitivo como sujeito. Vejam-se os dados do PA abaixo:

- (i) “se lhe acontecesse **de seer**”
- (ii) “nom consente em tal guisa **contradizer** as...”
- (iii) “segundo direito não convem **de tomar** armas”
- (iv) “ver quamdo lhe compria **de manter** aquela”
- (v) a esta perteece **conteer** o cuydado e”
- (vi) “a mym praz **screver**”

De acordo com as características apresentadas, a saber, a persistência da 3ª. pessoa (singular/plural), bem como a existência de um único sujeito expreso, os verbos do PA, a saber, **acontecer**, **consentir**, **cumprir**, **pertencer** e **prazer** arrolados em (i) – (vi) admitem o infinitivo variável como sujeito. Estes verbos, de acordo com a literatura lingüística, recebem o rótulo de “unipessoais”.

Os verbos “unipessoais”, segundo GÓIS (1959, p. 28) apresentam sujeito sempre determinado e expreso na frase constituído: a) ora por um infinitivo como em: “convém estudar”, b) ora por uma oração: “convém que estudes”. Ainda de acordo com o Autor, esses verbos “só se conjugam em uma única pessoa (3ª. pessoa do singular ou plural).

Como se viu, Góis, *op. cit.*, analisa o termo “estudar” como sujeito de “convém”, da mesma forma, “que estudes” configura “uma oração substantiva subjetiva”. A forma infinitiva é uma forma nominal. Sendo assim, exerce na estrutura frasal as mesmas funções do nome em português.

Assim sendo, os verbos **acontecer**, **consentir**, **cumprir**, **pertencer** e **prazer** estão abertos a uma outra análise: a de sujeito. Estes verbos, de acordo com os dados analisados, preenchem todos os requisitos necessários para serem interpretados como verbos “unipessoais” nessa fase

da língua, vale frisar, 3ª. pessoa e existência de um único sujeito expreso. Vamos admitir, portanto, em nossa análise que as formas infinitivas preposicionadas e não-preposicionadas que se ligam aos verbos “unipessoais”, no PA, podem ser analisadas como sujeito, regido ou não pela preposição *de*.

Em resumo, nesta última subseção examinamos a função sintática do infinitivo variável no português arcaico, e admitimos que, nesta sincronia, ele pode ser analisado tanto como sujeito, quanto como complemento. Os dados corroboram aquilo que já se sabe no que diz respeito ao infinitivo em português. Como uma forma nominal, o infinitivo pode exercer as mesmas funções do nome: sujeito e complemento.



Foto¹: Rio São Francisco – 16/07/2004
Pontal do Abaeté – Município de Três Marias

“Quando escrevo, repito o que já vivi antes. E para estas duas vidas, um léxico só não é suficiente. Em outras palavras, gostaria de ser um crocodilo vivendo no rio São Francisco. Gostaria de ser um crocodilo porque amo os grandes rios, pois são profundos como a alma de um homem.”

(Guimarães Rosa)

<http://www.releituras.com/guimmarosa>

¹ Foto gentilmente cedida por Rosana e Robertinho.

Capítulo 6 - Conclusão

A análise proposta na presente pesquisa buscou apresentar e descrever a ocorrência da variação [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] na história da língua portuguesa, com o intento de evidenciar possíveis mudanças, variáveis estáveis que pudessem ter ocorrido envolvendo os mesmos.

Tratamos, primeiramente, dos complementos infinitivos em variação que as gramáticas anteriores à Nomenclatura Gramatical Brasileira e as gramáticas de cunho histórico intitulam “complemento infinitivo preposicionado”, isto é, de complementos que podem vir precedidos ou não pela preposição *de* sem alteração semântica, configurando as estruturas [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo]. Para investigarmos tais complementos partimos do presente para o passado à maneira de Labov (1972c), utilizando para a análise quantitativa dos dados o Programa “WordSmith Tools”, o qual permitiu-nos elaborar as “concordances” de todos os verbos de terminações, “-ar, -er e -ir” em português.

Após a seleção dos dados coletados nos *corpora* do português arcaico, português clássico, português setecentista, português oitocentista e português moderno contemporâneo registramos a relação dos verbos que admitiram complemento infinitivo variável em cada uma destas sincronias.

Como se viu no decorrer do trabalho, a variação [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] ocorre em todas as fases da língua. Com maior ou menor frequência conforme o período observado. Para atingir o nosso objetivo tentamos caracterizar os complementos infinitivos presentes em cada sincronia segundo um conjunto de fatores internos, a saber, **estruturas adjacentes (ruptores), classe de verbos, tempo verbal, modo verbal e pessoa gramatical.**

Com relação à preposição *de*, que precede a forma infinitiva, constataram-se algumas divergências no que tange ao seu significado. De um lado, há aqueles estudiosos que admitem algum valor semântico para essa preposição, e de outro lado, há aqueles que assumem ser o *de* uma preposição vazia de sentido.

Neste trabalho, assumimos a posição daqueles que analisam o *de* como uma preposição “vazia de sentido” dentre eles Rocha Lima (1976) e Barreto (1914). Segundo este (p. 213), “nos séculos XVI e XVII tão amiúde se usava essa partícula, que podemos quase que tomá-la como um mero sinal de infinitivo”.

Nas diversas sincronias, de acordo com a análise seriada dos verbos cujos complementos admitem variação, foi possível constatar que, em termos estruturais, o complemento infinitivo variável existe em cada uma das fases da língua. No entanto, este não ocorre com o mesmo tipo de verbo. Postula-se, então, que a variação estrutural está condicionada à determinada classe de verbos que, do ponto de vista sintático, podem ser usados como transitivos e do ponto de vista semântico, pertencem à classe dos chamados verbos “sensitivos”, isto é, eles são **transitivos-modais**.

Dentre os fatores estruturais contemplados, observou-se que o fenômeno da adjacência/não-adjacência está imbricado na relação da complementação infinitiva nas cinco fases da língua portuguesa. Verificou-se que o complemento infinitivo, seja preposicionado, seja não-preposicionado ocorre predominantemente contíguo ao verbo regente. No entanto, quando o complemento infinitivo não está adjacente, nas fases mais remotas da língua, prevalecem as estruturas nas quais figuram os complementos preposicionados. Já as estruturas não-preposicionadas, por sua vez, ocorrem adjacentes aos verbos regentes. Significa dizer que [de+ infinitivo] correlaciona-se a não-adjacência, assim como [Ø+infinitivo] correlaciona-se a adjacência, confirmando a máxima de que “marcas levam a marcas” e “zeros levam a zeros”.

No que concerne à freqüência de ocorrência dos verbos regentes, que admitiram variação, mostrou-se que: a) a variante [de infinitivo] e o número de verbos regentes declina com o passar do tempo; b) a variante [Ø+infinitivo] aumenta; e c) a variação da complementação infinitiva como um todo decresce ao longo do tempo, mas não desaparece.

Observou-se, também, que a regência não é um fenômeno fixo na língua. Ela varia e muda com o passar do tempo. Cada sincronia apresenta uma regência diferente da outra. No período arcaico, o número de verbos que admite variabilidade do complemento infinitivo é maior do que o número de verbos de complemento infinitivo variável no período moderno. Mas, a modalidade oral contemporânea se aproxima das épocas mais remotas. O número de verbos da LOC e o número de verbos do PA são bastante próximos. A nosso ver, isso decorre do fato

de a língua escrita do PA apresentar muito mais características de oralidade do que a língua escrita atual. Naquela época, segundo os documentos existentes, escrevia-se como se falava, portanto, a escrita representava, grosso modo, a fala daquela sincronia.

Quanto à classe semântica, verificou-se que a maioria dos verbos que exhibe o complemento infinitivo variável pode ser incluída na classe dos “sensitivos”, que por sua vez, subdividem-se em “deliberativos”, “volitivos”, benefactivos, dentre outros.

No que concerne à classificação sintática, os verbos de complemento infinitivo variável podem ser classificados como “transitivos-modais” em virtude de poder serem usados como “transitivos” e pelo fato de expressarem o modo como o “sujeito, ou o falante encara o processo do infinitivo”, isto é, expressam um certo grau de “modalização”.

Diacronicamente foram identificadas “variáveis estáveis” (retenção) e fenômenos de mudança. As “variáveis estáveis” se manifestaram tanto no nível lexical, quanto no nível estrutural. Veja-se que o complemento infinitivo variável de alguns verbos como **cuidar**, **dever**, **prometer**, **temer**, permanece estável. Por outro lado, os fenômenos de mudança envolvem apenas itens lexicais, tanto nas perdas, quanto nas inovações. São exemplos de perdas os verbos: **começar** [de+infinitivo], **cumprir** [de+infinitivo], **desejar** [de+infinitivo], **determinar** [de+infinitivo] **ordenar** [de+infinitivo], **ousar** [de+infinitivo], **outorgar** [de+infinitivo], **trabalhar** [de+infinitivo], dentre outros (Cf. QUADRO 24), que não ocorrem no PMC com esse tipo de complemento, mas aparecem na língua contemporânea em outros ambientes. Já a estrutura [de+infinitivo], por sua vez, permanece na língua com outros itens verbais. Em outras palavras, há um rodízio de verbos e a manutenção da estrutura sintática. Observa-se assim que o complemento do verbo parece ser selecionado segundo a classe semântica.

Quanto às inovações, estas também se revelam no léxico. Os verbos **agüentar** [de+infinitivo], **evitar** [de+infinitivo], **inventar** [de+infinitivo], **impedir** [de+infinitivo], **importar** [de+infinitivo], **negar** [de+infinitivo], **proibir** [de+infinitivo], **propor** [de+infinitivo], **recusar** [de+infinitivo], **reprimir** [de+infinitivo], **topar** [de+infinitivo], etc. conservam a estrutura [de+infinitivo] do português arcaico e inovam lexicalmente, já que com estes verbos, o complemento em pauta não aparece no período pretérito da língua. Deve-se fazer notar que esta estrutura sintática que, à primeira vista, parece “sub-standard”, na fase

atual revelou-se, segundo os *corpora* consultados, como uma estrutura altamente recorrente na fase arcaica da língua.

Diante de todos os resultados apresentados, e com base na análise observada pode-se comprovar: 1) a existência de fenômenos sintáticos variáveis em todas as fases da língua portuguesa; 2) que a variabilidade é sistemática e ocorre tanto no presente quanto no passado; 3) que a língua dos períodos pretéritos é mais variável que a dos períodos mais recentes; 4) que a variação depende de alguns itens lexicais; 5) que a regência não é um fenômeno fixo na língua; 6) que a preposição *de* é altamente produtiva no sistema; 7) que nem sempre a variante mais recorrente permanece; 8) que a variação se processa gradualmente; 9) que a mudança se dá em ritmos diferentes; e 10) que o complemento é selecionado segundo a classe verbal.

Como se viu, o período arcaico é extremamente relevante em relação aos outros períodos da língua portuguesa. De todas as sincronias pesquisadas, o PA é o estágio da língua onde foram observados os fenômenos mais interessantes em relação ao infinitivo variável. Nesta fase, o infinitivo variável pode ser analisado também como sujeito.

De tudo que foi dito não há como deixar de reconhecer a importância das análises que privilegiam os períodos pretéritos da língua, sobretudo aqueles mais remotos no tempo, pois é aí que se observam muitos fatos que justificam fenômenos lingüísticos que são à primeira vista, estigmatizados na língua hodierna, especialmente na modalidade oral.

Os resultados deste trabalho, no que tange à variação do complemento infinitivo em português podem ser aprofundados através de um exame dessa complementação em outros ambientes sintáticos e de um estudo comparativo com outras línguas para que se chegue a uma compreensão mais ampla do fenômeno, objetivos que transcendem o escopo desta tese.

Esperamos ter contribuído para os estudos da Sintaxe Histórica Portuguesa, através da análise do complemento infinitivo variável, especialmente por termos evidenciado a permanência - na língua moderna - de estruturas sintáticas existentes em todas as sincronias, bem como perdas e inovações de itens lexicais ocorrentes nessas estruturas.

Apresentamos uma análise que teve como objetivo sistematizar a variação do complemento

[de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] dos verbos **transitivos-modais** em cinco períodos da língua portuguesa. Tal sistematização foi possível por termos trabalhado com dados históricos empíricos que formaram, na medida das limitações inerentes a toda pesquisa histórica, um *corpus* coerente, condição *sine qua non* para toda a discussão apresentada ao longo do trabalho.

“A palavra é, numa só unidade, três coisas diferentes – o sentido que tem, os sentidos que evoca, e o ritmo que envolve esse sentido e estes sentidos”

(Fernando Pessoa)

REFERÊNCIAS

ABNEY, Steven Paul. *The English noun phrase in its sentential aspect*. 1987. Tese (doutorado). MIT, Cambridge, Mass, 1987.

ABREU ROCHA, Antônio de. *Nova Análise Sintática*. Belo Horizonte: Vigília, 1962.

AFONSO X, O SÁBIO. *Cantigas de Santa Maria* editadas por Walter Mettmann. Lisboa: Acta Universitatis Conimbrigensis, 1972, 4 v.

ALKMIM, M.G.R. de. Negativa pré- e pós- verbal implementação e transição. In: COHEN, Maria Antonieta M. & RAMOS, J (Orgs.). *Dialeto mineiro e outras falas. Estudos de variação e mudança lingüística*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 2002. p. 169-182.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. 18ª ed. São Paulo: Saraiva, 1965.

ALMEIDA, Teodoro de. De O Feliz Independente do Mundo e da Fortuna, ou a Arte de viver contente em quaisquer trabalhos da vida. In: FERREIRA, João Palma. (Ed.). *Novelistas e Contistas Portugueses dos Séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1981. p. 457-461.

ASSIS, Machado. *Obras Completas*. Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1994. v. I.

ATKINS, S. et al. Corpus design criteria. In: *Literary and Linguistic Computing*, 7: 1-16, 1992.

BARBOSA, Rui. *A Situação Liberal*. (Sessão de 17 de março de 1879). Disponível em <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>. Acesso em 23 de janeiro de 2004.

BARRETO, Mário. *Novíssimos Estudos da Língua Portuguesa*. Coleção de Artigos. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1914.

_____. *Através do Dicionário e da Gramática*. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma, 1927.

_____. *De Gramática e de Linguagem*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1955.

BARRETO, Therezinha. Pero e porém: uma trajetória de gramaticalização. In: *Estudos Lingüísticos e Literários*. Salvador: Universidade Federal da Bahia no. 23-24, p. 169-187, 1999.

BASTOS, Maria Neusa Oliveira B. Sintaxe do Português: de uma abordagem Histórica para uma Perspectiva Inovadora. In: VALENTE, André. (Org.). *Aulas de Português. Perspectivas Inovadoras*. Petrópolis: Vozes, 1999.

BECHARA, Evanildo. *As Fases Históricas da Língua Portuguesa*. (Tentativa de proposta de nova periodização). 1985. Tese (Concurso para Professor Titular de Língua Portuguesa da Universidade Federal Fluminense), Niterói, 1985.

_____. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37^a ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BERBER SARDINHA, A P. Padrões Lexicais e colocações do português. In: SIMPÓSIO PROCESSAMENTO COMPUTACIONAL DO PORTUGUÊS. 9^o. InPLA, PUC-SP, Maio, 1999. Disponível em www.corpus.f2.com/tony.pdf. Acesso em 24 de outubro de 2005.

_____. Lingüística de Corpus: Histórico e Problemática. *D.E.L.T.A*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 323-367, 2000.

BERBER SARDINHA, A P. O Corpus de Aprendiz BR-ICLE. In: *Intercâmbio X*, São Paulo: EDUC. 2001. Disponível em www.corpus.f2.com/tony.pdf. Acesso em 13 de junho de 2002.

BERG, M. Barreto. *A Natureza Categorial da Preposição*. 1996. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1996.

BERNARDES, Manuel. De Nova Floresta. In: FERREIRA, João Palma.(Ed.).*Novelistas e Contistas Portugueses dos Séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1981. p. 259-260.

_____. O Pai Ditoso. In: FERREIRA, João Palma.(Ed.).*Novelistas e Contistas Portugueses dos Séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1981. p. 261-275.

BIBER *et al.* *Corpus linguistics – Investigating language structure and use*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

BIBER, D. Representativeness in corpus design. In: *Literary and Linguistic Computing*, 8:243-257, 1993.

BITTENCOURT, Vanda de Oliveira. *Da Expressão da Causatividade no Português do Brasil: Uma Viagem no Túnel do Tempo*. 1995. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: PUC-SP, 1995.

BORBA, Francisco da Silva *et al.* *Dicionário Gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1990.

BORER, H. *The Syntax of Pronominal Clitics*. Orlando: Academic Press, 1985.

BYNON, Theodora. *Historical Linguistics*. London: Cambridge University Press, 1983.

BRANCO, Camilo Castelo. *Amor de Salvação*. Disponível em <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>. Acesso em 23 de janeiro de 2004.

BRÉAL, Michel. *Ensaio de Semântica. Ciência das Significações*. Trad. Aída Ferras, Eduardo Guimarães, Eleni Martins, Pedro de Souza. São Paulo: Editora da Pontifícia Universidade Católica - PUC-SP, 1992. Original francês.

BRANDÃO, Cláudio. *Sintaxe Clássica Portuguesa*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1963.

BRANDÃO, Raul. *Os Pobres*. Disponível em www.ipn.pt/literatura. Acesso em 27/01/2005.

BRUNO, Aníbal. *Nova Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Forense, 1971.

BUENO, Silveira. *Antologia Arcaica*, “Trechos em Prosa e Verso”, coligidos em obras do Século XII ao Século XVI. São Paulo: Livraria Acadêmica, 1941.

CÂMARA JÚNIOR, Mattoso. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

_____. *Manual de Expressão Oral & Escrita*. 18ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

_____. *Problemas de Lingüística Descritiva*. Rio de Janeiro: Vozes, 1969.

CAMÕES, Lvis de. *Os Lvsiadas*. (Reprodução em *fac-símile* paralelo das duas edições de 1572). Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1982.

CÂNDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira*. (Momentos Decisivos). 4ª ed.1ª. Volume (1750-1836). São Paulo: Livraria Martins Editora S. A., 1971.

CARDOSO, Zélia. *Iniciação ao Latim*. 5ª. ed. São Paulo: Ática, 2004.

CARNEIRO, Noêmia. *Lições de Português*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1957.

CARNEIRO RIBEIRO, Ernesto. *Serões Grammaticaes ou Nova grammatica Portugueza*. 5ª ed. Salvador: Livraria Progresso Editora Aguiar & Souza LTDA, 1950.

CARREIRO, Carlos Porto. *Grammatica da Lingua Nacional*. Rio de Janeiro: Editor Jacinto Ribeiro dos Santos, 1918.

CASTILHO, Antonio Feliciano de. *Camões: estudo histórico-poético*. 3ª ed. Lisboa: Sociedade Editora, 1906.

CASTELO BRANCO, Camilo (Visconde de Correia Botelho). *Amor de Salvação*. São Paulo: FTD, 1993.

CASTRO, João Baptista de. De Hora de recreio. In: FERREIRA, João Palma. (Ed.). *Novelistas e Contistas Portugueses dos Séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1981. p. 417-435.

CASTRO, Ivo. (Ed.) *Sete ensaios sobre a obra de J.M.Piel*. Lisboa: Publicações do Instituto de Lingüística da Faculdade de Letras de Lisboa, 1988.

CASTRO, Ivo *et al.* *Curso de história da língua portuguesa*. v. 1. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.

CASTRO, Ivo. Para uma história do português clássico. In: ACTAS DO CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE O PORTUGUÊS. Lisboa: Colibri, p. 135-150, 1996. V. II.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.

CIDADE, Hernani. *Lições de Cultura Luso-Brasileira. Épocas e Estilos na Literatura e nas Artes Plásticas*. Porto/Rio de Janeiro: Tipografia Nunes/Livros de Portugal, 1960.

CINTRA, L. F. L. *A linguagem dos Foros de Castelo Rodrigo*. Seu confronto com a dos foros de Alfaiates, Castelo Bom, Castelo Melhor, Coria, Cáceres e Usagre. Contribuição para o estudo do leonês e do galego-português do séc. XIII. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1959.

CHAMBERS, J.K. *Sociolinguistic Theory*. Oxford: Blackwell, 1995.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática Histórica*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S.A, 1976.

COHEN, Maria Antonieta. *Syntactic Change in Portuguese: Relative Clauses and the position of the adjective in the noun phrase*. 1986/1989. Tese (Doutorado em Lingüística). São Paulo: Universidade de Campinas, 1986/1989.

_____. Análise 'a posteriori' de mudanças sintáticas. In: *Anais do IX encontro nacional da ANPOLL*, Ed. II, Lingüística, p. 1468-1485, 1994.

_____. A língua do Século XVII e a língua contemporânea. In: *Anais do XI ENCONTRO INTERNACIONAL DA ALFA*, Las Palmas: Gran Canária, 1996.

COHEN, Maria Antonieta. et alii. BTLH – Projeto Banco de Textos para Pesquisa em Lingüística Histórica - Dados de Barra Longa – MG.. *Filologia e Lingüística Portuguesa*, n 2, p. 119-142, 1998.

COHEN, Maria Antonieta. Português escrito europeu do século XV e português escrito no Brasil – MG – no século XIX. III SEMINÁRIO DO PHPB – UNICAMP. Campinas, 1999. (Mimeo).

COHEN, Maria Antonieta & RAMOS, Jânia. *Dialeto Mineiro e outras falas. E estudos de variação e mudança lingüística*. (Orgs.). Belo Horizonte: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2002.

COHEN, Maria Antonieta. Línguas românicas em extinção: o francoprovençal. In: RAVETTI, Graciela e ARBEX, Márcia (Orgs.). *Performance, exílio, fronteiras*. Belo Horizonte:

Departamento de Letras Românicas, Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, Faculdade de Letras/UFMG, 2002. p. 265-280.

CONSCIÊNCIA, Manuel. Engraçado modo com que sarou de uma perigosa enfermidade o Imperador Paleólogo. In: FERREIRA, João Palma. (Ed.). *Novelistas e Contistas Portugueses dos Séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1981. p. 327-329.

_____. Refere-se a notável história da donzela Joana Aurelianense, que livrou a Cidade de Orleans cercada pelos Ingleses. In: FERREIRA, João Palma. (Ed.). *Novelistas e Contistas Portugueses dos Séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1981. p. 331-337.

_____. Referem-se dois memoráveis e lastimosos naufrágios de Afonso Zuazo, Espanhol e Manuel de Sousa Sepúlveda, Português. In: FERREIRA, João Palma. (Ed.). *Novelistas e Contistas Portugueses dos Séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1981. p. 339-351.

COSTA, Afonso. *Gallicismos e não gallicismos*. São Paulo: Livraria Francisco Alves & CIA, 1928.

COSTA, Cláudio Manoel da. *Sonetos*. Disponível em <http://www.cce.ufsc.br/>. Acesso em 01/02/2004.

CUNHA, Celso. *Gramática da Língua Portuguesa*. 9ª ed. Rio de Janeiro: FAE/ Ministério da Educação e Cultura, 1983.

CUNHA, Celso & CINTRA, Luís F.L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições Sá da Costa, 1984.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. "Leite com manga, morre!": *Da Hipotaxe Adverbial no Português em Uso*. 1993. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1993.

DIAS, Augusto Epiphânio da Silva. *Syntaxe Histórica Portuguesa*. 5ª ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1970.

DORIAN, Nancy. Varieties of variation in a very small place: Social Homogeneity, prestige norms, and linguistic variation. *Language*, 70, 631-696, 1994.

D. DUARTE. *Livro da Enseñança de Bem Cavalgar toda Sela*. Ed. crítica, acompanhada de notas e dum glossário por PIEL, Joseph M. Lisboa: Livraria Bertrand, 1944.

EÇA, Matias Aires Ramos da Silva. *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens (ou Discursos morais sobre os efeitos da vaidade*. - oferecidos a El-Rei Nosso Senhor D. José I). São Paulo: Livraria Martins Editora S. A., 1952.

EÇA de Queiroz. *O Crime do Padre Amaro*. Disponível em <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>. Acesso em 23 de janeiro de 2004.

- ELIA, Silvio. *Preparação à Lingüística Românica*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S/A, 1979.
- EMONDS, Joseph E. *A unified theory of syntactic categories*. Dordrecht: Foris, 1985.
- FÁVERO, Leonor Lopes. *As concepções lingüísticas no século XVIII. A Gramática portuguesa*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.
- FIGUEIREDO, Cândido de. *Lições Práticas da Língua Portuguesa*. 4ª ed. Ed. I. Lisboa: Livraria Ferreira, 1904.
- _____. *Lições Práticas da Língua Portuguesa*. 6ª ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1923.
- _____. *Lições Práticas da Língua Portuguesa*. Ed. II. 9ª Ed.. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1955.
- FERNANDES, Francisco. *Dicionário de Verbos e Regimes*. 6ª ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1958.
- FISCHER, John. L. Social influences on the choice a linguistic variant. *Word* 14: 47-56.
- FILMORE, C. Corpus linguistics or computer corpus linguistics. In: J. SWARTVIK (Org.). *Directions in Corpus Linguistics. Proceedings of Nobel Symposium 82, Stockholm, 4-8 August 1991*. Berlin, New York: De Gruyter, 1992.
- FONSECA, Fernando V. Peixoto da. *Noções de História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1959.
- FRANÇA, Júnia Lessa et al. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 7ª ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.
- GALVÃO, José Raimundo. *Verbos que Expressam 'Movimento' nos Roteiros de Navegação*. 2002. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.
- GAMA, Basílio da. *Uruguai*. Disponível em <http://www.cce.ufsc.br/>. Acesso em 01/02/2004.
- GARRETT, Almeida. *O Arco de Santana*. Disponível em <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>. Acesso em 23 de janeiro de 2004.
- GIORGI, Alessandra. *The syntax noun phrases: configuration, parameters and empty categories*. New York: Cambridge, 1991.
- GÓIS, Carlos. *Dicionário de Galicismos*. 3ª ed. São Paulo: Paulo de Azevedo & Companhia, 1940.
- _____. *Sintaxe de Construção*. 4ª ed. Ed. de propriedade do autor, 1945.

_____. *Sintaxe de Regência*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1959.

GOMES, Christina Abreu. *Aquisição e Perda de Preposição no Português do Brasil*. 1996. Tese (Doutorado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

_____. Aquisição lingüística em contexto de input variável: a emergência das variantes de dativo. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte: V.12, n. 1, p. 175-190, jan./jun. 2004.

GONZAGA, Tomás Antônio. *Marília de Dirceu*. Disponível em <http://www.cce.ufsc.br/>. Acesso em 01/02/2004.

GOULD, Stephen Jay. Review of *Science and Gender* by Ruth Bleier. *New York Times Book Review*, 12 th August, 7, 1984.

GUILHERME, Manuel. Do Conselho Fiel com Máximas Espirituais. In: FERREIRA, João Palma. (Ed.). *Novelistas e Contistas Portugueses dos Séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1981. p. 297-302.

HAGÈGE, Claude. *La Estructura de las Lenguas*. Versión Española de Celestino Valladares. Madrid: Biblioteca Románica Hispánica - Editorial Gredos, 1987. Original francês.

HAUY, Amini Boïnain. *História da Língua Portuguesa. I. Séculos XII, XIII e XIV*. São Paulo: Ática, 1989.

HERCULANO, Alexandre. *O Monasticon, tomo II. O Monge de Cister ou a época de D. João I, tomo I*. Portugal: Livraria Bertrand, 1977.

HOCK, Hans Henrich. *Principles of historical linguistics*. Amsterdam: Mouton de Gruyter, 1986.

HUBER, Joseph. *Gramática do Português Antigo*. Tradução de Maria Manuela Gouveia Delille. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1933. Original alemão.

HUNSTON, Susan. Corpora in Applied Linguistics. In: LONG and RICHARDS (Eds.). *THE CAMBRIDGE APPLIED LINGUISTICS SERIES*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 38-95.

INFANTE, Ulisses. *Curso de Gramática Aplicada aos Textos*. 3ª ed. São Paulo: Editora Scipione, 1995.

JAKOBSON, R. *Ensaio de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1969.

JUCÁ FILHO, Cândido. *O Fator Psicológico na Evolução Sintática*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas - Instituto de Documentação, 1971.

KATO, Mary. A teoria da adjacência do caso e a posição entre o sujeito e o elemento portador de flexão em português. *Estudos Lingüísticos XV* (Anais do Seminário do GEL): p. 213-221, 1987b.

KENNEDY, G. *An Introduction to Corpus Linguistics*. New York: Longman, 1998.

KROCH, A. Reflections of grammar in patterns of language change. In: *Language Variation and Change I*: 199-244, 1989.

KURY, Adriano da Gama. *Novas Lições de Análise Sintática*. São Paulo: Ática, 1985.

KURYLOWICZ, M. La Nature des Porcès dits "Analogiques". *Acta Lingüística*, V, p. 15-37, 1949.

LABOV, W.; YAEGER, M.; STEINER, R. *A quantitative study of sound change in progress*. Philadelphia: US Regional Survey, 1972.

LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972a.

_____. On the Use of the Presente to explain the Past. In: HAIMAN, L. (Org.). *The Eleventh International Congress of Linguistics*. Florence, 2: 825-851, 1972c.

_____. *Sociolinguistic patterns*. 3 ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1975a.

_____. *Language in the inner city*. 3 ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1975b.

_____. Where does the linguistic variable? A response to Beatriz Lavandera. In: *Working Papers in Sociolinguistics*, 44, Austin: Southwest Educational Development Laboratory, 1978.

_____. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, W. & MALKIEL, Y., (eds.). *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam, John Benjamins, 1982.

_____. *Principles of Linguistic Change. Internal Factors*. Oxford: Blackwell, 1994.

_____. *Principles of Linguistic Change. Social Factors*. Oxford: Blackwell, 2001.

LADEIRA, José Dionísio. *Problemas de termos regidos pela preposição de*. 1977. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1977.

LAVANDERA, Beatriz. *Variación y Significado*. Hachette: Buenos Aires, 1984.

LEITE, S. Serafim. *Cartas dos Primeiros Jesuítas no Brasil I* São Paulo, 1954. In: COHEN *et al.* Projeto Banco de Textos para Pesquisa em Lingüística Histórica (BTLH). Belo Horizonte: FALÉ/UFMG, 1996.

LEAL, Maria Auxiliadora. *Complementos preposicionados no sintagma verbal do português: uma abordagem sincrônica e diacrônica*. 1992. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1992.

_____. O Ensino do Português na Escola Atual: Análise de Alguns Fenômenos de Mudança. In: DELL'ISOLA, R. L. P. & MENDES, E. A. (Orgs.). *Reflexões Sobre a Língua Portuguesa. Ensino e Pesquisa*. Campinas, SP: Pontes, 1997. Cap. 2, p. 15-23.

_____. Filologia Bandeirante em Minas Gerais: a região de Sumidouro. In: *Livro de Resumos do II Congresso Internacional da Abralín*. Fortaleza, 2001, p. 227-228.

_____. Sobre a história dos infinitivos introduzidos por *de* no português mineiro. In: COHEN, Maria Antonieta M. & RAMOS, J (Orgs.). *Dialeto mineiro e outras falas. Estudos de variação e mudança lingüística*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 2002. Cap. 1, p. 11-30.

_____. Uma abordagem descritiva sincrônica/diacrônica das preposições através de ferramentas computacionais. In: II SIMPÓSIO SOBRE ANÁLISE DO DISCURSO: DISCURSO AÇÃO E SOCIEDADE, 2002, Belo Horizonte. Livro de Resumo. BH: [s/n], 2002.p.115.

_____. Descrição de itens preposicionais à luz de ferramentas computacionais: a região de Sumidouro. In: 52º. SEMINÁRIO DO GEL, 2004, Livro de Resumo. Campinas: [S/N], 2004, p. 363-364.

_____. Análise descritiva das preposições portuguesas em dois recortes sincrônicos segundo metodologia da Lingüística de Corpus: a região de Sumidouro e a região do Serro. V SEMANA DE EVENTOS DA FACULDADE DE LETRAS DA UFMG, Belo Horizonte 2004.

LEECH, G. Corpora and Theories of linguistic performance. In: J. SVARTVIK (Org.). *Directions in Corpus Linguistics*. Proceedings of Nobel Symposium 82, Stockholm, 4-8 August 1991. Berlin, New York: De Gruyter, 1992.

_____. Introducing corpus annotation. In: R. GARSIDE et al. (Org.). *Corpus annotation – Linguistic Information from Computer Text Corpora*. London and New York: Longman, 1997.

_____. Review of Biber, Conrad, and Reppen (1997) *Corpus Linguistics – Investigating Language Structure and Use*. *International Journal of Corpus Linguistics*, 4.1: 185-188, 1999.

LEHMANN, W. *A reader in nineteenth-century historical indo-european linguistics*. Bloomington: Indiana University Press, 1963.

LEITÃO, R. A. *Cartas de D. Pedro V aos seus contemporâneos*. Lisboa: Livraria Portugal, 1961. p. 103-127

LEMOES FRANÇA, Susani Silveira. O Problema da originalidade e da autoria nas crônicas medievais. In: LEÃO, Ângela e BITTENCOURT, Vanda O. *Anais IV Encontro Internacional de Estudos Medievais*, Belo Horizonte: PUC/MG, 2003, p. 381-388.

LEVIN, Beth. *English Verb Classes and Alternations*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1993.

LIMA BARRETO. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. Disponível em www.ipn.pt/literatura. Acesso em 27/01/2005.

_____. *Clara dos Anjos*. Disponível em www.ipn.pt/literatura. Acesso em 27/01/2005.

LIRA, Solange de A. *Nominal, pronominal and zero subject in Brazilian Portuguese*. 1982. Tese (Dissertação de doutoramento) – University of Pennsylvania, Philadelphia, 1982.

LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOPES, Fernão. *Leal conselheiro*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1942.

_____. *Crônica de D. João I*. Porto: Livraria Civilização, 1945, v. I.

_____. *Crônica de D. João I*. Porto: Livraria Civilização, 1949, v. II.

_____. *Crônica de D. Pedro I*. Porto: Livraria Civilização – Editora, 1965.

_____. *Crônica de D. Fernando*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1975.

_____. *Livro dos Conselhos de el-rei D. Duarte (Livro da Cartuxa)*. Lisboa: Editorial Estampa LTDA, 1982.

LOPEZ, Maria Luiza. *Problemas y métodos en el análisis de las preposiciones*. Madrid: Gredos, 1970.

LLORACH, Emilio Alarcos. *Estudios de Gramática Funcional del Español*. Madrid: Gredos. S.A., 1970.

LUCCHESI, D. & BAXTER, A. A relevância dos processos de pidginização e criouliização na formação da língua portuguesa no Brasil, In: *Revista Estudos Lingüísticos e Literários*, 19: 65-84, 1997.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna Gramática Brasileira*. 6^a ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1985.

MACHADO, José León. *A Margem*. Disponível em www.ipn.pt/literatura. Acesso em 27/01/2005.

MACIEL, Maximino. *Grammatica Descriptiva*. 12^a ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1931.

MAGNE, Augusto. *A Demanda do Santo Graal*. Rio de Janeiro: INL - Imprensa Nacional, 1944, v. I.

MAGNE, Augusto. *A Demanda do Santo Graal*. Rio de Janeiro: INL - Imprensa Nacional, 1944, v. II.

MAGNE, Augusto. *A Demanda do Santo Graal*. Rio de Janeiro: INL - Imprensa Nacional, 1944, v. III.

MAGNE, A. *Boosco Deleitoso*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1950, v.I.

MADUREIRA, Evelyne Dogliani. *Difusão Lexical e Mudanças Sintático-Semânticas: os verbos psicológicos*. 2000. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

MALER, Bertil. *Orto do Esposo*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura-Instituto Nacional do Livro, 1956, v. I.

MAŃCZAK, Witold. Tendances Generales des changements analogiques. *Lingua* 7, p. 298-325, 1958.

_____. Tendances Générales du développement morphologique. In: *Lingua* 12 p. 19-38, 1963.

MÃO FURADA, Obras do Diabinho da. De Obras do diabinho da mão furada. In: FERREIRA, João Palma. (Ed.). *Novelistas e Contistas Portugueses dos Séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1981. p. 403-414.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a Escrita*. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

MARIA DO CÉU, Soror. "Das Aves Ilustradas. Excertos. A andorinha à vigária da casa" In: FERREIRA, João Palma.(Ed.). *Novelistas e Contistas Portugueses dos Séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1981. p. 365-397.

FERREIRA, João Palma. (Ed.). *Novelistas e Contistas Portugueses dos Séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1981. p. 365-397.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *História da Língua Portuguesa. V. Século XIX*. São Paulo: Ática, 1988.

MARTINET, André. *Function et dynamique des langues*. Paris: Armand Colin, 1989.

MASSINI-CAGLIARI, G. *A música da fala dos trovadores - Estudos de Prosódia do Português Arcaico, a partir das cantigas profanas e religiosas*. 2005. Tese (Livre Docente). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Araraquara, 2005.

- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Estruturas Trecentistas*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1989.
- _____. *O Português Arcaico. Morfologia e Sintaxe*. São Paulo: Contexto, 1993.
- _____. (Org.). *A Carta de Caminha. Testemunho Lingüístico de 1500*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 1996.
- _____. Caminhos de mudanças sintático-semânticas no português arcaico. *Revista de estudos da Linguagem*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, v. 1, p. 79-84, 1992.
- _____. *Ensaio para uma Sócio-História do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia e MACHADO FILHO, Américo V. L. (Orgs.). *O Português Quinhentista. Estudos Lingüísticos*. Salvador: EDUFBA/UEFS, 2002.
- MATTOSO, José. *Narrativas dos Livros de Linhagens*. Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1983.
- MAURER JR., T.H. *O infinitivo Flexionado Português*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1968.
- MEGALE, Heitor et al. *A Carta de Pero Vaz de Caminha*. Reprodução fac-similada com leitura justalinear. São Paulo: Humanitas, 1999.
- MEILLET, Antoine. *Linguistique Historique et linguistique générale*. Champion: Paris, 1906.
- METTMANN, Walter (Ed.) *Cantigas de Santa Maria*. (Glossário). Acta Universitatis conimbrigensis, 1972, v. IV.
- MILROY, James. *Linguistic Variation and Change. On the Historical Sociolinguistics of English*, GB: Blackwell, 1992.
- MILROY, James. On the social origins of language change. In: JONES, C. *Historical Linguistics, Problems and Perspectives*, UK: Longman Group, 1993.
- MENDES, Izabella dos Santos Martins. *Um Caso de Polícia. A representação dos discursos no noticiário policial de dois jornais impressos brasileiros, abordados à luz da Lingüística de Corpus e da Análise Crítica do Discurso*. 2003. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.
- MENDES, Soélis Teixeira do Prado. Qualificativo “Dona” e nomes próprios: análise diacrônica de dados do português mineiro de Barra Longa - MG. In: COHEN, Maria Antonieta M. & RAMOS, J (Orgs.). *Dialeto mineiro e outras falas. Estudos de variação e mudança lingüística*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 2002. p. 141-153.

MOLLICA, Maria. Cecília. A regência variável do verbo 'ir de movimento'. In: NARO, Anthony. *Relatório Final de Pesquisa: Subsídios Sociolingüísticos do Projeto Censo à Educação*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1986 b, p. 256-274.

_____. Queísmo e Dequeísmo no português do Brasil. 1989. Tese (doutorado em Lingüística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

MORAIS, Pedro J. De Coleção Política de Apotegmas ou ditos agudos e sentenciosos. In: FERREIRA, João Palma. (Ed.). *Novelistas e Contistas Portugueses dos Séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1981. p. 281-293.

_____. A importância de fatores de processamento na variação em português. In: TARALLO, F. (org.). *Fotografias Sociolingüísticas*. São Paulo: Pontes, 1989.

_____. *Queísmo e Dequeísmo no Português do Brasil*. 1989. Tese (Doutorado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

_____. Processing and morpho-semantic effects of complementation in Brazilian Portuguese. *Language Variation and Change*. Cambridge University Press. p. 65-74, 1991.

MONTEIRO, Clóvis. *Português da Europa e Português da América*. 3^a ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

NASCENTES, Antenor. *O Problema da Regência*. 3^a ed. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos S.A., 1967.

NEVES, Maria Helena Moura. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: UNESP, 2000.

NOGUEIRA, Júlio. *Dicionário e Gramática de "Os Lusíadas"*. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos S.A., 1960.

NOGUEIRA, Rodrigo. *Subsídios para o estudo das conseqüências da analogia em português*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1937.

NICOLAU, Eunice. Resultados de análise quantitativas da representação do sujeito no PB: indícios de uma nova gramática?. *Revista Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, n. 5, p. 23-64, 1997.

NUNES, José Joaquim. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa. Fonética e Morfologia*. 8^a ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1975.

_____. *Crestomatia Arcaica. Excertos da Literatura Portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1953.

OITICICA, José. José de Alencar e a Língua Portuguesa. *Revista Filológica*. Rio de Janeiro, v. VIII, n. 29, p. 25-41, nov., 1944.

- OLIVEIRA, Marco Antônio. Sobre os Reflexos Sociais da Mudança em Progresso. In: *Ensaaios de Lingüística*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Ed. 4, n. 7, p. 71-89, 1982.
- _____. Variável Lingüística: conceituação, problemas de descrição gramatical e implicações para a construção de uma teoria gramatical. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 19-34, 1987.
- PAIVA, Dulce de Faria. *História da Língua Portuguesa. II. Século XV e meados do século XVI*. São Paulo: Ática, 1988.
- PEREIRA, Alcides Cabral. *Ter de/ter que e infinitivo para expressar necessidade/obrigação: um caso de variação no Português do Brasil*. 2001. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.
- PEREIRA, Eduardo Carlos. *Grammatica histórica*. 4ª ed. São Paulo: Monteiro Lobato & CIA. Editores, 1923.
- PEREIRA, Nuno Marques. Do Compêndio Narrativo do Peregrino da América. In: FERREIRA, João Palma. (Ed.) *Novelistas e Contistas Portugueses dos Séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1981. p. 305-315.
- PEREIRA, Teresa. Aspectos gráficos de um manuscrito quinhentista. In: *Estudos Lingüísticos e Literários*. Salvador: Universidade Federal da Bahia no. 23-24, p. 155-167, 1999.
- PERINI, Mário Alberto. *Gramática Descritiva do Português*. São Paulo: Ática, 1995.
- PIDAL, Ramón Menéndez. *Textos Medievales españoles; ediciones críticas y estudios*. Madrid: Espasa-Calape S.A., 1976, p. 223-244.
- PINA, Ruy. *Crônica d'el rei D. Duarte*. Lisboa: ESCRITORIO, 1901.
- _____. *Crônica de D. Dinis*. Porto: Livraria Civilização – Editora, 1945.
- PINTO, Edith Pimentel. *História da Língua Portuguesa. VI. Século XX*. São Paulo: Ática, 1988.
- PINTO, Fernão Mendes. *Peregrinação I*. Lisboa: Edições Afrodite, 1971. Versão para o português de Maria Alberta Menéres.
- PINTO, Rolando Morel. *História da Língua Portuguesa. IV. Século XVIII*. São Paulo: Ática, 1988.
- PIRES RABELO, G. "Dos infortúnios trágicos da constante Florinda" e "Das novelas exemplares". In: FERREIRA, J. P. (Ed.) *Novelistas e contistas portugueses dos séculos XVII e XVIII*. 1981. p. 113-118, p. 119-143.

POGGIO, Rosaura. A mudança do caso morfológico latino para o caso sintático no português. In: *Estudos Lingüísticos e Literários*. Salvador: Universidade Federal da Bahia no. 23-24, p. 103-126, 1999.

PONTES, Eunice. *Verbos auxiliares em Português*. Petrópolis: Vozes, 1973.

RAMOS, Jânia. O emprego de preposições no português do Brasil. In: TARALLO *et al.* (Orgs.). *Fotografias Sociolingüísticas*. Campinas: Pontes, 1989.

_____. *Marcação de Caso e Mudança Sintática no Português do Brasil: uma abordagem gerativa e variacionista*. 1992. Tese (Doutorado em Lingüística) – UNICAMP, Campinas, 1992.

ROCHA, Luiz Carlos. *Como elaborar trabalhos acadêmicos*. Belo Horizonte: Ed. do autor, 1999.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 18^a ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1976.

ROMAINE, Suzanne. Proceedings of 21th Annual Meeting of the Berkeley Linguistic Society, In: AHLERS, J. et al. Berkeley: *Berkeley Linguistic Society*, 1995, p. 478-489.

ROSA, Guimarães. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 3^a ed. Rio de Janeiro: INL/MEC, Presença, 1976.

WEINREICH, U.; LABOV, W & HERZOG, M. Empirical Foundations for a Theory of Language Change In: Lehmann, W. P. & Malkiel, J. (Orgs.). *Directions for historical linguistics*, Austin, University of Texas Press, 1968.

WILLIAMS, Kemp & DUBINSKY, Stanley. Recategorization of prepositions as complementizers: the case of temporal prepositions in English. *Linguistic inquiry*, MIT, Ed. 26 (1): 125-137, Winter 1995.

SAID ALI, Manuel. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 2^a ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1931.

_____. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 3^a ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1964.

_____. *Dificuldades da Língua Portuguesa*. 6^a ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1966.

SANKOFF, David & LABOV, William. On the uses of variable rules. *Language in Society*. n. 8, p. 189-222, 1979.

SANTA CATARINA, Frei Lucas. Do Serão Político. In: FERREIRA, João Palma. (Ed.). *Novelistas e Contistas Portugueses dos Séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1981. p. 251-255.

SANTA Rita Durão. *Caramuru*. Disponível em <http://virtualbooks.terra.com.br/>. Acesso em 11 de fevereiro de 2004.

SANTOS, Maria Beatriz Gontijo. *Aspectos da Alternância SV/VS no Português Coloquial*. 1990. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1990.

SARAIVA, Maria Elizabeth. Análise Funcional da Elipse de Preposições em Português, In: *Ensaio de Linguística*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. v. 6, n. 11, p. 82-97, 1984.

SCHERRE, M.M.P. Análise da estratificação social: concordância de número entre os elementos de sintagma nominal. In: NARO, A. J. et al. *Relatório final de pesquisa: Projeto Subsídios Sociolinguísticos do Projeto Censo à Educação*. Rio de Janeiro. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 1986, v.2 p. 144-237. (Mimeo).

_____. Sobre a influência de três variáveis relacionadas na concordância nominal em português. In: SILVA, Giselle M. e & SHERRE, M. M. P. (Orgs.) *Padrões sociolinguísticos – análises de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1996. p. 85-117.

_____. Levantamento, codificação, digitação e quantificação dos dados. In: MOLLICA, M. C. *Introdução à Sociolinguística Variacionista. Cadernos didáticos*. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1992.

SCOTT, Mike. Comparing corpora and identifying Key Words, collocations, frequency distributions through the WordSmith Tools suite of computer programs. In: GRADESSY, M et al. (Ed.) *Small corpus studies and ELT*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo. *Cronistas do Século XV posteriores a Fernão Lopes*. Lisboa: Biblioteca Breve, v. 3, 1989.

SETÚBAL, Os três corcovados de. História jocosa dos três corcovados de Setúbal, Lucrecio, Flávio e Juliano. In: FERREIRA, João Palma. (Ed.). *Novelistas e Contistas Portugueses dos Séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1981. p. 465-476.

SILVA E ORTA, Teresa M. da. De aventura de Diófanes, imitando o sapientíssimo Fénelon na sua viagem de Telêmaco In: FERREIRA, João Palma. (Ed.). *Novelistas e Contistas Portugueses dos Séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1981. p. 443-451.

SILVA, Antônio José. *Guerra do Alecrim e da Manjerona* de da Silva. Disponível em <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>. Acesso em 11 de fevereiro de 2004.

- SINCLAIR, John. *Corpus, Concordance, Collocation*. Oxford: Oxford University Press, 1991.
- _____. From theory to practice. In: G. LEECH *et al.* (Org.). *Spoken English on Computer – Transcription, mark-up and application*. London: Longman, 1995.
- _____. Preface. In: GRADESSY, M. *et al.* (Ed.) *Small corpus studies and ELT*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.
- SOUSA DA SILVEIRA. *Sintaxe da Preposição De*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1951.
- SPINA, Segismundo. *História da Língua Portuguesa. III. Segunda metade do século XVI e século XVII*. São Paulo: Ática, 1987.
- SRINGARI, P. José F. *Regimes de Verbos*. Rio de Janeiro: Escolas Profissionais Salesianas, 1936.
- STUBBS, Michael. *Text and corpus analysis*. Cambridge, Massachusetts: Blackwell Publishers, 1996.
- TARALLO, Fernando Luiz. *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*. Ph.D dissertation. Philadelphia, University of Pennsylvania, 1983.
- _____. *A Pesquisa Sociolingüística*. 2ª ed.. São Paulo: Ática, 1986.
- _____. Por uma Sociolingüística Românica “Paramétrica”: Fonologia e Sintaxe. In: NASCIMENTO, M. & OLIVEIRA, M. A. (Orgs.). *Ensaio de Lingüística. Caderno de Lingüística e Teoria da Literatura*. FALE/UFMG: Belo Horizonte: ano VII – no. 13. 51-83, 1987.
- _____. (Org.). *Fotografias Sociolingüísticas*. Campinas: Pontes, 1989.
- _____. *Tempos Lingüísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990.
- TARALLO, Fernando Luiz *et al.* Rupturas na ordem de adjacência canônica no português falado. In: CASTILHO, Ataliba T. de. *Gramática do Português Falado. Ed. I. A ordem*. Campinas: FAPESP, 1990, p. 31-62.
- THURSTON, William. *Processes of Change in the Languages of North-Western New Britain*. Pacific Linguistics Series B-No. 99. Canberra: Australian National University, 1987.
- TORRES, Artur de Almeida. *Compêndio de Língua Portuguesa. Antologia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1943.
- _____. *Regência Verbal. (Novos Verbos)*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1954.
- _____. *Regência Verbal*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1963.
- _____. *Moderna Gramática Expositiva da Língua Portuguesa*. 18ª ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1966.

TRAUGOTT, Elizabeth. Internal and external factors in syntactic change. In: GERRITSEN and STEIN, (Eds.). *Studies in Language* 18: 489-496, 1992.

TRUDGILL, Peter. Dialect Typology and Social Structure. *Language Contact. Theoretical and Empirical Studies*. Ed. By Ernst Hakon Jahr, 195-212. Berlin: Mouton de Gruyter, 1992.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. *Lições de Filologia Portuguesa. Seguidas das Lições Práticas de Português Arcaico*. Livraria Martins Fontes Editora LTDA, 1912.

VASCONCELOS, José. Leite de. *Textos Arcaicos*. 4ª ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1959.

VIANNA, Humberto Luiz Galupo. *A estrutura modal+infinitivo em português: gramaticalização e modalização*. 2000. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

VICENTE, Gil. *Auto da Alma*. Disponível em <http://virtualbooks.terra.com.br/> Acesso em 10 de fevereiro de 2004.

_____. *Auto da Barca do Inferno*. Disponível em <http://virtualbooks.terra.com.br/> Acesso em 10 de fevereiro de 2004.

_____. *Auto da Feira*. Disponível em <http://virtualbooks.terra.com.br/> .Acesso em 10 de fevereiro de 2004.

_____. *Auto da Índia*. Disponível em <http://virtualbooks.terra.com.br/> .Acesso em 10 de fevereiro de 2004.

_____. *Auto de Mofina Mendes*. Disponível em <http://virtualbooks.terra.com.br/> .Acesso em 10 de fevereiro de 2004.

_____. *A farsa do auto de Inês Pereira*. Disponível em <http://virtualbooks.terra.com.br/> .Acesso em 10 de fevereiro de 2004.

_____. *O Velho da Horta*. Disponível em <http://virtualbooks.terra.com.br/> .Acesso em 10 de fevereiro de 2004.

VIEIRA, Pe. Antônio. *Sermão dos Bons Anos*. Disponível em <http://virtualbooks.terra.com.br/> Acesso em 11 de fevereiro de 2004.

_____. *Sermão Histórico e Panegírico nos Anos da Rainha D. Maria Francisca de Sabóia*. Disponível em <http://virtualbooks.terra.com.br/> Acesso em 11 de fevereiro de 2004.

_____. *Sermão do Mandato*. Disponível em <http://virtualbooks.terra.com.br/> Acesso em 11 de fevereiro de 2004.

_____. *Sermão I Maria Rosa Mística*. Disponível em <http://virtualbooks.terra.com.br/> Acesso em 11 de fevereiro de 2004.

_____. *Sermão da Primeira Domingo do Advento* (1650). Disponível em <http://virtualbooks.terra.com.br/> Acesso em 12 de fevereiro de 2004.

_____. *Sermão da Primeira Domingo do Advento* (1655). Disponível em <http://virtualbooks.terra.com.br/> Acesso em 12 de fevereiro de 2004.

_____. *Sermão da Quinta Domingo da Quaresma*. Disponível em <http://virtualbooks.terra.com.br/> Acesso em 12 de fevereiro de 2004.

_____. *Sermão de São Pedro*. Disponível em <http://virtualbooks.terra.com.br/> Acesso em 13 de fevereiro de 2004.

_____. *Sermão de Santa Catarina Virgem e Mártir*. Disponível em <http://virtualbooks.terra.com.br/> Acesso em 13 de fevereiro de 2004.

_____. *Sermão de Santo Antônio*. Disponível em <http://virtualbooks.terra.com.br/> Acesso em 13 de fevereiro de 2004.

_____. *Sermão Segundo do Mandato*. Disponível em <http://virtualbooks.terra.com.br/> Acesso em 13 de fevereiro de 2004.

_____. *Sermão da Sexagésima*. Disponível em <http://virtualbooks.terra.com.br/> Acesso em 14 de fevereiro de 2004.

VERNEY, Luís António. *Verdadeiro Método de Estudar*. v. II. Estudos Literários. Lisboa: Livraria Sá da Costa- Editora, 1950.

VITRAL, Lorenzo. *Sobre a complementação infinitiva em Português*. 1987. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

ANEXO I

QUADRO 25 - Todas as regências infinitivas dos verbos que apresentaram variação em pelo menos um dos períodos estudados

Verbos	PA	Prep inf.	Ø inf.	PCL	Prep inf.	Ø inf.	PSE	Prep inf.	Ø inf.	PO	Prep inf.	Ø inf.	PMIC LEC	Prep inf.	Ø inf.	PMIC LOC	Prep inf.	Ø inf.
Acertar	X	de		X	de		n/r			X	de	X	X*	de		X	de	
Acontecer	X	de	X	X		X	n/r			n/r		X	X		X	X	de	
Acostumar	X	de	X	X	a	X	X		X	a	X	X	X	de	X	X	de	X
Agüentar	n/r			n/r			n/r			n/r			X	de	X	X	de	X
Amar	X	de	X	n/r			n/r			n/r			X		X	X	de	X
Amearçar	X	de		n/r			n/r			n/r			X		X	X	de	X
Assumir	n/r			n/r			n/r			n/r			X*		X	X	de	X
Carecer	n/r			n/r			n/r			X	de	X	X	de		X	de	
Cessar	X	de	X	X	de		X	de		X	de	X	X	de		n/r	n/r	
Cobiciar	X	de	X	n/r			n/r			n/r			n/r			n/r	n/r	
Combinar	n/r			n/r			n/r			n/r			X*	de/em		X	de	X
Comegar	X	de/a	X	X	de/a		X	a		X	de/a	X	X	a		X	a	X
Consentir	X	de	X	X		X	X		X	em			X*	em		n/r	n/r	
Convencer	n/r			n/r			n/r			n/r			X*	de/a		X	de	X
Convir	X	de/a	X	X	a	X	X		X				X		X	X	de	X
Costumar	X	X	X	X	a	X	X		X	a	X	X	X		X	X	de	X
Cuidar	X	de	X	X	de	X	X	de	X	de	X	X	X	de/para	X	X	de	X
Cumprir	X	de	X	X	de	X	n/r		X	X		X	X	de		n/r	n/r	
Curar	X	de	X	X	de		n/r			n/r			X*	de		n/r	n/r	
Decidir	X	a		n/r			n/r			X	a	X	X	de	X	X	de	X
Deselar	X	de/a	X	X	de		X		X	X	a	X	X	de	X	X	de	X
Determinar	X	de	X	X	de		X	a	X	X	a	X	X	de	X	n/r	n/r	
Dever (1)	X	de/a	X	X	de	X	X	de	X	X	de	X	X	de	X	X	de	X
Dever (2)	X	de/a	X	X	de	X	X	de	X	X	de	X	X	de	X	X	de	X
Encaminhar	X	de	X	n/r			n/r			n/r			n/r			n/r	n/r	
Entender	X	de/a	X	n/r			n/r			X		X	X*	de		X	de	
Esperar	X	de	X	X	de	X	X	de	X	X		X	X	para	X	n/r	n/r	
Evitar	n/r			n/r			n/r			n/r			X	de	X	X	de	

(Continua)

¹ As regências do PMC marcadas com asterisco foram extraídas de Borba (1990).

QUADRO 25 - Todas as regências infinitivas dos verbos que apresentaram variação em pelo menos um dos períodos estudados

(Continua)

Verbos	PA	Prep inf.	Ø inf.	PCL	Prep inf.	Ø inf.	PSE	Prep inf.	Ø inf.	PO	Prep inf.	Ø inf.	PMIC LEC	Prep inf.	Ø inf.	PMIC LOC	Prep inf.	Ø inf.
Folgar	X	de	X	X	de	X	X	de	X	X	de	X*	de/em	X	n/r			
Imaginar	n/r			n/r		X	X	de	X	X		X		X	n/r			
Impedir	n/r			X		n/r	n/r			X	de	X	de	X	X			
Importar	n/r			X	para	X				X		X	X	X	X			
Inventar	n/r			n/r		n/r	n/r			n/r		X*	de	X	X			
Jurar	X	de		X	de	X	X	de	X	X	de	X		X	X			
Merecer	X	de/a	X	X	de	X	X	de	X	X		X		X	X			
Mostrar	X	de	X	X		X	X	de	X	X		X	em	X	X			
Necessitar	n/r			n/r		X	X	de	X	X		X	de	X	X			
Negar	n/r			n/r		n/r	n/r			n/r		X*		X	X			
Ordenar	X	de	X	X	de	X	n/r			n/r		X*		X	X			
Ousar	X	de/a	X	X	de	X	n/r			X		X		X	n/r			
Outorpar	X	de/a	X	n/r		n/r	n/r			X	de	X		X	n/r			
Pensar	X	de	X	n/r		X	X	de		X	em	X		X	n/r			
Pertencer	X	de	X	n/r		n/r	n/r			n/r		n/r		X	X			
Prazer	X	de	X	n/r		X	n/r	de		X	de	X		X	n/r			
Precisar	n/r			n/r		X	X			X	de	X		X	X			
Pretender	n/r			X	de	X	X			X		X		X	X			
Procurar	X	de		X		X	X	de	X	X		X		X	X			
Proibir	n/r			n/r		n/r	n/r			n/r		X		X	X			
Prometer	X	de	X	X	de	X	X	de	X	X		X	de	X	X			
Propor	X	de		X	de	n/r	n/r			X	a	X		X	X			
Recetar	X	de	X	X	de	X	X			X	de	X*		X	X			
Recusar	n/r			n/r		n/r	n/r			X		X	a	X	n/r			
Reprimir	n/r			n/r		n/r	n/r			X		X		X	X			
Resolver	n/r			n/r		X	X	a	X	X	a	X		X	X			
Restar	n/r			X		X	X	a	X	X	a	X		X	n/r			
Servir	X	para		n/r		X	X	de	X	n/r		X		X	n/r			
Sugeri	n/r			n/r		n/r	n/r			n/r		X		X	n/r			
Tardar	X	de	X	X	a	n/r	n/r			X	a/em	X	em	X	X			

QUADRO 25 - Todas as regências infinitivas dos verbos que apresentaram variação em pelo menos um dos períodos estudados

(Conclusão)

Verbos	PA	Prep inf.	Ø inf.	PCL	Prep inf.	Ø inf.	PSE	Prep inf.	Ø inf.	PO	Prep inf.	Ø inf.	PMIC	Prep inf.	Ø inf.	PMIC	Prep inf.	Ø inf.
Temer-se	X	de	X	X	de		n/r		X	X	de		X		X	n/r		
Temer	X	de	X	X		X	X											
Topar	n/r			n/r			n/r			n/r			X*		X	X		de
Trabalhar-se	X	X	X	n/r			n/r			n/r			n/r		X	n/r		
Trabalhar	X	de/a/por	X	X	de/em/por		X	em/para		X	em/por		X	em/para	X	X	em/para	para